

PALAVRAS SINGULARES

Márcio Catunda

Índice:

1. Apologia de Vinícius de Moraes..... pg...
2. Discurso em louvor de Cid Sabóia de Carvalho,
humanista.... pg....
3. Mário Gomes, Poeta Santo e Bandido.... Pg....
4. Lançamento

APOLOGIA DE VINÍCIUS DE MORAES: (AOS POETAS, À VIDA E À MUSA)

Atalho para 19-06-2008 Digitalização 1.lnk

Fotos

AOS POETAS

Poetas meus, no dia 19 de outubro de 1913 veio ao mundo um poeta predestinado a ser um ídolo. Vinicius de Moraes, o nosso guia entre os oráculos, nasceu numa família de pessoas cultas e sensíveis, que lhe proporcionaram ambiente propício para tornar-se um porta-voz do lirismo. Sua missão foi a de vivenciar a poesia em seu estado natural, como atestou o iluminado Carlos Drummond de Andrade. Versátil na forma, no estilo e na essência, a sua virtude fundamental foi transitar entre a poesia erudita, que aprimorou com a leitura de grandes poetas, e a poesia popular, em que usou nas letras das músicas toda a habilidade de poeta culto. Em ambas expressões, uma marca permanente: a emoção, a sensualidade, o encanto diante da beleza. Não menos relevante em sua expressão, certa tonalidade de angústia o caracteriza como um poeta de sensibilidade à flor da pele.

Viajemos agora, poetas, no itinerário existencial de Vinicius de Moraes e estudemos-lhe as vicissitudes. Uma infância de encantamentos, entre a rua Voluntários da Pátria e a Ilha do Governador, sentou as bases sentimentais do futuro poeta. A educação conservadora no Colégio Santo Inácio e a influência de Octávio de Faria, no período da Faculdade de Direito do Catete, na década de 30, contribuíram para forjar um conflito em seu pensamento. Vinicius levou a sério as idéias puritanas do catolicismo fanático do amigo romancista Octávio de Faria, sob o influxo intelectual de Jackson de Figueiredo e de Alceu Amoroso Lima, com leituras de Pascal e Kierkegaard. No entanto, ele teve, desde a infância, uma alma libertária. Tinha, portanto, uma vida dupla. Para uns era o jovem católico, estudioso, místico e esotérico. Para outros, era o rapaz que praticava «jiu-jitsu» e namorava com as meninas bonitas da ilha do Governador e da rua Lopes Quintas. Para ele mesmo, instalou-se em seu espírito uma luta antagônica entre a espiritualidade forçada dos jesuítas e as tentações da beleza feminina. Para o culto da deusa-mulher, foram-lhe decisivas a influência dos tios boêmios, Henriquinho (irmão de Clodoaldo, seu pai) que ensinou-lhe a gostar da noite e apreciar as mulheres, e Aníbal Santos Cruz, o Niboca, (irmão de dona Lídia, sua mãe) que o iniciou nos âmbitos da música popular. A herança de berço parece fundamental em sua formação. Vinicius começou na poesia imitando o próprio pai, o Dr. Clodoaldo Pereira da Silva Moraes, poeta e discípulo de Olavo Bilac. E aprendeu o gosto pela música com o exemplo de sua mãe, dona Lídia, excelente pianista.

Ora, meus amigos, o nosso poeta sempre soube o que queria. E começou a sua autonomia de pensamento quando definiu o que não queria. Formou-se em Direito no ano de 1933, mas jamais exerceu a advocacia. Ao menos conseguiu, a duras penas, cumprir com as obrigações do Serviço Militar. Sua irmã Lygia o despertava todos os dias às seis horas da manhã. Do contrário, como conseguiria tal proeza? Chegou a fazer um estágio num cartório e sentiu horror da advocacia, que abandonou definitivamente. A poesia era a sua única vocação, efetivamente. E nessa arte encantadora, como quem se liberta de um fardo que lhe impuseram, foi trocando os temas da abstração mística pelos do amor humano. Têm razão os críticos, quando encontram duas fases distintas na sua obra poética. É verdade. Mas, do espiritualismo delirante da primeira ao sensualismo arrebatado da segunda, observa-se uma linha definidora em sua concepção poética: o poeta iluminado pelo encantamento. Trata-se de um místico que trocou a fé num Deus pela devoção a uma deusa. Nessa metamorfose, meus amigos, a mulher passou a ser a potestade absoluta da sua religião, sendo o corpo, a beleza e o amor da musa a sua dimensão suprema. Em *A brusca poesia da mulher amada*, vê-se que o quanto a mulher significa para ele. A expectativa, a esperança e a perspectiva redentora da mulher amada se anunciam «de modo sumamente grave», isto é, com solenidade sacra e ritualística. A sua presença se manifesta, delicada e voluptuosamente, no rastro da sua fragrância. Em muitos poemas ele registra essa mesma marca insofismável. A beleza sublime, as imagens do mar («vem mergulhar em mim»), ou do mistério («mulher que eu amo, essência perdida num ar de inverno») revelam a transcendência do amor carnal, a sua transfiguração metafísica.

O certo é que sua predileção pelo culto às qualidades da mulher vem de muito moço. Num poema evocativo, ele lembra que, adolescente, assediava uma menina de nome Marina, filha de pescadores, na praia do Cocotá, na ilha do Governador. Recorda, num poema cheio de ternura, aquela menina meiga que, sob o influxo de um céu estrelado, escapava de seus beijos sedutores com dentadas, o que não impedia de sentir-lhe o cheiro a peixe e o bafo de sal. Também digno de nota é o poema *Rosário*, alusivo a outra de suas musas da primeira juventude. Ele declara que se perdeu «no mangue daquela carne», na mesma citada praia e que a moça «tinha gosto de cana brava».

Vejam, meus amigos, nesta confissão que define a sua personalidade, o quanto Vinicius se devotou à arte da poesia e de que maneira elegeu os seus temas favoritos: «Sou fundamentalmente um poeta e músico desde pequeno, mas o que

me interessa no mundo é a mulher. Depois da mulher, o povo. E depois os amigos, que são muitos, embora os verdadeiros sejam poucos». Nesse mesmo teor também é esta revelação objetiva: «fui salvo pela mulher». Portanto, como ele mesmo confessa, está na essência da sua arte divinatória o endeusamento da mulher. Essa evidência fica mais explícita em *Invocação da mulher única*, quando a imagem feminina é identificada com a própria poesia: «oh mulher, espécie adorável de poesia eterna». O poema *Conjugação da ausente* também exemplifica a transcendência da mulher, quando são conjugados os verbos da paixão: amar, venerar, idolatrar aquela que, mesmo ausente, se reflete no jardim que murcha em antúrios, na porta que a emoldura e em cada prisma, na forma de múltipla esperança.

Foi o grande Vinicius um menino «valente e caprino», como ele disse em *O Poeta Aprendiz*. Através desta generosa evocação, sabemos o quanto o nosso ídolo curtiu a idade infantil: corria, pulava, gostava de jogar futebol «de meia-direita ou de ponta». Mas, sobretudo, «amava era amar». Desde a infância! Claro, vida, todo homem é um menino e todo menino é um homem. Pois desde criança que ele manifestava a sua admiração pela mulher. Não se furtava ao hábito de deleitar-se com o que há de melhor no mundo. No que diz respeito aos atributos femininos, é ele mesmo quem diz, como de praxe, sem qualquer reserva: «amava a mulher a mais não poder. Por isso fazia seu grão de poesia e achava bonita a palavra escrita». Vinicius declara, desse modo, que já pressentia a procedência da sua principal fonte de inspiração. «Por isso sofria/ de melancolia,/ de sonhar o poeta/ que quem sabe um dia/poderia ser». E assim também mostra que adivinhava o que iria sofrer por não saber viver sem poesia. Os versos deste poema, escrito em Montevidéu, em 1958, quando Vinicius tinha 45 anos, definem a sua poética. As principais linhas da sua filosofia de vida estão nesta balada evocativa.

Com sua espontaneidade e versatilidade, Vinicius não se sujeitaria aos cânones da poesia erudita. Sua vocação de letrista e músico é simultânea à de poeta de livro. Um ano antes de publicar *O Caminho para a distância*, aos 19 anos de idade, em 1933, ele já havia escrito a letra da canção *Loura ou Morena*, em parceria com Haroldo Tapajós. Neste seu primeiro livro é notório o conflito entre a busca da espiritualidade e as tentações da carne. Ou, como contatou Octávio de Faria: entre a impossível pureza e a impureza inaceitável. Não obstante as grandes iluminações já presentes no seu imaginário, foi, obviamente, um livro imaturo, se comparado com os que ele escreveu depois. Teve forte influência de Augusto Frederico Schmidt, que foi o seu editor. Otto Lara Resende

observou que Vinícius sentia-se dotado do privilégio de sondar o infinito e abatido pela angústia de não poder compreendê-lo. Aqui podemos cogitar da influência de Nietzsche e Kierkegaard. Mas, também, digo eu, já se fazia presente a inquietação do amor sensual que se manifestaria ao longo da sua obra poética. Vejamos essa grandeza nos primeiros versos de *A que há de vir*: «Aquele que dormirá comigo todas as luas/é a desejada de minha alma./Ela me dará o amor do seu coração/ e me dará o amor da sua carne». Vejamos agora a mesma ressonância nos versos finais do poema *Carne*: «Em tudo eu sinto o teu olhar se desdobrando/na carícia violenta do teu beijo. Que importa a distância e que importa a montanha/ se tu és a extensão da carne sempre presente?»

Aos poucos, nos livros seguintes, ele assumirá definitivamente a condição de mergulhador que sonda permanentemente a escura voragem dos olhos e da alma das mulheres. Em delírios de melancolia e êxtase, atravessará as estações da veneração da mulher e percorrerá, do lirismo à denúncia, o caminho da rejeição do convencional. No decorrer da efusão de sua angústia transcendental assumirá com toda convicção o estigma das paixões. Antes, nos primórdios do seu itinerário sentimental, Vinícius apenas pressentia, não adivinhava o seu destino marcado por emocionantes aventuras, nove casamentos, incontáveis viagens e a fama de ícone fundador da Bossa Nova.

Amigos que tanto estimo, afirmo que o extraordinário em Vinícius é o contraste entre aquele «inquilino do sublime», percebido Otto Lara Resende, e o exemplo de «ternura canibal», no dizer de Affonso Romano de Sant'Anna. Desta mescla de tendências exacerbadas resultou o desespero lírico que o motivou a cantar a eterna esperança na plenitude do amor. A buscar, talvez, na mulher o ideal de perfeição? Ou a buscar, como dito na «Elegia ao primeiro amigo», «alguma coisa maior que o amor e a carne».

Em sua trajetória de ascensão intelectual, nosso ídolo exerceu o cargo de censor cinematográfico, no Ministério da Educação, no ano de 1936. Emprego que lhe arranhou Carlos Drummond de Andrade, que era na época secretário do poderoso Ministro Capanema. Jamais censurou filme algum. Movido de paixão antiga pelo cinema, interessava-se por apreciar a arte e não queria proibir nada. Nunca teve tendências repressoras, foi sempre um liberal. O que lhe importava era escrever e viver a poesia. E o cinema era para ele «elemento original de poesia e plástica infinitos». Assim foi ele conquistando as glórias da consagração, com a publicação de sucessivos livros, nos quais se nota, cada vez menos, a embriaguês pela vertigem das grandes abstrações que Otto Lara Resende viu em *O Caminho para a distância*. Vieram

Forma e Exegese, em 1935, *Ariana a Mulher*, em 1936 e *Novos Poemas*, em 1938. *Forma e Exegese* recebeu de Octávio de Faria estes efusivos elogios: «uma sonoridade, uma beleza musical que está nas melhores coisas de Verlaine como nos momentos de visão de Rimbaud ou em certas passagens da obra de Claudel moço». De fato, num só verso, tomado ao acaso, vejo essa evidência: «viemos de longe – trazemos em nós o orgulho do anjo rebelado...» Mas o seu discurso ainda estava impregnado de certa dolência simbolista. Contudo, em *Forma e Exegese* figuram alguns dos textos antológicos do poeta, tais como *Ausência*, *A volta da mulher morena*, *Alba*, *Três Respostas em Face de Deus* e *Os malditos*.

Ariana, a mulher tem ainda a tendência ao devaneio imagético da sua poesia inicial, configurado nas sombras de uma natureza fantástica, em que Ariana, a procurada, é o arquétipo da pureza «branca e sereníssima». Mas este poema é considerado por alguns críticos a linha demarcatória em sua evolução da busca do ideal inatingível à integração no cotidiano. De fato, são emblemáticos os versos: «foi então que compreendi que só em mim havia morte e que tudo estava profundamente vivo». Tem razão Pedro Lyra, quando afirma, no prefácio da antologia *Nossos Clássicos*, que Vinicius realiza nos versos de *Ariana, a mulher* um momento de plenitude em seu lirismo amoroso.

Em 1938, com uma bolsa do Conselho Britânico, que consegui, mediante o argumento de que o livro *Forma e Exegese* havia recebido o Prêmio Felipe d'Oliveira, Vinicius parte para a Inglaterra, onde passará dois anos, estudando literatura inglesa, na Universidade de Oxford. Quando já se encontrava entre as névoas inglesas, casou-se por procuração com Beatriz Azevedo de Mello, a Tati, de tradicional família paulista que, para tanto, rompeu um noivado, atônita ante os encantos do poeta. Foi no Rio de Janeiro que se realizou a cerimônia civil do casamento com aquela moça intelectual, amiga de Oswald de Andrade e de Tarsila do Amaral. Para Tati, que é a mãe de Susana e Pedro, Vinicius escreveu sonetos lindos como o *de Fidelidade*, o *de Véspera*, o *de Separação* e as *Cinco elegias*, todos de um lirismo alucinante.

Vejamos o impacto estarrecedor deste *Soneto de Separação*, escrito a bordo do navio em que o poeta viajava à Inglaterra, em 1938. Ele constata, através dos contrastes riso-pranto, bocas-espuma, mãos espalmadas-espanto, calma-vento, olhos-chama, paixão-pressentimento, a emoção e o pasmo diante da súbita desunião dos amantes. O súbito pranto substitui o riso dos momentos de diversão e carícias. O pranto, silencioso e branco, simboliza o vazio da ruptura do amor, que foi pleno de rumores –

como uma festa - e de cores – como uma paisagem. O pranto é a chuva que escorre da bruma do adeus e ofusca o sol da alegria.

A espuma representa a transitoriedade e a transformação do amor em solidão. Nessa penosa situação, o poeta vislumbra a imagem das bocas unidas, dissolvendo-se em borbulhas. Das mãos espalmadas (mãos que se abriram, depois de tanto tempo entrelaçadas) fez-se o espanto. A separação provoca-lhe um susto, perplexidade súbita em que se interrompem os momentos de êxtase e as mãos ficam suspensas, num gesto inconcluso, paralisadas, o olhar fica imóvel e o espírito permanece abatido. Da calma dos carinhos fez-se o vento que, na despedida, apagou o fogo da sedução que cintilava nos olhos enamorados. E a paixão transformou-se no pressentimento do adeus, no drama do momento imóvel.

Tudo no poema denota surpresa: «de repente, não mais que de repente,/ fez-se de triste o que se fez amante». A frustração da separação deixa um rastro de tristeza na recordação do que outrora foi amante. E o poeta lamenta essa tristeza: «fez-se sozinho o que se fez contente». Solidão e tristeza, sentimentos que inspiram esse soneto, são o legado do apaixonado que, solitário, recorda os momentos de sentimento compartilhado. Lamentando não poder prolongar infinitamente a experiência do amor, a vida fez-se, para o poeta, «uma aventura errante». Este soneto tornou-se emblemático da manifestação de saudade para os que, na inconsolável situação de amar à distância, em pensamento, dentro dos limites impostos por circunstâncias imponderáveis, não se conformam com a dor da separação.

Cheio de angústia, sozinho diante das torres frias e esguias de Londres, escreveu o *Soneto de Véspera*, datado de 1939, em que denota o transbordamento de ansiedade pela chegada da musa. O emocionado trovador pergunta a si mesmo de que modo se comportará no instante supremo do ansiado encontro. Apaixonadíssimo, prevê um reencontro comovido, entre beijos em pranto, com gestos calorosos, mais que com palavras. Nesses momentos de exacerbação emotiva, a fala não chega até a função intelectual do cérebro, e a voz embargada não consegue expressar em palavras o transbordamento da paixão. Dilacerado pela dor da ausência, pela mágoa da solidão, o poeta reconhece que lhe faltará capacidade de expressão para narrar à sua amada a sofrida experiência do período do distanciamento: «e que farei da antiga mágoa quando/não puder te dizer por que chorei?». Supõe, nesse transe, que lhe permanecerá na alma um resquício de tristeza: «sombra em mim suspensa/pelo martírio da memória imensa/que a distância criou – fria de vida». No sonho da espera, deixa-se

afetar pela ingrata condição de estar solitário, martirizado pela «memória imensa que a distância criou, fria de vida». Essa memória suscita a imagem fria de vida, que o amante compôs «serena, atenta ao meu apelo e à minha pena/ e que quisera nunca mais perdida...». Deplora que haja esperando tanto para rever a sua adorada, cuja imagem não deseja perder e quer sempre atenta ao seu apelo e à sua pena.

Apesar da angústia que sentiu ante os sinos de Oxford, que consolaram-lhe as mágoas, pôde desfrutar da companhia de Tati que foi morar em Londres, no bairro de Chelsea, cujos telhados refletidos pela luz da aurora o poeta cantou embevecido. Os austeros professores oxfordianos não podiam saber que ele era casado, pois, apesar de haverem tido, na Idade Média, o rei Henrique VIII, o mais casadoiro da história, tinham a mania do celibato e a universidade só admitia alunos solteiros. Enganando os fleumáticos britânicos, saía o poeta às escondidas, num trem de Oxford a Londres, para encontrar com Tati e escrever-lhe coisas apaixonadas e sensuais como aquele soneto feito no cálido mês de agosto de 1938, que diz «quisera que te vissem como eu via,/depois, à luz da lâmpada macia,/ o púbis negro sobre o corpo branco».

Apesar dos primeiros difíceis momentos de saudade, o poeta adorou a Inglaterra e estudou tanto quanto se divertiu, aprimorando os conhecimentos literários e praticando remo no Tâmis. Mas, ao começar a guerra, interrompeu o curso e a tese sobre Shakespeare. No trajeto de regresso ao Brasil, passou por Portugal e ali, na praia do Estoril, escreveu o famoso «Soneto de Fidelidade», de tonalidade camoniana, em que teve a intuição da forma como sentirá o amor em suas diversas paixões: «que não seja imortal posto que é chama,/mas que seja infinito enquanto dure». Foi morar em São Paulo, já pensando em viver no Rio, único habitat em que se sentiu como o peixe na água. De 1940 a 1945, escreveu espirituosos artigos sobre cinema no jornal *A Manhã*. Só de birra e pelo gosto de polemizar com Ribeiro Couto, dizia que o cinema mudo era melhor do que o falado. Acabou sendo afastado da atividade jornalística por um interventor militar. Aquela foi uma fase de transformação em sua compreensão da vida. Ele mesmo confessou que na juventude achava que deveria ser um aristocrata do espírito. A mudança ideológica aconteceu a partir de uma viagem que fez, em 1942, com o escritor norte-americano Waldo Frank, um socialista-místico, com quem percorreu cidades do Norte e do Nordeste brasileiros. Desse tempo em diante começou a escrever poemas de protesto e abordar, mais amiúde, os denominados temas de sociais da poesia. É dessa fase a publicação das *Cinco elegias*, editadas em 1943, que representam a fase de

transição do seu transcendentalismo à aproximação do mundo material. O primeiro verso da «Elegia quase uma ode» - «meu sonho, eu te perdi; tornei-me em homem» - parece uma confissão do seu desejo de contato com a realidade cotidiana. Com argúcia, Manuel Bandeira anunciou as *Cinco elegias* como algo que escandalizaria o mundo: «era de toda conveniência que estes poemas aparecessem quanto antes para nos lavar o peito e os olhos dos contatos impuros: para nos levar, como leva, Poesia, desgraçadamente Poesia, «à borda dos abismos irreais que depois eram abismos verdadeiros». Dessas legendárias elegias vinicianas Ivan Junqueira louva «o humor, a tragicidade, o lirismo romântico e a sensualidade cósmica». De fato, basta elegermos um único verso para notarmos a marca registrada do poeta da paixão, adorador das encantadoras formas estéticas: «hoje me sinto despojado de tudo que não seja música». Mas vejamos ainda, nesta expressão de desespero, o clamor angustiado que lhe é peculiar: «que se abracem as montanhas do mundo para apagar o rastro do poeta».

Paradoxalmente, depois da mudança de perspectiva e de ideologia, no ano em que editou as *Cinco elegias*, Vinícius fez concurso e ingressou no Itamaraty. Justificativa: «porque não sabia fazer nada», como afirmou diversas vezes. Depois que o nosso herói se tornou diplomata - pasmem, poetas! - sofreu ele, em 1945, um desastre na viagem inaugural do hidroavião «Leonel de Marnier», no Uruguai. Meteu-se naquele artefato perigoso com os temerários Aníbal Machado e Moacyr Werneck de Castro e com eles escapou ileso. Mas daquele sinistro resultou a morte do jornalista Luis Teixeira. («uma coisa é um pássaro que voa, outra um avião», dirá VM, perplexo e atordoado). Mesmo depois desse terrível susto e o medo que lhe resultou da experiência, continuou a viajar intensamente. A tanto, o obrigaram a nova profissão e a ambição de espalhar os seus cantos em todos os recantos. Vieram os postos diplomáticos. Primeiro Los Angeles, onde foi viver em 1946 e onde fez amizade com Orson Welles, Walt Disney, Louis Armstrong e outros grandes do cinema e da música norte-americanos.

Será, efetivamente, em *Poemas, sonetos e baladas*, livro de 1946, que VM realizará o encontro com o cotidiano. Na «Balada dos Mortos dos Campos de Concentração», em «O Dia da Criação», na «Balada do Mangue e outros, nota-se forte inclinação pelo compromisso participante. A «Balada do Mangue», poema em que Vinícius se compadece do sofrimento das prostitutas, caracteriza essa tendência, por suas metáforas de estonteante naturalismo: «pobres flores gonocócicas/que à noite despetalais /as vossas pétalas tóxicas». Os estudiosos reconhecem que o discurso poético de Vinícius tornou-se mais objetivo. As longas frases de prosódia

bíblica se converteram em imprescindíveis estruturas sintéticas. Antônio Cândido julga haver encontrado nesse livro «Vinicius inteiro, o de antes e o de depois, o que apela para a transcendência e o que realiza o verso correndo os dedos pelo violão». A plêiade dos seus seguidores é quase unânime em assegurar que nos *Poemas, Baladas e Sonetos* já não prevalece obsessiva busca do absoluto. Desponta, em vez disso, o humanismo da solidariedade, a denúncia das contradições burguesas e a expressão mais ardente do amor erótico. Esses aspectos se poderiam ilustrar com o «Poema de Natal», «O Dia da Criação» e «O Poeta e a Lua», respectivamente. Não obstante, permanece em muitos momentos o lirismo desbragado e a preocupação metafísica que ele jamais deixará de lado. «Cântico», «A Morte» e os magníficos «Quatro Sonetos de Meditação» atestam o tom arrebatado e o extravasamento emocional constantes em sua poesia. O soneto de número IV tem um clima de espiritualidade que mostra a sua insatisfação com a impossibilidade de igualar-se ao infinito: «sou o mar», diz ele. E, todavia, depara com a angústia de ser mortalmente precário: «me espedaço em vão contra o infinito». Há nessa hipérbole uma sombra da loucura de Mário de Sá Carneiro, que diz, no auge da sua psicose: «olho do alto o gelo, ao gelo me arremeço... Tombei... E fico só esmagado sobre mim!...». É a dor de saber que o ser vivo não passa de um «mar patético e sonâmbulo», submetido aos «bruxos velhos e devassos» do vento.

Não posso deixar de concordar com David Mourão Ferreira quando ele argumenta que o sonho místico de Vinicius permanece velado e permeia o ideário de toda a sua obra poética. O espectro religioso, na forma de consciência moral de uma doutrina cristã, realça como um eco do idealismo dos primeiros versos e ressoa no seu afã de encontrar o equilíbrio entre a alma e o corpo. Segundo o poeta português, «as saudosas alusões à inocência perdida, a fome de absoluto e de purificação, o apetite de ascese no meio do delírio dos sentidos», evidentes em qualquer instância da sua poesia, seriam as provas inequívocas.

Essa permanente inquietação existencial o afetará de tal sorte perturbará a sua vida conjugal. No contexto de imponderáveis contingências, o casamento com Tati atravessou uma crise insuperável. O poeta «aprontou», isto é, apaixonou-se por outra, ao que tudo indica. O certo é que, pouco depois, passou a ser visto freqüentemente na companhia de Regina Pederneiras, uma funcionária do Ministério das Relações Exteriores. Não tardou muito e, em 1951, apaixonou-se por Lila Bôscoli, que veio a ser sua terceira mulher e que será a mãe de suas filhas Luciana e Georgiana. Rubem Braga foi o alcoviteiro, ou o padrinho. Ao

apresentá-los, disse à musa e ao poeta: «tenho certeza que vocês vão se apaixonar um pelo outro». Dito e feito. Quando o irmão de Lila, Ronaldo Bôscoli, grande parceiro de Tom Jobim, foi saber quais eram as intenções de Vinicius este lhe disse: «Neguinho, eu entendo o seu zelo, mas este não é um caso banal, de fim de verão...». O compositor passou a um dos seus companheiros de boemia. Para Lila, Vinicius escreveu, entre outros, o *Poema dos Olhos da Amada*. Era irresistível, para uma mulher sentimental como Lila Bôscoli, ouvir o poetinha dizer-lhe: «oh minha amada que olhos os teus/são cais noturnos cheios de adeus/são docas mansas trilhando luzes/ que brilham longe,/ longe nos breus». Fez para ela também o *Soneto do amor total*, em que, logo nos primeiros versos, declarou sua paixão nesses rendidos termos: «amo-te tanto meu amor, não cante/o humano coração com mais verdade». E disse da completude do seu amor: «amo-te enfim com grande liberdade,/dentro da eternidade e a cada instante».

Para Vinicius de Moraes, a razão de ser da vida é devotar-nos por inteiro a quem amamos, numa liberdade quase infinita, limitada apenas pela duração da própria vida. Por isso tanto nos deliciamos ao ler, no *Soneto do amor total*, que ele teve a certeza de cantar o humano coração com a maior verdade, ao sentir aquele amor de amigo e de amante. Amor de amigo - de um calmo amor prestante. E de amante - «como um bicho simplesmente,/ de um amor sem mistério e sem virtude,/ com um desejo maciço e permanente». E desse amor obsessivo, imenso, absoluto, sabe que morrerá, porque nele se projeta para além das forças da própria vida: «de te amar assim, muito e amiúde,/ é que um dia, em teu corpo de repente,/ hei de morrer de amar mais do que pude». Eros e Tântatos conjurados, consagram as suas potestades na pessoa do enamorado. Orfeu, morto de amor, encontra um discípulo fiel em Vinicius de Moraes. Assim será por toda a sua vida. Em permanente estado de paixão, diz ele em «Por toda a minha vida»: «Minha bem amada/quero te fazer de um juramento uma canção./ Eu prometo por toda a minha vida/ser somente teu e amar-te como nunca/ninguém jamais amou».

Com Lila Bôscoli viveu Vinicius em Paris, entre 1953 e 1957, onde trabalhou como segundo secretário da Embaixada do Brasil. Nesse período, freqüentou os bares parisienses na companhia de prestigiosos amigos como Di Cavalcanti, Gilberto Amado, Pablo Neruda, em noites dissolutas. Conta José Castello que Vinicius curtiu, na companhia de Rodolfo Sousa Dantas e outros, uma boemia tão desenfreada que, em algumas ocasiões, chegou a dormir bêbado nos jardins da cidade-luz.

Foi no ano de 1953, de passagem pelo Rio de Janeiro, que se encontrou com Antônio Carlos Jobim, no denominado Clube da Chave. Esse encontro-chave, que abriu novas portas para a música popular brasileira, foi suscitado por Lúcio Rangel, que aproximou os dois gênios, apresentando-os. Vinícius, que escrevia *Orfeu da Conceição*, convida o parceiro para compor as músicas da peça. Veio a famosa pergunta de Tom, que na época andava curto de grana: «tem um dinheirinho nisso?». A peça foi montada em 1956, no Municipal do Rio, com atores negros e o cenário de Niemeyer. Dois anos depois veio a lume a versão cinematográfica, dirigida por Marcel Camus, de que VM não gostou, apesar de haver sido premiado com a Palma de Ouro do Festival de Cannes e o Oscar de melhor filme estrangeiro, em Hollywood. Na sua exibição, em pleno Palácio das Laranjeiras, com a presença do Presidente JK, o poeta saiu antes do fim do filme. O roteiro que ele preparou havia sido alterado pelo cinegrafista e pelo diretor, e o resultado não foi dos melhores. Entusiasmou-se, porém, com a vitória em Cannes, «que serviu de exemplo aos capitalistas brasileiros que não quiseram investir no filme».

Por outro lado, ficou satisfeito com a obra musical. As canções de parceria com Tom Jobim fizeram sucesso no Brasil e ganharam projeção internacional, sendo interpretadas por Ella Fitzgerald, Sarah Vaughan e Frank Sinatra. Aquele *Orfeu da Conceição*, que unia, numa história de amor, o mito grego à cultura do morro carioca, perpetuou imortais canções como *Se todos fossem iguais a você*, *A Felicidade* e *Lamento no morro*. E a parceria com Tom Jobim se consagrará na voz de incontáveis intérpretes, a começar por Elizete Cardoso, que gravará, em 1958, o disco *Canção do amor demais*, precursor da Bossa Nova, com jóias como *Chega de Saudade* e *Eu não existo sem você*. É certamente uma página admirável da história da música brasileira essa amizade entre os dois artistas que nos legaram tanta beleza em forma de canção. Tom confessa que, no primeiro encontro, sentiu timidez diante do poeta consagrado que andava na companhia de grandes escritores. Mas logo foi conhecendo aquele amigo cativante e informal, que se afinava perfeitamente com o seu temperamento simples e despojado. Da afinidade entre os dois, testemunha Vinícius: «ponha-se Antônio Carlos Jobim ao piano e, em breve, de dois ou três acordes nascerá entre nós um olhar de entendimento, e de seus comentários cifrados eu terei sabido extrair exatamente o que ele me quer dizer em minha letra».

Com sua versatilidade, enquanto legava à cultura brasileira a sua contribuição como dramaturgo, não cessava de escrever poemas e canções. Em 1955 Vinícius escreveu as canções de

câmara, musicadas pelo maestro Cláudio Santoro. Entre elas, agrada-me «Jardim Noturno», pela riqueza metafórica: «Se meu amor distante,/eu sou como um jardim noturno./O meu silêncio é o seu perfume a se exalar em vão/dentro da noite/ó volta, minha amada./A morte ronda em teu jardim, as rosas tremem/ e a lua nem parece mais lembrar de mim». O poeta investia em todas as frentes, com especial ênfase na música popular. O governo de Juscelino Kubitscheck, a partir de 1956, constituirá um ambiente social propício à propagação do novo estilo musical brasileiro. JK solicitou, em 1958, a Antônio Carlos Jobim e Vinícius de Moraes a composição de uma sinfonia sobre Brasília. Assim foi criada a «Sinfonia da Alvorada», que em cinco atos descreve a saga da construção da nova capital.

Se por um lado a vida artística caminhava a favor do vento, no campo sentimental acontece-lhe um baque desconcertante. O casamento com Lila Bôscoli atravessou momentos difíceis que se tornaram insuperáveis. O poeta «aprontou feio» de novo. Saía na noite só, para encontrar os amigos boêmios. Não queria levar com ele a sua musa. As escapadelas e as brigas estragaram aquele relacionamento de amor «muito e amiúde». Em 1957, Vinícius volta a Paris já separado de Lila Bôscoli. As duas filhas do casal, Georgiana e Luciana, tiveram de ser criadas pelas tias. Um encontro fortuito com Maria Lúcia Proença, a Lucinha, sobrinha de Octávio de Faria, com quem ele há tempos paquerava, acendeu a forte atração que havia entre ambos. Eles saíram para jantar em Paris, numa Sexta-Feira Santa, que para o poeta, foi uma sexta-feira da paixão. Mas não foi ainda aquele o momento definitivo. Maria Lúcia era ainda uma mulher casada. No ano seguinte, um acontecimento os reaproximou. Sofreu ele um acidente de automóvel, em que saiu ferido com um profundo corte na testa. Hospitalizado em Petrópolis, pediu que avisassem Lucinha do ocorrido. Aquela moça culta, inteligente e rica, ia visitá-lo todos os dias. Resultado: a paixão pegou pra valer. Diante do chame e da lábia sedutores do poeta, Maria Lúcia Proença desquitou-se do marido. Nem bem se recuperou e já Vinícius estava a caminho de Montevideu, acompanhado da sua quarta mulher. Ela precisava visitar o filho no Rio, cada três meses. Nas ausências da amada, saudoso, o poeta escreveu alguns poemas do livro *Para viver um grande amor*, as lindíssimas canções *Eu não existo sem você* e *Eu sei que vou te amar* e os magníficos sonetos «*de Montevideu*» e «*do amor como um rio*». Também o gracioso «Retrato de Maria Lúcia» que começa com «teu rosto voltado para o oriente/remoto como o nunca /eterno como o sempre».

No *Soneto de Montevideu*, escrito em 1959, o poeta confessa que chora de saudade e pede à amada que, não obstante uma vida comum, interceptada de adeuses, não o esqueça nem se ausente. O poema inicia com uma frase que tem ressonância em Álvares de Azevedo, um dos grandes do romantismo, que num soneto escreveu: «não te rias de mim, meu anjo lindo». Vinícius de Moraes, com o mesmo teor lírico, diz: não te rias de mim, que as minhas lágrimas / são água para as flores que plantaste no meu ser infeliz». Reconhece, dessa maneira, que as lágrimas significam uma forma de gratidão. Da convivência com a musa nasceram-lhe flores no jardim da alma. E isso prova que o afeto prossegue e cresce com o tempo: «e isso lhe baste para querer-te mais e mais». A amada plantou flores de consolação que lhe alegam o desventurado ser. Suavizou-lhe a inquietude: «desvendaste a calma ao meu olhar ermo de paz». Faz o poeta o seu apelo a que ela não se ausente, ainda que o tempo e a distância sejam inimigos do sentimento apaixonado: «quando se gaste em ti esse carinho em que te esvais».

Entre mansos adeuses, o amante se consola com a expectativa de rever, periodicamente, o rosto desejado. Pede-lhe, portanto: «não me ocultes jamais teu rosto». Sua imagem, da qual se fez amante dulcíssimo, representa o anjo da guarda, do qual recebe benevolência e defesa contra o mal do desamor. Esse anjo transforma, com o seu poder, distância em proximidade: «não dás tempo a que a distância cisme». Aqui se verifica a idéia prodigiosa, o milagre que o amor produz no coração sincero. A presença da amada em seu pensamento torna possível senti-la próxima de si. Com sua ubiqüidade, o anjo impede que a distância cisme. A certeza de que o poeta é correspondido em seu amor, de algum modo, anula o efeito destabilizador da distância sobre o sentimento amoroso. O amor cresce «mais e mais», apesar das circunstâncias alheias à vontade dos amantes.

O poeta permaneceu no Uruguai, a serviço do Consulado do Brasil, até 1960, quando solicitou aos chefes do Itamaraty o seu regresso ao Brasil, alegando que «não se trata de um problema material, de dinheiro ou de status profissional, que tudo isso é recuperável. É algo muito mais sério. É um problema de amor. E o tempo do amor é irrecuperável».

Já no Rio, seu reduto de lirismo, no ano de 1962, ele compôs com Tom Jobim, na mesa de um bar, numa rua hoje denominada Vinicius de Moraes, a *Garota de Ipanema*, inspirado numa moça chamada Heloísa Eneida, que se tornará quase tão famosa quanto a própria música. A essa altura o poeta se consagrava, através das suas letras, como porta-voz de um humanismo popular todo seu, que ele chamará depois de

«socialismo brasileiro com balanço», que resultou numa gradual mudança na mentalidade e no comportamento de muitas pessoas. Pregando o amor acima dos valores materiais da sociedade de consumo, colocando-se em sintonia com vanguardas libertárias que protestavam contra as ditaduras, fará diversas apresentações musicais nos meios estudantis, com Carlos Lyra, em shows no circuito universitário. A parceria começou quando Carlos Lyra ligou para Vinicius, pedindo umas «letrinhas». O poeta disse: «vem já pra minha casa». Deixou diversas músicas gravadas e Vinicius escreveu as letras em uma semana. Assim surgiram lindas canções como «Sabe você», «Você e eu», «Coisa mais linda», «Primavera», «Broto Maroto», «Marcha da Quarta-Feira de Cinzas».

Foi numa boate, em Copacabana, que o poeta convidou Baden Powell a «tomar um gole» e fez-lhe a tentadora proposta: «que tal a gente fazer uma parceriazinha?». Para impressioná-lo ainda mais, Vinicius falou-lhe da letra que fez para a *Cantata 147* de Bach. No tempo em que Vinicius morou com Maria Lúcia Proença, esteve Baden Powell três meses hospedado no apartamento do casal, no Parque Guinle. Dormia num sofá cama. Naquela sala surgiram as primeiras composições de um repertório de cerca de 70 canções. Graças a essa dedicação deles, podemos desfrutar de «Deixa», «O astronauta», «Samba em prelúdio», «Labareda», e todos os afro-sambas, «Berimbau», «Canto de Ossanha», «Samba da Benção» etc. A amizade com as cantoras do Quarteto em Cy foi uma peripécia de Vinicius: ao ouvir as baianinhas foi logo dizendo, da maneira espirituosa que lhe era peculiar: «vocês são minhas. Me pertencem. Preciso por vocês numa gaiola de que só eu tenha a chave. Digam não a qualquer proposta que lhes fizerem para cantar». De tantas andanças musicais que fez com as meninas do Cy, julgava-se digno de ser chamado de Cynicius.

Outros parceiros foram também conquistados, por assim dizer, pela irresistível simpatia do poetinha (também pelo prestígio de que ele desfrutava no meio musical). A amizade com Edu Lobo, com quem fez canções imortais como «Arrastão» e «Canção do amanhecer», foi herança de seu pai, o compositor Fernando Lobo, de quem VM era grande amigo. Ao jovem parceiro aconselhou não seguir a carreira diplomática e ser o mais espontâneo possível na vida e na criação musical. Ao referir-se ao talento de Vinicius, disse Edu Lobo que quem chegasse com alguma melodia inédita, à procura de letra, ganhava logo uma assinada por ele. E citou palavras textuais do poetinha: «Eu tendo para uma universalidade cada vez maior, e meu sentido é me comunicar. Se amanhã me

aparecer um crioulo do morro querendo que eu ponha uma lettrinha no samba e ele for bom, eu boto».

Francis Hime, ao lembrar o tempo em que conheceu Vinicius, nos anos 60, numa festa noturna no Rio de Janeiro, recordou que, alta madrugada, o poeta dormia uns 20 minutos e voltava novinho. Numa dessas noites ele lhe trouxe a letra de «Sem mais adeus», escrita num guardanapo de papel. Vieram depois outras criações imortais como «Saudade de amar», «Maria», «Anoiteceu» e «A dor a mais». Diz que VM foi essencial em sua vida: «não fosse ele, eu teria sido um engenheiro. Foi fundamental tê-lo conhecido e me tornado parceiro dele, afirmando-me pelos caminhos da música. Sempre me encheu de entusiasmo, estimulando-me com amor e generosidade».

No ano de 1962, meus amigos, o inconstante romântico se separa de Maria Lúcia Proença. Como em outras ocasiões, o tédio se abateu sobre o poeta. Ele sentia de repente a angústia de não haver encontrado a paixão eterna. A letra de «Apelo» foi escrita nos momentos de crise do que foi o seu quarto casamento. Em depoimento dado a João Carlos Pecci, publicado em 1994, no livro *Vinicius sem ponto final*, disse Lucinha Proença o seguinte a propósito do nosso admirado poeta: «um homem de uma profunda doçura interior, tão rico intimamente e com tanto para dar, que dispunha de uma enorme capacidade de perdoar, de entender as pessoas e sofrer muito. Talvez por isso de vez em quando ele saía, bebia, sumia da superfície da terra, mas sempre levando com ele a responsabilidade». E disse mais adiante: «ele era bem esquisito numa coisa; não gostava que o acompanhasse quando saía para a noite. As mulheres dos outros podiam ir, mas eu não». Como demonstração de apreço, ela mostrou ao autor do citado livro a casa do jeito que era quando Vinicius ali morava. Guardava tudo quanto pertencera ao poeta, os óculos de grossas lentes e até o manuscrito de um poema datado de 1958.

Em 1963, aos 50 anos de idade, Vinicius gravou o disco em que canta, com Odete Lara, algumas das mais encantadoras canções da parceria com Baden Powell. Depois disso, removido pelo Itamaraty para a Delegação do Brasil junto à Unesco, partiu o poeta com destino a Paris, acompanhado de Nelita de Abreu Rocha, uma moça de 20 anos, que rompeu o noivado para fugir com aquele homem romântico. Foi um lance cheio de perigos, pois houve até ameaças de morte naquele contexto aventureiro. Nelita fugiu com Vinicius para Paris sem dar conhecimento aos pais. Só depois de alguns dias é que a família dela soube. Foi uma espécie de rapto, instigado por Carlos Lyra, com pena do poeta deprimido, dizendo que queria desencarnar. Coube a Tom Jobim a tarefa de levar

clandestinamente o casal ao aeroporto. Trata-se da sua quinta mulher (vamos contando, amigos). E da terceira que, hipnotizada por seu carisma, deixa outro homem pra ficar com ele. Antes dela, Tati havia dispensado um noivo pra casar-se com o poeta e Lucinha Proença tinha se separado do marido, fascinada pelas palavras persuasivas, os carinhos e os belos olhos verdes daquele conquistador. Para Nelita escreveu, entre outras magnitudes, as letras de *Minha namorada*, *Ela é carioca* e o poema *A brusca poesia da mulher amada*. À luz dessa nova paixão, inspirou-se para escrever algumas das crônicas do livro *Para uma menina com uma flor*, previamente publicadas no jornal «Última Hora». Em Paris, como de hábito, Vinicius bebe compulsivamente e perambula pelos bares, com artistas boêmios, o que causará problemas no relacionamento do casal. Segundo Nelita, o ritual diário do poeta consistia em embriagar-se até chorar copiosamente.

No poema *A brusca poesia da mulher amada*, Vinicius de Moraes revela, de forma explícita, sua devoção mística à figura onipresente da mulher. «A mulher amada carrega o cetro, o seu fastígio/é máximo». Sendo ela uma rainha, é justo que disponha de um cetro e sinta fastígio. «a mulher amada é aquela que aponta para a noite / e de cujo seio surge a aurora». Sendo ela dotada de poder sobrenatural, é pertinente que ela faça surgir do próprio seio a aurora, que é o símbolo da nova vida. Pelo próprio dom da maternidade, a mulher significa, nesse verso, a natureza-mãe. Desse modo, ela exerce o seu domínio cósmico – «traça a curva do horizonte, dá linha ao movimento dos astros». É a regente do coração – sobrevém, infalivelmente, nos momentos de solidão, no decorrer do tempo e para além do tempo. Persiste no subconsciente do poeta (tempo submerso, navio submerso, montanha imersa em líquen). Ela adquire, assim, propriedades incomensuráveis - é o mar, é a luz que acende o mundo para iluminar, com seu encanto, a cegueira dos homens. Obsessivamente reiterativa na mente do poeta, em sua abrangência mágica - «semeia o vento», «colhe o tempo todo», «determina os meridianos». É caracterizada como fenômenos naturais: «talvegue, estrela, petardo». O poeta confia a sua missão de cultor da mulher amada: «e de outro não seja» (exige a exclusividade do seu culto amoroso). Aos seus devotos olhos, ela se lhe afigura como «coluna, gral, fé, símbolo, implícita na criação» - elementos essenciais ao rito de adoração fêmea, religião extremada do poetinha. Ela predomina em todos os passos do ritual – canto, oferenda, gozo, privilégio, taça erguida e sangue do poeta correndo pelas ruas, iluminando as perplexidades. Um ritual de sacrifício em que ele, profano e místico, oferece o próprio sangue à adoração da deusa-mulher. Conclui o

bardo, confirmando o caráter absoluto da deidade feminina: «princípio e fim, poder geral, completo, absoluto».

Sonhava o poeta com a visão transcendental da musa, quando, em 1964, instaurava-se no Brasil o regime militar. Ele volta à Pátria para dedicar-se inteiramente à música popular. Assume a condição de intérprete de suas próprias canções, inicialmente ao lado de Dorival Caymmi, em boates do Rio de Janeiro. A estréia, no Zum-Zum, contou com a participação do Quarteto em Cy e do Conjunto de Oscar Castro Neves. O ano de 1966 pode ser lembrado como aquele em que Vinicius gravou. Com absoluta liberdade criadora, os afro-sambas, um disco espontâneo, improvisado, com Beth Faria e Nelita no coro. Em 1967, é posto, a seu pedido, a serviço do governo de Minas para organizar o Festival de Arte de Ouro Preto. Nessa altura, já está no auge da fama.

Apesar da intransigência e das perseguições da ditadura, aqueles anos foram promissores para a música popular brasileira, que recebeu dele e de seus grandes parceiros o aporte de talento monumental que eles nos legaram. Mas não esqueçamos que ele compôs sozinho, letra e música, algumas de suas melhores canções, entre as quais «Pela luz dos olhos teus», «Medo de amar», Serenata do adeus», «Ai quem me dera», «Valsa de Eurídice», «Tomara», «Samba de Gesse» e outras.

Ficou registrada na história das relações culturais entre o Brasil e Portugal a estada de Vinicius em Portugal, no ano de 1968, quando recitou «Pátria Minha» e Baden Powell tocou o Hino Nacional, em protesto, no dia em que se anunciou a publicação do abominável Ato Institucional nº 5. No Porto, ao recitar o seu «Poética II», quando disse «meu tempo é quando», os estudantes estenderam-lhe as capas para que ele caminhasse sobre elas. Em Coimbra cometeu uma gafe: saudou a «mocidade portuguesa» sem saber que era esse o nome que davam a um grupo de salazaristas. Não importa. A sua intenção foi a melhor possível, pois só queria agradecer a receptividade que teve dos estudantes universitários. Depois gravou, na casa de Amália Rodrigues, um extraordinário disco com importantes poetas portugueses. E no final de tudo ainda mandou o povo português se desengratar e romper tradições, cadeias e preconceitos.

Quanto ao trabalho diplomático, declarou o seguinte: «no início achei que tinha de me submeter aos moldes. Depois, já não agüentava mais aquilo. Então essa bendita revolução me salvou... Eles me cassaram. Em 1964 eu fazia um show com Caymmi. Acharam que um diplomata não podia trabalhar em boate». Mas foi em 1968 que o aposentaram compulsoriamente da carreira diplomática. O poeta queixava-se sempre de haver sido escorraçado

pela ditadura com termos pejorativos como «ponha-se esse vagabundo para trabalhar». Os amigos testemunham que a diplomacia não era o forte de Vinícius. Paulo Mendes Campos disse, numa das inúmeras crônicas que escreveu a respeito do poetinha: «um dramalhão era colocar o cônsul no caminho que conduz ao Itamaraty: não houve ninguém que ficasse acordado com tanta facilidade durante a noite e que sentisse uma repulsa tão cataléptica pelo dia». Disse o poeta, em entrevista a *O Estado de S. Paulo*: «estava lá a contragosto, mas eram vinte e quatro anos de carreira». Em compensação, «pude começar a fazer o que queria: viajar, fazer temporadas, cantar, participar de shows, tirar a gravata. E ganhando muito mais do que ganhava». Ele justificou sua aversão ao protocolo e à formalidade: «detesto tudo que oprime o homem, inclusive a gravata». Mas se considerava um bom funcionário: «batia aqueles ofícios, aquelas minutas e não achava o trabalho aborrecido». Contam os seus biógrafos que, no começo da carreira, Vinícius chegou a ser repreendido por um de seus superiores, por ter ido trabalhar no Itamaraty com blusão e calça esportiva. Mas sabemos que na carreira ele desfrutou da amizade de colegas de bom caráter, como Rodolfo Sousa Dantas, Lauro Escorel, Paulo Carneiro e Roberto Assumpção.

O ano de 1968 foi penoso para o poeta. Além da separação de Nelita de Abreu Rocha que, como em ocasiões anteriores, causou-lhe profunda depressão ao ponto de pensar em suicidar-se, ocorreu também o falecimento de sua mãe, dona Lídia. Para superar tamanha crise, precisava de um novo amor. Assim, era natural que se apaixonasse outra vez. Agora pela jornalista Christina Gurjão, amiga de Ronaldo Bôscoli, viria a ser a sua sexta mulher. Ela mesma conta que paquerava há quinze anos com o poeta, ouvindo-lhe as insistentes cantadas. Sempre que a encontrava, ele dizia, profeticamente: «um dia, menina, você vai casar comigo». Numa viagem de trem com ele, do Rio para São Paulo, para participar da inauguração da estátua de Garcia Lorca, ela não resistiu ao charme do poeta e foi à sua cabine. Era a consumação de uma nova paixão e novo casamento. Para ela escreveu, em forma de canção, o poema intitulado *Pela luz dos olhos teus*, que começa com palavras sedutoras: «Quando a luz dos olhos meus/ e a luz dos olhos teus resolvem se encontrar,/ ai que bom que isso é meu Deus,/que frio eu me dá o encontro desse olhar». E termina com incisiva proposta de casamento: «Pela luz dos olhos teus/ eu acho, meu amor e só se pode achar/ que a luz dos olhos meus/ precisa se casar».

Christina Gurjão estava grávida da quinta filha do poeta, que se chamará Maria, quando Vinicius apaixonou-se pela baiana

Gesse Gessy, com quem se casou no candomblé, coroadado de flores brancas, ao som de atabaques. Nessa época já havia iniciado a parceria com Toquinho, com quem passou a viajar a diversos países, a começar pela Itália, onde bebeu e cantou com o famoso Ungaretti e suas canções foram traduzidas por Sergio Bardotti e gravadas em italiano na voz de Ornella Vanoni e Sérgio Endrigo. Na década de 70, realizou concertos e recitais, sucessivamente, no Uruguai, no Chile e na Argentina, recebendo sempre calorosa acolhida do público destes países. Transferiu sua residência para Itapoan, reduto paradisíaco onde curtiu momentos de prazer hedonista, na companhia da nova mulher, uma autêntica «feiticeira, armada de filtros mágicos e rituais hipnóticos», segundo José Castello. Foi uma fase em que Vinicius viveu total irreverência e se libertou completamente das convenções sociais.

No ano de 1969 aconteceu a separação de Christina Gurjão. Foram momentos dramáticos. Ele a havia cativado, como sempre, com a fórmula mágica dos poemas. No processo de conquista, havia cantado, ao violão, a sedutora canção «Pela luz dos olhos teus», etc. Ela estava certa de que o casamento duraria, pois VM dizia que queria ter um filho com ela. Porém, sucederam as imponderáveis razões do coração. O poeta conhece a baiana Gesse Gessy numa boate no Rio e a convida para acompanhá-lo a Punta del Este, em temporada de shows com Maria Creuza e Dori Caymmi. Christina, ao saber do namoro de VM com Gesse, perguntou-lhe: «Que negócio é esse com essa baiana? É sério ou coisa passageira? Ele respondeu: é sério. Depois a consolou: «não fica assim, neguinha, a vida é assim mesmo». Então, ela não conteve a indignação e quebrou-lhe a cabeça com um castiçal. Lá se foi o poeta, todo ensangüentado, em busca do seu novo amor. Christina Gurjão reconhece que Vinicius, embora às vezes egoísta e vaidoso, era um homem sensível, educado e delicado e foi um bom pai para a filha Maria, pois que a levava para passear e, como havia feito sempre com os outros filhos, dava-lhe presentes.

Viveu o poeta da paixão tempos mágicos na Bahia, durante os cinco anos de deleites com a musa baiana. Quando se casou com Gesse, estava sem casa e passou uns dias no apartamento da filha Georgiana, de tinha então 17 anos e vivia com o ator Cláudio Marzo. Depois, foi morar em Salvador, onde pôde desfrutar de grande liberdade sexual. Liberdade de procurar outras amadas, o que, para Gesse era aceitável. Segundo ela, isso fazia parte do «jeito dele amar a vida». Segundo José Castello, em *O Poeta da Paixão*, «Gesse Gessy estimulava o poeta a buscar parcerias eventuais e quebrar os dogmas do casamento» Castello acha que «talvez nenhuma outra mulher tenha estimulado tanto a criatividade do poeta, tenha

instigado tão fundo seu desejo de se superar. Mas, certamente, nenhuma outra o dominou com tanta competência». Em Itapoan, Vinicius se converteu no mais baiano dos cariocas, na companhia de Caymmi, Carybé, Jorge Amado e Calazans Neto, com os quais conversava sobre o que a vida tem de melhor e desfrutava de certo ócio propício à criatividade. Quando não estava ausente, em longas temporadas com Toquinho, Maria Creuza, Marília Medalha ou Maria Betânia, lotando teatros e ginásios em Buenos Aires, Paris, Roma ou Milão, recebia os amigos em sua banheira com vista para o mar, na bela casa de Itapoan. Sobre Gesse, disse ele haver encontrado «a mulher que procurava há muitos anos». Recordemos que ele fez para duas lindas canções, em parceria com Toquinho: «Morena Flor» e «Samba de Gesse». Na primeira, ele pergunta: «sem você o que ia ser de mim?» E se vangloria de que «a Bahia fez você todinha assim só pra mim». Na segunda demonstra a plenitude do seu afeto ao dizer: «até parece que só existe eu e você».

Nesse período gravou, entre outros, os discos «Como dizia o poeta», em 1971, com Toquinho e Marília Medalha, o da trilha sonora da novela «O Bem Amado» e, em 1972, em Roma, *Per vivere un grande amore*. Nessa fase produtiva compôs algumas das cento e vinte canções da parceria com Toquinho, a começar pelo grande sucesso de «Tarde em Itapoan», que nasceu de um poema previamente escrito por VM.

Com a separação, Vinicius se desfaz da mansão de Itapuã e vai morar na casa de sua irmã Lygia, que sempre o ajudou nas horas difíceis. Lygia, irmã fiel e amiga, o recebia em sua casa, desventurado, depois de cada separação. Era também, em muitas ocasiões, a sua representante perante as editoras e gravadoras. Porém, como em vezes anteriores, Vinicius não tardou no refúgio familiar da rua das Acácias.

Naqueles anos da década de 70, o poeta não cessou de viajar e apresentar-se na Argentina, no Uruguai e no Chile. Bebendo muito, perdia objetos, a chave, o violão... Sentia falta da irmã Lygia para organizar as suas coisas e chegava a passar 11 horas seguidas na banheira.

Em 1975, numa das peregrinações musicais à Argentina, sentou-se ao seu lado, no restaurante do Cassino San Rafael, uma jovem poeta de estudante de Direito, de 25 anos, chamada Marta Rodriguez. Ele começou a deslizar delicadamente a mão pelo seu braço. Ela o entrevistou em Buenos Aires e ficou impressionada com as respostas desconcertantes que ouviu. A menina apaixonou-se pelo poeta, de 64 anos, que tinha idade para ser não seu pai, mas seu avô. O seu charme e sua inteligência eram tão envolventes que o

tornavam atraente a qualquer mulher mais jovem. «As meninas se apaixonam por mim, vão ao meu camarim e me beijam», dizia ele, constatando o efeito irresistível do seu carisma. Logo começou a namorar Marta Rodriguez. Viajou algumas vezes a Buenos Aires para encontrá-la. Ela conseguiu autorização dos pais para viajar com ele e Toquinho para a Itália, onde Vinicius gravará, em 1975, em Milão, o disco «*O Poeta e o Violão*». Viveram juntos algum tempo no Rio e depois em Punta del Este. A ela dedicou um dos seus melhores sonetos: «Teu rosto, amada minha, é tão perfeito/tem uma luz tão cálida e divina/que é lindo vê-lo quando se ilumina/como se um círio ardesse no teu peito./E é tão leve teu corpo de menina/assim de amplos quadris e busto estreito/que dir-se-ia uma jovem dançarina/de pele branca e fina, e olhar direito./Deverias chamar-te claridade/pelo modo espontâneo, franco e aberto/com que encheste de cor meu mundo escuro/ e sem olhar nem vida nem idade/me deste de colher em tempo certo/os frutos verdes deste amor maduro».

Numa das viagens Buenos Aires, teve a grata satisfação de escrever, em 1976, um livro sobre o Rio de Janeiro, em parceria com Ferreira Gullar. Mas viveu também circunstâncias adversas, como o triste episódio do desaparecimento do pianista do grupo de músicos que o acompanhava. Tenório Júnior saíra do hotel para comprar cigarros e nunca mais regressara. Eram os tempos da ditadura do general Videla. Descobriu-se depois que fora assassinado pela polícia ditatorial argentina.

O romance com Marta já entrava na dimensão do «infinito enquanto durou», pois a moça argentina nem sempre acompanhava o menestrel que saía pelo mundo, cantando a sua poesia, em busca de aventuras líricas. Ele começava a se sentir fragilizado. As internações na Clínica São Vicente já não o desintoxicavam como antes. Mas não cessava de beber, fumar, dormir de madrugada e cantar nos teatros de Buenos Aires, Roma, Paris, Londres. Numa dessas viagens, em Roma, em 1977, conheceu a que seria a sua nona mulher. Foi uma aproximação gradual, que se transformou em conjugal por insistência da jornalista Gilda Matoso, convicta de que aquele poeta de fama internacional, homem gentil, delicado, seria um bom marido. Ela o procurou, pela primeira vez, nos camarins do Teatro Sistina. Vinicius ainda não havia rompido o relacionamento com Marta Rodríguez. Terminado o concerto em Roma, o poeta viaja para Paris. Gilda lhe telefona e fica sabendo que ele já havia colocado à sua disposição uma passagem aérea. Ela viaja a Paris. Em 1978 ela telefona outra vez para Vinicius, que está de novo em Paris. Encontram-se no show de que participa Tom Jobim. O poeta, com a saúde precária, se auto-aplicava insulina.

Gilda o ajuda a entrar em cena no cenário escuro. Ele diz a ela: «estou me apaixonando por você». Mas adverte que talvez não velha a pena, porque está «velho, bebendo muito e meio doente». Quando ele vai se apresentar em Londres, ela fica no quarto dele. Em seguida, vão a Florença, e depois, a Nova York. Já estava o poeta casado pela nona vez.

Com chuva de arroz e o presente de um Fiat zero-quilômetro ele a recebe na casa da Gávea. O seu estado de saúde se agrava. Gilda teve que cuidar do poeta em momentos difíceis e teve que agir, não só como esposa, mas como enfermeira, em algumas situações. Era então Vinicius um homem debilitado, que insistia em beber quando a diabetes o acometia violentamente. As crises hepáticas o levavam à Clínica São Vicente, mas ele não parava de beber. Ele que fora um atleta na juventude, recusava-se a fazer qualquer tipo de exercício físico, desde o tempo em que, nos anos 60, jurou a Antônio Maria «não mais fazer nenhum esforço inútil».

Para Gilda Matoso fez um poema de rara beleza, que foi uma espécie de despedida da vida e da poesia: «nos abismos do infinito/uma estrela apareceu/ e da terra ouviu-se um grito/ Gilda, Gilda./Era eu maravilhado ante a sua aparição/que aos poucos fui levado nos véus do bailado pela imensidão/ aos caprichos do seu rastro/como um pobre astro morto de paixão./ E depois, nós dois unidos/como Eurídice e Orfeu/ fomos sendo conduzidos, Gilda e eu/pelas mágicas esferas/que se perdem pelo céu/ em demanda de outras eras/velhas primaveras que o tempo esqueceu,/pelo espaço que nos leva/pelas mãos da treva/para as mãos de Deus».

Recordemos agora, poetas, a fidelidade incondicional que o nosso ídolo dedicou à arte poética. A sua inquietação existencial era um sintoma de obstinação pela poesia. As sucessivas paixões lhe davam inspiração para atender à necessidade de criar novos poemas e canções. No *Roteiro lírico e sentimental da cidade do Rio de Janeiro* o poeta confessa que encontrou a sua poesia em Copacabana, «para justificar uma existência que sem ela seria incompreensível». A cidade, a mulher e o sentimento se conjugam na prosopopéia do Rio, à luz das vicissitudes de um poeta consagrado ao ofício lúdico. Entidades inseparáveis na sua trajetória existencial, poesia e vida se confundem: «a poesia é tão vital para mim que ela chega a ser o retrato da minha vida». Mas dizer vida, para Vinicius, é dizer comunhão, participação, comunicação com o outro na partilha do prazer estético. Viver, para ele, era saber sorrir para a vida, apaixonar-se e não ter medo de gostar de gente. Vinicius praticou o humanismo utópico de um mundo em que os homens se reconheçam como irmãos e se sintam verdadeiramente amigos. Tratava todos com imensa generosidade.

Afetuosamente, chamava os amigos pelos nomes no diminutivo, como demonstração de apreço. Dotado do dom de encantar as pessoas, Vinicius de Moraes foi o poeta da fraternidade.

Consciente de que «a maior solidão é a do homem encerrado em si mesmo», fez da arte de louvar uma das suas virtudes. Teve por lema «nunca dizer não a ninguém», como ele confessa em *Para uma menina com uma flor*. Telefonava para os amigos somente pelo prazer de bater um papo sobre qualquer assunto. Como testemunhou Sérgio Cabral, fazia questão de pagar toda a despesa. Não deixava que os amigos pagassem nada. Ajudava-os financeiramente, nos momentos em que atravessavam dificuldades econômicas. Certa ocasião, inventou que havia arranjado um emprego fantasma no MEC para o jornalista e crítico de música Lúcio Rangel, que estava desempregado, a fim de dar-lhe mensalmente algum dinheiro. Fernando Lobo confirma: «ele entregava aos seus amores, às suas mulheres, até aos seus amigos parte daquilo que era dele. Dividia com tanta generosidade que a gente chegava a acreditar que Vinicius não era desse planeta». A Ciro Monteiro doou trezentos contos para que pagasse as prestações atrasadas do apartamento. Disse, ao entregar-lhe o numerário: «são seus, não precisa me devolver». O sambista chorava sempre ao recordar o episódio. Deste grande amigo, que cantava batucando numa caixa de fósforos, o poeta disse: «ele tem o dom da amizade e querer bem a ele é um teste de caráter. Ele é um grande abraço em toda a humanidade». Recordemos que Ciro Monteiro gravou, em 1963, *Deixa, O astronauta e Formosa*, entre outras belíssimas composições de Vinicius e Baden Powell.

Com admiração sincera, VM dedicou a Octávio de Faria, o romancista e ex-colega da Faculdade, um soneto de imagens marinhas – «o mar fulgurante», «os negros abismos do luar». No sítio da família de Octávio, em Itatiaia, escreveu algumas das mais belas páginas da sua obra poética. Para outro amigo, que foi seu mestre na poesia do cotidiano, escreveu um hino à amizade, denominado *Saudade de Manuel Bandeira*. Nesse poema, Vinicius declara que o poeta pernambucano foi para ele um instrutor, pois significou mais que «um segredo de poesia e de emoção». Numa crônica recorda peripécias da amizade com Bandeira, visitas que lhe fez no famoso apartamento do Beco, o dia em que tomaram um «malted milk», as canções entoadas ao violão e o dia em que ouviu o inédito poema «Estrela da Manhã». «Foste uma estrela em meu degredo». Isto significa que foi acolhido com o afeto que dignifica os homens – a estima que os aproxima e os identifica no objetivo de viver, desfrutar a beleza e deixar registrado o seu ideal estético. Exclama, numa atitude de reconhecimento: «Poeta, pai, áspero

irmão», vocábulos que ressoam com a força de uma generosa inquietude humana. Um poeta é um ser iluminado. Um pai é um representante de Deus. Um irmão, áspero – um mestre rigoroso. Numa expressão de gratidão, cheio de humildade e carinho, diz Vinicius: «Não me abraçaste só no peito/puseste a mão na minha mão/ Eu pequenino/- tu, eleito./ Poeta, pai, áspero irmão». O seu mestre, eleito, tem qualidades admiráveis – «lúcido, alto e ascético amigo,/ de triste e claro coração». Indaga àquele menestrel da solidão, recolhido às cogitações do seu estro: «que sonhas tanto a sós contigo?. Bandeira responderá em versos: «com que sonho? Não sei bem não./ Talvez com me bastar, feliz/ - Ah feliz como jamais fui! – arrancado pela raiz -/este anseio infinito e vão/ de possuir o que me possui». No poema *Lapa de Bandeira*, escrito em 1952, Vinicius vislumbra o apartamento do amigo como uma luz discreta no cimo da escharpa. Aquele recanto do poeta foi para Vinicius «o farol da poesia/brilhando serenamente»

Poetas, digam-me agora se não é belíssimo o *Poema de Natal*, em que Vinicius de Moraes extravasa, num discurso de absoluta objetividade, comoventes versos de conteúdo existencial? Afirma o poeta que seremos sempre seres sentimentais. O verdadeiro homem, pessoa sensível às vicissitudes da vida, sabe que fomos feitos «para lembrar e ser lembrados,/para chorar e fazer chorar», para enterrar os nossos mortos», etc. Com as mãos recolher a dádiva e com os dedos cavar a terra do destino. Entre a luz da tarde e a estrela do mundo, caminhar e «entre dois túmulos» (a morte como referencial) «falar baixo, pisar leve, ver a noite dormir em silêncio». Viver perplexo, meditativo, diante do mistério. Uma canção sobre um berço é a glória da encarnação. Um verso, talvez, de amor é a esperança. «Uma prece por quem se vai» – o respeito e o afeto pelo ser humano – a saudade como virtude teologal da religião da afetividade. Essa prece, que se exprime nos “corações graves e simples” dos homens de boa vontade, suscita a «esperança no milagre». Pela natural inclinação humana à espiritualidade, quanto mais compreensivo o espírito, maior a sua crença na utopia da plenitude da vida. Existir é um milagre e a esperança nele consiste em imaginar que existe a eternidade. E o mais nobre dos gestos humanos é a «participação da poesia», isto é, a vida em comunhão, a partilha dos frutos da fraternidade e da sensibilidade estética. Também diz Vinicius que viemos ao mundo “para ver a face da morte”, até o dia em que «nunca mais esperaremos...». Sugere desse modo aquele pressuposto espiritual de que um dia veremos a verdade face a face, sentiremos o tempo sem tempo e seremos um com a perpetuidade. Por enquanto, diz ele no seu sonho lírico – «a noite é jovem», «da morte apenas

nascemos imensamente». Nascer da morte é cumprir o ciclo da vida e compreender a sucessão de nascimento-morte-renascimento que é a fé dos que cremos na eterna renovação da vida. Nascer imensamente equivale a renascer infinitamente.

Em *O Dia da Criação* o poeta medita sobre o cotidiano à luz da tese bíblica da origem do homem. Ao enumerar uma série de visões e conceitos sobre as atitudes humanas, pensa no que seria se não existíssemos e questiona a necessidade de sermos lógicos, de suar pelo pão e encarar o problema das colocações morais e estéticas. O sábado é um dia especial, de importância cósmica (a criação do homem como vista como um feito transcendental da natureza). Há, nos versos deste poema, uma preocupação com a condição existencial dos seres humanos. A enumeração das vicissitudes da vida é uma forma de questionamento e de compreensão do drama humano e uma manifestação solidária de fé na luta pela sobrevivência.

Vejamos, estimados poetas, a dorida elegia que Vinicius escreveu ao tomar conhecimento da morte de Mário de Andrade. Nosso ídolo diz, em suas estrofes, que a triste notícia o hipnotizou, comoveu-o de forma obsessiva. Num transe de dolente emoção, descreve o sonho profético que teve da morte de Mário de Andrade. Em sua visionária sensibilidade, o rosto do amigo aparecia-lhe no espelho, a sua voz lhe falava ao telefone, a sua presença estava no café da manhã. Sentia fisicamente a sua manopla no ombro. Ouvia o eco da sua palavra “que ma-ra-vilha é viver”. Ao andar na rua, trabalhar ou alimentar-se, a recordação dele o assediava incessantemente. Que maior prova de estima que esse lamento de quem, ao sentir a ausência do amigo, sente que perde um bem precioso? Que mais digno sentimento que o de sofrer na carne o enterro da carne do outro? Conclui o poema com a afirmação de que, conquanto morto de “angina pectoris”, Mário de Andrade permanecerá vivo na imortalidade.

Nos poemas dedicados aos amigos brilha a chama do seu ideal fraterno. Leio a carta-poema, intitulada *Mensagem a Rubem Braga* e vejo como ele consola o amigo, que se encontrava na Itália, como correspondente de guerra. Fala-lhe de esperança, diz que “ainda há auroras apesar de tudo” e é verão no Rio de Janeiro e faz votos de que o cronista maior - “terno em seus olhos de pescador de fundo, feroz em seu focinho de lobo solitário» - não tarde a regressar à cidade das maravilhas. Para deixá-lo mais ansioso (a intimidade entre os dois permitia essas liberalidades), faz alusões aos prazeres da vida no Brasil, diz que comeu camarões e vatapá nos restaurantes preferidos e que «está no tempo de caju e abacaxi e nas ruas já se perfumam os jasmineiros». Entre outras

lembranças, fala de si mesmo: «tenho tido meus maus momentos, mas reajo». Rubem Braga escreverá uma crônica em que recordará o amigo já integrado ao mundo dos ausentes: «escrevo aqui de Ipanema para lhe dar uma notícia grave: a primavera chegou. Você partiu antes. É a primeira primavera de 1913 para cá, sem a sua participação. Seu nome virou placa de rua».

A Elegia na Morte de Clodoaldo Pereira da Silva Moraes, Poeta e Cidadão é o canto de amor filial que Vinicius escreveu em Los Angeles, ao tomar conhecimento da morte do pai. As lembranças de momentos em que seu pai mostrou talento e bondade são evocadas em expressivas imagens: os doces espinhos da barba, a expressão indizível de fidelidade e paciência, a doçura dos sulcos do rosto, os dedos cortados pelo barbante ao conduzir alimentos e utensílios. Sua mansuetude: «jamais uma palavra dura, um rosar paterno». Clodoaldo era poeta, tocava violão e contemplava o mar, virtudes que o filho herdou, com o dom da poesia. Ao reconhecer-se herdeiro de «um mundo em paz», promete legar essa dádiva a seu filho, que dá prosseguimento à vida dos dois.

Os grandes bardos franceses, em cuja fonte Vinicius bebeu alta inspiração, também são alvo de generoso preito de louvor. Verlaine é o “grande irmão do sangue do meu coração/ que te despreza e te compreende”. Despreza-o e o compreende pela iluminação maldita da sua poesia. E o admira, porque sabe que a própria vida tem a sua putrefação, a própria vida induz o ser humano à loucura e à sordidez. Mas um poeta é sempre digno de um gesto sublime. Vinicius o homenageia com a expressão da sua afetividade, simbolizada na rosa que se desprende humildemente do seu coração para ornamentar-lhe o túmulo. Noutro texto, a crônica intitulada «A um jovem poeta», ele se refere a «Verlaine, o pobre Verlaine, talvez dentre os poetas o que mais amou e sofreu». No *Bilhete a Baudelaire*, regozija-se, para distrair o *spleen*, de folhear-lhe os poemas. Ao se deparar com sua sordidez preclara, exclama, com intimidade cúmplice: «como mudou a poesia, como o teu rosto não mudou».

Que extraordinários versos podemos apreciar em *Morte de Madrugada*, em louvor de Federico Garcia Lorca, o poeta martirizado! Numa paisagem onírica, insólita, Vinicius descreve-lhe a morte em indeléveis imagens. A terra era uma «argila cor de sangue/e seu ar desesperado». A marcha trágica «sob uma nuvem de pó», a madrugada sangrenta, a lágrima no céu em forma de estrela, os gatos chorando, os soldados armados de fuzis e impiedade, o poeta como um cordeiro de Deus, «cabelos soltos/ao vento/ camisa desabotoada», caminhando no desespero.

Denomina-o «poeta meu muito amado». Assim o evoca, chama-o no delírio, e ele não ouve, «colado ao muro», «entre dois canos de arma». Que espantosa conscientização na hora do sacrifício! Vinícius imagina Federico corajoso na morte: «a morte é sempre desagradável, mas antes morrer ciente/ do que viver enganado».

Vinicius veste a camisa do pacifismo para protestar contra a guerra em *Rosa de Hiroxima*. Nesse poema sintético, de fortes imagens, denuncia a cruel visão da bomba atômica, exterminando a vida em duas cidades japonesas, e a perplexidade inconsolável do homem indefeso, vítima da ignorância do próprio semelhante. O poeta solidário com o sofrimento humano, num gesto gentil, preocupa-se com as crianças cegas, cheias de feridas como rosas cálidas.

Em sua filosofia de comunhão fraterna, o generoso Vina provou o seu humanismo ao escrever «com as lágrimas do tempo» e oferecer a alma como um templo ou uma torre, arquitetura de carne - ampla e clara. Sua *Poética II* exemplifica o seu anseio de fraternidade: com o cimento da poesia, ergue em carne viva, isto é, no coração dos homens, um templo para celebrar a vida e acolher os irmãos de fé. Em *Água de beber*, que compôs com Tom Jobim, ele confirma a tese: «eu nunca fiz coisa tão certa,/entrei pra escola do perdão/a minha casa vive aberta./Abri todas as portas do coração». O perdão é valorizado como a força espiritual que viabiliza a reconciliação dos amantes. Esses versos exemplificam a percepção de que o perdão amoroso em VM é, como notou Affonso Romano, e em concordância com a já citada opinião de David Mourão, o lastro religioso que ficou em sua poesia, «quando ele se afastou das imagens clássicas que ainda mostravam sua fé católica».

Nosso Mestre na Poesia chama João Cabral de Mello Neto de «irmão totem aedo», em *Retrato à sua maneira*. Manifesta admiração por sua poesia elaborada com clareza, o texto «exato e provável/ no fuso do tempo». E arremata o poema com a metáfora-elogio «camarada diamante», com que demonstra o seu apreço. Ele não deixava de expressar grande estima pelo amigo, pela sensibilidade que os unia, não obstante a diferença na dicção poética de cada um.

Sabe-se da sua grande amizade com o compositor e jornalista Antônio Maria. Chamava-o afetivamente de «o meu Maria». Quanta vez não percorreu Copacabana com aquele boêmio, nos bares da vadiagem noturna! Como se divertiu em sua companhia, em aprazíveis diálogos! Com ele desfrutou, dono da noite, a arte de estar de bem com a vida. Apreciava sobremaneira a sua sensibilidade à flor da pele. A seu respeito escreveu, numa

crônica, «esse gigante fraterno que já pôs o braço diante da minha queda e que tem casa, comida e roupa lavada no meu coração». Disse também, certa vez, ao recordar o donairoso Maria: «dos meus amigos, é ele o que eu tenho mais saudade». Antônio Maria, que conhecia Vinicius melhor que ninguém, escreveu, com graça e argúcia, uma memorável crônica no *Diário Carioca*, às vésperas da sua partida para Paris, em 1953. Entre outros achados, diz ele: «Pode-se lhe contar o fato mais escabroso e se lhe fazer a confissão do maior crime, e dirá sempre que não tem a menor importância. Adora mulher, e convivendo mais de meia hora com qualquer uma, nenhuma terá coragem de lhe dizer NÃO, se o poeta pedir alguma coisa. Gosta da noite e prefere assisti-la de olhos abertos. Depois de dormir, porém, não há acontecimento, pessoa, fúria da natureza ou banda de música que o tire da cama. É capa de todas as fraquezas, de todos os erros, desde que seja mantida em forma de lealdade a grande e íntima solidariedade que dedica ao próximo. Quando está sério e assobiando (garante o Braga) alguma coisa deverá acontecer, daí a pouco, em relação ao estado civil, seu e dos outros. Não usa relógio e mesmo assim, haja o que houver, é incapaz de perguntar que horas são. Acredita nas virtudes humanas que tornam os homens iguais aos deuses».

De Pixinguinha disse ser a pessoa mais perfeita entre os mortais. Considerava-o «íntegro, puro e inocente». «Nenhum lord inglês o supera em finura e lordeza». Passava horas a fio conversando com o velho Pixinga, a quem ele se referia como «um santo de voz azul, cariciosa lembrando água fresca (água de côco na sombra ao meio-dia)». Bebia com ele descomunais poções de cachaça, sem que nenhum dos dois se embriagasse jamais. Interessava a Vinicius a conversa inteligente, bem humorada e as novas canções que surgiam a partir desses diálogos geniais, intituladas *Lamento*, *Mundo melhor*, *Samba fúnebre* e *Seule* (com a letra toda em francês).

Vinicius, o que tanto precisava da mulher e a cortejava canto, confessa que a companhia dos amigos lhe era imprescindível. Não gostava de ficar sozinho. Precisava estar cercado de gente. Por isso, tinha a casa cheia de pessoas com as quais pudesse conversar, beber e comer as feijoadas que ele mesmo preparava. Rindo de si mesmo, contou que tinha até gente que ia à sua casa, sem conhecê-lo direito, dizendo «eu vou à casa do Vinicius de Moraes porque ele distribui uísque de graça». Sobre o alegre hábito viniciano de bater papo, o artista plástico baiano Calazans Neto testemunha sobre os momentos sublimes de ócio e descompromissado hedonismo que compartilhou com VM em Itapoan.

Nem nos detenhamos longamente em *O Operário em Construção*, esse hino de solidariedade que reverencia o profissional que ergue o mundo com mãos de demiurgo mortal. Assinalemos apenas que o poeta mostra assim o seu engajamento nas causas da esquerda política e que o poema é, sobretudo, um canto solidário ao trabalhador. É um protesto contra a exploração do homem pelo lobo do homem. Um hino à liberdade, esse bem inalienável que Vinícius defende como uma questão de sobrevivência. As quadras coloquiais dessa balada ressaltam o valor do trabalho, a importância da consciência de ser livre e a necessidade da luta do homem pelos seus direitos.

Quanto a nós, poetas, Vinícius nos define como seres que «doam tristeza e adeus/ de mãos que disseminam silêncio e dúvida/ de lábios que desdenham coisas imortais/para que outros tenham um beijo demais». O poeta é alguém que se sacrifica pelo bem alheio. A sua palavra contribui para que outros tenham o conforto do beijo. A humanidade precisa desse «necessário e eterno juramento» que provém do verbo imaginário. No sentido do sacrifício de essência cristã, diz ele, no poema dedicado a seu filho Pedro: «por isso que chorei tantas lágrimas para que ninguém tivesse mais que chorar». Eis aqui a idéia do amor ao próximo como a si mesmo. Essa preocupação com o bem do outro está presente em todas as suas cantigas de amigo.

Ao evocar o fabuloso Neruda, exclama, no Soneto a ele dedicado: «Quantos caminhos não fizemos juntos/Neruda, meu irmão, meu companheiro...» Celebra o encontro com o bardo chileno e o enaltece como cantor de altos vãos. Paulo Mendes Campos escreveu, com insuperável sentido de humor, sobre o encontro dos dois grandes sonhadores que também apreciavam as delícias da gastronomia, sobretudo o prato de camarões. Naquela ocasião, no ano de 1945, os dois poetas se despediram diversas vezes, tão íntima era a ligação afetiva entre ambos. Quando iam saindo, voltavam para um novo abraço. Era como se rejeitassem a circunstância de terem que morar longe um do outro.

Nessa vertente de render culto, em que Vinícius exuberava, com absoluta unção de afetividade homenageia Rafael Alberti. Diz que quer beber a lágrima que Espanha verte de saudade pelo poeta exilado. O poema termina com a imagem da vida a renascer da morte, evocando a esperança de restauração da liberdade na escravizada Espanha de então. Esses textos provam a preocupação viniciano com o bem-estar dos homens e com a paz e a fraternidade.

Em homenagem a outra grande figura humana, escreveu *A última viagem de Jayme Ovalle*. Não cansava de elogiar aquele

amigo que considerava genial: «tudo o que saía dele era poesia. Era uma figura maravilhosa, um homem que dialogava com Deus» Disse a Fernando Sabino que Ovalle «é o mistério em toda sua inocência, em toda a sua beleza natural». De diversos outros amigos disse coisas afetuosas. A respeito de Sérgio Buarque de Hollanda afirmou: «é um cara que eu amo no Brasil e no mundo».

Ilustro ainda esta tese sobre a bondade fraterna do poeta transcrevendo, sem comentários, com uma carta escrita a Carlos Drummond de Andrade e publicada na *Correspondência de Vinicius de Moraes*, organizada por Ruy Castro (Editora Companhia as Letras). Esclareço que Drummond era, na época, alto funcionário do Ministério da Educação:

«Rio, 20 de julho de 1942

Carlos,

Venho lhe amolar novamente com aquele meu velho protegido, o dr. Raimundo Lemos (o que tem uma cara trágica e uma cabeça quase branca), que levei uma vez a você. Esse rapaz, coitado, velho amigo meu dos tempos de moleque de praia em Copacabana, está envelhecendo numa luta sórdida para se colocar «em algum lugar do Brasil». É incrível! Nunca vi ninguém tão desprotegido. Falta-lhe praticamente tudo – porque, além do mais, ele tem uma noivinha com quem quer casar, sem poder.

«Ele é médico sanitarista, se você se lembra. Já há algum tempo, passara de interno a efetivo, mas surgiu um negócio de concurso de títulos, entre os quais figurava um indispensável – o diploma do Curso de Saúde Pública do Instituto Oswaldo Cruz. Faltavam-lhe três meses para terminar esse concurso quando, por essa razão, foi exonerado.

«Falou-me em ser aproveitado como medico sanitarista interino novamente, agora no quadro permanente, numa das vagas deixadas com a promoção e alguns sanitaristas da letra y, a ser efetivada, segundo ele soube, no próximo mês. Disse-me também que confiava tremendamente na sua força junto ao Barros Barreto para um pedido desses. Não sei.

«Não me sinto com forças para negar-lhe nada. É claro que não queria causar a você nenhuma amolação com isso, mas, se não lhe for difícil,, seria para mim uma grande alegria vê-lo encaminhado, porque é um lutador de fibra e está positivamente precisando de um descanso.

«Pedirei por meu lado ao Almir Castro que junte uma palavra ao Barros Barreto. Enfim, você desculpe a maçada, e este vício que eu tenho de lhe pedir favor. É uma espécie de irremediável confiança no seu espírito e no seu coração.

Seu,
Vinicius».

Um dos melhores depoimentos sobre o nosso poeta é, pela sinceridade do afeto, o de Tom Jobim. O maestro e ilustre parceiro refere-se a Vinicius como «um homem tão bom, tão humano, que cuidava dos seus parceiros e foi sempre um parceiro adorável, uma pessoa muito humana que me ensinou muito da vida e que dizia: «não, Tomzinho, eu é que aprendo com você». Com que distinção e carinho o afetuoso amigo se referiu a ele, lembrando que ele era «múltiplo, como Sérgio Porto dizia, pois não era Vinício, era Vinicius». «E era ubíquo, vasto, porque parecia estar ao mesmo tempo em diversas cidades do mundo». Era, além de grande poeta, «um músico excelente, um tremendo ouvido, uma pessoa inesquecível».

Não menos amorosas e fraternas são as palavras de admiração de sua irmã Letícia Cruz de Moraes, publicadas no prefácio às obras completas de VM, da Nova Aguilar. Ela nos mostra aspectos interessantes da personalidade do irmão que tanto estimava. Fala das suas travessuras de menino. Do homem incapaz de ser indelicado. Que nunca teve medo de atirar-se «de peito nu de encontro ao perigo, ao desconhecido», pois tinha por lema não se recusar à vida. Transcrevo este fragmento do precioso texto de Letícia, que bem traduz algumas das características essenciais do nosso ídolo: «Nesse seu perambular pelo mundo, conheceu Vinicius o sucesso, a glória. Teve o amor, amores. Apesar de tudo, do sucesso, dos amores, diria eu que Vinicius deu mais de si do que recebeu, amou mais do que foi amado - como dele exigiam os seus admiradores, os seus amigos. Como o assediam, ainda hoje. E o amor, os amores não lhe foram sempre amigos. Vi-o algumas vezes tão profundamente infeliz, que tive ímpetos de raiva contra os que o deixavam assim, ao meu bom irmão. Não que ele não fosse culpado de muita coisa errada. Mas qual de nós age bem quando muito infeliz, ou entregue ao desespero, que não se debate e leva de roldão tudo o que encontra ao seu redor?».

Vejam também as palavras indeléveis do grande Carlos Drummond de Andrade: «Vinicius passou a vida preocupado, à sua maneira, usando meios próprios de expressão, com o problema do destino e da finalidade do homem. Para ele, a princípio, essa finalidade consistia na identificação com o absoluto. Depois, com o tempo, e para sempre, com o amor, que compreende uma vida social e individual fundada na justiça e na paz. A plena realização do amor era, a seu ver, a razão da vida, e a poesia era um meio de tomar conhecimento e de espalhar esta verdade. Sua vida foi a ilustração do seu ideal poético. Ele queria um mundo preparado

para o amor, livre de limitações, pressões e humilhações sociais e econômicas. Ora, um ideal desta natureza é, certamente, eterno, e Vinícius o defendeu com muita eficácia, quer na poesia pura quer na poesia em forma de música».

Outro índice da sua generosidade (e simplicidade) é notado quando ele se declara «o branco mais preto do Brasil». Com essa atitude, revela-se contrário ao orgulho e à discriminação. Poetas! Não podemos prescindir desta coragem de viver sem preconceitos sociais ou raciais. Com Vinicius aprendemos o sentimento de compreensão e respeito pelo semelhante. Jamais «arrogância para com os humildes». Disse ele que haver morado na Ilha do Governador, onde conheceu pessoas simples, foi o que o salvou da burrice. Exemplos de sua doutrina da não-discriminação encontram-se tanto em *Orfeu da Conceição*, quanto no musical *Pobre menina rica*, composto com Carlos Lyra. Nessas criações, como em outras, o poeta pregou a liberdade e a igualdade, como de costume, «sem a estupidez das convenções nem a reserva dos bem-pensantes».

Queridos poetas, recordemos que todos os poemas infantis de Vinicius demonstram carinho pelas crianças e fina sensibilidade diante da inocência, na forma de expressões singelas de ternura. Foi para os próprios filhos que ele escreveu aqueles delicados cantos que revelam a sua ternura de pai. «Onde vais, elefantinho?/correndo pelo caminho/ assim tão desconsolado?/Andas perdido, bichinho?/Espetaste o pé no espinho?/Que sentes, pobre coitado?/- Estou com um medo danado. Encontrei um passarinho». Há um mavioso texto, em que ele externa o amor pela primogênita Susana, chamando-a «flor de agosto, filha minha muito amada, para quem eu cantei meus mais sentidos cantos e sobre cujo pequenino rosto adormecido despetelei as mais lindas pétalas do meu carinho».

Comento agora outros aspectos da personalidade de Vinicius de Moraes. O seu desbragado amor pela liberdade, por exemplo, também é uma lição de vida. E sua autenticidade. Não há como não aprender com a sua irreverência em relação aos «chatos-que-fazem-calor», expressão que tomou emprestado de Jayme Ovalle. Ele ironizou as pessoas indesejáveis, que «não sabem andar de madrugada, tendo a amada pela mão ou que nunca choraram de compaixão». Com aquela insólita frase em nagô: «à tonga da mironga do cabuletê», desprezou os críticos que se julgam donos da verdade, os falsos puros «de nervos de nylon», «os homens sem sal, os que desprezam a mulher e o poeta», «os homens da cifra, calabares, sinecuros», mas nunca os verdadeiros puros.

Resta reiterar, poetas, que o seu entusiasmo pela vida e a dedicação à poesia e aos amigos são modelos de comportamento que nos inspiram. Imitemos o exemplo do nosso ídolo. Espelhem-nos na sua capacidade de cativar as pessoas, seu talento para articular os contatos para construir e divulgar a sua arte, seu empenho em lutar até o fim, com idealismo e abnegação, para honrar a poesia e divulgar a sua obra.

À VIDA

Vida! Precioso bem divino! Ofereço-te as reflexões desta cantiga de amigo em louvor do meu poeta predileto! Para ele, o irremediável sentimental, o idólatra da musa, tão apegado a tantos amigos, a vida só tinha sentido se vivida sob o signo da paixão. E, para ele, dizer paixão é dizer sensibilidade e desejo de comunicar-se através das expressões estéticas. É desfrutar de forma hedonista a aventura de viver. Por isso, honremos o mérito do generoso Vinicius que, em suas andanças pelo mundo, com saudades do Brasil, chamou a pátria «ilha de ternura» e esteve sempre «em contato com a dor do tempo». O que teve o violão como «livro de cabeceira» e viveu cada segundo como nunca mais. O de coração eternamente apaixonado, que viveu o amor demais em cada vão momento.

Quantas vezes não desfrutamos – ó vida minha – a poesia deste apaixonado incorrigível! Com que espantosa imaginação, em enlevos líricos, sob o influxo lunar, ele compara a lua à mulher! «A lua se curva em arco/ num delírio de volúpia». A personificação da lua na mulher amada é uma espécie de culto pagão que só um poeta da imaginação de Vinicius poderia conceber. Muitos poetas já vislumbraram a lua como fonte do esplendor feminino. Mas só um poeta nômade, excêntrico, extraordinário, a conceberia como fonte do orgasmo lírico e da sensualidade cósmica. Estranho poema que mescla aspectos de abstração e lascívia. A um só tempo lúbrico e esotérico, de insólitas metáforas.

Exemplo de inspiração espiritualista é o «Soneto da Rosa»: «Mais um ano na estrada percorrida/Vem, como o astro matinal, que a adora/molhar de puras lágrimas de aurora/ a morna rosa escura e apetecida./E da fragrante tepidez sonora/no recesso, como ávida ferida,/guardar o plasma múltiplo da vida/que a faz materna e plácida, e agora/Rosa geral de sonho e plenitude/Transforma em novas rosas de beleza/em novas rosas de

carnal virtude/Para que o sonho viva da certeza/para que o tempo da paixão não mude,/ para que se una o verbo à natureza». Essas aspirações místicas revelam o Vinícius metafísico, que permanece em sua concepção poética, mesmo em muitos poemas da vertente do cotidiano. Outro poema que revela o Vinícius místico é «O tempo nos parques». Esse tempo «íntimo, inadiável, imparticipante, imarcescível», se refere a um instante de integração dos seres vivos, em que animais, vegetais e minerais dialogam num entendimento implícito na natureza. Os três reinos se conjugam numa atmosfera transcendente. Nesse tempo vivo, humanizado, que medita nas altas frondes, cisma no olhar cego dos lagos e dorme nas furnas, o homem se identifica com os pássaros e as árvores, sob as «redomas invisíveis» de uma clarividente sincronicidade. Instante de extática lucidez em que o ser e o tempo se conjugam em profundas correspondências metafísicas.

A dicotomia que se costuma ver em sua poesia é compartilhada por ele mesmo, que se refere ao transcendentalismo inicial e à experiência vital que o levou à aproximação do mundo material. A diretriz permanente será o desespero lírico. Ele é sempre o inconformado com a transitoriedade de tudo, sempre dividido entre a esperança na plenitude do amor e a desventura de conhecer a sua finitude. Esse insatisfeito com a sina, esse ser sensível, sentimental e sensual, dirá com nostalgia, em *Eu sei que vou te amar*: «à espera de viver ao lado teu,/por toda a minha vida». Mas Vinícius também foi um cantor da alegria e da esperança. Não esqueçamos que ele afirma na *Marcha da Quarta-feira de cinzas*: «E no entanto é preciso cantar, mais que nunca é preciso cantar e alegrar a cidade... Porque são tantas cores azuis,/há tão grandes promessas de luz,/tanto amor para dar e que a gente nem sabe». São preciosas e delicadas as suas canções de otimismo. Outra das mais belas é *As cores de abril*: «olha quanta beleza/tudo é pura visão/ e a natureza transforma a vida em canção». Ele revelou que tinha predileção especial por essa música. Na «Samba da Benção», diz o poeta que «a tristeza tem sempre uma esperança/ de um dia não ser mais triste não». Vê-se aqui o poeta da esperança, capaz de renascer das cinzas da desilusão para apreciar com entusiasmo a perspectiva de um novo dia. Na crônica «Cobertura na Gávea» o vemos declarar-se um afortunado: «sou um homem rico! Na realidade, e que mais preciso? Proprietário de poemas e canções, senhor de uma mulher, de uma paisagem, dono de minha vida e minha morte – não serei eu por acaso o homem mais rico desta terra?».

Em sua vida de emoções intensas, Vinicius oscilou dos momentos felizes aos desventurados. Sentiu o êxtase de conquistar

espaço definitivo na memória da posteridade. Sentiu a felicidade de haver-se sagrado um dos maiores poetas da língua portuguesa e do mundo. Desfrutou de instantes de bem-aventurança, cada vez que realizava o seu objetivo, no âmbito sentimental, estabelecendo um novo lar na companhia da mulher que amava. Por outro lado, foi o mais angustiado dos homens, toda vez que se separou de uma mulher, nos difíceis momentos das traumáticas rupturas. Foi o eterno insatisfeito. A inquietude o transtornou sempre, induzindo-o a buscar novas aventuras e amores e exprimir os sentimentos com franqueza e sem pudor. Que condição paradoxal! Haver sido o poeta total, o cantor do amor demais, o que realizou os seus sonhos, o que possuiu a forma de tantas mulheres, o amante dos prazeres da mesa e da cama, o alquimista que transmutava angústia em beleza! Mas também o incompreendido, o que lutou contra os preconceitos sociais, políticos e estéticos e impôs aos falsos moralistas a sua maneira descompromissada de viver. Foi o que enfrentou a inveja e a deslealdade dos que opuseram ao seu espírito de liberação e ao lirismo de sua vida sem culpas. Ao romper as barreiras entre o popular e o acadêmico, enfrentou a oposição dos detratores. No trânsito do etéreo ao carnal, sofreu o drama das paixões. Não se pode negar que há algo de marginal em sua forma de vida. Embora integrado à sociedade capitalista, foi anti-sociedade de consumo. Contestou as convenções hipócritas da sociedade burguesa. Embora nascido em família ilustre, não desprezou as pessoas simples. Apesar de haver sido diplomata, renegou a profissão porque, segundo declarou, não tinha nada a ver com ele. Conquanto haja sido um eleito, sentiu grande insatisfação existencial. Certamente por isso bebia tanto e buscava sempre um novo amor. A descontração e informalidade não podiam esconder que o mundo lhe pesava sobre os ombros. Na crônica «*Sobre a poesia*», do livro «*Para viver um grande amor*», ele considera a poesia «um elemento de perturbação da ordem dentro da sociedade tal como está constituída». Vê-se que ele mesmo assume a condição de contestador dos falsos valores e da pseudo-ordem estabelecida. Para os moralistas, foi um desajustado, um transgressor dos bons costumes. Mas a bebida era uma fonte de inspiração. Ao beber, desligava-se dos assuntos banais, das chateações. O álcool era uma forma de desregrar os sentidos que, associado à poesia e à música, mostrava o seu amor à vida. Porém, foi também uma força destruidora. Tanto lhe agradava o estado da embriaguês que, certa vez, estando hospitalizado na Clínica São Vicente, pediu a Baden Powell que lhe trouxesse ali uma garrafa de uísque, escondida sob o capote. Talvez o cigarro lhe tenha sido mais nocivo ainda. O poeta padecia de edema pulmonar, no dia em que deixamos de tê-lo entre

os seres encarnados. Desde 1960 ele já iniciara as internações periódicas na Clínica São Vicente, na Gávea, «para se desintoxicar». Talvez Vinicius tenha optado por abdicar de viver uma longa vida. Sabia que a velhice poderia ser uma experiência difícil. Talvez tenha decidido despedir-se da vida aos 66 anos, quase 67, relativamente jovem, face à expectativa de vida dos brasileiros. Mas o que ninguém duvida é que ele desfrutou da vida com intensidade. Tomava, no entanto, a iniciativa de se internar, «para se desintoxicar» e o seu médico, Dr. Clementino Fraga Filho, cuidava-lhe da diabetes. E ele mesmo se decidia sair quando melhorava, prometendo que «tomaria cuidado lá fora». Algumas vezes o seu irmão Helius, que era médico, fazia-lhe a coleta de sangue enquanto ele dormia. Não obstante as extravagâncias da bebida e do cigarro, o poeta tinha certo zelo pela preservação da saúde. Toquinho fala da disciplina com que ela usava fio dental e escovava os dentes e a língua.

Não seria, talvez, uma forma de rebeldia a obsessiva busca da paixão? Ele justificava a inconstância como uma atitude de rejeição ao amor sem o tempero do sentimento apaixonado. Para quem não teve a sua ousadia, a idéia de ser feliz morrendo de paixão parece algo insólito. Eros e Tânatos associam-se não raro na poesia viniciano. Os estudiosos destacaram essa circunstância em sua poética. É trágico o poeta que oferece à amada o instante da morte «para vivermos em nosso decesso uma só eternidade». «Partiremos tontos de poesia/para a porta de treva aberta em frente», diz ele no «Soneto da Hora Final». Exemplo flagrante da sua morbidez é o terrível poema (no sentido da crueza atroz do tema) «Sob o Trópico de Câncer». Assim nosso poeta mostra a face paradoxal da sua poesia. Com a mesma profundidade com que cantava os deleites e as agruras do amor, revelava o esplendor e a sordidez da vida.

A antítese existencial de Vinicius não é uma equação simples. Embora tenha feito na vida tudo o que queria, tendo realizado o seu ideal na expressão da poesia, viveu estigmatizado pela angústia. Sua preocupação permanente com a morte – «angústia de quem vive» se vê em muitos poemas: o «Soneto da Hora Final», «A Morte de Madrugada», «O Morto Vivo», «Máscara Mortuária de Graciliano Ramos», «Balada Das Duas Mocinhas de Botafogo» e outros textos. A verdade é que sua sensibilidade não se ajustava ao materialismo da sociedade de consumo. O cotidiano lhe era agressivo, embora ele jamais se recusasse a participar da vida. Em *O Falso Mendigo*, confessa-se acometido por «um tédio enorme da vida». Mesmo assim não renega o seu amor pela existência. «Não quero perder nada na vida». Para ele, em que pese alguns

fatos desagradáveis, a vida merecia ser vivida e deveria ser alentada pelo esplendor da poesia. O lenitivo da palavra ritmada o ajudava a suportar a dor de existir: «tenho horror da vida/quero fazer a maior poesia do mundo». Ao fim do poema, declara-se «falso, miserável, sórdido», o que significa ser incapaz de exercer qualquer profissão, ser inábil para pedreiro, comerciante ou advogado. Contudo, tem consciência de que a vocação poética lhe confere a virtude de ser, embora filho pródigo «o melhor, o mais doce e o mais eterno da tua puríssima carícia». Ser poeta, para Vinícius, é ser autêntico para assumir a condição que a vida lhe impôs por fatalidade de amor.

No *Soneto de Inspiração* a temática existencial aparece explícita no primeiro quarteto: «Amo-te como se ama todo o bem/que o grande mal da vida traz consigo». E prossegue no terceto final, em que se entrelaçam a visão do amor e o sentimento da vida: «soubesse eu ver/atraves da tua carne defendida/que sou triste demais para esta vida/ e que és pura demais para sofrer». Como a vida é triste de modo geral, o poeta se preocupa paternalmente com a mulher, dotada de pureza maternal, fonte de ternura, sujeita aos sofrimentos da vida. Mas se foi paternal às vezes, mostrou também um sentimento infantil em outras ocasiões. Comporta-se como um menino desamparado, carente de uma mulher que faça o papel de mãe, que o proteja, quando diz, nos versos finais de *Poema para todas as mulheres*: «que eu quero fugir, quero a minha mãezinha, quero o colo de Nossa Senhora». Aqui o poeta se revela indefeso e terno como uma criança. Essa contingência faz parte da sua busca de simplificar-se, tornar-se anti-convencional. A propósito do reconhecimento da simplicidade, confessou: «não sei absolutamente nada da vida diante de um pescador». Com relação à autenticidade, diz João Carlos Pecci que o poeta «zombava da rigidez, caçoava dos extremistas».

Em *Elegia Quase uma Ode*, declara Vinícius que o seu caminho de poeta é inocência, amor, alegria, sofrimento, morte, serenidade, porque um poeta é uma pessoa consciente: «é preciso que eu não minta para poder dormir». A virtude de sentir a poesia da vida, ou sentir a vida com poesia, às vezes o leva ao desespero. Chega ele a deplorar o sonhar, o ter tristezas e saudades. A precoce iluminação da poesia custou-lhe a tristeza de «sofrer tão moço» e conhecer «abismos verdadeiros». E confirma, em confissão devota, que sofre tudo - «anjo e demônio, angústias e alegrias/ que peço contra mim e contra Deus». Vemos o poeta dividido entre os gestos de pureza e a carne alucinada. Essa condição o torna um sofredor sem remédio, cuja consolação é deixar a aventura governar-lhe a vida. Porém, quando se sente incapaz de tal êxito, pede socorro, pede paciência, delira com a sua insatisfação - «Quero o pedaço de

céu que vi, há três anos/atrás de uma colina que só eu sei./ Quero o perfume que senti não me lembro quando que era entre sândalo e carne de seio». Alucinado de passado, aniquilado de saudade, eis o poeta carente das «carícias da amiga». O sacerdote do amor, carente da sua amada, afoga-se nas flores da poesia.

Em «O Desespero da Piedade», correspondente à segunda parte da «Elegia Desesperada», vemos um Vinicius solidário com a dor dos seres mortais. Ele cita uma lista de seres dignos da piedade divina – «as pequenas famílias suburbanas, os adolescentes que se embebedam, os que inventam a doutrina do pão e da guilhotina, o mocinho franzino, três cruces, poeta, o impávido que encaminha lutando remando, nadando para a morte, os músicos dos cafés e casas de chá, os pobres que enriqueceram, os vendedores de passarinhos, os barbeiros e cabeleleiros, os sapateiros e caixeiros de sapataria, que lembram madalenas arrependidas, os dentistas que vivem para fazer sofrer». E até os políticos, todos são dignos do seu compassivo amor. Mas é pelas mulheres, sobretudo, que ele mais roga ao Criador. As mulheres de toda sorte merecem «amor, amizade, poesia, sinceridade, alegria e serenidade». Considera-as melhores que os homens, «que o homem não presta, porque as molesta. Com o sentimento cristão do auto-sacrifício pelo semelhante, clama complacente: «Ulcerai minha carne, mas tende piedade das mulheres». E diz que a mulher é como a lua parindo desilusão. Considera-as «puras, crianças, trágicas e belas». Elas «têm a única emoção da vida nelas». «Tende piedade delas, Senhor, que dentro delas a vida fere mais fundo e mais fecundo e o sexo está nelas e o mundo está nelas. E a loucura reside nesse mundo».

Em sua bondade implora pelas santas mulheres, pelos meninos velhos e pelos velhos humilhados. Ao fim, pede num generoso gesto, para si mesmo os restos da piedade divina, pois tudo merece um olhar. «Trago/nos dedos um constante afago para afagar; na boca/um constante beijo para beijar». Assim expressa a sua amorosa forma de viver – com afeto, delicadeza e sinceridade («não conheço o dom da injúria»). Na seqüência do poema, Vinicius se auto-define: «meu comércio com os homens é leal e delicado; prezo ao absurdo/ a liberdade alheia; não existe/ser mais delicado que sou; sou um místico da delicadeza/sou um mártir da delicadeza; sou/ um monstro da delicadeza». Também diz: «não sou bom nem mau: sou delicado».

No final do poema reconhece que o seu destino é seguir uma mulher. E o consolo de saber que foi amante lhe revela que existe entre ele e a mulher «um acordo secreto, maior que o amor e a carne, uma promessa de socorro,/ de compreensão e de fidelidade para a vida». Eis a definição do sentido do afeto de Vinicius diante

da vida: enfrentar os desafios com a fé dos que acreditam na sinceridade e no perdão.

Diz no poema *A morte* o habitante da selva escura da paixão: «Ai dos homens que matam a morte por medo da vida». Demonstra, assim, a convicção de que a vida existe para ser consagrada à causa do amor, ainda que essa consagração implique sofrimento. A covardia consiste em «matar a morte». Ela virá de qualquer jeito. É um decreto. «vem de longe, do fundo do céu» e é «a grande esperada do amor fratricida dos homens». Diante da expectativa de sua chegada, a sabedoria é dar a vida por um ideal e por alguém. E não fugir do desafio de amar. Conquanto advirta, no já citado Soneto de Corifeu, que «são demais os perigos desta vida pra quem tem paixão», sabe que não vale a pena resistir a uma nova paixão, quando «andar perto uma mulher que é como a própria lua,/tão linda que só espalha sofrimento,/tão cheia de pudor que vive nua».

A propósito da poética de Vinícius, o grande Carlos Drummond de Andrade, de maneira esplêndida, ao falar da saudade que ele deixou, expressou as seguintes palavras indeléveis: «Vinícius passou a vida preocupado, à sua maneira, usando meios próprios de expressão, com o problema do destino e da finalidade do homem. Para ele, a princípio, essa finalidade consistia na identificação com o absoluto. Depois, com o tempo, e para sempre, com o amor, que compreende uma vida social e individual fundada na justiça e na paz. A plena realização do amor era, a seu ver, a razão da vida, e a poesia era um meio de tomar conhecimento e de espalhar esta verdade. Sua vida foi a ilustração do seu ideal poético. Ele queria um mundo preparado para o amor, livre de limitações, pressões e humilhações sociais e econômicas. Ora, um ideal desta natureza é, certamente, eterno, e Vinícius o defendeu com muita eficácia, quer na poesia pura quer na poesia em forma de música».

Através da poesia, das canções, da boemia, do amor à liberdade, da vida dionisíaca nas praias, Vinícius com seus parceiros Tom Jobim, Carlos Lyra, Edu Lobo, Chico Buarque, Francis Hime e escritores como Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Fernando Sabino e Drummond, consagrou a legenda dourada do Rio de Janeiro. Com estes luminares da melodia e da palavra nos transmitiu uma energia nova, uma forma otimista de ver a vida. «A esperança é um bem gratuito», dizia o poeta, celebrando o prazer de viver na mais bela cidade do mundo, consciente de que «ser carioca é um estado de espírito».

Resta recordar o quanto Vinicius, embora cidadão do mundo, foi fiel às raízes brasileiras. Declarou-se «o branco mais preto do Brasil na linha direta de Xangô». Foi um apaixonado pela

pátria. O poema *Pátria Minha* prova o seu sentimento de identificação com os valores brasileiros: «A minha pátria é como se não fosse, é íntima/doçura e vontade de chorar». Os caminhos de volta à pátria trazem a visão do Cruzeiro do Sul. Nem florão nem lábaro. Praia branca, rio secular. «Mais do que garrida, a minha pátria tem uma quentura, um querer bem». Não era um homem talhado para os longos exílios. Também disse: «Pátria, latejo em ti, no teu lenho, por onde/circulo! E sou perfume, e sombra, e sol, e orvalho!» E confirmou: «O Brasil é uma paixão permanente em minha vida de constante exilado. Quanto mais viajo, mais me convenço de que, apesar da bagunça nacional, das crises políticas, de tudo o que atrasa o progresso do nosso país, nós criamos uma humanidade, ou melhor, um humanismo novo que não tem preço». Onde quer que estivesse no exterior, morria de saudade do «mar verde-azul de infinita doçura». No dia que criaram o perverso AI-5, Vinicius se encontrava em Portugal, numa temporada de concertos. Sobressaltado pela infausta notícia, disse preferir morrer se não pudesse viver no Brasil. O poema *Olhe aqui, Mr Buster...* é outro exemplo. Ele pergunta ao gringo, que custava a entender porque ele queria voltar ao Brasil se podia ficar mais um ano em Los Angeles: «O Sr. sabe lá o que é um choro de Pixinguinha? O Sr. sabe lá o que é ter uma jaboticabeira no quintal? O Sr. sabe lá o que é torcer pelo Botafogo?».

Às vezes parecem coexistir em Vinicius dois homens distintos: de um lado o inquieto, que se casou tantas vezes quantas comprou Enciclopédias Britânicas e sofreu profundamente cada separação. Do outro, o «bon vivant», boêmio sem horário pra coisa nenhuma, metido uma banheira a escrever letras de canções. A síntese de ambos é o poeta entusiasta e aventureiro que se entedia de repente. É o trabalhador que passa as noites compondo música, mas reclama (na «Mensagem a Rubem Braga»): de manhã, quando se sai para o trabalho, dá uma tristeza, a rotina». O resultado dessa sensibilidade exacerbada era obsessão em refazer a vida com outra, depois de algum tempo de convivência com uma mulher. Mas, pelo que se lê na biografia dos maiores poetas, a vida absolutamente equilibrada não gera grande poesia. O maior tradutor do sentimento humano não costuma ter grande habilidade para as coisas práticas. No caso de VM, as suas filhas e as irmãs é que lhe compravam roupas e o ajudavam a resolver problemas da vida cotidiana.

No poema *O haver*, diz ele: «resta essa tristeza diante do cotidiano». Sem dúvida, o trabalho que lhe agradava fazer era o da poesia. Nessa particular, não perdia a oportunidade de dizer que trabalhava muito. Principalmente quando brincavam com aquela

pecha de vagabundo que lhe queriam impingir. A criação das letras de música não lhe exigia menor disciplina que a necessária à produção literária propriamente dita. Quando alguns críticos falavam do seu «desvio poético» para a canção popular, ele, cioso da liberdade de criar, dizia que os intelectuais o chateavam com a exigência de pensar inteligente. Mas não levava tão a sério as opiniões preconceituosas. Tinha o aval de autoridades como Drummond, Ferreira Gullar e Chico Buarque, que consideravam a popularização da sua poesia uma das melhores proezas vinicianas.

Ao justificar-se porque se casou nove vezes, respondeu que a vida não é uma coisa estática. «E o amor não pode requestrar». E disse que, cada vez que se separou de uma mulher, levou apenas a escova de dente. Segundo revelou Gilda Matoso a João Carlos Pecci, na já citada biografia do poeta, ele sentia, de vez em quando, um peso na consciência e se culpava pelas distâncias e mudanças de casamentos, dizendo-se um mau pai.

Como prova de bom gosto, não dispensava a companhia dos amigos, que se sentavam à sua mesa, no Café Vermelhinho, no Bar Veloso e outros núcleos de boemia do Rio epicurista. Entre os mais assíduos, lá estavam José Carlos Oliveira, Moacyr Werneck de Castro, Rubem Braga e Paulo Mendes Campos.

Carlos Lyra estudou-lhe a personalidade à luz dos astros e diagnosticou o seu caso como um «melancólico otimista». A verdade é que Vinícius se entregou de tal maneira à aventura do amor que viveu como que inadaptado às regras sociais. Exagerou nos hábitos de beber e fumar. Trocava o dia pela noite, dormia pelas 6 horas da manhã e despertava às duas da tarde. Mas isso era imprescindível para alguém que vivia sempre apaixonado. Quem nunca curtiu uma paixão pode achar o seu estilo de vida um simples sinal de instabilidade emocional. Ele mandava ter cuidado com quem não estivesse apaixonado, pois não entenderiam a sua autenticidade. Não tinham a sua coragem de trocar de mulher, montar nova casa e começar tudo outra vez. Embora sofresse terrivelmente a cada separação, preferia proceder assim. Era o seu jeito de ser e não queria mudar.

Importava constituir a sua plêiade de parceiros. À lista dos primeiros acrescentou Chico Buarque, o talentoso filho do amigo Sérgio Buarque, e Toquinho, para o qual escreverá mais de cem letras. Chico não era nascido quando Vinícius freqüentava a casa dos seus pais. Ainda menino admirava o poeta e cantava as suas canções com duas irmãs cantoras. Depois, Chico e sua mulher, Marieta Severo, convidaram Vinicius para ser o padrinho de Silvia, a primeira filha do casal. «Compadres têm que ser parceiros», decretou VM, dando-lhe a canção «Gente Humilde», melodia de

Garoto e a letra quase acabada, para que colocasse os versos finais. Não tardaram outros frutos da parceria, como «Valsinha», «Desalento», «Olha, Maria» e «Samba de Orly». Em 1968, quando Vinicius precisava de um violonista para gravar em Milão um disco com Ungaretti e Sergio Endrigo, conheceu Toquinho através de Chico Buarque e logo lhe perguntou: «Quer fazer uma viagem comigo?».

Quanto à sua maneira peculiar de viver, vale a pena recordar ainda alguns hábitos que denotam a sua personalidade excêntrica. Por exemplo, os demorados banhos de banheira, durante os quais ele meditava e escrevia, usando, como artefato, uma tabuleta sobre a qual colocava a máquina de escrever. Na sua casa de Itapuã, vangloriava-se de ter uma banheira com vista para o mar, onde se sentia como se a bordo de um navio. Passava horas, quase imóvel, pensando na vida, naquele ritual que durou a vida inteira. Dizia ele que era uma terapia de regressão ao útero materno e um treinamento para a morte. De fato o último momento de sua vida aconteceu em pleno banho de imersão, numa madrugada em que escrevia novas canções. Outra de suas características era gostar de cachorro. Criava grandes cães no jardim da casa de Itapoan, que tinha no centro a estátua de um cachorro, como uma espécie de deus guardião da mansão. Dizia que uísque era uma bebida amiga do homem, uma espécie de «cachorro engarrafado». Era dos mais prazerosos o seu sentido de humor. A propósito, contam que Vinicius, deprimido em uma das separações, consultou uma analista. Indagado pela doutora sobre em que estava pensando, respondeu: «em suas pernas, que são muito bonitas».

Gostava de cozinhar. Gostava de comer ovos fritos. Preparava, às vezes, frango assado nos almoços. Sua receita de feijoada em versos está publicada na edição das suas obras completas. As musas certamente atestam que, na prática, ele confirmava a habilidade de «fazer comidinhas» «para viver um grande amor».

Além das já mencionadas opiniões de eminentes personalidades do mundo artístico, citarei duas de suas grandes amigas, a saber, as atrizes Tônia Carrero e Odete Lara. Disse a primeira: «era muito fingido, esse Vinicius! Malandríssimo. Mas uma figura ímpar, se é que existe Olimpo, ele está lá. Quem teve Vinicius como amigo não pode substituí-lo por ninguém, não encontra mais». No infausto dia que o bardo deixou este mundo, a sua sensível amiga pronunciou as mais belas palavras, entre os circunstantes: «As coisas de Vinicius vão ficar para sempre. Ser poeta é a coisa maior que se pode dizer de um homem. É difícil saber se a gente se empobrece com a sua morte ou se engrandece

por ele ter vivido. Vinícius nos deixou muito mais ricos com sua poesia». Odete Lara, que gravou uma coletânea de seus poemas e participou do disco em que o poeta interpreta, pela primeira vez, as suas canções, disse o seguinte: «os hippies ainda não haviam chegado e Vinicius já era um deles. Foi o primeiro que conheci».

O mencionado disco, lançado em 1963, com músicas de Vinícius e Baden Powell, foi produzido por Aloysio de Oliveira. Devemos a ele algo do êxito de Vinicius na música. Ele foi quem convenceu o poeta a cantar pela primeira vez, na boate «Au Bon Gourmet», em 1962, no Rio de Janeiro. Foi também o promotor do concerto do Canecão, um sucesso retumbante, em 1977, com VM ao lado de Tom, Toquinho e Miúcha.

Os filhos do poeta, Susana, Pedro, Georgiana, Luciana e Maria são unânimes em manifestar o seu apreço pelo pai que tiveram. Na já citada biografia, escrita por João Carlos Pecci, obra essencial para a compreensão da personalidade do poeta, declaram que ele trazia-lhes presentes, quando voltava das viagens e concordam em que foi sempre carinhoso. Mas se aproximava mais dos filhos quando eles ficavam adultos. Susana elogia a tolerância que Vinícius demonstrava, «não moralista e sem pré-julgamentos». «Acolhia a todos com uma paciência de anjo». Dizia a ela: «Filhinha, no fundo as pessoas têm sempre uma coisa interessante». De Pedro foi ele companheiro em todos os momentos, sobretudo nos mais difíceis, nas tristezas. Bebiam juntos, conversavam muito. Eles publicaram um livro, em 1968, com fotos do filho e poemas do pai. Georgiana o acompanhou em shows como percussionista e em momentos de boemia, bebendo nas noites cariocas. Na sua avaliação, «ele optou pela liberdade e pagou um preço por isso, que nós todos pagamos junto. Mas acho que saldo foi positivo». Luciana, que foi criada por sua tia Lygia, e hoje em dia administra os negócios ligados à obra de seu pai, recordou que o poeta almoçava aos domingos na casa de sua avô, dona Lídia. Falou do dia em ela completou 18 anos e ele a levou ao bar Antoninos, sendo que, das duas horas que durou o encontro, uma hora foi só de choro. Ele explicava assim a sua ausência e mostrava que só conseguia um relacionamento direto com os filhos quando eles ficavam adultos. Naquele dia, Vinicius deu-lhe conselhos e, a partir de então, ficaram mais próximos e mais amigos. Maria, embora fosse criança no tempo em que conviveu com seu pai, recorda, com carinho, que ele lhe dava presentes, comprava-lhe sorvete, fazia mimos e a levava a restaurantes. Ao referir-se a Vinicius disse ela que tem «a impressão de que ele transcendia, avançava um pouco à frente de sua época».

A formação literária do nosso poeta sempre me despertou certa curiosidade. Sabia eu, desde jovem, que ele havia estudado em Oxford. Havia lido os maiores ingleses - Shakespeare, Milton, Shelley, Byron, Keats, Wordsworth... Mas havia morado em Paris e ali tivera acesso a toda a obra dos grandes franceses que citava em seus poemas. Perguntei-lhe, quando de sua visita ao Ceará, em setembro de 1977, que poeta francês - Verlaine, Rimbaud ou Baudelaire - mais o influenciou. Rimbaud, respondeu ele. Declarar-se discípulo daquele místico é, de certo modo, reconhecer-se excêntrico, marginal, adepto do desregramento dos sentidos.

Vinicius bebeu nas fontes de diversos poetas, a começar pelos românticos. As imagens visionárias da sua poesia e a temática do amor e da morte o romantizam. Mas ele transcendeu o sentimentalismo romântico, diversificando a temática com motivos do cotidiano. Nesse aspecto, teve de Manuel Bandeira e Carlos Drummond indiscutível influência. Através das epígrafes, podemos identificar algumas de suas leituras: Manuel Bandeira (em *Cinepoema*), Antonio Machado (em *A Morte de madrugada*), Leopardi (em *O mergulhador*) Rilke e Baudelaire (em *O Escravo*), Claudel (em *A música das almas*), André Gide e Rimbaud (em *Três respostas em face de Deus*), para mencionar apenas algumas referências. Na crônica «O Aprendiz de Poesia», do livro *Para uma menina com uma flor*, ele menciona alguns poetas que lia e imitava, quando ainda se iniciava nos mistérios no conhecimento poético. Cita o soneto «Anoitecer», de Raimundo Correia, como modelo de excelência. Fala de Castro Alves e Olavo Bilac («que cedeu-me o diamante com que cortava os duros cristais de sua poesia»). Refere-se a Guilherme de Almeida, Menotti, Antero e Casemiro. Mário de Andrade viu em alguns versos de *Novos Poemas* «certos preciosismos gramaticais e verbais» oriundos de uma fecunda influência de Manuel Bandeira, cuja poética conferiu «um sopro novo de vida real e de amor objetividade» ao seu hermetismo anterior. Considerou um dos sinais positivos desta influência o poema «O Falso Mendigo», «uma das suas mais comoventes criações». Quanto à ressonância poética de Garcia Lorca, observa Renata Pallotini, nos ritmos e no vocabulário das baladas vinicianas, a marca do *Romancero Gitano* do grande andaluz. Vê semelhança entre os estribilhos «porque hoje é sábado e «a las cinco de la tarde», o que considera uma honrosa filiação. Na prosa, seguramente Pascal, Kierkegaard e Nietzsche, formam seus pensadores prediletos, já que os seus conceitos filosóficos fundamentais se encontram em momentos altos da sua poesia. Nas crônicas encontramos a leveza e o senso de humor dos melhores

cronistas brasileiros, como Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino e Carlos Drummond de Andrade, discípulos do engenhoso Machado de Assis.

Apesar da vida dissoluta e boêmia, Vinicius demonstrou, através da obra e de atitudes, profunda consciência da sua missão social e espiritual. Foi um luminar do pensamento existencialista. A forma irreverente e autêntica de viver era o seu método informal de comprometer-se com as causas da liberdade e da fraternidade. Dotado de admirável versatilidade, escreveu sobre diferentes assuntos, em prosa como em verso. Não deixando de ser um sonetista clássico, adotou, em diversas circunstâncias a prosa poética. Dono de uma habilidade técnica que o aproxima tanto dos iconoclastas de 22 quanto dos formalistas de 45, foi exuberante em no ritmo e no gênero. Foi perito na fábula, na prosódia e na imagética da poesia. Revelou-se um místico na abordagem dos temas metafísicos. Especialmente na compreensão amorosa do humano. Não obstante a mudança de expressão para o tratamento de temas concretos, não perdeu nunca aquela percepção do «ar cheio de murmúrios misteriosos». Confessou que, embora não acreditasse no candomblé, gostava da beleza dos ritos e do fato de ser uma religião onde o pecado não existe. Fazia as coisas que Mãe Menininha mandava. Por exemplo, passava uma bolinha de farinha no corpo antes de entrar num avião. Sentiu intensa emoção no dia em que a viu por primeira vez, quando ela revelou que ele era filho de Oxalá. Por isso carregava em si o sofrimento do mundo.

Embora tenha dito, no refrão cantado de «Para viver um grande amor», que só acreditava em Deus diante de um documento de cartório com firma reconhecida, sabemos que vivenciou diversas experiências místicas de contatos com espíritos desencarnados. Exemplo disso se evidencia no poema *Exumação de Mário de Andrade*, em que ele diz haver recebido a visita do amigo em espírito. Narra a sensação da sua presença física: «sinto pesar o puro espaço/às mãos do poeta em meus cabelos». Há referências a episódios em que o poeta viu fantasmas. Disse ele que Mário de Andrade vinha visitá-lo sempre que ele estava sozinho ou sofrendo. Pousando-lhe a mão no ombro, conversava horas sobre «assuntos sentidos, poesia, amizade, beleza, amor morte, vida, arte, povo, mulher, bebida – e poesia ainda, e ainda poesia e mais poesia».

É notória, já se vê - ó vida, a minha admiração por Vinicius! Se este ensaio é um a mais na série de textos publicados a seu respeito, há de ser o que foi escrito com mais afeto e mais estima. Essa admiração vem dos primeiros momentos que me interessei por poesia. Aos 16 anos já andava com a Antologia Poética dele por todo lado, lendo-a sem parar, com o maior entusiasmo pela tonalidade

lítica da sua dicção poética. Sentia identificação total com os temas eternos da poesia romântica, que tanto me agradavam. Apreciei logo tanto a sua poesia feita para os livros quanto a que ele fazia para a música popular e sempre achei que ele estava certo, quando dizia que ambas faziam parte de um todo, que era ele mesmo. Entendia perfeitamente que música e poesia são uma coisa só. Decidi então seguir os passos daquele ídolo. Decidi que não queria ser como ele, mas ele mesmo. Para conseguir esse alto objetivo, a primeira coisa a fazer era conhecê-lo pessoalmente. Naquele afã de adolescente, precisava falar-lhe que no Ceará havia um jovem poeta que queria ser igual a ele e estava disposto a qualquer sacrifício para realizar o seu sonho. Com esse propósito, fui a Salvador, no ano de 1976, quando completei 18 anos. Faltou-me a sorte de encontrá-lo. Falei apenas com o jardineiro da casa de Itapoan, um rapaz negro de nome Ismael, que me disse: «o seu Vinícius foi está viajando com o Toquinho. Eles foram pra Argentina, ou Chile, fazer shows. Ele viaja muito». Contentei-me com perguntar-lhe o que achava do patrão. Ele fez entusiasmados elogios ao poeta: «uma pessoa simples, gentil, que dá atenção a todo mundo e trata todo mundo com muita educação». Depois de um ano e pouco eu realizaria o meu sonho. Vinícius foi a Fortaleza, fazer uma palestra no Teatro José de Alencar. Na ocasião, participei de uma entrevista coletiva que com ele fizeram alguns intelectuais e jornalistas cearenses. Perguntei-lhe se ele via alguma diferença entre a sua poesia de livro e a das letras de música. Ele disse: são a mesma coisa. Indaguei sobre o poeta francês da sua predileção. Ele me respondeu: Rimbaud. Indaguei sobre a carreira diplomática. Ele declarou que não era a sua vocação. Que não gostava de formalidades. Naquela ocasião autografou-me um exemplar de sua Antologia Poética, «com votos lindos e fraternos». Depois de alguns meses, visitei-o no camarim, depois do badalado show do Canecão, em 1977. Com a maior emoção, dei-lhe um exemplar do meu primeiro livro. Ele, cercado de mulheres por todos os lados, quase que autografa o livro que lhe dei, pensando que fosse um dele e que eu estivesse pedindo autógrafo. Àquelas alturas, o poeta já havia tomado muitas e era natural que, sob o assédio de tantas fãs, confundisse um pouco as coisas.

Minha aproximação com a sua família em 1982, dois anos depois de sua morte, deveu-se ao querido amigo, Embaixador e escritor Mellilo Moreira de Mello, íntimo e parente dos Mello Moraes. Fui recebido cordialmente na casa de dona Letícia, irmã do poeta, na rua das Acácias, na Gávea. Por ela, pelo marido, Embaixador Arnaldo Vasconcelos e por dona Lygia, a irmã que tanto ajudou Vinicius nos momentos difíceis das separações. Elas

autografaram pra mim um exemplar da «Antologia Poética» de Vinícius de Moraes.

A fase final da vida de VM foi marcada pelas crises de saúde que se agravaram em sua última viagem à Europa. Em 1979, quando ele viajava de Paris a Atenas de carro, começavam os sintomas de incontinência urinária e problemas neurológicos. Depois, sofreu disfunções psicomotoras no avião de Paris ao Rio. Foi-lhe diagnosticada uma hidrocefalia, pelo agravamento da diabetes. Em abril de 1980, foi operado para a instalação de uma válvula no cérebro. Recuperou gradualmente a memória. Aqueles foram seguramente os dias mais difíceis da sua vida.

Foram de sofrimento os seus últimos dias, quando, gravemente enfermo, não cessou de trabalhar. Compunha com Toquinho novas canções infantis para o disco *Arca de Noé*. De madrugada, foi tomar o costumeiro banho na banheira e começou a respirar com dificuldade. Era o princípio do fim.

O poeta se despediu do mundo na manhã do dia 9 de julho de 1980. No cemitério de São João Batista, centenas de pessoas comovidas cantaram, imersas em lágrimas, algumas de suas canções. Naquele dia, ao ler nos jornais a indesejável notícia, senti uma profunda tristeza e meditei sobre o momento dramático, sobre o qual o poeta pensara tantas vezes, tanto tempo antes. Por tudo quanto viveu e amou o nosso poeta maior, - ó vida, ó sentimento meu – quem duvida que a morte o abateu de mal de amores? Recordei a pergunta de *A hora íntima*: «quem pagará o enterro e as flores se eu me morrer de amores? Estou seguro de que o poeta entrou nos jardins da morte como previu no poema «O Deve e o Haver»: como se fosse uma nova namorada que lhe abrisse a porta. O importante é nos legou, no convívio com os seres humanos, exemplos de sua capacidade de ternura, seu medo de ferir tocando, a busca de um só Vinícius, o desejo de servir e o cultivo da pequena luz indecifrável a que os poetas chamam esperança.

À MUSA

Musa, tenho a grata satisfação de realizar o meu antigo ideal de louvar o poeta Vinícius de Moraes, movido por um sentimento de identificação com tudo quanto o inspirou sempre: cantar o amor e entregar-se arrebatadamente às paixões, até morrer de amar, isto é, assumir a condição de poeta de forma integral e

plena! A sua poesia foi celebração da vida, ainda que com a carga de sofrimento das vicissitudes da vida. Mas, como afirmava o sábio Vinícius, sofrer de amor é algo sublime, porque permite ao poeta exercer a sua faculdade de oráculo e viver inebriado de êxtase, para carregar, com alegria e emoção, o fardo da vida. Celebremos a vida e o pensamento do poeta que tanto amamos, o nosso ídolo, do qual nos fizemos discípulos!

Nesse momento vou ler e interpretar alguns dos mais belos poemas e canções deste luminar da arte da palavra, que se tornou universal, pela amplitude visionária da sua poesia. Celebrarei o seu encantamento diante da beleza, do charme e da generosidade das mulheres e diante do mistério que existe na atração dos seres apaixonados. Falarei, tal como ele, a linguagem do afeto, inspirado pelas «razões do coração», pois recordarei o jardim em que plantamos belas rosas da arte viniciiana. Curtimos os afro-sambas, sonhamos com os enlevos e idílios que ele viveu, a um só tempo encantado e atormentado pelas paixões. Com ele aprendemos que as noites são vazias sem a companhia da pessoa amada.

Iniciemos pelo poema *Ternura*, no qual Vinicius se refere a um súbito amor que existe há muito tempo e que acontece como expressão de afeto ou paixão sublimada. Pois a ternura é um sentimento espiritualizado, que torna luminoso o amor carnal: «eu te peço perdão por te amar de repente,/ embora o meu amor seja uma velha canção nos teus ouvidos,/ das horas que passei à sombra dos teus gestos,/ bebendo em tua boca o perfume dos sorrisos, /das noites que vivi acalentado pela graça indizível dos teus passos eternamente fugindo». Eis aí o enamoramento em que o amante, delicadamente, pede perdão pela realização do amor que vivia recôndito. O afeto era uma canção que embevecia a amada. Era um encantamento que seduzia o poeta. Ela, hesitante, à espera dos seus argumentos irrecusáveis. Ele, sensitivo, bebendo-lhe os sorrisos, acalentado pela expectativa dos carinhos, movido pelo desejo de concretizar o seu intento amoroso. Ao confessar-se apaixonado, manifesta a serenidade e a sinceridade do seu afeto: «Trago a doçura dos que aceitam melancolicamente». Revela-se dócil, generoso, disposto a submeter-se à sua decisão, qualquer que seja. Declara-se capaz de amar com suavidade e naturalidade: «sem o exaspero das lágrimas, nem a fascinação das promessas, nem as misteriosas palavras dos véus da alma». É seu intento amar em paz, deixar fluir o sentimento como «um sossego, uma unção, um transbordamento de carícias». Esse amor que nada exige e tudo oferece, pede apenas «que te repouses quieta, muito quieta/ e deixes que as mãos cálidas da noite encontrem sem fatalidade o

olhar extático da aurora». Pede-lhe, portanto, que receba a serena efusão de suas carícias que, de tão naturais, transbordam ternura.

Vejamos este outro belo poema, que se chama *Cântico*, e é uma declaração de amor, plena de emoção e admiração pela musa. Em sua devoção lírica, ele a compara à estrela, à morada, à cantiga do amor. Estrela, porque recebe a luz do seu sorriso e do seu carinho. Morada, porque é a flor (o lírio) em que se materializa o sentimento. Cantiga de amor, porque produz inspiração. Inebriado pelo seu enlevo, enumera as qualidades substantivas da mulher amada: «tu és todo o esplendor, o último claustro da elegia sem fim, anjo! Mendiga do triste verso meu».

Pleno de imagens inspiradas na natureza e na essência do ser («fosses a idéia, o sentimento em mim, fosses a aurora, o céu da aurora ausente, amiga, eu não te perderia!»), o poeta imagina a hipótese da musa absoluta, a que está presente como a luz da madrugada que prenuncia a aurora. E pelo seu poder extra-sensorial, a amada perdeu-se de sua vista. Imergiu no mundo sobrenatural («entre as vagas flores», «entre os vagos rumores do mar»). Ela é um fruto prodigioso da natureza – tem «olhos cor do firmamento, céu castanho da tarde», linda «como o verde trigal maduro». Expande poesia no andar, viabiliza a manifestação da poesia. O poeta-girassol é o satélite em órbita, contemplando a sua beleza.

Cabe recordar os versos da canção *O astronauta*, em que ele diz: «quando eu me pergunto se você existe mesmo, amor,/entro logo em órbita no espaço de mim mesmo amor». O enlevo da paixão o faz levitar, atraído pela força magnética da beleza da amada. Beleza que «é porque é», e não se justifica com palavras ou pensamentos, mas é só sentimento, só encantamento. Aos olhos do amante, a mulher amada é soberba, porque ele depende dela emocionalmente. Em seu hino amoroso, a vê semelhante a tudo quanto há de belo e sedutor na natureza: «Rosa, andorinha, doçura, água que corre no chão morno da montanha». Aqui transparece a idéia sensual de comparar o sexo da mulher com a suave, cálida água no chão morno. A mulher amada representa a emoção, o sentimento que faz do homem um ser generoso e terno. Seu corpo sacia-lhe a sede. Seu nome está no canto do pássaro, sua presença é música que fascina e que ensina a morrer. A esse respeito, na *Serenata do Adeus* o poeta diz: «que amar é se ir morrendo pela vida afora;/ é refletir na lágrima o momento breve/ de uma estrela pura, cuja luz morreu,/ numa noite escura e triste como eu». Diz, também, que a partida é um rasgar o coração e a morte do amor é um esvair-se em sangue. Algo trágico e belo, em que o desejo de amar é tão forte que, uma vez contraditado, é

semelhante ao fim da própria vida. A lágrima reflete a estrela que morre na noite, tão escura e triste quanto o solitário romântico. A luz vista depois do adeus é triste visão. Porém, no *Cântico*, o sonho o reconforta como sombra e claridade. E o sentimento é recíproco, o canto e o silêncio se unem, no trêmulo sossego triste, onde a melancolia se desfaz quando a amada pergunta se continua ser amada e ri de júbilo ante a resposta. Na ânsia de comunhão dos corpos e almas – o amante pede - «carrega-me em teu seio, louca! Sinto a infância em teu amor!». No seu delírio sentimental, o amor tem a inocência misteriosa da infância. Dá nomes graves às coisas impossíveis. É um bálsamo que consola - «encosta a tua face no meu peito nu, ouves? O tempo do amor é eterno – quanto mais tarde mais cedo!». É tal a onipresença do amor, que o amante possui o mar e reconhece a rosa pelo nome da amada. O seu aroma se manifesta pelo chamado do poeta, que quer brincar como criança. Porque na infância reside a beleza, a ternura e a alegria que suavizam o pranto da saudade.

Mas a dor é a outra face do amor - «o amor só é bom se doer», diz ele no *Canto de Ossanha*. E para os que se entregam vencidos pelo amor, não cabe o temor do sofrimento. É sina do poeta e da musa sofrer de amor. O poeta só é grande se sofrer. A musa é tão linda que só espalha sofrimento. Mas, também, quanto êxtase há na arte de viver um grande amor! «Ser feliz é viver morto de paixão», diz ele em *As cores de abril*.

Esse é o Vinícius que adoramos, pela grandeza generosa da alma. É o nosso guru. O que não soube viver senão permanentemente imerso na doçura de um romance amoroso, fossem quais fossem as conseqüências. Pois, como ele diz na canção *Primavera*, é tão triste se sentir saudade, que é preciso ser a primavera da amada e depois morrer. O amor só tem sentido na plenitude da correspondência - «eu pra você, você pra mim», como na canção «*O Nosso Amor*». A tristeza precisa ser exorcizada, anulada, de modo que, no seu enlevo aprazível, os amantes possam viver em paz. Como nas pazes em que os enamorados se socorrem com o remédio do carinho, consolar-se na tristeza e buscar a reconciliação (diz ele em *Brigas nunca mais*) é a atitude mais generosa dos amantes. E o prazer de estar juntos é tão pleno, a companhia do outro é tão aconchegante, que ao poeta não importa mais nada – as opiniões alheias, os convites às festas ao luar, e toda sorte de insinuação e provocação – ele prefere estar ao lado da sua amada - «eu sou mais você e eu», como afirma ele na bela canção *Você e eu*.

«Como é triste se sentir saudade», diz, ainda, na *Primavera*, com sua sensibilidade exacerbada. Nessa distância

maior que a da estrela, ele nutre a esperança de que a poesia veja a primavera como uma ressurreição do amor. «Não há amor sozinho», eis o lema do amoroso cantor. E o seu amor é tanto que transborda poesia e ele sonha entregar-se à amada, ainda que isso lhe custe a própria vida («ser a tua primavera e depois morrer»). A primavera é o símbolo da plenitude do amor. A exuberância da natureza que brilha em cores, perfumes e luz é a metáfora que representa a totalidade do amor.

O sentimento de solidão e saudade está magnificamente retratado em *Onde anda você*, em lindos versos em que o poeta solitário pergunta pelo paradeiro de sua musa. Pergunta pelos seus olhos, pelo seu corpo, que tanto lhe proporcionou prazer, nas noites em que ambos curtiram momentos de felicidade. Pergunta pela canção que ouvia nos bares, na companhia da musa. E ao sair na boemia, sem razão de ser, sonha com a pessoa querida e lamenta que não a encontre mais nas noites românticas, que se tornaram tristes e vazias. A letra parece iniciar-se a partir da frase de alguém que lhe despertou a lembrança. «E por falar em saudade, onde anda você?». «E por falar em paixão e em razão de viver», diz o poeta, como que aproveitando o mote, que a vida parece haver perdido o sentido sem o amor da musa eleita. O poeta vaga, com um sentimento de abandono, «na noite vazia, numa boemia sem razão de ser» e a encontra em pensamento, «na rotina dos bares» e sonha com a possibilidade de que ela apareça de repente, e acabe, de uma vez, com a sua solidão e a sua saudade.

Na *Morena flor*, pergunta ele: «sem você, o que ia ser de mim?». E afirma: «tudo ia ser tão ruim». É que a mulher amada lhe preenche a vida de alegria. Sem ela, não há solução. Com ela a vida é plena e o tempo é eterno. Para o mal da separação, há o remédio do perdão. Como no *Samba da volta*, em que o perdão traz alegria e é a redenção do amor. É atitude de humildade, em que os amantes se reconciliam e amadurecem, depois de alguma crise.

Toda a poesia de Vinícius de Moraes é um hino de devoção e entrega ao amor ideal que, embora seja chama perecível, é vivido infinitamente em sua duração. É o amor de se morrer de amar, por existir além do que é possível. O que pede perdão, porque só quem perdoa é perdoado. Esses versos da canção *Insensatez*, inspirada no sentimento contrito do perdão, falam de um coração sem cuidado que fez chorar de dor o seu delicado amor. Um coração que sente a dor do remorso e ouve a razão e, todo arrependimento, decide pedir perdão, apaixonado. Também em *Desalento* há uma confissão exacerbada do amante que não suporta a separação e quer se redimir dos momentos infelizes. Que está «louco pra perdoar». Assim, Vinícius recomenda que, quando aconteça um

desentendimento entre os enamorados, o arrependido não hesite em declará-los vencidos pela saudade. Reconhecendo-se frágil, o amante deve «entregar os pontos».

Tomara, esta outra bela canção do nosso romântico Vinicius, é uma prece de ternura, cujo tema é a reconciliação. O poeta deseja o reencontro, quer reatar o amor e faz votos de que a sua predileta volte depressa e já não se despeça do seu carinho. Que a dor da separação a comova, ao ponto de fazê-la compreender que «é melhor se sofrer junto que viver feliz sozinho». Pois, na atração do verdadeiro amor, há uma trama – tão antiga quanto o ser humano, em que os amantes se envolvem pelo sentimento e desfrutam de tal bem-aventurança, que sentem «a coisa mais divina que há no mundo». Segundo o nosso Vininha, como os admiradores o tratamos carinhosamente, «a coisa mais divina que há no mundo é viver cada segundo como nunca mais». Musa, você bem sabe o quanto acreditamos nessa utopia da felicidade e do êxtase, que vivenciamos, em uníssono, com Vinícius, em espírito, em momentos inesquecíveis.

Esse ideal utópico de encantamento verifica-se em *Ai quem me dera*. A expectativa do humanismo fraterno se retrata nesses votos magnânimos: terminasse a espera, o canto estancasse o pranto, o anjo nascesse com a morte da fera. A flor brotar na manhã feliz, na estação do amor. Nesse ambiente paradisíaco, luminoso, de bondade e pureza, augura o que há de mais precioso para a humanidade: «que as pessoas se tornassem boas/ e cantassem loas e tivessem paz/ e pelas ruas se abraçassem nuas, ao som de madrigais;/ ver todo mundo para sempre a fim e a liberdade nunca ser demais» Só um poeta de assombrosa verve concebe, numa simples canção, tamanha expressividade. Essas imagens e conceitos, de tão extrema beleza e tão alta fábula, mostram delicadeza e magnanimidade no seu pensamento.

Belas imagens há, também, dignas de ressaltar, na letra de *Saudade do Brasil em Portugal*. Esse fado dolente e melodioso revela um momento de crucial nostalgia do nosso poetinha. Diz ele que as lágrimas que chorou de amor fizeram nascer um mar que une e separa. Une, pela voz do vento que nas ondas espalha o seu lamento. Separa, pela crueldade da ausência e da solidão. E sente a dor que mói o coração, chorando ao pensar na amada. Assim, adorável musa, sinto-me abalado pela saudade, chamando o destino de ingrato, porque nos obriga a esta sofrida condição de amar à distância, apartados pelo mar da ausência. Escuto o afro-samba *Tristeza e solidão*, dele e do Baden Powell, e me identifico em todas as palavras. Que sensibilidade mostra o nosso poeta, quando ele se queixa: «quanta tristeza cabe numa solidão!». Num

canto de comovente beleza, ao lamentar a tristeza de sentir-se desprezado, quisera que a amada adivinhasse a sua desolação e o seu desamparo. E, para não morrer de dor, recorre aos orixás (vai ao Babalaô) para pedir o seu regresso. «Se ela soubesse o que acontece/quando estou tão triste assim». Belo poema que, na música de Baden Powell, mostra todo o sentimento de angústia do poeta abandonado pela mulher dos seus sonhos. A dor de estar distante da pessoa amada é uma condição desesperadora. Pra ele é a pior prova, o inferno, o martírio. O amor correspondido é o bálsamo, o céu, a salvação. Mas ele tem consciência de que os benefícios do amor custam caro – exigem o sacrifício inerente à condição existencial: «Ah bem melhor seria poder viver em paz/, sem ter que sofrer nem ter que chorar/. Não existe coisa mais triste que ter paz». Mas se amar é sofrer, ele não foge do sofrimento – sabe que o poeta só é grande se sofrer («Assim como uma nuvem só acontece se chover», diz ele em «Eu não existo sem você»). Essa idéia se confirma em *Como dizia o poeta*: «Quem já passou por essa vida e não viveu,/ pode ser mais mas sabe menos do que eu./ Porque a vida só se dá pra quem se deu,/ pra quem amou pra quem chorou pra quem sofreu./ Quem nunca curtiu uma paixão/ nunca vai ter nada não». Essa é a fé, a ideologia, a religião de Vinicius. «Não há mal pior do que a descrença,/ mesmo o amor que não compensa é melhor que a solidão». O Evangelho segundo Vinicius afirma que só quem se entrega ao fluxo da paixão conhecerá a redenção em vida. Ele fundou uma poética embasada num cristianismo existencialista, flexível, permissivo, em que a sensualidade e a paixão têm um poder glorificador. Formulou assim uma espécie de doutrina, cujos ditames consistem em exercitar-se no amor humano redentor, que não exclui a paixão dos amantes. «Como dizia o poeta» é uma paráfrase do poema *Ilusões da vida*, do poeta romântico Francisco Otaviano: «quem passou pela vida em branca nuvem/ e em plácido repouso adormeceu;/ quem não sentiu o frio da desgraça,/quem passou pela vida e não sofreu:/ foi espectro de homem, não foi homem,/só passou pela vida, não viveu».

É espectro de vida, não vida, não sentir a dolorosa delícia do amor. Esse hino à coragem de amar define a forma de viver de Vinicius de Moraes. A fortuna do viver reside na entrega às paixões, o melhor da vida está em sentir emoção de amar. A vida, sem o entusiasmo e o estímulo da sentimentalidade, é algo insignificante. Viver sem o encanto de amar alguém não é mais que vegetar, é o mesmo que viver parcialmente ou «desviver». Para viver integralmente é preciso viver um grande amor. É preciso dividir, em vez de somar. «Quem nunca curtiu uma paixão, nunca vai ter

nada não». A riqueza verdadeira é a interior, a existencial, a do sentimento. Ele reitera: «eu francamente já não quero nem saber/ de quem não vai porque tem medo de sofrer». Pois, «quem não rasga o coração, nunca vai ter nada não./ Quem nunca curtiu uma paixão,/ esse não vai ter perdão». Sejamos devotos do Evangelho viniciano, cuja moral libérrima é um tratado, não só do amor absoluto, mas da delicadeza e da liberalidade.

Essa filosofia se expressa também em *Testamento*: aquele que só ganha pra juntar, não perde por esperar. Verá a fria em que vai entrar. Aquele «que só tem mulher pra usar ou pra exhibir» é um imbecil que não entende que a mulher foi feita pro amor e pro perdão. E em *Para viver um grande amor*, ele anuncia o seu ideário, resume a sua doutrina amorosa. Não anda só quem se acompanha da boa companhia do violão, da canção e da poesia e conhece os recursos essenciais para viver um grande amor. Essa arte sublime requer, além de seriedade, «ser um homem de uma só mulher, sagrar-se cavalheiro e ser de sua dama por inteiro seja lá como for». «Há que fazer do corpo uma morada onde enclausure-se a mulher amada. Ter muito peito de remador, ter um crédito de rosas no florista, saber preparar comidinhas para depois do amor. Ser doce e conciliador, sem covardia e achar a grande amada na selva escura e desvairada do mundo». Viva o poeta que ensina o essencial da vida e, de forma autêntica, nos orienta para sermos dignos do amor!

No *Canto de Iemanjá*, Vinícius celebra a deusa do mar. Ele sabe que dela provém o esplendor que inspira a paixão e a tristeza intrínsecas à natureza humana. A beleza que vem do luar, no céu, vem com muita tristeza. Porque vem transbordando amor e no amor há angústia e há perigo. Iemanjá simboliza a sedução, o encantamento de apaixonar-se. Na maré que vai e que vem, traduz a fascinação de amor. Nessa fascinação estão os perigos, aos quais o poeta se refere no soneto *Corifeu*, que figura no texto da peça *Orfeu*: «São demais os perigos desta vida pra quem tem paixão». Quando a lua chega de repente, enfeitiça o homem sensível, que não resiste à aproximação de uma mulher, cheia de música, luar e sentimento. A mulher é labareda, em cujo fogo o poeta se incendeia e morre de paixão. A mulher é a rosa ardente, cuja chama é a dança sensual que o seduz e o torna romântico.

Ao invocar *Xangô*, fala de suas sete cores e dos sete dias da semana, feitos para o desfrute do amor. Não foge do fogo da paixão, a chama ardente que emana da força do orixá. Não dúvida que amar é sofrer. Em sua prece a *Xangô*, prepara-se para o sofrimento, pois o que importa é morrer de amar e tem consciência de que amar é morrer de dor.

Como é grato recordar que esse poeta, guru dos enamorados, só nos inspira apreço, carinho, respeito e estima! Ele nos alertou que «todo grande amor só é bem grande se for triste» e fomos fiéis à sua orientação poética. Instemos as criaturas do mundo a amar sem medo de sofrer, pois que «viver sem ter amor não é viver».

No *Samba em Prelúdio*, confirma-se o que ele declara sempre: que sem a amada não tem razão de ser. Na ausência dela, ele é «chama sem luz, jardim sem luar, luar sem amor, amor sem se dar». É «só desamor, um barco sem mar, um campo em flor». A tristeza causada pela distância da amada torna-lhe a vida sem qualquer motivação. Aturdido pela saudade, ele apela para ela volte. Carente, sozinho, com «os olhos cansados de olhar para o além», sente-se insignificante, sem a companhia mais desejada. Não sabe nem chorar. Tal é o sentimento dos que se apaixonam e reconhecem a importância de continuar amando.

A poesia de Vinícius é esse extravasamento de afeto e doçura. Nos poemas publicados em livro ou nos escritos para as canções, a musa é aquela que lhe alivia o padecimento. A ela suplica amor e compreensão «para que eu não sofra mais tanta mágoa assim». Ela «é o que resiste ao desespero e à solidão». Nestes versos, vê-se o quanto o poeta sente a vida vazia, sem a companhia mais desejada. É ela o antídoto para o que há de pior na vida: o desespero, a solidão e a mágoa que ficam renitentes, depois da frustração sentimental. A paixão se manifesta, portanto, como uma energia edificante e desconcertante, a um só tempo. Uma espécie de inquietação lúcida, que conduz ao êxtase, e uma redenção absurda, que mais parece um distúrbio psíquico. O apaixonado, macerado de saudade, sente uma crescente angústia, que pode levá-lo ao desespero. Tem uma sensação de crise existencial, difícil de controlar, uma depressão, assaltada por momentos de extremo entusiasmo, uma instabilidade que só se supera com grande esforço interior. Para vencer a dor de sentir se abandonado necessita de uma força de concentração descomunal: «O amor é uma agonia, vem de noite vai de dia, é uma alegria e de repente uma vontade de chorar» - definição exata transmitida em «Tomara». Não há, em Vinícius, qualquer diferença entre os conceitos de amor e de paixão. Impossível para ele o amor sem paixão e vice-versa. Para estar sempre expressando esse sentimento em poesia, tentava manter viva a paixão, ao longo de toda a convivência. A impossibilidade dessa motivação permanente significava o fim do amor.

Em *Chega de saudade*, Vinícius pede à própria tristeza que seja mensageira do desconsolo que sofre. A tristeza, por ser grave e profunda, usará a linguagem solene da religião: a prece que tem, na

força da fé, a potência e o alento de demover a decisão da amada e fazer com que ela mude de opinião e regresse, pois, sem ela, não há razão de ser, a melancolia é uma idéia fixa que não lhe dá trégua. Sem ela, «não há paz, não há beleza». O mundo perde o sentido, a vida é amarga, os dias ferem como punhais. Só a esperança da reconciliação o consola. Trata-se de uma questão de sobrevivência: «se ela voltar, se ela voltar, que coisa linda, que coisa louca». Seria a ressurreição da bem-aventurança. O poeta sonha com a forma carinhosa com que a receberá: «há menos peixinhos a nadar no mar do que os beijinhos que eu darei na tua boca». Imagina os beijos e abraços do reencontro, em que recuperaria o tempo perdido, o tempo em que não estiveram juntos. Seriam, pois, «milhões de abraços apertados, colados, abraços e beijinhos e carinhos sem ter fim». Essa explosão de emoção, que reverteria a penosa situação do rompimento da relação amorosa, transformaria a vida num mar de felicidade. Pois o sonho do poeta é «acabar com esse negócio de você longe de mim».

Que nos inspire sempre esse poeta, o arrebatado, o exacerbado de paixão. Esse visionário que sonha com o perdão, com o apogeu do amor e com a entrega recíproca ao ímpeto dos carinhos, sem temor às conseqüências, sem restrições, vencendo obstáculos e preconceitos.

Outro lindo soneto, o de *Quarta-feira de Cinzas*, (Rio, 1941), merece um comentário especial, por traduzir a expressão de gratidão, estima e admiração pela pessoa amada. Nele Vinícius enumera as virtudes da bem-amada: «grave e pura/em tão doce surpresa conquistada». A doce surpresa atribui um valor especial ao encontro e à consumação do amor. E essa surpresa adquire proporções de êxtase, pelas qualidades de gravidade e pureza da musa. Encantado com essas virtudes, com a sua sinceridade e doçura, o amante vê nela «uma brancura de manhã raiada». As qualidades físicas e espirituais da musa semelham à intensa luminosidade da hora matinal. É a luz magnífica do amor que clareia a alma do apaixonado e o enfeitiça, por sua inusitada condição.

Prossegue o enaltecimento das qualidades da pessoa que o inspira: «Por seres de uma rara formosura/malgrado a vida dura e atormentada». A bondade e a beleza da amada vencem os perigos da paixão. Anulam a inveja dos inimigos do amor. O amor definido como «mais que a simples aventura» tem a profundidade do sentimento que deixa marcas definitivas. E a condição de ser «menos que a constante namorada» produz a sensação de desejo não plenamente satisfeito e incita à sua continuidade.

O poeta evoca o nascimento de um enlevo que surgiu «qual noturna flor», despertada por palavras amorosas. Palavras «talvez perjuras», as quais, pronunciadas no começo do envolvimento, expressam o entusiasmo da paixão. Porém, o terceto final, de uma beleza exuberante, revela a existência de um conflito ou um impasse no desenvolvimento da convivência amorosa: «por não te possuir, tendo-te minha/ por só quererem tudo e eu dar-te nada». Esses termos paradoxais configuram a incômoda situação em que os amantes estão impedidos de dar plena continuidade à doação recíproca. Não obstante essa terrível incongruência na atração dos corpos e das almas, o poeta sublima o sentimento numa certeza consoladora: «hei de lembrar-te sempre com ternura». Seja o amor sublimado o consolo dos amantes que, inconsoláveis, põem termo ao vínculo amoroso que os unia.

No poema *Ausência*, que é uma espécie de despedida, ele declara: «eu deixarei que morra em mim o desejo de amar os teus olhos que são doces,/ porque nada te poderei dar senão a mágoa de me veres eternamente exausto./ No entanto, a tua presença é qualquer coisa como a luz e a vida./ E sinto que em meu gesto existe o teu gesto e em minha voz a tua voz». Diz ele, dessa maneira, que, embora tenha que se despedir da sua amada, (deixando que morra o desejo de amar os seus olhos), levará na lembrança o gesto e a voz que dela assimilou no convívio amoroso. Parece impossível a continuidade da relação (porque só poderá oferecer-lhe a mágoa de estar exausto de lutar, certamente, contra inexoráveis obstáculos). No entanto, existe a certeza de que «a tua presença é qualquer coisa como a luz e a vida». Certeza que o inspira a aceitar a separação, renunciando à entrega de si, como se renuncia à luz e à vida. E mesmo com essa perspectiva paradoxal de amar impossivelmente, («não te quero porque em meu ser tudo estaria terminado»), ele afirma que a deseja de um modo arrebatador: «Quero que surjas em mim como a fé nos desesperados». Assim, o amor, pleno ou despedaçado, é a gota de orvalho que o consola na terra amaldiçoada da separação «que ficou sobre a minha carne como uma nódoa do passado»..

E quando a amada estiver distante, acompanhada, talvez, de outro («face encostada e dedos entrelaçados») ela nem saberá que ele foi quem a colheu, porque foi ele o grande amante que encostou a face na face da noite, da qual foi grande íntimo e ouviu a sua fala amorosa, os dedos enlaçados nos dedos de névoa do abandono. «Eu ficarei só como os veleiros nos portos silenciosos, mas eu te possuirei mais que ninguém, porque poderei partir. E todas as lamentações do mar, do vento, do céu, das aves, das estrelas, serão a tua voz presente, a tua voz ausente, a tua voz

serenizada». Nesta conclusão do poema, Vinícius afirma que não existe adeus pra quem ama, pois mesmo diante do mais absoluto empecilho, ele ouvirá, na própria natureza, através do mar, do vento, do céu, das aves, das estrelas, a voz da pessoa amada. E, contraditoriamente, como são as coisas do amor, ele a possuirá plenamente, em alma e pensamento, apesar da separação física dos corpos. Trata-se, portanto, do sentimento integral de afeição e de carinho que se impõe, sublime, inefável, não obstante a própria impossibilidade do amor.

No *Soneto a Katherine Mansfield*, (Rio 1937), Vinícius recorda, através das cartas recebidas, o perfume azul da amada. O azul é a cor evocativa da saudade, nesse contexto de encantamento. O perfume traz-lhe à memória as suas mãos, plenas de belas qualidades: «sentidas, brancas, leves, fenecidas», lembradas num ambiente de amavios: «pendendo ao longo de corolas fartas». E assim fica o poeta, no doce recordar, aspirando o perfume que o aproxima da amada. Que faz com que duas vidas se tornem uma, na reciprocidade do amor. No entanto, a saudade fere-lhe a sensibilidade e faz correr-lhe o pranto. Nesse ambiente de perfume, na primavera que se anuncia, sonha o apaixonado, tendo visões intermitentes da que adora. Tal é o poder evocativo do perfume que, preso em suas cartas, a faz surgir e ressurgir, ante a perspectiva da estação que suscita o que há de sensual e espiritual no sentimento humano – os sonhos e as preces. Os sonhos trazem a imagem querida à sua presença. As preces renovam a esperança do encontro ardentemente desejado.

Eis o nosso poeta, querida musa: o homem cordial, avesso a toda intriga. Admiremos-lhe sempre a grandeza e a beleza da missão, a sua busca do absoluto, o seu gosto pela vida intensa, sua ânsia de traduzir o sentido poético das coisas, o dom de ser amigo fiel, o privilégio de haver nascido marcado pela paixão, de haver sido propositor dos novos valores da sociedade, de haver alimentado o coração de lirismo real. Ele que foi o namorado das meninas da ilha do Governador, o pajem das moças de bicicleta, o discípulo de Manuel Bandeira, o amigo de Neruda e de Ungaretti, o militante da generosidade. O rapaz educado em Oxford. O talento precoce. Crítico de cinema. Dramaturgo. Cronista. Cantor do amor e da morte. Grande íntimo da noite. Avesso à literatura que não fosse ligada à vida e ao sentimento. Também o irreverente que se hospedava em bordéis, o cavalheiro que cobria de flores a sua eleita e a celebrava em alta poesia. O que nos ensinou que «ter medo de amar não faz ninguém feliz». O que manifestou sempre «o infinito desejo de ser o que sou acima de mim mesmo».

NOTA FINAL:

Este ensaio sobre Vinícius de Moraes pode ser apenas uma síntese das publicações que li a seu respeito. As de José Castello, Geraldo Carneiro, João Carlos Pecci e Sonia Marrach, além de diversos artigos de crítica literária, entrevistas e reportagens de revistas e jornais, depoimentos do próprio poeta, gravados e escritos, e o filme Vinícius de Miguel Faria Jr. Não acrescento nada de novo ao que já se disse acerca do poeta. Não parece fácil descobrir novidades a respeito de alguém cuja notoriedade - e o temperamento aberto - levou ao conhecimento público os episódios de sua vida. Além disso, não tenho condições agora de permanecer dois ou três meses no Rio, entrevistando as pessoas de sua família e os parceiros que restaram. Mas, por outro lado, poderei acrescentar ao texto, futuramente, novos dados, numa próxima edição. Por enquanto, creio que o interessante neste meu ensaio é a expressão de apreço de um admirador que escreve com a linguagem do afeto. Pelo menos essa é a intenção. Um texto escrito com emoção. Tanto assim que tem o título de «Apologia de Vinícius de Moraes».

DISCURSO EM HOMENAGEM A CID SABÓIA DE
CARVALHO, HUMANISTA.

Fotos

Quem conhece Cid Sabóia de Carvalho sabe quem é o protótipo do ecletismo. O homem versátil que, com extraordinária habilidade, desempenhou, durante muitos anos, as profissões de jornalista, advogado, político, comentarista de futebol e professor das faculdades de Direito e de Comunicação Social da UFC. Paralelamente a tudo isso, escreveu e, ainda escreve, artigos e livros de poesia e participa de tertúlias, confrarias literárias e sessões espíritas, sem prejuízo das horas dedicadas à leitura, hábito conserva desde os 12 anos de idade.

No ano 2000, em conversa que mantivemos em sua residência, diante do admirável acervo da sua biblioteca, colhi estes dados biográficos que, estou seguro, interessam a qualquer pessoa busque a luz da cultura. Antes de comentar-lhe a vida e a obra, devo dizer que, desde criança, venho aprendendo com o seu exemplo de vida, ouvindo-lhe a palavra doura e culta, através das emissoras de rádio do Ceará.

Os cearenses de diversas gerações, incluída a minha, devemos um preito de louvor a Cid Carvalho, pelo que nos ensinou, pelo rádio, ao longo dos anos. Suas perorações e sentenças expressaram sempre sabedoria e argúcia. Esse conhecimento, ressalte-se, provém de berço. Filho do poeta Jáder de Carvalho e de dona Margarida Sabóia de Carvalho, escritora, dir-se-ia que, a prevalecer a hereditariedade, Cid herdou dos pais o talento de homem de letras, de jurista, de político, de orador e de líder. Não conheci dona Margarida Sabóia, lamentavelmente. Eu era muito jovem quando ela faleceu. Mas conheci bem Jáder de Carvalho, cuja casa freqüentei durante quase uma década. Foi ele o meu primeiro mestre na arte da poesia. Pela amizade com o pai, passei a admirar e tornar-me amigo do filho. Tive, portanto, o privilégio de ser aluno dos dois. Na Faculdade de Direito e na audiência radiofônica, aprendi com Cid. Em sua casa, aprendi com Jáder, escutando as histórias de sua vida de revolucionário e as suas idéias sobre poesia e cultura em geral. Que privilégio para um aprendiz das letras receber instruções desses dois eruditos! Sinto-me um afortunado por haver aprendido com eles, desde o tempo em que residi em Fortaleza.

Em meio aos livros e discos, em sua biblioteca, Cid falou-me da sua infância, dos tempos em que viveu na casa de seus pais, rua Agapito dos Santos. Nos primeiros anos depois daquele dia 25 de agosto de 1935, que o viu nascer, sucederam episódios violentos na história da humanidade. Foi uma época dramática para o País e para a sua família. Começada a Segunda Guerra Mundial, o Brasil se encontrava no período histórico do Estado Novo. Constituições que se sucediam, com tentativas revolucionárias e seu pai, Jáder de

Carvalho, por seus artigos nos jornais *O Combate* e *A Esquerda*, de quando em quando, preso. Sua mãe, Dona Margarida Sabóia, vivia a difícil situação de ter o marido sofrendo perseguições e ameaças. A primeira infância de Cid decorreu sob esse nervosismo de um pai revolucionário e perseguido e o estourar de uma guerra, com a indecisão do governo brasileiro, que não sabia se ficava com o Eixo ou com os Aliados. Jáder de Carvalho fez um discurso propondo que o Brasil ficasse a favor dos Aliados e foi condenado, por um tribunal de exceção, a 25 anos de reclusão. Foi, contudo, anistiado ao fim do governo de Getúlio Vargas. Para fugir da pressão, a família ia a Quixadá e a Guaramiranga, à casa de sua tia Hortênsia Sabóia, e da avó materna, Francisca Viriato de Sabóia, viúva de Eduardo Sabóia, escritor que pertencia ao grupo que formava a Padaria Espiritual. Queriam preservá-lo daquela confusão: forças militares na porta das casas, ameaças, atentados, tiros na cabeça de seu pai; tiros que passaram, graças a Deus, de raspão. Era preciso que os filhos saíssem um pouco, para não tomar conhecimento daqueles fatos tão dramáticos.

Quando Cid começou a estudar, na «Casa das Crianças», à Avenida do Imperador, entre Guilherme Rocha e São Paulo, foi aluno inquieto, brigão. Míope, sem saber por que não enxergava direito, até que lhe descobrissem a miopia. Estudou, seguidamente, nos colégios Lourenço Filho e Sete de Setembro, aluno desajustado, até que se preparou para o exame de admissão com sua mãe e ingressou no Liceu do Ceará em 1949. Tomava as dores, se alguém criticava ou tentava prejudicar o seu pai, por motivos ideológicos. Por causa disso, chegou a agredir um professor que era padre. Considerado um menino atrevido, teve que suspender os estudos durante alguns anos. Depois voltou e fez o ginásio, o clássico e ingressou na Faculdade de Direito, onde se formou em 1966. Começou a advogar quando ainda cursava o 4º ano da Faculdade.

Tão cedo começou a trabalhar (aos 12 anos de idade) que diz nunca ter sido menino. Foi nessa idade que escreveu seus primeiros poemas, quando trabalhou como revisor no jornal *Diário do Povo*. Daí, rapidamente evoluiu no jornalismo. Quando o *Diário do Povo* fechou, ele era redator. Trabalhou, desde 1956, nas principais rádios do Ceará, a saber, a Uirapuru, a Verdes Mares, a Assunção e a Rádio Cidade, da qual foi fundador.

As circunstâncias o impeliram também a exercer a profissão de professor desde os 12 anos de idade, por incrível que pareça. Ensinava português a amigas e amigos que iam fazer concursos. Muito cedo aprendeu as normas da gramática: crase, colocação de pronomes, a atração pronominal, regência, porque começou a ler

muito cedo. Ainda adolescente, fundou o Curso Quintino Cunha, de preparação para o Vestibular, que funcionava na Rua 24 de Maio. Fez concurso para a Faculdade de Direito e, em seguida, para Comunicação Social. Os triunfos profissionais se foram sucedendo. Ingressou no serviço público e foi funcionário público da mais alta qualificação. Foi o substituto do Procurador da Fazenda Nacional, Dr. Roberto Martins Rodrigues, mas teve de deixar a função para dedicar-se ao magistério e lecionar duas disciplinas na Faculdade de Direito da UFC.

«Sempre fiz muita coisa», diz ele. «Na imprensa triunfei muito, me tornei talvez o homem mais ouvido do rádio em toda a história do rádio cearense». Entre suas múltiplas atividades profissionais, além das que já mencionei, foi comentarista esportivo, presidente da Associação de Classe dos Cronistas Esportivos e ajudou a construir o Estádio Castelão, através da Fundação criada para esse objetivo, da qual foi diretor. Também foi assessor do Governador Virgílio Távora.

Quando se elegeu Senador da República, em 1986, ainda tinha um programa na Rádio Dragão do Mar. Mas, no seu período parlamentar, dedicou-se ao Senado, durante 8 anos, com exclusividade. No seu eminente desempenho no Congresso Nacional, participou ativamente nos trabalhos de diversas comissões parlamentares, proferiu discursos, apartes e pareceres que contribuíram para a elucidação de diversos temas legislativos de teor político, social, educacional, entre outros. Trabalhou ativamente na elaboração da Constituição de 1988. Recordo o dia em que fui ao Senado vê-lo. Conversamos, enquanto ele colocava convites dentro de envelopes. Dizia modestamente: “estou por aqui, dando uma ajudazinha”.

Ao terminar o mandato, sem lograr a reeleição, voltou ao Grupo Cidade Comunicação, onde mantém um programa campeão em audiência em sucessivos anos, acompanhado de Lúcio Sátiro e Paulo Tadeu, jornalistas da melhor qualidade e exímios comentaristas políticos.

Ainda muito jovem cultivava o gosto pelas reuniões de grupos de intelectuais, tendo integrado a Academia Centrista de Letras, à qual pertenciam homens de cultura da estirpe de Manoel Lima Soares, Dorian Sampaio e Aquiles Peres Mota. No Centro Estudantil Cearense defendeu, garbosamente, sua tese sobre o patrono da cadeira: a vida e a obra do seu avô, Eduardo Sabóia, que fora um dos membros da Padaria Espiritual. Depois, ingressou na Academia dos Novos, uma fraternidade de jovens intelectuais, em que se destacavam, entre outros, Carvalho Nogueira, Euzélio Oliveira, Roberto Átila do Amaral Vieira, Ozires do Nordeste e

Mozarina Tiazine. A Academia dos Novos publicou seu primeiro livro do poema, *Gritos e Murmúrios*. Na condição de orador da Faculdade de Direito, fez um discurso com o corpo presente do professor, historiador e grande penalista Clodoaldo Pinto. Empolgou tanto as pessoas que os professores Fran Martins e Cláudio Martins o convidaram para integrar a Academia Cearense de Letras. Para ser eleito, bastou enviar os seus livros aos confrades. Foi Itamar Espíndola quem o convidou para integrar a Academia de Retórica, onde o seu desempenho tem sido constante. Um dia, Hélio Melo, Paulo Bonavides, Edmilson Monteiro Lopes, Mirson Lima e outros professores de português fundam uma Academia da Língua Portuguesa. E o convocam: “você tem que ser fundador!”. E ele disse: «esse lugar tem que ser para meu pai». Eles insistiram. «Você fala um português tão correto, tão castiço, no rádio e escreve com tanta correção, que nós não podemos deixar de incluí-lo». Mas eu não tenho a altitude de vocês, que são professores do vernáculo, ponderou Cid. Eles não desistiram. Assim as pessoas e as academias foram acontecendo em sua vida.

Quanto ao futebol, Cid recorda o prazer de haver visto verdadeiros espetáculos, no tempo em que o esporte era mais autêntico, porque não havia tanto interesse financeiro. Cid fazia grande sucesso com o programa *Rádio Notícia Verdes Mares*, emissora em que trabalhou com grandes amigos como Paulo Cabral, Aluísio Girão e José Júlio Cavalcante. Quando Edson Queiroz comprou a rádio, Cid recebeu convites para trabalhar nas rádios *Dragão do Mar*, *Ceará Rádio Clube* e em emissoras do Rio de Janeiro, São Paulo e Pernambuco. A *Rádio Uirapuru* o contratou com um salário superior. Passou a apresentar um programa lítero-musical, *Noturno Uirapuru*, e outro, nas manhãs de domingo, o *Programa Cid Carvalho*, em que fazia perguntas culturais, distribuía prêmios e apresentava intelectuais. A equipe da rádio resolveu lançá-lo como comentarista esportivo. Fácil tarefa para quem foi redator esportivo do *Diário do Povo*, conhecia tática e história do futebol e até freqüentava os campos, onde jogavam os melhores atletas cearenses da época: João Brega, Paulinho, França, Pipiu, Piolho, que formavam o ataque do Fortaleza. E Balinha, de Efeito, Charutinho, Puruga e Mitotônio - o ataque do Ceará. Conhecia todos os grandes craques daquele tempo. E foi citando-lhes os nomes: Tuluso, Gilberto, Satanás, Bajara, Flamengo, Penarol, Luso, Ferroviário, Zé Dias, Nozinho, Manuelzinho, De colher, Babá. Eram jogadores que se empenhavam com devoção do time e não somente em troca de um bom salário.

Cid recorda, com certa nostalgia, aquela época em que concorreu com Paulino Rocha pela maior audiência. Paulino era

muito prestigiado pela torcida do Ceará, porque fazia a apologia que agradava o torcedor fanático. Com a influência de suas profissões de professor de Direito e advogado, Cid fazia uma análise imparcial, nua e crua dos jogos. Na década de 60, testemunhou a fase em que o futebol cearense brilhou com Aluísio Linhares, goleiro do Ceará, que era o «Caraveli», e George, que dividia com ele as honras de eficiente goleiro. Antes tinha o Jujú, o Pintado, Zé Onofre, Capotinho. Pedrinho no Fortaleza. Moésio Gomes, que jogava um absurdo. O “raçudo” e talentoso Mozarzinho, irmão do Moésio, Gildo, um estilista na forma de jogar, Zé Paulo, um baluarte na defesa do Fortaleza. William, Alexandre, Mauro Calixto, que foi vendido ao Náutico. Lucena, Baíbe, Expedito, BCC, Chinesinho, Adonias, Coca-Cola, Oliveira, que era o «Bodega». Marcos do Boi, que foi do Ceará e depois do Fortaleza. Edmar, que fazia lançamentos precisos e era muito versátil. Louro e Amilton Rocha, do Fortaleza.

Recordamos o período em que o Ceará tirou vários jogadores do Fortaleza e o time ficou sem nenhum atacante. Ele relembrou o dia em que, na rua Barão do Rio Branco, o técnico do Fortaleza, Moésio Gomes, perguntou-lhe: «rapaz, como é que eu vou fazer, eu não tenho mais atacante?». De fato, saíra o Erandir Montenegro, um artilheiro de estilo clássico. O Nado também tinha saído. Croinha já não jogava também. E de repente o Fortaleza não tinha o atacante, o jogador de área, decisivo. Tinha Lucinho, Amilton Melo, Chinesinho e Zé Carlos, todos de meio de campo e sempre sobrava um, já que, classicamente, eram escalados três atletas de apoio ao ataque. «Põe os quatro», sugere Cid. “Mas como?”, pergunta Moésio. “Você põe um na ponta esquerda, descendo. E, em vez de haver lançamento, como todos são hábeis, sobem todos em conjunto e vão fazer jogadas lá dentro da área”. Essa tática transformou-se no chamado “Quadrado de Ouro”, que foi um sucesso. Na imprensa não se dizia que a idéia foi sua. Mas Moésio Gomes, quando entrevistado, dizia que aquela tática havia surgido de uma conversa com o seu amigo Cid Carvalho. Ninguém se lembrava que o Fortaleza já não tinha Croinha, nem Erandir, nem Nado, nem Miguel, o Miguelito que o Júlio Sales, locutor entusiasta, elogiava, gritando-lhe o nome, e que também havia sido contratado pelo Ceará. Ficou o Ceará cheio de atacantes sobrando, mas quem triunfou foi o Fortaleza, graças àquele esquema inovador. Sua amizade com Moésio Gomes durou até à morte do grande desportista, ocorrida quando Cid estava no Senado.

Nessa época, Cid combateu muito a corrupção no esporte. Conciliava, como fazia em suas diversas atividades profissionais, o trabalho de comentarista com o de advogado esportivo, ramo em

que era respeitado em todo o País. Foi sempre imparcial, quando advogou no TJD, no Ceará e no STJD, no Rio de Janeiro. Foi advogado de praticamente todos os clubes futebolísticos cearenses. Quando havia um problema grande, logo o procuravam e ele ia e vencia. No Rio de Janeiro tinha o seu fã-club. Alguns jornalistas iam esperá-lo no aeroporto. A imprensa carioca elogiava a sua atuação de advogado dos clubes de futebol. Chegou a ter mais cartaz lá do que no Ceará como advogado esportivo. No Rio as questões repercutiam muito, o que contribuía para aumentar-lhe a fama. Sempre muito ocupado com as atividades de advogado comum, de professor universitário e de radialista, “tirava um tempinho para não permitir algumas safadezas no futebol”. Advogava dentro desse ideal. “Se você perguntar quanto eu ganhei – nada. O Fortaleza, uma época, me deu uma televisão Philips de presente, só isso”. Quis recusar o presente, que na verdade era uma forma de pagamento por serviços prestados. Deixaram o aparelho em sua casa. Ainda pensou em devolver, mas o seu amigo, Dr. Francisco de Assis Silveira Mendes, juiz de Direito, disse que não devolvesse, porque ficaria feio. Então Cid recebeu, constrangido, a televisão.

Deu aulas nas Faculdades de Direito, Comunicação Social e Biblioteconomia, até o dia em que teve um enfarte e se aposentou. Estava indo para a Universidade quando o problema aconteceu. Continuou, contudo, a trabalhar como jornalista e radialista. O Ceará continuou a desfrutar do privilégio de ouvir as suas sábias preleções no rádio.

Perguntei-lhe sobre os autores mais gosta de ler. Recordei a ocasião em que, na Faculdade de Direito, nosso amigo, professor Vianney Mesquita, comentou que hoje em dia ninguém lê mais o Padre Antonio Vieira. E Cid respondeu: eu leio. “E realmente leio”, confirmou. “Eu sou fanático pelo Padre Vieira. Tenho diversas edições dos Sermões, que eu acho uma pedra lapidar na religião, na literatura, na arte e na cultura. Tenho desde a primeira edição”. O Padre Vieira figura, entre os seus autores prediletos, ao lado de Camilo Castelo Branco, de quem gosta tanto que tem uma estante cheia só de suas obras. Tudo lido e anotado. Já fez muitas conferências a respeito de Camilo e recebe consultas de muita gente sobre sua obra. Talvez em Portugal não exista uma estante assim, tudo em primeira edição, desde *Maria, não me mates que sou tua mãe*, o primeiro livro do Camilo, até a última obra dele. Já escreveu a seu respeito e pretende escrever mais. “Quem fala no Padre Antônio Vieira fala no Padre Manuel Bernardes, da *Nova Floresta*”. Recordar-se, de repente, de outros escritores: “Há um autor sobre o qual poucos falam e pelo qual eu tenho um verdadeiro fanatismo:

Dom Francisco Manuel de Melo, um clássico em duas línguas, espanhol e português, com uma linguagem coloquial perfeita, autor de *Epanáforas* e muitas outras obras. Curiosamente, ele disputou uma mulher com o Rei de Portugal. Lutaram de espada por essa causa, de madrugada, na porta da casa dela. Ele não sabia que se tratava do Rei, o feriu e o venceu, e acabou sendo mandado para o Brasil. Ficou em Pernambuco e escreveu sobre Maurício de Nassau. Em uma das *Epanáforas* trata das Guerras Pernambucanas”. Cid tem toda a sua obra e o lê com um interesse excepcional. Mas esses não são os seus únicos autores portugueses preferidos. Eça de Queiroz, Alexandre Herculano, Garret e tem Castilho, o cego, fazem parte da sua lista de favoritos. Castilho fazia o ofertório de seus livros com a ajuda de um irmão, que se dedicou à sua vida. Escrevia e assinava com letra de criança, de quem estivesse aprendendo a ler. “Um dia você vai voltar aqui pra ver tudo isso”, ele me promete. “Eu tenho Castilho quase que integralmente. Os irmãos Castillos são importantes. José, António, e o mais importante, o cego, que traduziu obras em vários idiomas. É incrível”.

Cid fala do gosto literário da época em que começou a ler. «Nasci sob um lençol que pairava, uma cortina para esconder os autores brasileiros». «Não me dei conta disso». O Movimento Modernista contribuía para que se marginalizasse qualquer autor consagrado antes. Mas teve acesso à biblioteca do seu avô, Eduardo Sabóia, onde havia livros que Coelho Neto doava às redações do jornal *A Semana*, no Rio de Janeiro, onde o avô trabalhou. Cid leu todos esses livros que depois comprou de sua tia, porque ela adotou crianças que estavam destruindo os livros. Tem, em sua biblioteca, as obras completas de Coelho Neto, compradas no Rio, São Paulo, Portugal e até na França, muitas das quais autografadas. Gosta especialmente de *A Conquista*, *Fogo Fátuo* e *Sertão*, os seus primeiros livros. Aliás, gosta de três livros importantes, com títulos parecidos: *No Sertão*, de Afonso Arinos, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e *Sertão*, de Coelho Neto. Na época em que se apaixonou pela obra de Coelho Neto, ele era um autor inteiramente perseguido, injustiçado. “Quem o lê, aprende a língua portuguesa, enriquece o seu vocabulário, aprende a correção da linguagem e passa a ter gosto pelo greco-romano”. Da literatura brasileira começou lendo, sofregamente, além de Coelho Neto, Humberto de Campos, Olavo Bilac, Raimundo Correa, Alberto de Oliveira, Fagundes Varela, Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães, (*Os Tamoios*), Lima Barreto e Machado de Assis. Antes dos 30 anos de idade estava habilitado para fazer profundas conferências sobre a obra de qualquer um deles. Depois, chegou à leitura de Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, José Lins e José

Américo de Almeida, cujo centenário celebrou no Senado, com a leitura de um ensaio, na condição de orador oficial. O texto mereceu diversas edições, tanto no Senado quanto no Estado da Paraíba e numa antologia da Academia Cearense de Retórica. Profundo conhecedor da história da literatura brasileira, Cid menciona fatos dramáticos que, hoje em dia, pouca gente recorda. Conhece todas as histórias da denominada *Belle Époque*. Por exemplo, a morte de Aníbal Teófilo, assassinado por Gilberto Amado. Depois que leu todos esses autores da biblioteca do seu avô é que veio a descobrir Jorge Amado.

Chegou, com essa cultura literária, ao Vestibular da Faculdade de Direito. Na prova de literatura tirou nota 10. Hoje, entre os assuntos que lê, o próprio livro é um de seus temas prediletos. Lê sobre bibliologia, biblioteconomia, bibliofilia, história da imprensa. História do livro é o seu fascínio. O livro na Grécia, no Egito, na França. Leu recentemente a História da Imprensa no século XVIII. Toda a metamorfose, geração e transformação da Enciclopédia do Diderot, que sempre quis possuir e ainda não tem. Leu muitas obras sobre o comércio de livros na época do Enciclopedismo. Autores impressionantemente importantes e controvertidos, como Voltaire, cujos conflitos, com relação a ele mesmo, o levaram a uma situação não saber bem quem ele era. Também, da literatura francesa, tem grande admiração por Balzac, Victor Hugo, Paul Éluard, Andre Gidé, (o Journal de André Gide). Tem mania de ler assuntos meio exóticos como ornitologia, por causa de seu “amor muito grande pela natureza, pelos pássaros notadamente”. Quer saber tudo sobre pássaros e tem muitos livros ilustrados sobre o assunto. Gosta de ler sobre a história do relógio, a história da família Cartier, os irmãos Cartier, sobre Phillipe Patek, Rolex. Diz que é uma maneira de se distrair depois da leitura de Conselheiro Lafayete, Clóvis Beviláqua, Washington de Barros Monteiro, Heleno Fragoso, Planiol, Savigny, Diguy e Malatesta, no original, que herdou do seu tio, o jurista Francisco Saboya. Lendo também, obrigatoriamente, Súmulas do Supremo Tribunal Federal, Súmulas do Tribunal de Alçada de São Paulo, só descansa da leitura jurídica com outras leituras, menos ásperas. Depois de me falar sobre todas essas apetências, confessou-me uma aversão: sua fobia é a cebola. Não come de jeito nenhum.

Quando era meu professor de Direito Civil, na Universidade Federal do Ceará, conversamos sobre as vantagens de ler uma obra na língua em que foi originalmente escrita. Falou-me da idéia de escrever em diferentes idiomas, tendo escrito alguns poemas em espanhol, publicados no livro *Opus*. Imaginou escrever um poema internacional, que começasse em português, depois se

transformasse em espanhol, francês, romeno e fosse percorrendo as línguas neolatinas, e inclusive o latim. E se tornasse anglo-germânico, ao final. A grande chave da idéia seria a última frase em esperanto, pela paz. Começou a escrevê-lo, mas não terminou. Seria uma obra que caberia por inteiro dentro de uma idéia de fraternidade. Abarcaria todos os idiomas que vieram chegando à sua vida, às andanças da sua alma. O italiano veio pelo estudo jurídico. O espanhol, para entender Carlos Cossio. De vez em quando lê autores das diversas escolas do Direito, a positivista, a ecológica, a normativista, a naturalista.

Perguntei-lhe qual, de suas múltiplas profissões, a que exerce com maior satisfação. Disse que se dedica a tudo com igual entrega e não faz nada sem prazer. Escreve diariamente em jornal, fala no rádio diariamente, advoga diariamente, assessora empresas. Dá pareceres sobre muitos temas jurídicos, por sua experiência na Assembléia Nacional Constituinte, no Congresso Nacional e no Senado. Mas considera fascinante a oratória: «falar diante de um auditório, dar aula é um prazer imenso e falar no rádio eu nem sei o que diga, é uma coisa impressionante. Eu me espiritualizo quando falo no rádio».

E por falar em espiritualidade, Cid Carvalho é profundo estudioso do assunto. Conhece as diferentes vertentes da Filosofia e acompanha, com especial apreço, toda a literatura mediúnica. Considera impressionantes alguns autores espíritas. Rochester, André Luis, Emanuel, Victor Hugo, Humberto de Campos, depois da morte se apresentam como manifestações mediúnicas através de médiuns como Zíbia Gaspareto, José Valdo Vieira, Francisco Cândido Xavier, Zilda Gama, Ivone Pereira. Em sua agitada vida intelectual, encontra tempo para ler todos esses autores. Sem tempo durante o dia, vai de noite a dentro na leitura. E lê autores místicos de outras religiões. Os doutores da Igreja, por exemplo.

Em sua biblioteca tem a edição original da Suma Teológica, em latim. Explica que, quando vê uma citação, vai examinar no original. “Não tenho preconceito em leitura”. Confessa que um dos seus arrependimentos é ter tido preconceito para com o integralista Plínio Salgado. Pelo conflito que tinha com suas idéias, tardou a conhecer aquele grande intelectual.

Sua convicção de que existe a reencarnação não provém da leitura de livros, mas da sua vivência interior, de um contato permanente com a espiritualidade. Ao dissertar sobre o assunto, afirma que a vida é um seguimento infinito. «A vida tem etapas, uma das quais essa em que estamos agora no corpo físico, numa trajetória em determinado país, com direitos, deveres, problemas, felicidades parciais, uma paz de quando em quando, uma ternura

que nos surpreende, a revolta, a dor, o desespero». Fala, com entusiasmo que lhe transparece no rosto: «a coisa mais linda do mundo é você ter certeza da espiritualidade e certeza de que é possível contatar com ela. Não digo com os mortos, porque não são mortos. Estão em outra condição. Na realidade, estão mais vivos que nós». Refere-se às comprovações da reencarnação até mesmo através de contatos via aparelhos eletrônicos. É a «transcomunicação», que hoje reúne pesquisadores das mais diversas religiões. Aos que duvidam do médium, utilizado como veículo de comunicação dos mortos, recomenda estudar os fenômenos que vêm acontecendo desde o final da década de 60, envolvendo gravadores, aparelhos receptores de rádio, aparelhos receptores de televisão, computadores. «Hoje, a «transcomunicação» comprova a espiritualidade. É indiscutível, porque não tem a interferência humana, a interferência é meramente eletrônica. Você está vendo televisão, de repente aparece uma imagem de um espírito, um ente querido seu, falando pra você. Você pode duvidar, achar que não viu, foi ilusão, mas o vídeo gravou. Ficou documentado. Ao invés de escolher um médium humano, os espíritos utilizam os aparelhos e o fenômeno se manifesta». Essa certeza provém da sua convicção de que existe uma Inteligência Superior que governa os fenômenos naturais, os animais e está impressa, em potencial, na consciência dos seres humanos. “E como é que os seres humanos copulam e nasce uma criança? Somos o veículo de um ponto de partida. Mas quem elaborou o organismo humano? A biologia explica só até certo ponto. Chega um momento em que se percebe que Deus está na natureza e não dá mais para discutir. Aliás, é bom lembrar que muitos autores espiritualistas vieram da ciência para esse campo. Camile Flamarion, por exemplo, chegou à comprovação da espiritualidade pela astronomia”.

Cid tem um livro autografado de Victor Hugo, que também era espírita. No autógrafo para o seu bisavô materno, que foi visitá-lo na França, o grande poeta francês escreveu: “Não conheço a América do Sul, estou velho, já não terei chance de fazê-lo, mas em espírito eu vou”. Ele já deve ter vindo muitas vezes, afirma Cid. «Inclusive foram psicografados livros dele, através de Zilda Gama e Divaldo Franco». Há outros autores que escreveram sobre o assunto. Ernesto Bozano tem uma magnífica obra científica de teor espírita. E Connan Doyle, criador do detetive Sherlock Homes, também escreveu uma história do espiritismo. César Lombroso, conhecedor da Medicina Legal, do exame de cadáveres, etc, é um grande autor espiritualista. William Crooks e muitos outros que estão vinculados à Ciência do Direito. “Basta citar Pietro Ubaldi

para mostrar a seriedade da filosofia do espiritismo”. Ubaldi, seguidor de Einstein, tem uma lógica espiritual que coincide perfeitamente com os ensinamentos kardecistas. A começar do Platão, os grandes luminares do pensamento humano foram espiritualistas. O mundo das idéias só pode ser conceituado dentro de um critério espiritualista da mais profunda imaterialidade. E tem tudo a ver com os Upanihades da Índia, o misticismo egípcio, etc. De fato, Newton, Kepler, Espinoza, Kant, Krishnamurti, Huberto Roden e tantos outros seguiram essa mesma linha de espiritualidade em suas formulações filosóficas.

Certa vez, no programa *Noturno Verdes Mares*, Cid leu poemas de Hubert Roden, que estava em Fortaleza. O filósofo foi visitá-lo em sua casa, trouxe-lhe livros e disse: o senhor leu meus poemas como nunca imaginei que pudessem ser lidos. Ficou tão lindo que eu vim aqui. A partir dessa visita, passou a manter intercâmbio com o Mestre Roden, cujo conhecimento filosófico impressionava qualquer pessoa.

Cid contou-se um caso ilustrativo da importância da espiritualidade na vida humana. Um dia, na rádio, uma ex-aluna foi conversar com ele, porque achava que a vida não tinha sentido, achava que ia se suicidar. «Chamei o velhinho Esmeraldo de Melo, de 85 anos, espírita, que ia sempre a conversar comigo depois do programa e eu disse: «Esmeraldo, converse com essa moça, enquanto eu apresento o programa. Quando eu voltei a jovem estava sorridente, de bem com a vida e já havia marcado um encontro para conversar de novo o Esmeraldo. E eu disse pra ele: como é bom ser bom! A moça ainda está viva e nunca mais pensou em renunciar à vida».

Citou, como um fenômeno de origem espiritual, o processo místico em que nasceram as melodias do meu disco *Crescente*, em que, segundo ele, concebi melodias em momentos de mediunidade, momentos preciológicos. Disse que o disco prova que a música pode ser mediunicamente concebida, através da misteriosa condição espiritual da atividade onírica. Esclareceu que, enquanto o ser humano dorme, a alma viaja e vive outra realidade. «O espírito vivencia um desligamento parcial da matéria através do sono».

Recordei, a esse propósito, o soneto «Passado», constante do seu livro *Pássaro de Fogo*, em que transparece a intuição de que a sua existência vem de muito de tempos imemoriais: «Esta mágoa tem mil anos de dor,/arrastando-se triste num gemer/ sem fim e como o carro gemedor/de bois fortes que não sabem correr;/há mil dois anos trago em esplendor, na face exausta todo o remoer/a rebrilhar incólume fulgor/das tristezas brilhantes do meu ser;/não é de hoje o meu grito sufocado;/não é de já a frase retorcida/ante o calor do

peito maculado;/vem de longe meu tétrico delírio/a sofrer uma eterna despedida/de alguém que parte para meu martírio». Nestes está implícita a idéia da reencarnação, a convicção de que a luta evolutiva do ser humano vem acontecendo ao longo de sucessivas vidas, dede um tempo remoto, talvez insondável.

O Poeta Jader de Carvalho era também um espiritualista. Tinha o dom de se comunicar com espíritos desencarnados. Era um vidente, um iluminado. Dei ao Cid um disco em que gravei uma entrevista em que Jáder revela muitas experiências em que dialogou com espíritos que estavam fora da matéria. Ele ficou tão emocionado que só agüentou ouvir o disco uma única vez.

Outro aspecto importante no humanismo de Cid Carvalho é a ênfase que ele atribui à moral e à ética. Acredita que a existência humana encontra o seu fundamento nesses valores. Em sua perspectiva, os princípios da Ética constituem o sustentáculo de toda sociedade e são imprescindíveis à literatura. «A moral tem que ser conhecida por qualquer intelectual, notadamente o jurista, porque não existe direito sem moral». Ela é a fonte do Direito, é a moral sociológica, os costumes, os fatos sociais, os processos sociais, as interações, aculturações e assimilações. Mas é também fundamental à ciência jurídica aquela moral psicológica, espiritual, de que tanto falou Kant, que pergunta de onde vêm a idéia de igualdade e os conceitos que uma criança tem na mais tenra idade. Portanto, a ética deve existir paralela ao Direito. Como nem sempre se pode aplicar o Direito em todas as ocasiões, muitas vezes é preciso aplicar a Ética. Tão importante quanto o Código Civil, o Código Penal, o Código de Processo Civil, o Código de Processo Penal é o Código de Ética de uma profissão. Em razão da crise de falta de ética da sociedade brasileira, foi preciso incluir na lei determinados princípios éticos, o que é um erro do Legislativo. «E eu cooperei com esse erro, por força das circunstâncias», diz ele. Muitos dispositivos éticos estão em lei. Mas a lei deveria ficar somente com o fundamento da moral dela. Em sua visão, a falta de ética é uma das crises brasileiras. Como tema literário, as obras que permanecem não são aquelas que ignoram a moral e a ética. As que as ignoram, fazem um sucesso momentâneo. A literatura licenciada do século XIX, por exemplo, era um produto econômico de principal valor na França. Mas todo mundo conhece a Odisséia, a Divina Comédia e os Lusíadas, mas ninguém sabe identificar as obras pornográficas daquele tempo.

Cid prossegue em seu argumento: “Para a pessoa ser uma criatura digna, tratando-se de um escritor ou um não-escritor, é necessário ter um compromisso com a sociedade, com uma finalidade social de tudo o que ele faz”. Ele lamenta que, em nossa

época neoliberal, palavras como «solidariedade», «cristianismo», «piedade», «caridade» estejam sendo substituídas por «teoria de mercado», «livre concorrência». “As pessoas que estão ignorando os valores eternos do ser humano ficarão ridiculamente mencionadas na história”. Portanto, recomenda que, em vez de concentrar e transformar a classe média em classe baixa, o governo brasileiro e a sociedade civil invistam mais recursos em educação. A elite brasileira continua irresponsável, no tocante à necessidade de resolver um problema tem sido a causa dos altos índices de criminalidade no País. «Tudo o que se faz deve ter um sentido educativo» - ele reitera - «e também não considero válido nenhum cidadão que não tenha vinculação com sua pátria, sua nação e seu país”. A seu ver, foram traidores da pátria os governos que trouxeram sistemáticas importadas, prejudiciais ao Brasil, e submeteram durante tanto tempo o País ao FMI. Assim, um dos compromissos imprescindíveis do escritor, por mais internacional que ele seja, por mais internacionalista, por mais universal que deseje ser, é a sua vinculação com o seu povo, sua cultura, seu país, sua língua, sua origem. Todos os grandes poetas têm na alma o valor inarredável de sua pátria. Grandes poetas como Gerardo Mello Mourão, dos Inhamuns e Jáder de Carvalho, dos tabuleiros mansos de Quixadá, têm neles a semente de onde vieram. Na poesia de Jáder está o sertão, serras, vacas, mugido de boi. Gerardo tem toda a genealogia, toda a saga de heroísmo de famílias, de desbravadores que aqui chegaram. Em sua opinião, a falta do sentimento patriótico equivale a não saber de onde se é, de onde se vem, nem saber para onde se está indo. Walt Whitman e Longfellow cantavam o que era legitimamente norte-americano. Gabriela Mistral e Pablo Neruda são o Chile puro e são grandes porque tiveram fidelidade ao país. O poeta odeia a ditadura, mas não odeia o seu país por causa da ditadura.

Quando exercia mandato de Senador, pronunciou-se muitas vezes sobre questões de ética. Ao tomar conhecimento da suspeita de que havia magistrados recebendo propinas, declarou que o respeito à dignidade estava sendo sepultado. Falou sobre a necessidade de transparência e autenticidade e aludiu à difamação como um naufrágio da dignidade humana. Sobre a condição do político brasileiro, no período imediatamente posterior ao Impeachment de Collor, relata que ia entrando no Congresso Nacional, quando vozes gritaram, dirigindo-se ao veículo no qual se encontrava: “Vai ladrão aí? Objetou que uma afronta dessa natureza era consequência do mau exemplo de alguns políticos e do próprio ex-Presidente. “Não há o menor respeito a nada!”, clamou da Tribuna do Senado. “Os costumes começarão a ser melhorados

com a melhora do comportamento político, com a melhora do comportamento governamental”. E aduziu: “Passarei por aqui sem deixar uma nódoa». «Não pretendo enriquecer». «O mandato nada crescerá ao meu patrimônio, que é o de um homem pobre, de classe média, patrimônio do intelectual, do professor universitário, do advogado que não sabe cobrar para defender os pobres». «Estou com as pessoas que se mantêm pobres, porque a dignidade diz que permaneçam pobres”. Prosseguiu dissertando sobre a missão de todo parlamentar: “O Senado é um lugar de plantar. Plantamos aqui para que a República colha as liberdades. Abaixo aqueles tempos difíceis, ditatoriais, de arquivos secretos, arquivos de SNI, comissões secretas! Isso nós não queremos!”. A problematização da liberdade individual na sociedade contemporânea não pode prescindir de um dado axiológico essencial: o do valor ético fundamental da pessoa humana. A emergência das sociedades totalitárias está casualmente vinculada à desconsideração da pessoa humana como valor fundante e condicionante da ordem político-jurídica. A Constituição do Brasil inscreve entre os princípios fundamentais da ordem pública, a dignidade da pessoa humana e a prevalência dos direitos humanos

No âmbito desta formidável abrangência de conhecimentos e atividades, Cid Carvalho dedica alguns de seus melhores momentos à música. Desfruta dessa grande paixão ouvindo sempre os intérpretes da música brasileira, notadamente Sílvio Caldas, que muitas vezes entrevistou e de quem foi grande amigo. Quando, desde adolescente, ouviu as canções e valsas brasileiras, de Zequinha de Abreu, Chico Alves, Gilberto Alves, em discos de cera, Caruso, a canção italiana, a ária de ópera, não parou mais de comprar discos e ouvir música com o maior desvelo e sensibilidade. Apaixonou-se por ópera a partir dos 18 anos de idade. E desde então ouve frequentemente *Tosca*, *Rigoletto*, etc, de seus autores preferidos da música lírica. Aprecia as óperas de Carlos Gomes, autor que o mundo ainda não conhece bem. Verdi se espantou com o talento de Carlos Gomes”. Puccini também é admirável e foi uma continuidade do Verdi. Rossini, que adorava gastronomia e deixou de compor para comer. Wagner, Beethoven, Shubert, Brahms, que é todo uma doçura, Monteverdi, Corelli, Palestrina. Sua biblioteca é uma parafernália. Acha Tchaikovski divino, sobretudo nas sinfonias 5 e 6. Entre os melhores compositores e músicos brasileiros, cita Haekel Tavares, Francisco Mignone, Villa Lobos, Carlos Gomes, Moreira Lima. Considera a *Bachiana nr. 5*, do Villa-Lobos, uma das mais belas do mundo. Equiparável, em beleza, à *Serenata* do Shubert. Toda a obra genial de Mozart, e especialmente sua ópera, que é italiana. “Um dos

autores mais ecléticos, fez tudo: concerto, sinfonia, ópera”. De Vivaldi, Cid tem, em seu acervo, além da obra completa, cerca de 100 gradações das *Quatro Estações*. Tem muita coisa de Bach, o pai da música, Mestre-escola que morreu sem saber que era grande. Só depois de 100 anos da morte dele é que foram ver que ele era um homem notável. E muita coisa dele se perdeu, porque ele deixava as partituras que escrevia na escola e os garotos iam beber água e faziam copinhos com elas. Não havia plástico na época e o vidro era um pouco difícil. Os filhos estão à altura do pai. Há biografias de todos esses luminares da música universal na biblioteca de Cid Carvalho. Há muitas enciclopédias, dicionários e roteiros musicais, muitos livros de História da Arte.

Suas atividades intelectuais e artísticas incluem não só a literatura, a oratória e a poesia. Cid Carvalho pintou muito, durante muitos anos. Teve sempre a necessidade de pintar a figura do Cristo, a figura de velhos sábios. Depois mergulhou na abstração. Chegou a fazer exposição, fez experiências com diversos tipos de tintas e telas, tendo feito algumas pesquisas nesse campo. Mas depois parou, por causa do Senado. Não havia tempo. Mas promete que retomará essa boa caminhada, uma vez que não apenas pintou, mas estudou muito a teoria das artes plásticas, leu muito sobre Van Gogh, sobre os impressionistas, Toulouse-Lautrec, Gauguin, Rafael, Da Vinci, Goya, Rivera, Rembrandt. Admira especialmente o extraordinário talento dos pintores retratistas, que, quando não existia a máquina fotográfica, pintavam a imagem perfeita dos rostos humanos.

Um dos momentos marcantes de nossa amizade foi quando, depois de alguns anos sem vê-lo, ao encontrar-me de férias em Fortaleza, fui à Rádio Cidade, e entrei no estúdio, sem me anunciar. Cid recebe, em pleno estúdio, muitas visitas de pessoas que ele convida para entrevistar ou que aparecem de repente para transmitir alguma mensagem, divulgar algum evento cultural. Através de telefonemas ou visitas os ouvintes têm voz livre para manifestar seus pontos de vista. Assim, no desenvolvimento do programa *Antenas e Rotativas*, de um lado os técnicos de som, do outro os seus assessores Paulo Tadeu e Lúcio Sátiro, Cid manda colocar um disco de música erudita, creio que de Schubert, se não me engano, e fica meio reclinado na poltrona, os olhos fechados, desfrutando da maviosa melodia, como se numa viagem espiritual, ou numa espécie de sonho miraculoso, a alma imersa na música. Nesse exato momento entrei no estúdio. Esperei que a música terminasse, e o cumprimentei. Ele, mesmo de óculos, tardou uns cinco segundos a me reconhecer e pediu desculpas, atribuindo o lapso à sua alta miopia. Logo, apesar de eu não haver avisado que

visitaria o programa, colocou à minha disposição todo o tempo que eu quisesse para falar de minhas produções literárias e me fez diversas perguntas sobre minhas experiências no exterior, os países onde vivi etc.

A paixão política, uma das vertentes de suas múltiplas vocações e atividades, o impulsionou a candidatar-se, sem êxito, a deputado estadual. Mas, em outra tentativa, elegeu-se Senador, integrando o PMDB heróico, do valente Ulysses Guimarães, que existia como partido pequeno, injustiçado e se transformou num partido grande. Foi Senador pelo PMDB no período de 1986 a 1995.

Cid declara que sempre se interessou por política. E, se ser político é haver participado de movimentos estudantis, haver pichado muros quando menino, e haver participado de comícios e movimentos populares, então, efetivamente, ele tem a política na alma. “Comemorei a vitória dos aliados com 9 ou 10 anos de idade, batendo lata na rua”. Na realidade, sempre foi um político revolucionário, buscando novas estruturas para o País. E, como advogado, trabalhou pelo respeito à lei e pela defesa dos direitos de todo ser humano. No Senado, teve, em seu mandato, participação fundamental na produção de leis. Foi relator de matérias sobre o Ministério Público, o Poder Judiciário, a Reforma do Código de Processo Civil. Foi presidente da Comissão de Constituição e Justiça do Senado. Trabalhou em temas relativos a Direitos Autorais, na regulamentação do SEBRAE, na Advocacia Geral da União e na Defensoria Pública. Foi relator de todos esses assuntos, em todas essas áreas.

Sua vida política foi, profissionalmente, jurídico-política, porque se dedicou por inteiro aos temas de formação do melhor Direito no Brasil, inclusive na Constituição, na qual teve 37 emendas aprovadas, além de diversas propostas. Sua abrangente atuação parlamentar, suas intervenções e pronunciamentos foram publicados em mais de trinta livros, que registram sua contribuição para orientar o próprio Senado. Escreveu pareceres, em ocasiões dramáticas da história nacional. Quando não se sabia como proceder no Impeachment, ele fez uma série de discursos que o Senado reuniu e produziu um livro intitulado *O Impeachment*, que é a obra básica hoje para se estudar esse instituto do Direito e da ética política.

A propósito de política econômica, Cid considera o neoliberalismo uma espécie anti-patriotismo ou anti-nacionalismo. «Os neoliberais desmoralizaram algumas palavras e expressões como assistencialismo, fins sociais, direitos sociais, direitos trabalhistas, pátria, nação, estado, país, para a implantação da globalização que interessa às grandes potências». Em sua

percepção, para a maioria dos países, a globalização suscita a comunicação de crises, mas não de riquezas nem das virtudes dos povos. As crises se comunicam em rede, com efeito multiplicador. A crise na Argentina afetou o Brasil, a Colômbia, a Bolívia, o Uruguai etc. Se a Inglaterra entra em crise, o mundo inteiro entra em crise. Se a bolsa de Nova York pifar, pifa o mundo inteiro. Então a globalização para nós, terceiro mundo, tem sido depreciativa, pois transmite os problemas e o negativismo. Não há comunicação idiomática, estética ou cultural. «Por que os grandes manipuladores da globalização não reúnem poetas do mundo inteiro em congressos? Um congresso internacional de esperanto, por exemplo? O que a mídia globalizada comunica é a canalhice das bolsas de valores. Não comunica a cultura, não comunica o tango ou o samba. Forjam e nos impõem uma música que não é tango nem é samba. Para os argentinos ou italianos não é a canção argentina, nem a italiana, mas uma espécie de produto híbrido, resultante de ritmos da Inglaterra e dos Estados Unidos. É um atentado querer impor ao mundo a cultura de dois países, em detrimento das expressões culturais de todos os outros países. As culturas e o folclore tendem a desaparecer. A maior das vítimas do neoliberalismo será, provavelmente, o folclore. Sem falar no efeito deletério sobre o salário dos funcionários públicos e dos aposentados».

Cid considera a crise da universidade um dos grandes problemas do Brasil. E não hesita em dar nome aos bois, quando faz as suas denúncias. Claro, é uma questão de justiça. «Doa a quem doer», como ele diz sempre. Ele afirma que o ensino superior no nosso país se encontra em decomposição, desde o tempo em que o Brasil foi governado por ministros como Bresser Pereira e outros, que foram verdadeiros atentados à nacionalidade e ao amor à pátria. «Entregar a administração a pessoas como Bresser Pereira foi entregar as galinhas à raposa. E manter norte-americanos disfarçados de brasileiros e dirigindo o Banco Central, isso foi outro atentado». Em sua opinião, Pedro Malan e a equipe econômica do governo FHC eram norte-americanos frustrados. «O mais norte-americano de todos foi o Armínio Fraga, que é norte-americano mesmo. Ele não sabe se é brasileiro ou norte-americano. Escolhe, de acordo com a hora. O problema do Brasil se resume em termos sido uma grande vítima do neoliberalismo. Assim como os portugueses encontraram aqui os índios e os dizimaram, o FMI chegou no Brasil e nos dizimou também». Afirma Cid que nós agora somos índios, e sofreremos o mesmo problema do negro africano. «Como os prisioneiros negros, que nas guerras entre países da África eram vendidos, assim foi o que se fez ao povo

brasileiro durante muito tempo. É a mesma sistemática ou pior ainda. Estamos submetidos a um campo de concentração simbólico, que é a própria sociedade. Temos o direito de ir e vir, porque a ditadura é econômica, mas vamos sem direito e voltamos sem direito. Vamos sem emprego e voltamos sem emprego. Temos o direito de ir e vir, a pé, pois que o dinheiro não dá para outra coisa. O cidadão vai desgraçado, sem direito algum e volta miserável também, sem direito, sem salário, sem emprego, sem dignidade, sem honra”.

Cid vê claramente a relação entre a dívida externa que havia no Império, e que o Brasil assumiu de Portugal com a Inglaterra, e a que existe hoje. Na verdade, nunca existiu um Brasil sem dívida. Durante tantas décadas a situação e devedores provocou situações de tensão na sociedade brasileira e nos tornou vulneráveis a ingerências nos assuntos nacionais. Embora não se possa comparar em números, é fácil perceber uma similitude em termos de subserviência. Cid pugnou sempre para que o Brasil assumisse uma atitude de autonomia financeira, reiterando que a dívida brasileira foi paga integralmente por diversas vezes. Mas encontrou no Senado muitos adversários, como o ex-Presidente FHC, Jorge Bornhausen e outros. Em sua opinião, esses políticos já não eram bons brasileiros quando discutiam, na Comissão de Economia do Senado, assuntos dessa natureza. «A dívida brasileira representou sempre, acima de tudo, um ato de covardia e de irresponsabilidade».

Na sua trajetória parlamentar, Cid tratou de temas como a educação, as profissões de radialista e de professor, a sociedade brasileira, a política econômica do país, a situação dos bancos, a Sudene, o Nordeste, o Ceará e os açudes cearenses, a Justiça e as atividades dos Tribunais, a interpretação das leis, a prática da política e sua ética, etc.

Falou, na Tribuna do Senado, sobre a necessidade de uma reforma educativa no Brasil, já que a escola privada tornou-se inacessível às pessoas que não tenham rendas muito expressivas. Defendeu uma política de apoio às classes menos favorecidas. Preocupado com as condições de pobreza e sofrimento de grande parte da população brasileira, muitas vezes chamou a atenção das autoridades do país para a elevação do custo de vida, os preços dos alimentos, a cesta básica e outros artigos de primeira necessidade, coisas sobre as quais pouca gente falava naquele tempo e que hoje constituem itens essenciais da política social atual governo.

Reivindicou, em sucessivas ocasiões, o restabelecimento da dignidade salarial do professor. Acusou a injustiça que se comete no Brasil, com o pagamento irrisório do professor, em qualquer nível,

inclusive o universitário. Defendeu a sua revalorização, pela alta missão que desempenha. Denunciou a tradição brasileira do desrespeito à educação e da precariedade da qualidade do ensino. Protestou contra a decadência do ensino superior e do ensino primário. «Parece normal sufocar o professor com um salário que ameaça a integridade do seu lar, um salário que é uma humilhação contra quem trabalha neste País. Nessa mesma linha de pensamento, defendeu, nos seguintes termos, o direito de greve nas universidades: “a greve se deflagra pela salvação da própria universidade, contra o desmonte da inteligência brasileira, para defender a cultura nacional, para evitar os desgastes que, neste momento, ocorrem no ensino superior”.

Na verdade, qualquer pessoa de bom senso vê que a negligência crônica dos governos brasileiros com a educação da sociedade tem gerado os altos índices de criminalidade registrados em todas as capitais de Estados brasileiros. Cid declara que essa desgraça que caiu sobre a sociedade brasileira foi forjada pela irresponsabilidade da maioria dos governantes, em conivência com as classes abastadas. Efetivamente, não resta dúvida de que cabe aos supostamente mais esclarecidos a responsabilidade de orientar os outros cidadãos. Daí a importância da atividade do orientador pedagógico em toda sociedade. E, indubitavelmente, do bem exemplo, já que as pessoas se espelham nas outras para agir. Assim, se as classes mais favorecidas se corrompem, é provável que as menos beneficiadas se degenerem e se brutalizem.

Durante a discussão, no Senado, sobre projeto atinente à exploração do serviço de rádio, Cid louvou o trabalho do locutor que contribui para a elevação do nível de educação do povo quando fala corretamente. «A melhor aula de fonética, de linguagem, de concordância, de semântica pode ser proporcionada aos cidadãos através da palavra de um radialista». E aqui cabe recordar que, nessa profissão, sua contribuição sempre foi a mais efetiva. Cid observa que uma grande parte da memória de uma nação compete às emissoras de rádio. Nesse sentido, os programas das emissoras deveriam ter sempre um caráter educativo. Face à influência estrangeira, à massificação imposta por meio da música norte-americana, a verdadeira música nacional se torna valor proibido. As emissoras de rádio têm de cumprir a sua missão de valorizar a cultura nacional que, diga-se de passagem, em nada deixa a desejar em relação às expressões culturais estrangeiras.

A respeito do sistema bancário, protestou, em diferentes momentos, contra a política ditada pelo Banco Central. Criticou a política de juros altos e os planos mirabolantes, sem preocupação com a família, com os lares, com a sociedade brasileira. Ressaltou

que o mais importante é o benefício social, é saber se há pão na mesa do pobre, se o cidadão tem condições de se alimentar, se os filhos irão à escola. «Ai de quem atrasa uma prestação, um compromisso mensal. Casa própria é um pesadelo. Qualquer coisa que envolva a moeda nacional é um verdadeiro pesadelo», ponderou, com senso de justiça.

Defendeu o aproveitamento das águas do rio São Francisco na agricultura do Nordeste. Manifestou-se contra a idéia de extinção da SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) e do DNOCS (Departamento Nacional de Obras contra a Seca). A propósito de Nordeste, ressaltou, algumas vezes, que a região não contribuiu para o endividamento da nação, até porque, inclusive, não recebe os benefícios indiretos da dívida externa. Nele não estão as obras de grande vulto que foram premiar os Estados mais beneficiados. “As obras corretivas no Nordeste na verdade nunca foram realmente realizadas”.

Ouvi muitas vezes no rádio Cid Carvalho deplorar, com muita coragem, a cultura da pistolagem que existe no Brasil. «É difícil separar onde termina a delinqüência e onde começa a atividade policial». Tantos desmandos já foram tolerados no País - o contrabando a polícia violenta e prevaricadora, o tráfico de drogas, a prostituição desmedida! É difícil encontrar-se um setor intocado!, ele exclama, com a convicção de que a sociedade brasileira adoeceu. A convivência da fome com o próprio Estado, em conluio com o poder demonstra que há uma cultura da corrupção.

Suas intervenções no Senado foram pautadas pela preocupação social. Pronunciou-se sobre a mortalidade infantil, que é uma conseqüência de uma série de deficiências sociais, toleradas pelo estado brasileiro, e de insuficiências com as quais convive a nossa sociedade. As crianças marginalizadas, sem escola, em cada sinal luminoso, sem alimento e sem saúde. Em cada esquina, o trabalho infame de crianças. A miséria da infância brasileira.

Denunciou os desmandos do Brasil de Collor, em que autoridades do governo atentaram contra os fundos de pensão e aplicaram indevidamente o dinheiro em ações sem nenhum valor.

No tocante aos temas jurídico-sociais, defendeu a redução da maioria penal como forma de redução da onda de violência que se instalou no Brasil. Apresentou emendas para reduzir a idade para a caracterização da responsabilidade criminal de dezoito para quinze anos, e aumentar o limite da pena maior de trinta para quarenta anos.

Ao refletir sobre o sistema eleitoral brasileiro, recordou que a *TV Jangadeiro*, no Ceará, pôs no ar uma publicidade em que se mencionava uma lista de políticos que cometeram infrações, entre os quais um certo Cid Carvalho. E dizia, portanto, “Não vote em Cid Carvalho”. A propaganda se referia ao deputado do Maranhão, seu homônimo, cidadão de poucos escrúpulos. Mas o objetivo era criar, maldosamente, confusão na mente do eleitor, pois não dizia que se tratava do deputado maranhense, para insinuar o seu próprio nome. Cid ficou indignado. Tratava-se da defesa de sua honra. Teve que exercitar grande paciência para resolver o assunto. E terminou prejudicado na campanha para a sua reeleição, por causa desse incidente. Criticou a Justiça eleitoral que usou o seu poder de polícia para exigir que fosse retirado um cartaz de sua propaganda, mas permitiu que se armasse essa trama maquiavélica com o seu nome. Criticou também o uso do poder econômico nas campanhas eleitorais, sobretudo quando se trata do uso da economia do próprio Estado.

Um dos interessantes documentos que registram o brilhante desempenho de Cid Carvalho no Senado Federal denomina-se “Ao Ceará”. Trata-se de uma das coletâneas de discursos e apartes que fez em 1989. A publicação menciona alguns dos projetos de Lei que apresentou, como o projeto para que os deficientes físicos pudessem fazer concurso público e fosse disponibilizado um número de vagas para a nomeação de pessoas nessas circunstâncias, desde que aprovadas em concurso público. O seu trabalho foi precursor da consumação de toda uma luta no Brasil, para determinar a responsabilidade estatal em favor de deficientes físicos nas mais diversas áreas.

Sobre o FMI, denunciou a pretensão dos agentes daquela instituição de macular a soberania nacional. Referia-se a parlamentares norte-americanos que passam três horas no Brasil e saem emitindo opiniões sobre qualquer assunto interno. Quanto à Amazônia, Cid não concorda com a tese de que a região é o «pulmão do mundo». Afirma categoricamente que a tese ecológica dos estrangeiros esconde planos disfarçados de um atentado à soberania nacional. O seu argumento é incontestável: «Se os norte-americanos tivessem interesse na preservação da natureza, teriam, ao menos, preservado a vida do índio em seu país». Em sua opinião, a maior devastação é a dos Estados Unidos da América do Norte, onde, hoje, o progresso técnico, a grande indústria, a indústria pesada substitui a ecologia. “O equilíbrio ecológico perdido nos Estados Unidos não há de ser encontrado no Brasil”, arremata o assunto.

Em consonância com essas idéias, o Senador Áureo Melo elogiou, na Tribuna do Senado, os apartes de Cid como “a expressão da tradição de filho de Jáder de Carvalho, tão bem confirmada pela sua brilhante atuação neste Parlamento, quer na Constituinte, quer através do estilo justiceiro, equânime e eclético dos seus pronunciamentos e das suas manifestações dentro desta Casa”.

Suas idéias sobre a soberania e o desenvolvimento não excluem, contudo, a noção de preservação da natureza. Em aparte ao discurso do Senador Aluizio Bezerra, referiu-se ao Projeto Jari, que implanta uma monocultura para produzir papel, devastando a floresta Amazônica e causando o desequilíbrio da fauna.

Suas atividades intelectuais e artísticas incluem não só a literatura, a oratória, a poesia. Pouca gente conhece o seu talento para as artes plásticas. Cid Carvalho pintou muitos quadros. Teve sempre a necessidade de pintar a figura do Cristo, a figura de velhos sábios. Depois mergulhou na abstração. Chegou a fazer exposição, fez experiências com diversos tipos de tintas e telas, tendo feito algumas pesquisas nesse campo. Não apenas pintou, mas estudou muito a teoria das artes plásticas, leu muito sobre Van Gogh, sobre os impressionistas, sobre Toulouse-Lautrec, Gauguin, Rafael, Da Vinci, Goya, Rivera, Rembrandt. Admira o extraordinário talento dos pintores retratistas, que representavam a figura humana com virtuosismo, quando não existia a máquina fotográfica.

Quanto à sua poesia, faço minhas as palavras de Faria Guilherme, quando ele menciona, entre as suas virtudes, uma luminosa mensagem de paz e a crença nos valores eternos homem. Costa Matos também se referiu a Cid Carvalho como um poeta que se dá em holocausto para que chegue aos homens a notícia de que a vida ainda possuiu elevação e beleza. Para comprovar essas assertivas abro o *Pássaro de Fogo* e vou relendo algumas páginas. Encontro imediatamente dois poemas que parecem sintetizar o seu pensamento humanista. O primeiro, intitulado «Receita», é um tratado de sabedoria que assina as regras do conhecimento espiritual para o bem viver. Nele estão inseridos os pontos fulcrais da ética e da filosofia cristã: «Reunir pelos caminhos/ os pedaços que do ser/ vão ficando;/reconstruir a integridade da alma/ que foi deixando fragmentos/nos obstáculos;/apanhar os fragmentos/ com os modos de quem recolhe frutos/ou descobre esmeraldas;/escutar a dor no silêncio/da solidariedade;/dar calma à tempestade/e embalo à alma que não quer dormir;/fazer das palavras acalanto/e da presença o encanto maior;/deixar o tempo escorrer pelos dedos,/para que as horas não sejam pedras/e possam ir com o vento». No segundo poema, intitulado «Gestos», registra-se a mesma tonalidade que o caracteriza como cantor do amor e da

fraternidade: ««Dá-me a mão para que eu devolva/o teu calor no meu gesto;/as mãos têm linguagem/e o gesto mais fraterno/é feito por dois,/embora seja um só;/quero impregnar minha alma/de cousas grandes/que caberão e ficarão/num gesto./Dá-me a mão antes de ires;/vais ficar levando-me contigo». Estes são versos marcados para encontrar ressonância em qualquer alma sensível e receptividade em todo humano coração. São muitos os momentos em que se revelam as instâncias do lirismo romântico e da fé que iluminam o seu ideário: Os poemas de temática amorosa são dos mais tocantes e neles despontam versos de raro encanto, como estes: «o nosso minuto tem todas as estações», («Elegia quase acalanto») ou «luas são teus seios que arfam» («Quadro»), e ainda estes: «ai eu trouxe o por do sol mais lindo/para o teu rosto que amanhece».(«Promessas»). Nas Preces, há orações sentidas sincera contrição, tais como «Dá-me Agora», de que destaco a sonoridade destes versos: «quando enxugar o pranto alheio para não chorar o meu/quero rezar meu poema». Em «Mais Um Poema Para Rezar», encantou-me este generoso reconhecimento: «Obrigado pela alma alheia que me deixaste descobrir».

Em poesia, além de *Pássaro de Fogo*, Cid escreveu também os livros *Gritos e Murmúrios*, em 1956, *Opus*, 1979 e *Alma de Cigarra*, 1986, dos quais destaco, entre outros, os poemas «Plenilúnio», «Cantiga», «Êxtase». No primeiro, em tom elegíaco, sob o poder evocativo da lua, o poeta recorda os antepassados. A leitura, num velho álbum, dos versos plenos de queixas, promessas e esperanças, que seu avô Eduardo escrevia a sua avó Mimosa, suscita-lhe uma saudade que o plenilúnio acirra acende com maior intensidade. «Tomo o plenilúnio ao meu cuidado», diz ele, com essa prerrogativa que só os poetas temos. Grato sentimento desperta essa visão do poeta, iluminado pela saudade das pessoas queridas que o tempo levou. Inebriado de dolente emoção, entre o fulgor do luar e o fascínio das coisas que ficaram. O poema «Cantiga» é uma balada de amor impregnada de dorida cadência confessional. Ressaltam no texto versos de alto teor imagético como estes: «sou o pássaro cativo/que canta enternecido/na paisagem tão terna/que há em ti e por mim». Em «Êxtase» sobressai a musicalidade lírica da linguagem e a riqueza evocativa de certas metáforas. Por exemplo, quando o poeta diz «Por aqui não vai ninguém, amor:/eu vou sem voz e é meu olhar que ecoa, não minha voz./ (E eu quero voz?). Ela ficou em ti, no teu silêncio/ e na tua lágrima/ vou morrer na angústia dos trovões/calados e com todas as neuroses da alma dos relâmpagos». Nota-se aqui a exitosa relação translata entre os vocábulos palavras e trovões, e entre silêncio, relâmpagos e lágrimas (chuva implícita), como a sugerir a semelhança entre as

tensões provocadas pelos fenômenos atmosféricos e o sentimento humano. Entre o silente adeus e a palavra que hesita no instante da despedida, o impacto do silêncio é comparável a um relâmpago que incendeia a alma, como se fosse uma neurose, causada pelo excesso de luz e pela perspectiva da tempestade.

Quando lancei, no ano 2000, no Restaurante Estoril, em Fortaleza, ao mesmo tempo, três livros e um disco de poemas musicados, Cid Carvalho fez a apresentação das quatro obras, a saber: *Mário Gomes, Poeta, Santo e Bandido*, uma breve biografia do poeta; *Na Trilha dos Eleitos, volume I*, apreciações sobre a obra literária de Gerardo Mello Mourão e José Alcides Pinto; o disco *Crescente*, gravado na Bulgária, interpretado pela cantora Juliana Areias, e a antologia *Estância Cearense*, poemas inspirados na cidade de Fortaleza.

Cid referiu-se a Gerardo Mello Mourão como poeta internacional, um homem extraordinário, de grande sofrimento, por haver sido caluniado. Para os esquerdistas, era fascista. Para os fascistas, era comunista. Foi entendido de modo sempre diverso. “Jáder de Carvalho se conflitou com ele, mas tenho consciência de que, se meu pai tivesse vivido um pouco mais, ele é que estaria aqui dizendo as palavras que agora profiro com relação ao poeta Gerardo Mello Mourão». De fato, Gerardo Mello Mourão excedeu os limites do país. »Sua sensibilidade é cósmica», enfatizou Cid. Ao falar de José Alcides, disse que, «apesar da sua fama de poeta maldito, ele é, na verdade, um homem extraordinário, de grande sensibilidade, cuja poesia impressiona pelo espírito de liberdade». Com certeza, trata-se de um poeta que nunca se prendeu a fórmulas ou conceitos filosóficos, políticos ou estéticos. De certo alguém dotado de tanta criatividade não poderia aceitar o menor limite. Tendo escrito, desde a poesia mística à pornográfica, Alcides não deixou de ser nunca um poeta espiritualizado e sensitivo. Foi um precursor de todas as liberdades de imprensa de expressão, de comunicação possíveis e imaginárias, “Foi meu companheiro na Curso de Comunicação Social da UFC. Fomos professores da UFC. Ele tinha toda uma magia para contatar com os alunos”.

Elogiou a minha idéia de reunir Alcides, Gerardo e Mário Gomes na mesma noite. Chamou-me de «poeta de fé e de ofício, que está sempre construindo e sente a necessidade de juntar sensibilidades, fazer a fraternidade, e sobre essa fraternidade erguer-se numa obra literária». “Esse espírito de gostar dos grandes é próprio dos poetas. O poeta sabe olhar para as grandes paisagens e sabe que a melhor paisagem do mundo é a paisagem humana». Nesse sentido, comparou José Alcides Pinto a um Rio de Janeiro personificado. E o universo de Gerardo Mello Mourão à vastidão da

Amazônia. E disse que Mário Gomes «é uma espécie de Quixadá: cheio de sede, mas pleno de alegria, como uma perspectiva que se contempla com os pedregulhos, os monólitos, as serras. Ele é a brisa que canta, é o vento que sopra, sua existência é trajetória da sua poesia». Celebramos, portanto, a obra de Gerardo Mello Mourão, que Cid qualificou de «grandioso, monumental quase que científico, didático, histórico, sociológico, comprometido com o saber com a grandeza da história e com a genealogia». Louvamos, de corpo presente, José Alcides Pinto, cuja grandeza reside nos descompromissos e na criatividade, ou no seu compromisso exclusivo com a arte, com a poesia, com as musas, com o processo de criação. «Um poeta sem peias, sem limites. Absolutamente universal, tanto quanto o outro, mas com caminhos diversos». Com certeza, ambos habitam a dimensão cósmica da nossa melhor admiração. E depois, Mário Gomes, o homem do dia-a-dia, a vida, a boemia, uma maneira de olhar com a filosofia popular, uma filosofia de vida ligada ao povo. «Mário Gomes, habitante da Praça do Ferreira, sabe que o melhor lugar do mundo é o centro da nossa cidade. Ele quer estar sempre ali, na essência do povo, na raiz folclórica, na irresponsabilidade de viver sem importar o que será amanhã ou o que foi ontem».

Ao reiterar minha estima pelo meu querido professor e amigo Cid Sabóia de Carvalho, congratulo-me com a sua grande capacidade de trabalho e o talento com que ele nos transmite, através do rádio, sábios comentários sobre os mais variados assuntos. É sempre com renovada satisfação que escuto este orador de cultura enciclopédica, que nos transmite o humanismo luminoso que traz na alma. Tanto Cid Carvalho quanto o seu pai, Jáder de Carvalho, contribuíram fortemente para a minha formação cultural. Desses dois grandes eruditos recebi sempre palavras de incentivo. Tenho a honra de haver sido amigo e me considerarei sempre discípulo do autor de *Terra Bárbara*, esse hino ao Ceará. Aprendiz do seu conhecimento literário, alegre-me recitar para amigos: “Na minha terra as estradas são tortuosas e tristes/ como o destino do seu povo errante”. Feliz a terra que tem o seu bardo, cantor das vicissitudes da sua civilização! Feliz o poeta que aprende com a sabedoria dos maiores. Frequentei a casa de Jáder, na rua Agapito dos Santos, durante cerca de oito anos, de 1975 a 1983. Visitei-o, ao longo desse período, numa média de duas vezes por semana, só para ouvi-lo falar. Ele me contava os casos, as histórias que aconteceram em sua vida. Dizia dos projetos de novos livros, com ânimo incessante de falar sobre as criações literárias que vinha realizando, mostrando o amor que se pode ter pelo que há de mais profundo na alma humana. A conversação, pela noite, adentro o

entusiasmava de tal modo que ele esquecia o tempo. Perto das onze eu tentava me despedir, lembrando que já estava tarde e que ele mesmo precisava dormir ou continuar lendo, como fazia constantemente, no segundo andar da casa, onde tinha sua biblioteca. Ele fingia não escutar minha advertência e continuava falando, com a certeza de que, para mim, era importante refletir com ele sobre a vida e o mundo e conhecer o seu trabalho de jornalista combativo, suas cogitações filosóficas, críticas à ditadura, sua sensibilidade em relação aos fracos e oprimidos, a coragem com que enfrentou muitas vezes as forças armadas, sua militância de esquerda, suas relações com o Partido Comunista, as prisões e perseguições que sofreu, etc. Ensinava-me tudo o que sabia de literatura, música, filosofia, espiritualidade, como se quisesse transmitir, num só dia, todo o conhecimento do universo. Aulas mais interessantes jamais tive em nenhuma escola ou universidade.

Com os dois intelectuais, o pai e o filho, aprendi também a admirar mais a terra cearense. O sentimento que nos une à paisagem, ao ambiente em que nascemos revela que não é por acaso que nascemos em determinado lugar, mas por alguma injunção do destino. Dentre as dádivas que recebi de Deus, duas delas mencionarei aqui: haver nascido poeta e haver nascido cearense.

Sinto-me honrado de ser amigo de Cid Sabóia de Carvalho e de haver sido amigo de Jáder de Carvalho. Sinto-me privilegiado de admirá-los. Quisera poder vir sempre a Fortaleza, para participar de toda homenagem que a sociedade fortalezense faça, em reconhecimento do valor dos cidadãos que honraram, com sua cultura e suas virtudes morais, o nome da terra cearense. E entre eles, meus amigos, Cid Sabóia de Carvalho merece lugar de destaque.

MÁRIO GOMES,
POETA, SANTO E BANDIDO

"Os homens que jamais fizeram bobagem,
tão pouco fazem nunca algo de interessante".

(Provérbio inglês)

Fotos

1ª PARTE:

Leitor amigo e exigente, venho convidá-lo a desvendar o universo de aventuras do poeta Mário Gomes, misto de boêmio, malandro e mendigo que, por seu espírito irrequieto, nômade e inconstante, viveu experiências as mais fabulosas, dignas de figurarem nas estórias dos maiores ficcionistas ou biógrafos, e cuja riqueza romanesca detectei desde o dia em que o conheci. Conquanto me faltem, para tanto, engenho e arte, lanço-me ao desafio de narrar suas peripécias e proezas, na certeza de que o itinerário existencial de Mário Gomes tem episódios que fazem lembrar o de um cavaleiro andante, o próprio fidalgo da Mancha, de triste figura, cujas façanhas imortalizou o grande Cervantes. Lembra, também, talvez, os artistas errantes da "beat generation", ou os da legenda dos rapsodos peregrinos da Idade Média, ou ainda os da mística oriental, aqueles monges de certa linha zen budista, cuja inspiração provém de intermináveis itinerâncias e de um modo de vida à margem dos hábitos e costumes da sociedade de seu tempo. Lembraria também os grandes persas Hafiz e Omar Kayan, ou o chinês Li Po, ou mesmo o nosso Caio Cid, que fizeram do vinho sua fonte de inspiração. Segundo os mencionados persas, é na embriaguês que a razão salva o seu navio do abismo do infortúnio: "sem o rosto róseo da bem amada, quem pode dizer bela a rosa, e sem um copo de vinho, quem pode dizer a primavera doce? Assim falava Hafiz, e certamente Mário Gomes endossa e assina, como primeiro fiador, essas palavras líricas e também as de Caio Cid: "és o nirvana, és a mansão diletta, em cuja sombra esqueço a dor presente". Isso disse, elogiando a boemia e a companhia da noite, como atributos essenciais da vida de poetas de sua estirpe.

Não tenho, repito, a luminosidade dos grandes narradores que, como Cervantes, Kerouak ou Machado de Assis, imprimiram universalidade aos tipos que foram alvo de suas verves. Nem mesmo originalidade posso demonstrar, se a estória que conto ouvi do próprio biografado. Mas o meu personagem, este sim, penso ter a profundidade espiritual de um dos renomados protagonistas das novelas de um Dostoievsky, de um Balzac ou de um Victor Hugo. E é por isso que julgo relevante contar a vida do formidável Mário Gomes, cuja figura cativante, de carisma e simplicidade naturais, de aspecto bonachão, de "bon vivant" sem méritos e de anti-herói por excentricidade, impressiona a todos os que o vêem ou escutam. Sobretudo se lhe ouvem recitar alguns dos seus poemas burlescos, que pouco ficam a dever à expressão monumental de Bocage e de Gregório de Matos, plenos de

humanismo e com uma linguagem absolutamente primitiva. O poeta, quando nasce com o dom da inspiração, prescinde até mesmo de uma formação cultural acadêmica ou livresca. Do contrário não encontraríamos autêntica poesia em repentistas da estirpe de um Oliveira de Panelas ou de um Otacílio Batista, nem na capacidade criadora de um Patativa do Assaré, que tanto nos encantam pelo dom de sentir as verdades essenciais da vida e transmiti-las com o verbo mágico da síntese ritmada.

Mário Gomes, desde a infância, considerou monótona a vida na província e sempre sentiu o incontido anseio de percorrer o mundo para aprender novas formas de viver e recolher as flores de sua inspiração poética. Conhecer novas cidades, ruas exóticas, praças diferentes daquela que sempre freqüentou, a Praça do Ferreira, onde estabeleceu-se cotidianamente, todas as tardes, acompanhado de um grupo de colegas de ócio, desde o tempo em que se vem devotando à poesia. Alimentou sempre o ideal de conhecer os bairros exóticos, diferentes do periférico e proletário Bom Sucesso, onde vive há mais de quatro décadas, outras praias, outras noites com seus bares cheios de poetas boêmios e garotas bandidas, poetisas aventureiras, etc. Por isso, apesar de sentir júbilo em haver nascido em terra cearense, sua alma de boêmio determinou que viajasse, com ou sem condições financeiras, pelas principais capitais do Brasil, onde encontraria o ânimo da urbanidade e a vida noturna que lhe alimentassem a insaciável sede de experiências inauditas. Na terra de Castro Alves, por exemplo, buscou contacto com artistas, boêmios, malandros e aventureiros na cidade de Salvador, onde viveu algumas de suas grandes e perigosas aventuras. E no Rio de Janeiro, cidade das maravilhas, na geografia como na beleza de suas mulheres, o poeta foi também algumas vezes à procura de inspiração. Passeou pelas praias, bebeu nos bares e apreciou as mulheres mais belas do mundo, as cariocas. Tentou em vão encontrar o poeta Vinícius de Moraes nos bares de Ipanema e de Copacabana. Tudo era pretexto para viajar de qualquer maneira, de ônibus, quando ganhava a passagem de presente de algum amigo, de carona ou mesmo a pé, pois nunca tinha grana suficiente. Considerava o Rio de Janeiro o paraíso da poesia, habitado pelo deus da lírica e do romantismo, o carismático e cortejado Vinícius, com quem poderia desfrutar de um bom papo na base do uísque, que certamente o imortal poeta não hesitaria em oferecer a Mário, ou da cachaça, caso o encontrasse numa rua da Lapa, o que Mário seguramente apreciaria muito mais. Viajar é, sem dúvida, uma fonte de inspiração. Por isso, percorreu também, de ônibus, a pé ou de carona, as estradas que conduzem a São Paulo e Belo Horizonte, deslocando-se àquelas cidades em várias

ocasiões, e tendo experimentado situações esdrúxulas, insólitas e sofridas, mas curtidas com estoicismo e êxtase, pois o importante era realizar o sonho andarilho e viver novas e inusitadas experiências. Um poeta não deve confinar-se ao seu escritório de trabalho ou a seu quarto de estudos. Há que sair pelas ruas, freqüentar os bares e as praças, contemplar as mais diferentes paisagens, sentir a grandeza do universo em seu pensamento, e, se possível, tentar entender como na natureza estão contidos os planetas e as galáxias e sentir na própria alma a expansão do mundo e das idéias.

A duras penas deu vazão ao seu gosto pela vida sem fronteiras, pela liberdade sem limites. Seu ideal de viver intensamente e viajar sem sossego se realizou, apesar de haver encontrado, na adolescência, um freio implacável, na figura autoritária de seu pai, homem simples, de classe média-baixa, motorista de táxi, cuja concepção moral chegava ao extremo de uma justiça inflexível e mesmo cruel. Por outro lado, teve na presença materna exemplo de bondade e pureza, que herdou, e ainda hoje demonstra em seu relacionamento com os seres humanos, apesar de, aparentemente, ter-se comportado, em alguns momentos de sua vida, com a mais absoluta irresponsabilidade, o que a meu ver é perdoável, em se tratando de um poeta. Pois bem. Seu pai, o Sr. Benedito Ferreira Gomes, certamente bem intencionado, queria fazer do Mário um homem trabalhador e responsável, mas adotava, como princípio fundamental em sua concepção de vida, a proibição taxativa do direito a que os filhos entrassem em casa após as 10 horas da noite. Este mandamento paternal passou a incomodar Mário a partir da adolescência, quando todo jovem anseia por libertar-se do jugo dos pais. O desentendimento entre ambos, em razão da hora de chegar em casa à noite, foi o motivo para que seu pai o expulsasse de casa, desencadeando um processo de desvínculo do poeta com os ritos formais da sociedade. Segundo Mário, o seu pai, apesar de ter sido muito rígido em sua educação familiar, era um bom sujeito, pois manteve a família, até o dia em que partiu de casa, com os recursos indispensáveis para a sobrevivência. E isso, em sua opinião, é exemplo de bondade e ensino do caminho do bem. Com ele aprendeu a nunca mentir. Um dia o velho o chamou de vagabundo. Mário ficou triste e traumatizado. Mas foi uma profecia, afirma o poeta, pois ainda hoje continua vagabundo. De fato, Mário, que já possuía um emprego, trabalhando como professor em escola primária, depois do episódio da expulsão de casa, abandonou o magistério e passou viver como um cigano ou um mendigo, a dormir nas ruas, alimentando-se mal, ingerindo bebidas como um alcoólatra. Como o poeta declara, por causa de

seus vícios, tornou-se um suicida em potencial. Fez da morte sua amante predileta. Considera-a "uma criatura adorável", pois ela pode nos proporcionar o estado sublime de não sentir mais dores, nem sede, nem fome, nem raiva, nem tédio, nem angústia e nem ser obrigado a tomar banho ... nada enfim ... "A morte é uma passagem para a vida sem o destaque de dores, pancada na canela e chifre".

O incidente com o genitor apenas aguçou-lhe a tendência à vida livre de compromissos ou o seu compromisso radical com a máxima liberdade possível. Mas o poeta teve de pagar com sofrimento sua desmedida coragem e seu gosto excessivo pela aventura. Foi submetido a quase todos os métodos de tortura e violência criados pela crueldade da sociedade deste século, com suas sofisticções tecnologicamente elaboradas. No hospício de Parangaba, por exemplo, quando tinha 20 anos de idade, Mário levou 12 choques elétricos. Foi preso diversas vezes, e nos cárceres onde esteve, sondou a profundidade dos abismos da alma humana, e hoje detém o conhecimento de uma espécie de psicólogo formado na universidade do mundo.

Na época de suas viagens, prisões e recolhimentos em manicômios, já começara a adotar a conduta boêmia e já escrevera os seus primeiros poemas. A propósito, um fato engraçado na vida do poeta foi a observação feita por uma antiga namorada, a Valdora, que, após três meses de namoro e ao perceber-lhe a tendência errática e dissoluta, disse-lhe uma frase que foi como uma revelação, inclusive inspirando-lhe um poema. Chamou-o de cachorro vira-lata, porque notou que Mário não gostava de trabalhar, e só fumava e comia quando pedia a alguém. Quando Mário chegou em casa escreveu: "sou um cachorro vira-lata. Não tenho residência fixa, não tenho responsabilidade. Também não me falta sexo porque conheço lindas cadelas de tipos diversos. Onde chego procuro alimentos. Fumo à hora que me é propícia, um cigarrinho, com filtro ou sem. Sou um cachorro valente. Mas só na aparência, pois sou um cachorro vira-lata."

2. Um «curriculum vitae», escrito pelo próprio poeta, para um concurso municipal de poesia, se resume no seguinte: Mário Ferreira Gomes. Nasceu em Fortaleza no dia 23 de julho de 1947. Concluiu o primário no Grupo Paulo Eiró em São Paulo. Fez o secundário no Curso Humberto de Campos. Foi professor do antigo curso de Admissão ao Ginásio, na escola Albaniza Sarazate. Iniciou o curso de Arte Dramática na UFC, sem concluí-lo. Tendência às artes plásticas e caricatura. Tornou-se autodidata e boêmio.

Mário conseguiu emprego de professor no Colégio Albaniza Sarazate no dia em que o diretor da escola o viu rindo de um cego que dava aulas e propôs-lhe um desafio: que se colocasse no lugar de professor para ver como não era fácil. Caso Mário fracassasse, seria, como castigo, exposto ao escárnio de todo o colégio. Aceitou o desafio e, após o êxito alcançado, chegou a passar dois anos naquele estabelecimento escolar, dando aulas de português, história, geografia e aritmética, para o exame de admissão ao curso ginásial.

Quanto à data de seu nascimento, sua mãe afirma que nasceu no dia 26 de abril de 1947, mas na certidão de nascimento tem a data de 23 de julho de 1947. Para maximizar a vantagem, celebra aniversário nas duas datas. Seu pai, que sempre foi motorista de táxi, de ônibus e de caminhão, o matriculou, aos 4 anos de idade, no Jardim da Infância do Parque das Crianças, em Fortaleza, ao fim do qual concluiu o ABC, tendo tirado o diploma de "doutor do Beabá". Desta época, recorda um episódio que, a meu ver, o caracteriza como uma criança dotada de capacidade superior às demais de sua idade. Um dia, depois de uns seis meses que freqüentava o Jardim da Infância, o pai que sempre ia buscá-lo na saída da escola, no táxi que dirigia, não apareceu. Mário foi pra casa só. Enquanto muitas crianças se perdem pela cidade com 6 ou até oito anos, e ficam chorando e gritando no meio da rua, ele, demonstrando já um talento pra enfrentar determinadas situações difíceis, com 4 anos apenas, tomou um ônibus, sem ajuda de nenhum adulto, e conseguiu chegar em casa.

Certa feita contou-me sua mãe, a senhora Nenzinha, que Mário, com 10 anos de idade, quando a família morava em São Paulo, cuidava de seu irmão Paulo Roberto, enquanto ela saía para vender costura. Balançava a rede para fazer dormir o irmãzinho menor, e logo corria para jogar bola na rua, em frente à casa onde morava. Quando o Paulinho acordava, ele tornava a balançar a rede e depois voltava a jogar. Até Paulo Roberto completar 3 anos de idade era Mário quem se encarregava de cuidar da criança.

Da infância, tem a grata recordação de um bom e fiel cachorro, de nome Tupy, cujo caráter corajoso e apaixonado se parecia com o do seu dono. Era um cachorro valente, pelado, "pé-duro". Mário gostava de vê-lo brigar com 5 cachorros e botá-los pra correr. Era uma espécie de sultão poderoso: suas cadelas eram exclusivas, não as dividia com nenhum outro cachorro. Mas tinha medo de fogos. Quando Mário assoviava ele vinha correndo tão velozmente que um dia, ao passar por baixo de suas pernas, Mário se desequilibrou, caiu e quebrou um braço. Tupy gostava tanto de cadelas que teve um fim trágico: uma vez ficou engatado no meio da

rua e um ônibus passou por cima de seu corpo. Por causa de sua admiração pelos caninos, Mário diz que se reencarnasse queria ser um cachorro. "Dentre amigos encontrei cachorros, dentre cachorros encontrei amigos". Mas se tivesse que recomeçar a vida, talvez não fizesse tudo o que fez. Tem medo de repetir as doidices que cometeu. Quem esquece o passado está condenado a repeti-lo. Contudo, não se arrepende, acha que fez tudo como uma aprovação para viver uma vida mais harmoniosa e salutar numa próxima encarnação.

3. Seus pais se transferiram para São Paulo quando Mário tinha 9 anos de idade. Ali residiu por 7 anos, no bairro de Santo Amaro. Com 13 anos arranhou emprego numa alfaiataria como cobrador. Levava as cartas de cobrança aos clientes inadimplentes. Saía para visitá-los e voltava com os recibos das cartas assinados, não pelos clientes, mas por ele mesmo. Falsificava as assinaturas, e com o dinheiro do ônibus que o alfaiate lhe dava, ia tomar banho numa lagoa que existia em outro bairro.

Ao retornar a Fortaleza, com 16 anos de idade, ficou hospedado, durante um mês, na casa do seu primo, o professor Luiz Cruz Lima. Seus pais iam visitá-lo ali nos fins de semana. Mas não permaneceu por mais tempo, pois num domingo, quando se preparava para sair ao cinema, para assistir a um filme de Elvis Presley, a mulher do primo mandou-o lavar a casa. Ele abandonou imediatamente a casa do seu anfitrião. Ao tomar conhecimento de sua partida, Luiz Cruz o procurou e falou-lhe --- Mário, sua atitude foi pueril. E ele: meu irmão, eu não gosto de ser subjugado por ninguém e nem de ser subordinado a ninguém. Contudo, Luiz Cruz, ao perceber a inteligência precoce do jovem primo, permitiu que Mário estudasse 6 anos de graça no curso Humberto de Campos, do qual Luiz Cruz era diretor. Mas parecia-lhe, em alguns momentos, que o primo estava arrependido de haver-lhe concedido tal privilégio, o que Mário notava, com sua intuição inata. Portanto, não tinha prazer continuar estudando ali. Mas um episódio curioso veio reaproximar os dois primos. No ano de 1964, no início da ditadura militar, o professor Luiz Cruz Lima refugiou-se, durante um mês na casa de Mário Gomes, no Bom Sucesso, subúrbio de Fortaleza. Naquela época Mário havia começado a dar aulas no Colégio Albaniza Sarazate. Luiz, ao observar uma das aulas ministradas por Mário, decidiu contratá-lo como professor do curso Humberto de Campos. Assim Mário, aos 17 anos de idade, passou a estudar e ensinar no mesmo colégio. Mas apesar do seu talento natural e de sua didática intuitiva, a experiência do magistério durou pouco tempo. Durou o suficiente para deixar, na memória de

alguns jovens, a marca de suas idéias excêntricas, sua explicação de certos temas complexos para aqueles pupilos a quem ensinava a filosofar na mais tenra idade. Propunha questões e suscitava debates em torno de alguns porquês, cuja inclusão nos programas do ensino contemporâneo parece inconcebível. Por exemplo, fazia-lhes refletir sobre por que Deus criou o mundo, por que o ser humano morre e se após a morte existe outra vida. Enchia a cabeça daqueles meninos destas intermináveis interrogações, pelas quais eles se tomavam de crescente interesse. Após o episódio do grave desentendimento com seu pai, fato que transtornou-lhe a vida, sua missão de instrutor do Colégio Humberto de Campos foi definitivamente interrompida e desviada para a desbragada prática da vagabundagem, ditada pelo anseio de liberdade e pela tendência à boemia que sempre o caracterizaram. Quando começou a beber, vadiar e viajar sem um destino certo, abandonou todos os hábitos e compromissos que exigissem responsabilidade, rigidez de horário ou cumprimento de determinada rotina. Interessava-lhe a sua Praça do Ferreira, a qual esposou como uma noiva ideal, e a companhia dos amigos de copo, como o Temóteo, o Adson, o Edmar e outros malandros, andarilhos, amigos do álcool, fiéis à dose de aguardente como os galos ao milho.

Desde a infância, Mário sempre foi admirador dos playboys, dos bandidos. Queria ser um daqueles caras sobre os quais os jornais escreviam -- roubou um carro, etc... Sonhava possuir os sapatos brancos e as roupas berrantes que as lojas exibiam em suas vitrines. Seu ideal sempre foi o de curtir a vida livre e sem compromissos ou preocupações. Após conhecer alguns dos amigos de farra, como o Temóteo e o Adson, começou a comparecer às aulas meio embriagado, o que contribuía para exacerbar as idéias exóticas que divulgava sobre o mundo e a vida. Antes da criação, dizia, Deus olhava a própria cara como um espelho. Depois, aborreceu-se e decidiu fazer as coisas. Basta de solidão, pensou Ele. Mesmo Deus se sentiu só e preferiu a companhia dos perturbadores seres humanos a ter que viver no mais absoluto silêncio. E criou o homem parecido com Ele, mas não igual, para que ele não seja capaz de tomar-lhe o poder numa investida de rebelião. Portanto, se Deus é esperto, nós também devemos ser. A meninada ria à beça das idéias do professor. Com relação à expulsão de Adão do paraíso, negava-se a crer que tal fato se dera por causa de uma simples maçã. Se assim fosse, porque se permite ainda hoje a venda de tal fruta nas mercearias e supermercados? Então, por sua maldição, a maçã deveria ser proibida como uma droga nociva, mas não é. E toda vez que a gente comesse uma, já ia direto pro inferno. Desse modo, as crianças das

escolas Albaniza Sarazate e Humberto de Campos achavam mais interessantes as interpretações dos fatos bíblicos feitas pelo Mário do que as do vigário que comparecia semanalmente para as aulas de catecismo.

Depois das aulas, o professor Mário Gomes comprava 2 litros de cachaça, 4 carteiras de cigarros e ia para a Praia do Futuro, levando livros de Vinícius, Castro Alves, Olavo Bilac e Fernando Pessoa, seus poetas prediletos. Ficava à noite bêbado, lendo em voz alta e falando com o mar, "desafiando os deuses e demônios, no auge da embriaguês".

Lembro-me de que numa entrevista concedida a um jornal de Fortaleza, por ocasião da divulgação do lançamento de um de seus livros, ao ser indagado sobre o que significou a experiência de professor de filosofia para crianças, respondeu que não tentava ensinar nada às crianças, pois elas já sabiam ser espontâneas, alegres e intuitivas, como os adultos deveriam ser. Perguntado sobre seu trabalho com a poesia, afirmou que consiste em recolher na natureza a poesia de cada momento. O trabalho do poeta é o contrário do que fazem algumas pessoas, que trabalham pensando só nos lucros. "Se eu trabalhasse assim me sentiria um otário". Indagado ainda sobre como se auto-define, redarguiu: "como me definem as pessoas que me conhecem: pilantra e vagabundo, pois fico todas as tardes, de 13 às 18 horas, na Praça do Ferreira, olhando os carros e as pessoas passarem ou recebendo os amigos. Não é por isso que eu bebo?" Pergunta a si mesmo. Segundo constatou o amigo Carlos Paiva, num artigo de jornal, Mário, ao conversar com seus colegas de ócio, em plena pasmaceira das tardes cálidas, fica sempre "atento ao ventinho que levanta saiolas."

4 Ainda adolescente, ao retornar de São Paulo, em 1983, Mário conheceu um grupo de playboys, que o povo chamava de «rabos de burro», porque tinham o cabelão grande que escorria pelas costas. Fez muitas farras com o grupo, liderado pelo famoso Ivan Paiva, um marginal da classe alta. Durante as farras, costumavam roubar carros e passar a noite circulando com o automóvel, bebendo uísque, fumando e conversando. Os jovens que compunham o bando, entre os quais o Djafre, o Elmo e o Êmerson, para citar apenas os principais, o convenceram a praticar algumas travessuras desse tipo. Com eles, de vez em quando, roubava um carro, passava num posto de gasolina, enchia o tanque e se mandava sem pagar. Depois, os vagabundos passavam numa mercearia, pegavam pacotes de cigarro, garrafas de uísque e outras coisas. O comerciante, feliz, botava tudo em caixas. Então, Djafre dizia: olhe, vou pegar o dinheiro no carro. E aí... pé no acelerador...

Ao clarear o dia, abandonavam o carro em alguma rua. Na noite seguinte, repetiam a mesma façanha...

Mário se lembra do dia em que, com os companheiros «rabos de burro », tirou uma rural da garagem de uma casa, no centro de Fortaleza. Luis César batia o record pela rapidez com que fazia ligação direta. Mas naquela noite, depois de empurrarem a rural até o meio da rua, quando Luis estava fazendo a ligação, Elmo avisou: vem vindo a PM! Mário, embora estrepante na arte de roubar rurais, não hesitou e falou: seu guarda, dá uma mãozinha aqui. Os PMs empurraram a rural e a turma de malandros se mandou, dando risadas. Quando amanheceu o dia, colocaram a rural dentro da garagem da casa de onde a haviam tirado.

5. O que mais lhe marcou a vida, segundo declara, foi descobrir-se poeta com 18 anos, depois de libertar-se do jugo implacável de seu pai, que partiu de casa quando Mário tinha 20 anos. Por inflexível determinação, o seu genitor não permitia que os filhos adolescentes chegassem em casa depois das 10 horas da noite e por esse motivo chegou a expulsar de casa o próprio filho. Esse fato contribuiu decisivamente para desencadear o processo de desregramento e boemia em sua vida. Seu pai era selvagem, castigava os filhos pelos mais insignificantes motivos. Ele e os irmãos apanharam, muitas vezes, apenas por causa de um peido. Tinha carinho apenas pela menina, a única irmã de Mário, e a mais nova. Seria esta a razão porque, na infância, o poeta brigava tanto com os outros meninos, na escola primária? Sentia, desde criança, uma espécie de revolta contra a tirania do pai, o que provavelmente se refletia em seu relacionamento com os outros meninos. O certo é que, às vezes, chegava em casa ensangüentado de tanto brigar. Mas sempre pedia desculpas aos colegas.

Começou a escrever em 1966, aos 18 anos. Seu primeiro poema foi escrito depois de uma briga com um amigo, por causa de uma namorada. Deu-lhe um murro. Foi a maior confusão. O poema diz o seguinte: "noite calma e violenta, o cão atenta... Alguém leva um murro por causa de uma rixa. Em compensação minha mão incha." A partir de então a veia poética o persegue para sempre. O murro foi um pretexto, pois o dom já existia. Como ele se auto-define, tornou-se um amante das estrelas, um devoto da lua. E embora perplexo com o primitivismo da humanidade, e às vezes se considerando "o mais vil dos cearenses", sonha escrever um poema perfeito como a criação divina.

Logo depois do episódio do murro, com vontade de ganhar algum dinheiro para publicar seu primeiro livro, intitulado Lamentos do Ego, Mário arranjou emprego numa loja de

confeções de nome Escol. No terceiro dia de trabalho decidiu comprar algumas roupas e revendê-las, por um preço mais caro. Apesar de andar sempre de táxi, chegava sempre atrasado. No dia em que chegou com um copo de Ron Montila na mão, foi despedido pelo gerente da loja. Nesta época, ano de 1968, conheceu o poeta Laércio de Menezes e, por seu intermédio, o Clube dos Poetas Cearenses. Em 1970 foi publicado na Antologia de Poetas do Ceará, organizada por aquela agremiação de jovens sonhadores que se reuniam aos sábados, na casa de Juvenal Galeno, no centro de Fortaleza. A partir de então foram-lhe mais pródigos os prêmios da inspiração e com eles vieram as viagens e as extravagâncias. Ao assumir definitivamente o seu compromisso com a vida desregrada, passou muitas noites sem dormir ou dormindo pelas ruas e alimentando-se precariamente, até ficar desnorteado, falando em voz alta na ruas e nos ônibus, escrevendo e recitando poemas nas praças, e andando, durante esse período, maltrapilho e sujo. Ganhava de presente roupas novas, ternos e sapatos, do amigo poeta Luiz Ribeiro, advogado e exímio sonetista, que conhecera no Clube dos Poetas e de quem se tornara colega de farras, e vendia tudo para gastar com bebida alcoólica, cigarros, mulheres etc. No Clube dos Poetas conheceu diversos jovens com talento para as letras e com eles celebrou amizade e manteve intercâmbio de idéias. O Clube, em suas reuniões hebdomadárias, era freqüentado por alguns adolescentes que, atualmente, figuram na lista dos principais autores da literatura cearense. Ali, sob a égide da família do poeta Juvenal Galeno, contando com o apoio logístico da escritora Cândida Galeno, também conhecida como Nenzinha Galeno, que emprestava a casa para as reuniões, os jovens escritores líamos poemas e discutíamos literatura e outros assuntos do domínio do intelecto. Dentre os moços idealistas e visionários que freqüentavam aquele domicílio da poesia, recordo de alguns nomes, como o João Batista, por exemplo, que misturava poesia com física e anunciava uma teoria revolucionária que revogaria todo o sistema da relatividade de Einstein. O Fernando Neri, poeta, compositor e cantor, de afinadíssima voz, intérprete de grande sensibilidade da música popular brasileira. O Vanderlou Oliveira, sempre acompanhado de duas ou três namoradas ao mesmo tempo, proeza que ninguém sabe como conseguia realizar, inclusive porque não se incomodava em dividi-las com os amigos e nem elas se opunham a tais liberalidades. O Clébio Carneiro, de quem recordo um verso que dizia: "calafetaram todas as portas ou todas as saídas". DE fato, era a época em que, no Brasil as portas da liberdade política e de expressão estavam realmente calafetadas. Havia o Gerim Cavalcante, na época estudante de Direito e autor de

poemas de alto teor metafórico, tal como aquele de preocupações humanistas, em que dizia "o ventre não há de parir robôs". Havia o Rembrandt Esmeraldo, poeta de forte preocupação social, mas com um conteúdo lírico marcante, que falava do adeus das amadas mortas e indagava "o que restou do teu silêncio?" Rembrandt ficou conhecido pela excentricidade com que declamava um poema que começava com os versos "os corpos das amadas mortas tombarão de encontro aos vidros" e terminava, de maneira surpreendente, com o poeta atirando-se ao chão, o corpo rígido, mas amparando-se com os braços, para que o rosto não se chocasse contra o solo.

Carneiro Portela era mentor intelectual da agremiação. Dele recorde-me de um poema que costumava recitar, no qual perscrutava a solidão das criaturas na noite agônica do mundo. Havia também o Natalício Barroso, que publicara seu primeiro livro "Os Deuses e o Deus", de profundas indagações metafísicas e com musicalidade nascida das fontes recônditas do eu. E ainda o Jarbas Júnior, que na época escrevia haikais que já revelavam a tendência espiritualista de sua poesia. E o Mário Nogueira, com óculos de fundo de garrafa, o Iton Lopes, boêmio e bonachão, que era na farra uma das companhias prediletas de Mário Gomes, o Francisco Marques, ator e poeta, o Nemésio Filho, raquítico e de barba rala. O Eurico Bivar, poeta e pintor. O inolvidável Valdemar Garcia, ator e pianista, que apesar de não escrever poesia, recitava, com a mais tocante sensibilidade, os maiores poemas da língua portuguesa. Havia diversos outros, como o Walden Luiz e o Ricardo Guilherme, ambos aficionados à dramaturgia, e que se tornaram diretores de teatro, tendo promovido e participado de diversas peças no Teatro José de Alencar e no teatro de bolso da EMCETUR.

Quando cheguei ao Clube dos Poetas, em 1975, convidado por Mário Gomes, encontrei alguns destes amigos e outros foram aparecendo depois. A entidade já havia sido fundada há alguns anos e os seus freqüentadores se renovavam naturalmente. Tinha gente que já não aparecia por lá. O Airton Monte, por exemplo, que era bastante citado pelos demais, e cuja presença jamais vi nas sessões daquela mini-academia. Dir-se-ia que Airton havia sumido depois que passara em Fortaleza uma caravana de ciganas feiticeiras. Mas a verdade é que se havia formado em medicina e a dedicação que sua profissão exigia o impedia de participar das atividades sociais do grupo, freqüentado, em sua maioria por estudantes com formação cultural ainda incompleta, mas que já traziam o germe do talento que propiciaria a elaboração de suas obras futuras. Diante de todos, Mário Gomes destacava-se pela espontaneidade irreverente, pelo primitivismo de sua expressão tosca, mas de grande sensibilidade humanista. Além

disso, Mário sempre foi o protótipo do anti-acadêmico e a bagunça e informalidade que sempre promovia alegravam as sessões e retiravam do grupo qualquer ranço de pretensão acadêmica. Guardo inapagável memória daquele tempo em que sonhávamos publicar antologias que nos trouxessem o mais rápido e consagrador reconhecimento público. Sobre as mentes dos circunstantes pairava a sombra benevolente de Juvenal Galeno e a proteção da figura austera e mansa de Nenzinha Galeno. Estou convicto de que o Clube dos Poetas merece um lugar de destaque na historiografia da literatura do Ceará. Constitui lacuna na obra do historiador, poeta e crítico Sânzio de Azevedo, intitulada "Literatura Cearense", a não inclusão do Clube dos Poetas entre as agremiações literárias que pontilham na história do Ceará. O escritor Airton Monte o recordou, em sua coluna no jornal O Povo, como uma saudosa entidade poética, onde se reuniam os mais promissores jovens poetas de Fortaleza. Naquele recanto de lirismo, os bardos principiantes tinham uma oportunidade de ampliar seus conhecimentos através do intercâmbio que mantinham durante os recitais e saraus realizados na velha Casa de Juvenal Galeno. E Airton justifica ter freqüentado pouco tempo aquele grêmio pelo fato de ser difícil explicar às namoradas que estava, em pleno sábado, fazendo um sacrifício em prol da literatura.

Foi na Casa de Juvenal Galeno que Mário encontrou guarida muitas noites em que regressava da boemia e ingressava pela porta entreaberta para dormir no assoalho da sala de reuniões, com a conivência imperceptível do Sr. Oscar e de Dona Nenzinha Galeno. Ali se recolhia até as primeiras horas da manhã e partia com os primeiros raios de sol, antes que os donos da casa se levantassem. Este hábito se repetiu por muitas vezes. Naquele tempo não havia tanto assalto e era possível manter as portas das casas sem tranca, fechadas apenas com o trinco. Uma noite, após uma peregrinação boêmia, Mário entrou, deitou-se e pegou no sono, estendido no chão, no palco do auditório. Mas Dona Nenzinha e o Oscar escutaram-lhe o ronco e o acordaram. Pediu desculpas e se retirou. Algumas vezes, depois da meia-noite, quando já não havia ônibus para o Bom Sucesso, dormia sob os portais do Teatro José de Alencar. Numa dessas ocasiões, um ladrão tentou roubá-lo (se é que havia algo que subtrair-lhe). Mário reagiu. Brigaram. Percebeu porém que estava perdendo, pois era o mais fraco e tentou fugir. Mas voltaram a brigar mais quatro vezes por não conseguirem identificar os próprios chinelos no meio da briga. Isto é, Mário pensava que as sandálias do ladrão eram as suas. Por ventura, passou um conhecido e rapidamente retirou da cintura do meliante a enorme faca que este portava, a qual, graças

ao anjo guardião do poeta, o larápio, no calor da briga, esquecera de utilizar.

Hoje em dia a Casa de Juvenal Galeno ainda funciona como centro cultural e recebe poetas e intelectuais, entre os quais o pessoal da União Brasileira de Trovadores, que foi durante muitos anos presidida pelo inolvidável Vasques Filho, e da Sociedade Brasileira de Astronomia, sob os auspícios do astrônomo e escritor Rubens de Azevedo, bem como a Ala Feminina de Escritoras, fundada por Cândida Galeno. Graças à simpatia e ao desvelo de Alberto Galeno, irmão de Nenzinha, o local ainda se mantém disponível para estas atividades culturais. Situada na rua General Sampaio, em pleno burburinho comercial, a mansão de Juvenal Galeno é um refúgio ante a confusão e a zoadá dos camelôs e do trânsito que circula nas imediações da Praça José de Alencar. O busto de Juvenal Galeno mantém-se impávido na entrada do recinto e ainda se vêem, nas paredes da sala principal, as fotos de alguns bardos, dentre os melhores representantes da literatura cearense. Há também um pátio bucólico, circundado de árvores seculares, onde em algumas ocasiões, especialmente nos dias 25 de dezembro de cada ano, se reuniam simultaneamente os trovadores e os cantadores, em festas memoráveis, uns recitando versos e outros improvisando-os no dedilhar da viola. Os saraus na Casa de Juvenal Galeno já não têm o mesmo encanto dos tempos de Nenzinha Galeno, mas ainda dão guarida aos tesouros da tradição cultural do Ceará e do Nordeste brasileiro. Apenas o Clube dos Poetas extinguiu-se definitivamente, talvez pelo próprio desinteresse ou perda de ideal e da capacidade de sonhar da maioria dos seus ex-sócios.

6. Só quando seu pai partiu definitivamente de casa é que Mário pode regressar ao lar. Depois de haver passado 3 meses pelo centro da cidade de Fortaleza, pelas boates, curtindo altas pingas, vinho «sangue-de-boi», mulheres, putas, noites em claro, dormindo pelas ruas, sentiu que estava com um distúrbio mental. Então, no dia 20 de janeiro de 1967, seu primo, o professor Luiz Cruz Lima, o mesmo que o hospedara e empregara, encontrou-o, por volta de 8 horas da noite, em frente ao Cine São Luis, na Praça do Ferreira e lhe disse: Mário, teu pai quer falar contigo, quer que tu volte pra casa. Mário não sabia que era uma cilada e que queriam botá-lo no hospício. Entrou contente na rural do Luiz, sem preocupar-se, pois chega-se ao manicômio de Parangaba pela avenida Benfica, pela qual também se tem acesso ao bairro onde Mário reside. Tal como premeditara, Luiz entrou no Hospital São Vicente de Paulo, para trancafiar ali o nosso poeta. O psiquiatra de plantão era o Dr.

Clodoaldo Castelo Branco, que inclusive não era médico ainda, era apenas estagiário. Segundo Mário, aquele jovem acadêmico de medicina o usou como cobaia. Foi enganado por ele e por um padre, que prestava serviços "espirituais" aos doidos. Ambos o conduziram pelos corredores do hospital. O Dr. Castelo Branco, com a mão no ombro de Mário, disse-lhe: "você vai jantar comigo hoje". Depois, entraram num quarto onde já havia alguns loucos hospedados. Não tinha saída, Mário teve que se entregar aos três enfermeiros que o esperavam. Eram grandalhões como leões de chácara. Três trogloditas halterofilistas, que o deitaram numa cama, amarraram-lhe os pés e as mãos, colocaram um lenço em sua boca e deram-lhe o primeiro choque na cabeça. Quando retornou a si, colocaram-no em uma cela, como numa prisão, com grades de ferro. Um cubículo. Com outro débil mental. Não tinha banheiro. Tinha que defecar numa lata. Levou 12 choques. Depois de 17 dias preso, o colocaram numa cela vizinha, em companhia de um doido forte que, após 3 dias de tentativa, conseguiu romper a grade do janelão. Quando Mário conseguiu passar o corpo para o lado de fora, o louco gritou: fugiu um doido, fugiu um doido! Pegaram-no e colocaram-no noutra cela. Passou um mês trancafiado, com outro paciente, outro doido, vamos dizer assim. Aí, de 3 em 3 dias, aplicavam-lhe um choque na cabeça. Uma tortura. Imagino o quanto sofreu o nosso poeta, na flor dos 20 anos, cheio de ingenuidade e sensibilidade, nas mãos de um bando de insensatos.

Este drama vivido por Mário Gomes faz lembrar o martírio sofrido pelo poeta Antonin Artaud, que também foi alvo dos perversos métodos da terapia psiquiátrica. É natural que um adolescente indefeso, puro como um Cristo, fustigado por indivíduos de mentalidade tacanha, se sentisse apavorado com aquela situação. Mas a agilidade mental dos poetas é um instrumento que sempre os ajuda. Depois de um mês de reclusão, Mário notou que as irmãs de caridade que trabalhavam ali convidavam os "melhorados" para assistir à missa aos domingos. Teve então a idéia de pedir a uma freira: irmanzinha, deixa eu assistir a missa domingo. Ela falou com o médico e Mário foi com dois enfermeiros à igreja. Assistiu à missa e, quando terminou, viu que as velhinhas beatas passavam com panos na cabeça, dizendo: a missa terminou, a missa terminou... Então, no exato momento em que os enfermeiros se distraíram, pegou um véu de uma velhinha, botou na cabeça e também saiu dizendo: a missa terminou... E quando chegou à porta, ao perceber que estava na rua, deu um carreirão, pegou o primeiro ônibus que ia passando e fugiu em direção ao centro da cidade.

Havia passado 3 meses no manicômio. Depois de uns 3 ou 4 dias que estava na rua, encontra com o seu pai, pede desculpas, perdão a ele e este o leva para casa. Mas o conflito teria que ter o seu desfecho: depois que regressou à casa, tentou mais uma vez chegar após as 10 horas da noite e seu pai o ameaçou de novo de expulsão. E como sua mãe tentara defendê-lo, o pai disse: Nenzinha, ou eu ou ele. E sua mãe disse: ele. Então, o pai partiu de casa para sempre.

7. Em 1970 voltou a passar 3 dias no manicômio. Desta vez foi por espontânea vontade. Mas fugiu de novo. Tinha dúvida se os médicos estavam certos ou errados. Isto é, questionava se estava realmente louco ou não. Sentia uma grande euforia e falava sem parar. Perguntou então ao Dr. Clodoaldo (ainda acadêmico): "rapaz, o que é que eu faço pra passar essa agitação?" E o futuro médico lhe disse: Mário, leve outro choque, que isso passa. Aceitou a proposta do terapeuta mas, arrependido de haver voltado ao hospital psiquiátrico, fugiu depois de 3 dias. Essas reclusões nos hospícios, durante dez anos, foram a maneira que a família encontrou de livrar-se de suas peraltices incômodas ou talvez de tentar, sem consciência, ajudá-lo a adaptar-se às regras da sociedade. Mário foi colocado oito vezes em manicômios em Fortaleza, e 3 vezes em Salvador. Mas, em todas as ocasiões, conseguiu fugir. Não aceitava a idéia de que a psiquiatria pudesse curar a loucura, que lhe parece mais um fenômeno espiritual, enigmático, que uma doença. E o seu caso não era loucura, embora o tivessem tratado como um louco. Por isso, ficou revoltado, não consentia que tratassem um doente mental como um prisioneiro, aplicando-lhe injeções e choques, dando-lhe doses quase letais de psicotrópicos, cujo consumo a própria sociedade proíbe. Contudo, acha que foi bom que sua mãe tenha posto remédios em sua comida durante vários anos, como vem fazendo até hoje, pois isto evitou que tivesse feito maiores danos à própria saúde, passando mais dias embriagado e noites em claro, perdido em absurdas perambulações. Revelou-me que atualmente toma doses de Anatensol, Haldol e Neozine, (este último com efeito tranqüilizante, e os outros dois, excitantes), de modo que a combinação deles resulta na diminuição da capacidade física e mental do indivíduo. Uma espécie de «sossega leão», para inibir as ações perturbadoras de pessoas demasiado inquietas.

De acordo com o diagnóstico do Dr. Clodoaldo Castelo Branco, Mário era um tipo leptossomático, tímido ao extremo até aos vinte anos. Devido à necessidade de ensinar no curso para o exame de admissão, o esforço feito ultrapassou os limites da

consciência normal, provocando uma estafa mental que redundou num quadro de psicose. Só não se tornou um alienado mental total porque se descobriu poeta e a poesia é uma grande terapêutica. Mas acredita também que talvez os medicamentos psiquiátricos o tenham ajudado um pouco. No dia em que se submeteu à perícia, para comprovar que teria direito à aposentadoria por invalidez, o médico atestou que Mário sofria das faculdades mentais e o poeta, em vez de esconder o diagnóstico, com vergonha ou pudor, saiu pressuroso, orgulhosamente, a mostrar aos amigos o teor da declaração. E arremata o assunto com a seguinte máxima: "sempre disse aos amigos que eu era doido por uma doida que era doida por mim". A propósito, achou engraçado aquela música do Raul Seixas: "me aposento com saúde pela previdência social". Parece que foi feita para ele, pela coincidência com o seu caso. "Eu tenho saúde, só não tenho vocação para o trabalho", afirma com convicção. Desse modo, diz estar tão acostumado ao seu ritmo ocioso, a não fazer nada, que quando encontra alguma ocupação se sente muito mal. Isto só em relação ao trabalho braçal, burocrático ou alguma obrigação inevitável, pois quando é evitável, não cumpre. Certo dia o poeta Costa Sena, ao vê-lo tranqüilamente curtindo as horas, sentado num banco da Praça do Ferreira, perguntou-lhe se não tinha jamais alguma preocupação. E a resposta: minha única preocupação é tentar não me preocupar com nada.

8. Em 1972, com saudade da metrópole onde viveu entre a infância e a adolescência, (dois 11 aos 16 anos) fase que marca a vida de qualquer pessoa, Mário resolveu rever a terra de seu xará Mário de Andrade. Já com 25 anos volta a São Paulo, para rever os amigos de adolescência. Depois de um mês encontra o Cláudio Galo, classe média, que ao vê-lo maltrapilho, deu-lhe um terno tropical inglês, um par de sapatos de cromo alemão e certa quantia em dinheiro. Vestido assim, a rigor, e com o que gastar no bolso, saiu empolgado para o centro da cidade. Cerca de 10 horas da noite entra numa boate, na avenida São Luis, perto da Consolação. A boate cheia. Era um sábado. Senta a uma mesa vazia. O garçom chega e diz: às ordens, cavalheiro. Ele pega o cardápio, escolhe o uísque marca JB, o mais caro. Para se ter uma idéia, o uísque custava 120 cruzeiros e a passagem de São Paulo para Fortaleza custava 115. Aí, inspirado ou por outra, pirado, diz ao garçom: colega, eu sou irmão do Jesse Valadão, venho do Rio de Janeiro hoje para escolher algumas mulheres pra fazer uma filmagem. Se tiver alguma mulher desocupada aí, manda pra minha mesa. Uns minutinhos depois havia 8 mulheres ao seu redor. E altos papos, mentiras, altos baratos, aquele negócio todo, e tomando o uísque.

Mas não teve sorte, porque chegou uma mulher com uma bandeja de cigarros e ele pegou uma carteira de cigarros "charme" pra cada uma das mulheres. E quebrou a cara, porque o cigarro tinha que pagar na hora. O cigarro não era da boate, era particular. Deu a maior confusão, lá vem a polícia e tava ele em cana. Um polícia lhe deu um murro na cara, ele caiu e fingiu que estava desmaiado. O polícia percebeu, deu um pontapé e disse: "levanta vagabundo". Quando ele se levanta, é arrastado para dentro da Rádio Patrulha, com a escolta de 3 soldados. O sargento disse --- quer dizer que tu é malandro interestadual, né? --- Não doutor, eu tô só me divertindo, sou um cearense que vim pra cá, tô revendo uns amigos... E o sargento: --- eu vou jogar você no Rio Tietê... E Mário: não faça isso comigo. Ficou na delegacia, dentro de uma cela. Por volta de 11 ou 12 horas, notou que o pessoal de guarda tinha sido trocado. Os policiais que o prenderam foram embora e entraram outros. E observou que na cela onde estava tinha uma brecha, talvez feita por serra, e que dava para passar seu corpo. Estava magrinho naquela época, e à uma hora da manhã, teve a feliz idéia de tentar passar uma perna e outra pela brecha. Conseguiu. Depois ousou atravessar a sala, onde estavam os policiais. Ao vê-los, com a maior cara-de-pau, diz-lhes, "boa noite"... Eles o olharam, talvez pensando que era polícia também. E quando o poeta chega na porta, dá um carreirão...

Perambula pela rua. `As 7 horas da manhã o uísque deu dor de barriga, fez mal. E lhe deu vontade de defecar. Não podia defecar na rua, já estava cheio de gente na cidade. Lembrou-se de que na avenida São Luis tinha um amigo seu, que morava no segundo andar de um prédio. Foi lá, apertou a campainha, o amigo não estava, não atendia, e a dor de barriga apertando, e teve de fazer o serviço na escadaria do prédio... e haja merda... Quando termina, é flagrado pelo ascensorista do prédio. Diante do imprevisto, Mário tirou tranqüilamente a gravata, a carteira de cigarro, o fósforo e o lenço, limpou tudo, e botou o conteúdo num pacote feito com o lenço. E permaneceu de cócoras, estarrecido. O ascensorista fez um alarme, acordou a vizinhança, chegou até velha de camisola para olhar aquele negócio. E o Mário de cócoras, com um saquinho de bosta na mão. Depois de uns dez minutos chegam os policiais. O polícia, ignorante, o vê ali naquela posição e diz, "esse é que é o vagabundo? E, pá! dá-lhe um pontapé... Levanta!... Mário levantou-se bruscamente e foi merda pra todo canto, caga todo mundo... Foi preso novamente. Nesse dia apanhou... Dentro da Rádio Patrulha, tentou argumentar, apelando para o bom humor dos policiais: "mas rapaz, você me prendeu porque eu caguei. Você não caga, esse guarda caga... Antes que conjugasse o verbo em todas

as pessoas, o guarda fica puto e grita... "cala a boca!" Ele calou. No outro dia, segunda-feira pela manhã, às 9 horas, na sua vez de ser interrogado, o delegado pergunta: e esse rapaz, o que é que fez? E contaram o caso. E ele: mas você prendeu o rapaz porque fez isso? Porque cagou? Ninguém prende ninguém porque caga não, rapaz! E talvez por acreditar que se tratava do efeito de uma dose de leite de magnésia, determinou que não havia fundamento naquela prisão defectiva.

9. Em 1973, na segunda viagem a São Paulo, ficou pouco tempo naquela metrópole. Foi ao encontro da poetisa Marilita Posoli, já velhinha, mas sempre generosa. Ela o acolheu fraternalmente e lhe deu uma passagem de São Paulo para o Rio. No Rio, depois de uns 3 dias procurando trabalho, arranhou, numa sexta-feira, um emprego numa loja de confecções, na avenida Barata Ribeiro, para começar na segunda-feira. No dia marcado chegou para trabalhar e o gerente o recebeu bem. Começou a trabalhar e percebeu que não vendia nada, pois não entrava ninguém pra comprar e ele via aquele pessoal passando, aqueles cabeludos com o violão debaixo do braço. E pensou: não, que diabo é isso? Eu tô aqui me sentindo um otário. Ao meio-dia saiu pro almoço e não voltou mais. Foi direto à praia de Copacabana. Naquele tempo não havia tanta violência no Rio de Janeiro, e se podia passar as noites caminhando livremente em qualquer lugar da cidade, sem grandes perigos. Assim, o poeta passou um mês andando com hippies, vagabundos, malandros de toda sorte, sem ser molestado pela polícia nem pelos bandidos. Andou sempre sem dinheiro. Todas as viagens que fez foi sem tostão no bolso. No Rio, chegava nos restaurantes e perguntava aos garçons: tem um resto de comida que seja sobrando aí? Nos restaurantes de comida sofisticada os garçons eram autorizados a dar comida que sobra aos mendigos. A aparência do poeta, naquela época não diferia muito da de um mendigo. Era fácil conseguir restos de comida que metia dentro de um saco e fazia o seu banquete no chão de alguma praça ou de uma esquina qualquer.

Mas o detalhe interessante foi que enjoou do Rio e decidiu viajar de novo. Na rodoviária encontrou o Costinha, aquele famoso comico de televisão. Aí pensou, é uma oportunidade de dar uma ferrada nele, pra conseguir comida e cigarro ou até uma passagem de ônibus. Falou: "Costinha, me arranja uma grana pra eu tomar uma biritita." E ele lhe deu 5 notas de um cruzeiro. Mário achou pouco e devolveu. E saiu andando. Depois de uns 10 minutos voltou e foi pedir de novo o dinheiro. "Costinha, eu aceito a grana". O comediante riu e disse: rapaz você tá é doido.

Viajou naquele dia da rodoviária do Rio até Petrópolis, a pé. Passou dois dias andando. Conheceu por lá um poeta, com quem fez amizade e conseguiu uma passagem de Petrópolis a Fortaleza, com trânsito por Petrolina. Durante a viagem foi falando de poesia e contando peripécias pra um monte de gente. E então uma mulher, já coroa, velhota, se engraçou com o poeta, se apaixonou, sei lá... Queria sentar ao seu lado. Ele não gostou da velha, não simpatizou, achou que era macumbeira, pelo tipo de assunto que falava. Quando chegou a Petrolina, desceu do ônibus, revoltado com a velha macumbeira que o perturbava.

Passou 7 dias em Petrolina, sem conseguir carona. Uma noite, um negão chegou pra ele e disse: "você que é o Mário Gomes?" Ele disse, sou. Aí o negão lhe deu um tapa na cara, sem-vê-nem-quê, só perguntou se era o Mário Gomes e lhe deu o tapa. Mário pensava que ele estava armado e correu. Na esquina, chegou um fusquinha com uns 6 soldados da PM e ele disse: "polícia, um cara me deu um tapa alí, me agrediu, eu acho que ele tá armado". Aí a polícia chega e agride o cara, enche o sujeito de porrada. Mário viu que a boca tava quente e correu. Viajou de Petrolina a Salgueiro a pé, passou 6 dias e 6 noites andando. Pedia comida naquelas casinhas de beira de estrada. Lembra que, uma noite sem lua e sem estrelas, andando na escuridão, treva total, mais ou menos uma hora da madrugada, só estrada e o matagal do lado, viu dois olhos a olhá-lo assustadoramente e fazendo: hum...hum... Ele, pensando, que diabo é aquilo? Se andava apressado, os dois olhos o acompanhavam, emitindo um insólito som: «hum...hum...» Se parava, os olhos também paravam, se andava de novo os olhos tornavam a segui-lo. Com medo, apavorado, resolveu enfrentar aquela aparição. E percebeu que era um jumento! O jumento com medo dele e ele com medo do jumento.

Ao chegar a Salgueiro, no amanhecer, foi até a Agência do extinto "Expresso Fortaleza" e contou ao gerente que havia saltado do ônibus porque fora tratado com grosseria por uma pessoa. O gerente constatou que havia sido deixado um passageiro em Petrolina e disse-lhe que esperasse o ônibus que vinha às 8 da noite do Rio para levá-lo de graça a Fortaleza. Às 2 horas da tarde, conseguiu, em um restaurante, um prato de comida. Então, chegou um mendigo e pediu a comida. Mário, com pena, deu o prato recém-obtido. O mendigo, negligentemente, botou o almoço de Mário num saco e saiu dizendo: "vou comer mais tarde quando tiver fome." Mário, furioso, deu um pontapé no mendigo, pegou a comida e jogou fora...

A realização de uma viagem posterior foi decidida de maneira insólita. Em 1975, quando bebia e conversava com o amigo

desenhista Vavau, no bar Londrina, em Fortaleza, falavam sobre o Rio de Janeiro e decidiram subitamente ir de carona para a cidade do Pão de Açúcar. Foram às suas casas, cada um pegou 3 camisas e 2 calças e tomaram um ônibus até Messejana, sem um tostão no bolso. Amanheceram na marquise de um colégio. Depois pegaram carona até Pacajús e foram pegando caronas durante 9 dias de viagem até Feira de Santana. Ali, uma hora da manhã, foram dormir na rodoviária. Decidiram batalhar um café. No bar estava o poeta Rodolfo Coelho Cavalcante, que lhe pagou a passagem até Salvador. Dormiram na casa dele. De manhã, Rodolfo arrependido de haver dado guarida a dois vagabundos desconhecidos, os expulsou de sua casa. Mas deu-lhes 500 folhetos de poesia de cordel para que vendessem. Na seqüência Mário teve que desligar-se de Vavau. Passou 20 dias freqüentando a Biblioteca de Barris, distribuindo os folhetos de Rodolfo Coelho Cavalcante. Já estava com estafa mental e física, quando obteve, com Dona Lucinha, proprietária da cantina da biblioteca, uma passagem de volta para Fortaleza e umas roupas do marido dela, sapatos de cromo alemão e camisas de seda. Sete meses depois voltou a Salvador, foi à biblioteca, e Dona Lucinha disse, ao vê-lo, "você aqui de novo?" E ele: "Dona Lucinha, eu vim apenas agradecer aquela bondade que a Senhora fez comigo." Passou mais 45 dias comendo de graça na cantina dela. Ela ficava admirada com o papo do poeta, pasmada com os seus poemas, dos quais ele recitava apenas os que não a fizessem corar. E assim fez com que a cantineira descobrisse sua vocação de mecenas, já que resolveu sustentá-lo outra vez com os lanches de sua cantina e dar-lhe outra passagem de volta a Fortaleza.

Num sábado do mês de junho de 1975, de novo em Salvador, passara o dia todo tomando cana e à noite, já estonteado por uma ressaca braba, tomou quatro copos de leite, no intuito de recuperar-se e ir ao cinema. Mas na entrada do cinema, após haver comprado o ingresso, deu-lhe uma enorme vontade de peidar. Pensou que fosse um peido honesto, fiel, amigo. Que nada. Foi traiçoeiro. Todo cagado, saiu correndo. Para sua felicidade, caiu uma chuva torrencial que lhe permitiu lavar a cueca e tomar um banho completo. Colocou a cueca numa raiz de uma árvore e ali a esqueceu. Retornou a Fortaleza, e sete meses depois voltou à capital baiana. Ao chegar lembrou-se da cueca, foi procurá-la e a encontrou no mesmo lugar. E ainda a usou por mais três meses. Nessa viagem, quem pagou o seu retorno a Fortaleza foi o amigo Miguel Cirilo, impressionado com a situação do Mário em Salvador.

Durante suas viagens, relacionou-se com os mais exóticos tipos humanos, como por exemplo, um louco que conheceu

em Salvador, na Praça da Piedade, o qual, semelhante a um faquir permaneceu de 6 horas da tarde às 6 horas da manhã olhando fixamente para a lua cheia, sem mover o rosto, com a cabeça erguida para o céu. Impressionado com o louco, Mário permaneceu também toda a noite fitando a cara pasmada do demente. Segundo me confidenciou, toda esta paciência se deve a que, na época, também se achava psiquicamente debilitado. Havia passado 9 dias na indigência do Hospital das Grotas. Ali também levou choques elétricos. Depois dos 9 dias num quarto com janelas de vidro, quebrou a janela com um pau da cama e fugiu. De madrugada, em seu delírio de fugitivo, quanto mais andava para fugir, mais se aproximava do hospital. Até que finalmente pegou um caminhozinho e foi direto ao centro da cidade.

Noutra viagem, foi com o amigo Vicente, andarilho de primeira viagem, inexperiente e tímido, para o qual arranjava comida, cigarros, café, etc. Depois de 9 dias e cerca de 30 caronas, chegaram a um posto de gasolina em Jequié. Vicente, vencendo a timidez, teve coragem de pedir um cigarro a um motorista, e o fumou todo sem oferecer ao companheiro de andanças que tanto o ajudara. Mário reclamou desta falta de atenção do colega, os dois discutiram, e Mário disse: "vamos cada um pra um lado." Depois de meia hora de caminhada, arrepende-se de ter abandonado o amigo inexperiente na arte de "estradejar" e regressa ao local. Ao chegar já não o encontra. Nunca mais reviu aquele amigo.

10. Nessa mesma viagem teve uma experiência triste com um mendigo que conheceu nas quebradas do sertão, em plena peregrinação a pé pela caatinga nordestina. Era um velhinho que peregrinava por aqueles confins e com quem conversou durante algumas horas de caminhada. Numa encruzilhada, acharam um despacho de umbanda, com um estrogonofe, vatapá, duas garrafas de cachaça e 8 charutos. O mendigo comeu o estrogonofe e o vatapá e Mário bebeu a cachaça e fumou o charuto. 10 minutos depois, o mendigo estava suando frio, babando, vomitando, revirando os olhos. A comida envenenada matou o velhinho. Mário, por medo de ser envolvido no falecimento do velho, achou por bem abandonar o cadáver e seguir viagem. O poeta confessou-me que não gosta de recordar esta história. Contou-a apenas a 3 pessoas. Tentou esquecê-la por ser horripilante.

Quando chegou a Salvador, foi direto a um bar perto do Pelourinho tomar alguns tragos. De repente um marginal deu-lhe, pelas costas, uma paulada no ombro e correu. Mário correu atrás do sujeito, xingando-o. O cara subiu num batente e pegou um paralelepípedo. Mário disse: tu é tão covarde que não tem coragem

de jogar essa pedra na minha cabeça. E reclinou a cabeça sobre o batente. Imediatamente o sujeito joga a pedra. Mário, num reflexo imediato, retira a cabeça. Mas a pedra bate-lhe em cheio na mão, estraçalhando-a. Apavorado, chorando, esperneando, esticando os dedos, conseguiu consertar a mão. Mas ela ficou inchada, como a mão de um monstro, e doendo terrivelmente. Passou 2 meses nessas condições. Ele mesmo fazia os curativos, numa farmácia. E ficou totalmente curado, sem ir ao médico. Não procurou uma emergência ortopédica, por medo de que lhe cortassem a mão, tal era o estado em que se encontrava. Tempos depois, escreveu um poema sobre a importância de não ter ficado "maneta": "a minha mão direita é meu divertimento, é meu cinema. Não posso destruí-la, senão ficarei sem vida".

Continuou viajando periodicamente para a Bahia, atraído talvez pelos orixás da poesia ou pelo encanto das baianas. Foi 10 vezes a Salvador. Sempre sem dinheiro. Passava dois ou 3 meses vagando na mais dissoluta boemia e voltava magro, com altas pirações, tomando estimulantes como «Catovite» e «Reativan» para continuar o ritmo de suas aventuras.

No ano de 1977, na terceira viagem a Salvador, depois de um mês freqüentando a Biblioteca Municipal, apaixonado pelas lindas bibliotecárias, com as quais, embriagado e inspirado, conversava o tempo todo, lendo-lhes poemas e contando interessantes anedotas, a diretora achou que estava atrapalhando o serviço de suas funcionárias, e numa discussão com Mário, telefonou para a polícia, dizendo que tinha um louco querendo apedrejar os vidros da biblioteca. Chega a polícia e o leva pro hospício. O médico conversa com ele uns dez minutos e o manda embora. Em seguida Mário volta à biblioteca e começa tudo de novo. Durou um mês essa briga com a diretora, ela o mandando para o hospício e para a prisão e ele voltando sempre para chatear. E ela, naturalmente, já estava ficando mais neurótica do que ele. Mas ao poeta importava a generosidade e a atenção que as funcionárias lhe davam, e pelo prazer da companhia daquelas musas, enfrentava os maiores perigos.

Certo dia surgiu na Bahia um marginal que ficou conhecido como «o homem do canivete», um débil mental que furava as nádegas das mulheres e se escondia. Segundo se dizia, gostava de furar mais as das estudantes e das funcionárias públicas. A população de Salvador achava-se apavorada, sobretudo as mulheres. Todo homem que flertava com uma mulher suscitava suspeitas. Podia ser o homem do canivete. E a polícia, como acontece em tais situações, prendia o indivíduo como suspeito. Mário foi a pior vítima, seu caso foi horrível. Ele estava, por volta de

9 horas da manhã, no Colégio Central do Estado da Bahia, tentando filar uma merenda que o governo dá para os alunos, quando uma estudante, por brincadeira ou por sacanagem, disse: "ó o homem do canivete!" E os outros alunos foram se aproximando e ela dizia é aquele ali, e começaram a dar-lhe murros, pontapés, por fim aglomeraram-se 400 alunos com a intenção de linchá-lo. Foi a maior surra que levou na vida. Os professores da escola apartaram a briga e o levaram para a sala da diretora, trancaram a porta e telefonaram para a polícia. Quando a polícia o levou algema na Rádio Patrulha, o carro policial foi apedrejado. Passou cerca de 5 horas em investigações, todos os jornais o entrevistaram, as televisões o filmaram e, ao final fizeram as devidas acareações. As 22 vítimas do homem do canivete o salvaram, porque quando o viram, confirmaram que não tinha sido ele o autor das perfurações em suas nádegas. Às 11 horas da noite Mário foi solto e foi dormir na marquise da biblioteca, onde sempre dormia. Ao acordar às 7 horas da manhã, saiu andando pela rua e viu, em todas as bancas de jornal, a sua foto publicada, com as manchetes dizendo, "homem espancado por parecer com o tarado". "Estudantes lincham cearense." Ficou apavorado e teve vontade de nunca mais voltar a Salvador. Partiu para Fortaleza, com uma passagem de trem presenteada por uns amigos, que fizeram uma "vaquinha" para "repatriá-lo".

11. Numa das viagens para o Rio de Janeiro, foi até à cidade de Muriaé, e de lá foi expulso pela polícia. A burguesia achou de mandar prendê-lo, porque participara de uma serenata estridente, na companhia de uns bêbados que perturbavam o sono de metade da cidade. O delegado o colocou na estrada. Pegou uma carona até Governador Valadares, onde passou 16 dias e foi preso 3 vezes. Na última das prisões perdeu todos os documentos. Depois de liberado, conseguiu, por intermédio de uma amizade com um operário, cujo nome não recorda, uma passagem para Belo Horizonte. A caminho da capital mineira, numa parada do ônibus, enquanto folheava o jornal *O Estado de Minas*, que havia disponível na lanchonete, leu o artigo de um jornalista mineiro, que havia passado 10 dias em Fortaleza e declarava-se encantado com a cidade, tendo sido muito bem recebido pelo governo e pelo povo fortalezense. Uma frase no artigo lhe chamara mais a atenção: "tenho uma grande dívida com o povo cearense, que jamais irei saldar". E Mário pensou: pô, esse cara vai me dar a passagem de volta pro Ceará. Ele gosta muito do povo cearense...

Chegou a Belo Horizonte, no mês de julho, às 8 horas da noite, com um frio violento, e ele magrinho, só com a roupa do

corpo, sem documento, sem nada. Foi logo procurar o jornalista, que se chamava Hélio Fraga. Disseram no jornal que Hélio Fraga só trabalhava de meio-dia às sete da noite. E ele tinha que passar a noite toda, até as doze do dia seguinte, para poder falar com o homem. Depois de dormir numa calçada, sobre o exemplar de O Estado de Minas, acordou com os primeiros raios de sol, com a polícia pedindo-lhe os documentos. Como ele não os tinha, foi em cana. Ficou 15 dias preso. Não sabiam quem ele era, nem a sua procedência. Havia muita violência em Belo Horizonte. A polícia soubera que o famigerado bandido Lúcio Flávio estava pela cidade e acharam que Mário poderia ser um dos fugitivos da gangue. Durante os difíceis dias que passou na prisão, em desespero de causa, tinha atitudes que complicavam a sua situação. Um dia pediu um cigarro a um policial e este o negou. Mário, num gesto de ousadia e loucura, desafiou-o, dizendo: "então enfie no cú." O policial o tirou da cela e o espancou durante meia hora. Na semana seguinte tornou a apanhar por causa de uma briga com dois marginais que começaram a provocá-lo. O policial pegou uma palmatória e deu-lhes sete pancadas nas mãos, com tanta força que se desse a oitava as mãos estourariam. As de Mário ficaram inchadas, azuladas e doloridas durante muitos dias. Depois do castigo, os três foram tristonhos e cabisbaixos para a cela.

Um hippie, seu companheiro de cárcere, depois de uma semana que estava preso, gravou o nome de sua mãe e o endereço, e quando saiu, escreveu para ela. Dona Nenzinha, mãe de Mário, ao receber a carta, foi à Casa de Juvenal Galeno e falou com a outra Nenzinha, a escritora Cândida Galeno, que trabalhava na Polínter, a qual conseguiu, através de contatos com as autoridades mineiras, fazer com que a polícia de Belo Horizonte liberasse o nosso poeta. Quando o soltaram, não explicaram por que. E foi às 6 horas da tarde, perto da hora que o jornalista saía do trabalho. Mário foi de novo ao jornal, mas chegou tarde mais uma vez e teve que passar a noite toda esperando, até o meio do dia seguinte, para falar com Hélio Fraga. Às 3 horas da madrugada, perambulando, foi preso de novo na Delegacia de Furtos e Roubos. Passou 18 dias, trancado num cubículo, com onze assassinos e ladrões. Foi um desastre, um sofrimento. Mário recorda de um episódio grotesco que assistiu naquela prisão. Chegara preso um rapaz de cerca de 20 anos de idade, a quem o policial, para castigar, pediu que retirasse as vestes e mandou que esticasse as mãos abertas. Quando levantou a palmatória para bater, imediatamente o pênis do rapaz ficou ereto. De tão impressionado, o policial desistiu de castigá-lo.

Quando, depois de 18 dias, o soltaram, e ele foi à casa do hippie com quem tinha feito amizade na prisão, tomou um banho e

às 2 horas da tarde encontrou Hélio Fraga e contou-lhe a história. O jornalista perguntou: rapaz, por que não me deixa fazer uma reportagem contra esses policiais que te massacraram? E Mário disse: "não, esses caras vão me pegar depois, e é pior... Deixa pra lá, eu quero só a passagem de volta pra Fortaleza". Ele telefona para uma empresa de transporte, na rodoviária, informa-se sobre o preço e lhe dá dinheiro e algumas roupas velhas, que havia no jornal para doação à campanha da fraternidade. Mário agradeceu, vestiu a roupa, que não tinha bolso e guardou, entre a calça e a barriga, o dinheiro, 10 paus que Hélio Fraga lhe dera. Comprou as passagens. O ônibus saía às 10 horas da noite de Belo Horizonte e ainda houve tempo para comprar uma garrafa de vinho, que bebeu na calçada da rodoviária. Deveria tomar dois ônibus, pois não havia nenhum direto para Fortaleza. Tinha assim, duas passagens, uma de Belo Horizonte a Valadares e outra de Valadares a Fortaleza. Devido à sua fraqueza e à fome que passara, à noite, o vinho que bebeu deu-lhe sono e Mário dormiu num banco. Foi acordado por alguém e percebeu que tinha perdido as passagens. O cara que o acordara disse: "rapaz, eu achei ali, você tem sorte." Quando chegou a Valadares, foi passear pela cidade e perdeu a hora do ônibus que partia daquela cidade às seis e meia, com destino a Fortaleza. Soube depois que o ônibus virou e que morreram 13 pessoas e várias ficaram feridas... Foi um desígnio divino aquela intuição que o fez perder o transporte fatídico...

Em Governador Valadares o poeta viveu outro de seus momentos estapafúrdios. Após duas semanas dormindo nas sarjetas, jardins e praças, foi a um clube dançante para ouvir a cantora Núbia Lafayate. Conseguiu entrar sem pagar. Na cozinha do clube arranjou um copo duplo e foi, de mesa em mesa, pedindo colaboração para o seu deleite alcoólico. Notou que havia dois policiais seguindo-o, mas fez pouco caso da presença daqueles fiscais. No final da festa, saiu andando atrás de duas garotas bonitonas e burguesas. Tentou bater papo, mas elas não deixaram. Ante a recusa de diálogo por parte das moças, Mário, zangado, apela: "olha, eu gosto muito é de boceta". E aí, imediatamente os policiais que o seguiam o algemaram e o levaram num fusquinha para a delegacia, onde permaneceu preso por três dias.

12. Já de volta a Fortaleza, alguns meses depois, passou a freqüentar os bares da rua Clarindo de Queiroz, e de vez em quando ia tomar uns tragos com o seu amigo Adson Alcântara, pelas imediações do mercado São Sebastião. O Adson na época era play-boy e bandido. Hoje é um gigante manso e pacato, embora ainda possa tornar-se feroz com os inimigos. Uma madrugada, num bar

localizado naquela área, seu vigoroso amigo começou a discutir com o dono do bar, por algum motivo que Mário não recorda bem, e irritou-se ao ponto de começar quebrar o bar, jogando garrafas nas prateleiras. Depois, revoltou-se contra o próprio Mário e tentou agredi-lo. Mário foge pelas brechas da porta quase fechada. Ao tentar correr, três guardas noturnos o agarraram, dando-lhe uma surra de cassetetes, com porradas em todo o corpo. Conseguiu se desvencilhar dos guardas e da surra, correndo novamente pela rua, quando um dos vigias saca a arma e dispara cinco tiros. A última das balas atravessou-lhe o corpo e Mário desmaiou. A bala bateu embaixo da omoplata, perfurando-lhe a carne e saindo do outro lado. Por absoluta sorte, o projétil não atingiu nenhum osso e nem o coração. Apenas a perfuração e a dor intensa. Quando acordou, no dia seguinte, no hospital José Frota, as enfermeiras estavam-lhe fazendo um curativo. Enquanto exerciam seu trabalho terapêutico, uma delas falou para a outra: "é... se fosse um pai de família teria morrido, mas como é um ladrão, safado e sem-vergonha, está vivo". No outro dia, quando souberam que Mário era um professor do Curso de Admissão, pois havia preenchido a ficha médica, indicando sua profissão, a enfermeira, muito envergonhada, veio pedir-lhe desculpas e Mário a perdoou. Daquele episódio tenebroso restou a lembrança, uma cicatriz abaixo da omoplata e um recorte de jornal que Mário guarda até hoje e que tem o seguinte título: "Professor baleado na Praça São Sebastião".

13. Conheci muitos heróis, afirma, ao referir-se aos amigos. E cita como exemplo o Haroldo Furtado e o Airton Pescador. Lembra de uma boa ação do Haroldo, no dia em que bebera seis garrafas de cana, num bar do bairro Granja Portugal. Naquela ocasião, ao tentar levantar-se, caiu e bateu com o nariz no chão. Imediatamente o amigo Haroldo o colocou num táxi e o deixou em casa, apesar de não ter dinheiro para pagar o táxi. Diz que conhece poucas pessoas como o Haroldo e Airton, que sabem o verdadeiro sentido da amizade e compreendem o intelecto do ser com quem conversam, e praticam ações fiéis. Sobre Airton de Medeiros, o Pescador, disse que o conheceu na Praia do Náutico. Eles queriam beber e não tinham dinheiro. Então, Mário, que ganhara um terno do amigo poeta Luiz Ribeiro, trocou a camisa nova por uma roupa podre, fedendo a peixe, de um pescador, que lhe voltou algum dinheiro com que comprou cachaça e cigarro. Nesse dia o Airton quase vomitou, de tanto que a camisa fedia. Depois, Mário vestiu o paletó e a gravata, sem a camisa e todo mundo ria daquela palhaçada.

Recorda também um fato engraçado sobre o amigo Zé Ribeiro que, depois de passar 3 meses no Rio de Janeiro, voltou tão empolgado com a vida sulista, que só andava de paletó, gravata, cachecol, boné e óculos escuros, fumando cachimbo e puxando uma cadelinha. No calor das três horas da tarde, a cadelinha já cansada, com fome e sem poder andar, ele dizia pra ela -- se manque! se manque! Hoje o Zé Ribeiro vive confinado numa guarita de fabricar chaves e raramente passa em frente ao "escritório" do pessoal da praça.

Os amigos que encontra na Praça do Ferreira são certamente seus melhores leitores. Homenageou aqueles malandros num poema que intitulou A Turma do Escritório, pois os considera personalidades imprescindíveis. A respeito deles, acha que se aplicam as palavras do poeta e professor Juarez Leitão, segundo o qual a sociedade tem o dever de manter vagabundos como o Mário, pois lhe deve a beleza do lirismo e da poesia. Segundo Mário, o malandro é quem mais se aproxima do intelectual, pois este não suporta conviver com otário. Na noite de lançamento de um dos livros de Mário, Juarez Leitão, encarregado de saudá-lo, chamou-o de poeta das sarjetas, das noites boêmias, de vagabundo genial, que merece ser sustentado pela sociedade, pois ela precisa do seu lirismo. De fato, Mário confirma que, se hoje lhe oferecessem um emprego, responderia: obrigado. Não tenho vocação para trabalho. Em realidade, certa aversão ao trabalho, palavra que, no idioma latino era o nome dado a um instrumento de tortura, não é privilégio de ninguém. Rimbaud confessava invejar a ociosidade dos sapos e dizia: jamais trabalharei! E não são apenas os poetas que justificam a necessidade do ócio: a própria teoria do capitalismo explica que algum nível de desemprego é benéfico para a sociedade, já que evita o crescimento da inflação. Desse modo, nada melhor que um artista marginal para ajudar o progresso econômico, a saúde social e a atuação da "mão invisível" do mercado na civilização contemporânea.

Foi engraçado o encontro de Mário Gomes com Juarez Leitão, este recém chegado a Fortaleza, procedente do sertão dos Inhamuns. Antes de partir de sua gleba nativa, Juarez foi alertado pela família para que tivesse cuidado com os "lapadas", isto é, os ladrões da cidade. Um dia, quase noite, encontra na rua Liberato Barroso um sujeito que lhe diz: ó compadre, me arranja uma grana se for possível! O Juarez pensou logo -- virge, é um lapada, e respondeu, "ora, rapaz, não tenho dinheiro nem para pegar o ônibus". O pedinte, imediatamente, enfia a mão no bolso e lhe dá uma grana. Juarez ficou surpreso e impressionado com aquele

gesto e somente depois tomou conhecimento de que se tratava de seu futuro confrade nas letras.

Na época de seu encontro com Juarez Leitão, Mário já era boêmio e ao final das noitadas dormia muitas vezes no chão do auditório da casa de Juvenal Galeno, local onde se reunia o já citado Clube dos Poetas Cearenses. Certa ocasião, Mário tomou um táxi e desceu na porta da Casa de Juvenal Galeno, na rua General Sampaio, pedindo ao motorista para esperar um pouquinho, que voltaria já. Então, percorreu toda a extensão da casa, que tem uma saída pelo quintal, do outro lado da quadra. Passou imperceptivelmente pela sala e pela cozinha, e saiu do outro lado, pela porta dos fundos, na rua 24 de Maio, que passa por trás da mansão do velho Prócer da Poesia. Dalí seguiu para a Praça da Estação, rumo a novas peraltices.

Lembro de uma ocasião em que Mário, em plena reunião do Clube dos Poetas, puxou um revólver e apontou para o Carneiro Portela. Todo mundo se apavorou, sobretudo o Portela. Luiz Ribeiro gritou: que é isso, Mário! Tenha calma! Portela se tremia dos pés à cabeça. Eu pensei comigo, o Mário Gomes tá louco, endoidou de vez, e me preparei pra correr ou me meter debaixo da mesa. Mas era apenas um revólver de brinquedo. Depois, rimos daquela travessura do menino que há em todo poeta.

Das farras com o Luiz Ribeiro, recordo uma noite em que saímos os três, como costumávamos fazer depois das sessões do Clube dos Poetas, para um bar próximo a EMCETUR (Empresa Cearense de Turismo), onde tomávamos cerveja com paçoca. Confiávamos em que o Luiz pagaria a conta, pois naquela época já era advogado e costumava financiar os porres do Mário. Bebemos a perder a conta das garrafas. Quando íamos nos despedir, Luiz percebeu que estava sem dinheiro. Nós também não tínhamos nada. Então, o nosso mentor Luiz Ribeiro teve que deixar empenhado o relógio para que o taverneiro não chamasse a polícia.

Luiz Ribeiro era efetivamente o nosso guru. Tinha admirável erudição e era autor de impecáveis sonetos, como aquele romântico, em cujo primeiro quarteto diz: "quando te vejo é quando estou mais cego/pela paixão que nos meus lábios calo/quero dizer-te que te adoro e nego/o meu amor, talvez porque não falo". Admirávamos o estro daquele exímio sonetista que, mais velho e mais culto do que nós, parecia, nos discursos inflamados que fazia, detentor do dom da palavra. Em suas intervenções no Clube dos Poetas, citava de memória Platão, Aristóteles, Kant e recitava Camões, Olavo Bilac, Antero de Quental e outros bardos, misturando poesia com teoria musical e filosofia do Direito. Era também excelente pianista. Tocava, especialmente Chopin e Litz,

com maestria. Pois era sob a orientação douda deste ilustre mentor que Mário freqüentava a boate Madrugada, um prostíbulo meio sofisticado na Praia de Iracema. O Luiz pagava tudo, a bebida, o cigarro, as mulheres, e na volta, tomava um táxi com o Mário, descia em sua casa e dava dinheiro para o amigo de farra seguir no mesmo carro até sua casa, no bairro do Bom Sucesso, há cerca de 15 quilômetros do centro de Fortaleza. Muitas vezes Luiz encontrava Mário, via-o com roupa simples e dizia: poeta, você tem que andar igual a mim, e ia numa loja e comprava um terno completo, sapato novo, relógio, etc. Depois de 3 dias, Mário vendia tudo e gastava com biritá.

Outra de suas amizades notáveis é o Timóteo, que considera uma figura excepcional. Quem o vê hoje, cidadão responsável e trabalhador, dedicadíssimo ao saxofone que toca com maestria, surpreende-se de já tê-lo visto tantas vezes na mais degradante condição. Este companheiro predileto do Mário, que conseguia mergulhar ainda mais fundo que o seu colega nos abismos do alcoolismo, passava semanas e até meses na sarjeta, todo sujo, esqualido e maltrapilho, como um mendigo de verdade. Ao tentar conversar, delirava de tal modo que nada ou quase nada se entendia do que falava. Porém, estas fases de profunda decadência eram intercaladas de momentos de abstermia e lucidez, em que se vestia dignamente, aparecia todo limpinho, abominando as atitudes que tomara sob o efeito da bebida. Hoje em dia o músico Temóteo Cavalcante anima as festas do colunista social Lúcio Brasileiro e parece haver-se libertado definitivamente do vício que o subjugava. Mário tem histórias fabulosas do convívio com este amigo, cuja autenticidade Temóteo confirma, com maiores detalhes, sempre que o encontro na Praça do Ferreira, local da reunião dos colegas de ócio do poeta. Um destes casos é o seguinte: Temóteo havia tocado no carnaval, estava "estribado" e pagou vários uísques e ainda tinha sobrado bastante dinheiro. De repente, chegam uns caras e falam: assalto! Em vez de entregar a "nota" toda que ainda tinha, Temóteo botou a mão no bolso e entregou só uma moedinha de 20 centavos. Só tenho esse dinheiro, afirmou. E os ladrões, decepcionados, exclamaram - esses caras são uns fuleragens, e foram embora.

Numa madrugada boêmia, depois de três dias de farra, Temóteo e Mário tinham gasto a última grana numa rodada de cerveja e já não havia nem pra um cigarro. Andavam pela rua São Paulo, quando Temóteo falou pra um sujeito que ia passando: meu amigo, você tem cigarro? E o cara: tenho ... Quando o cara ia dar a carteira de Hollywood, o Temóteo disse, não, eu quero que você abra e tire dois. O cara tirou dois cigarros e o Temóteo pediu que

colocasse um na boca de cada um e acendesse. Ele os serviu e acendeu os cigarros. Depois Temóteo despediu-se do cidadão dizendo: "obrigado, té logo" ... O homem ficou para trás, perplexo, sem palavras, olhando-os.

Mesmo em seus momentos de violenta decadência, Temóteo jamais perdeu o otimismo e a esperança. Prova disto é o poema que escreveu em uma das suas fases de bebedeira e degradação: "se alguém falar mal de você,/deixando-te como companheiras as trevas e a solidão,/tenta humildemente em orações a teu Mestre,/exprimir o inexprimível, com o teu talento./E depois a ti mesmo dizer, estou vivo rapaziada". Sobre ele Mário narra, no poema "Exemplo de Socialismo, Humanismo, Coragem e Personalidade", o seguinte episódio: "Eu e o Temóteo (do sax)/estávamos tomando uns pileques num barzinho/desses de beira de praia,/quando conhecemos um biriteiro./Papo vai, papo vem, quando o dito biriteiro diz:/ih, rapaz, rasgou-se minha bermuda. E eu estou sem cueca"/.Imediatamente, o meu ilustre amigo. (Temóteo) diz:/vamos ali. Saem os dois. Eu fico./Passou alguns minutos. Eles chegaram, rindo./Pareciam felizes./Notei o seguinte: o biriteiro, com a bermuda do Temóteo/ e este, com a do biriteiro./ Eu digo: ô Temóteo, como é que você troca a sua bermuda/nova, intacta, limpa, por uma suja e rasgada?/Ora, poeta! tu achas que eu ia deixar o cara daquele jeito?/Eu pelo menos tou de cueca"/.É ou não é um homem de verdade?/.

Há amigos a quem Mário se refere com apreço especial. Um deles é o poeta Guaracy Rodrigues, que conheceu em 1970, no bairro Jardim América. Naquela época era o Guaracy quem dava todos os dias o dinheiro para que Mário retornasse a casa de ônibus. Meses depois, descobriu que Guaracy lhe dava todo o dinheiro que tinha e ia a pé para sua casa. Quando soube disso, ficou sensibilizado e não aceitou mais a grana do amigo. Num poema que lhe dedica, chama-o de "Guará matreiro e malandro honesto, de duas décadas das mil e umas noites boêmias".

Outro amigo que muito preza é o grande bardo José Alcides Pinto. Os dois se conheceram numa manhã ensolarada de Fortaleza, quando Alcides saía ao encontro de alguma musa e deparou-se com a figura esdrúxula do Mário distribuindo seus folhetos. Alcides descreveu este encontro e o fenótipo do amigo, num artigo em que o chama de poeta descomunal: "tombado para frente, a camisa de cor berrante, domingueira, o cigarro ardendo na boca, protegida por um bigodão selvagem cor de cobre, com aquele ar de louco heróico estampado nas faces, os passos desmedidos, os gestos insólitos, apesar da paz que lhe afeiçoa o semblante". Depois de ler os intuitivos poemas de Mário, Alcides os considerou

aparentemente agressivos, mas delicados e puros em sua humanidade. E destacou alguns versos como os seguintes: "Respeitai as formiguinhas, porque a mulher sofre quando ri e quando chora." Louvou-lhe as travessuras anti-poéticas, pois é típico dos loucos e dos inocentes escrever em estado de graça e de insensatez. Apreciou-lhe os poemas chocantes e absurdos, mas com a dimensão de belas lições de sapiência. Destacou também a sua determinação de permanecer fiel à poesia, no poema em que afirma: "ninguém me despoetizará!" Tem razão Alcides, ao enfatizar, num valioso depoimento, que por sua intuição primitiva e originária, considera-o um fenômeno à parte, fora de toda classificação em escolas e movimentos literários.

Meses depois do primeiro encontro, Alcides vê Mário na Praça e o convida para a inauguração dos murais que mandou pintar em sua casa, na Rua Rodrigues Júnior. Era o ano de 1982, durante o qual José Alcides Pinto obteve diversos êxitos e consagrações com a publicação, entre outros livros, dos Sonetos do Amor Romântico e de uma antologia de sua obra poética. Os maiores pintores de Fortaleza estavam presentes e até o prefeito da cidade compareceu ao evento. Nesse dia Mário bebeu mais que o próprio Dionísio, encharcou-se mesmo. E foi o último a sair da festa, seduzido pelo prazer da companhia do grande Alcides, pelas espécies etílicas e pelas anedotas geniais que o anfitrião lhe contava. Mário dobrava-se de gargalhar, estridente, enfeitiçado e ébrio como um fauno delirante. E ao dar vazão às risadas, pegava as cadeiras de balanço e as golpeava no chão. Tanto repetiu aquela atitude compulsiva que rebentou várias cadeiras da mansão do Alcides. O dono da casa, hipnotizado pelas diabruras de seu convidado, ou estonteado pela ingestão do vinho, parecia conivente com aquelas licenças poéticas desvairadas, advertindo, apenas, de vez em quando, que as cadeiras eram frágeis e que terminariam destroçadas. Alcides me contou essas proezas, achando-as por demais divertidas. Afinal, tudo se perdoa, em se tratando de um tipo como Mário Gomes.

Em 1981, numa das muitas viagens a Salvador, Mário foi, na companhia do poeta Mário Garrido, beber cachaça num bar e a garçonete lhes serviu duas doses tão pequenas que Garrido reclamou. A moça se aborreceu e o amigo se retirou. Mas Mário resolveu ficar e em sinal de protesto ficou encarando a garçonete. O bar estava lotado e ele não sabia que o dono era um valentão, perverso. O sujeito, que era alto, aloirado e musculoso, prometeu dar-lhe um «pau» e partiu para cima do Mário. Foram para o meio da rua e haja murro pra todo lado. O baiano, ajudado por mais seis amigos, deu-lhe uma tremenda surra. Deram-lhe muitos pontapés

quando Mário caiu no chão. Chutaram-lhe diversas vezes as costelas. Mário confessa que, desesperado de dor, defecou-se todo. Os caras iam matá-lo se não fosse um conhecido que acabou a briga. Mário saiu cambaleando e passou mais de um mês doente em consequência dessas agressões.

Recordo de um dia em que o vi passar meteoricamente pela Praça, magro e agitado, recém regressado de Salvador. Observei-o à distância. Falava alto, olhando o «pôster» de uma mulher, pregado à parede de um edifício. Aproximei-me e ele me saudou alegremente, falando-me de sua recente peregrinação. Enquanto caminhávamos, entrou de súbito numa farmácia. O farmacêutico, ao vê-lo, adivinhou-lhe o pensamento e disse: Mário, já vai entrar na química? Naquele dia o vi ingerir metade de um recipiente do remédio "catovite", um excitante que de vez em quando o poeta experimentava, talvez, à guisa de inspirar-se para escrever algum poema. Nesse dia dei-lhe carona até o Bom Sucesso, e no caminho passamos em Parangaba, onde, com a ajuda de uma caneca de água de um pote que havia num bar, Mário deglutiou o restante do frasco do remédio. Depois, deixei-o num bar, cujo proprietário o saudou efusivamente, chamando-o de professor e perguntando-lhe sobre a viagem. Percebi que toda aquela quantidade de drágeas parecia-lhe inócua, pois não observei qualquer alteração adicional em seu comportamento. O poeta, que já estava falastrão e agitado, continuou assim, contando peripécias ao taverneiro, que ria folgadoamente sob o sol da tarde suburbana.

Foi numa noite do ano de 1975, depois do lançamento de um livro de Artur Eduardo Benevides, no Clube Náutico Atlético Cearense, que ao deglutir um sanduíche no calçadão da praia de Iracema, percebi a aproximação de um sujeito com a cara de ébrio, jeitão de indigente, mas com expressão de sagacidade no olhar. Pensei comigo, eis um autêntico malandro. Dito e feito: o camarada me pediu dinheiro pra comer. Achei por bem não negar, pois o tipo parecia simpático. Enquanto saboreávamos o ágape, o tipo foi me mostrando um poema rabiscado numa folha de jornal, toda amarelada, já se esfacelando. Logo nos identificamos. Ele me mostrou uma carteirinha do Clube dos Poetas Cearenses, assinada pelo então presidente, Carneiro Portela. Embora duvidando daquela instituição que fornecia carteira de identidade aos poetas, interessei-me em participar de uma de suas sessões. Assim, passei a ir todos os sábados ao Clube dos Poetas, onde encontrava sempre o sujeito de quem fiquei amigo por causa do sanduíche e da poesia. Por considerá-lo tão exótico, buscava-o sempre na Praça do Ferreira, ou ia à sua casa. Ali conheci sua mãe, D. Nenzinha, que sempre me servia um café sem açúcar e me contava alguma história

de seu filho aventureiro. Dessa maneira passei a acompanhar os acontecimentos insólitos da vida do poeta e o desenvolvimento de sua poesia, escrita com absoluta espontaneidade, sem vezo acadêmico. Sempre achei engraçado o sentido anedótico, coloquial e hiperbólico dos seus poemas. E nunca hesitei em considerá-lo um bom paradigma em poesia, pois penso que constituem méritos o seu senso de humor e a maneira de tratar, com simplicidade, questões de profundo sentido existencial, além de certo ideal de fraternidade, com que me identifico, e que transparece nos poemas dedicados aos amigos.

Pelo fato de passar as tardes na Praça do Ferreira, quando Mário necessita usar o banheiro, vai ao bar localizado no segundo andar do Clube do Advogado, ao lado do Cine São Luís, na esquina da rua Major Facundo com a rua do Ouvidor. Houve certo período em que evitou usar aquele recinto porque, um dia, quando foi mijar no mictório da OAB, entrou bêbado, gritando: «todo advogado é cagão!...» E foi imediatamente expulso do local. Depois de uns tempos voltou a freqüentar o mesmo banheiro, como ainda hoje o faz.

14. A poesia, expressão essencial do espírito, é uma necessidade vital. Todas as pessoas, mesmo inconscientemente, necessitam de poesia. Mário Gomes sabe que alguns indivíduos, entre os quais ele mesmo, os mais sensíveis e menos inadaptados ao meio social, são justamente os que melhor compreendem que viver com poesia é viver melhor. Mário é um exemplo desse tipo de sujeito que, se não fosse a busca da essência interior que a poesia proporciona, não teria a mínima possibilidade de comunicar-se de maneira lógica ou mesmo de sobreviver. Com sua excentricidade, seu apreço pelos amigos e seu caráter bonachão, este poeta encanta a todos quantos se identifiquem com sua sensibilidade. Assim, os amigos o admiram, por sua autenticidade, sua poesia intuitiva, orgânica e despojada, escrita com o coração. Com o seu romantismo primitivo, sem rebuscamentos, sua linguagem burlesca, incorporando aspectos sórdidos da realidade mundana, Mário vem criando gradualmente sua obra, simples, exótica e primitiva, como a conduta que sempre adotou. Carlos Paiva costuma dizer que Mário é a paz. "Se os suecos tivessem juízo já lhe teriam dado o Nobel. Ele é um baobá sem raízes, um pássaro". Outro mérito do mais boêmio dos poetas é a sua capacidade de viver poeticamente: dormir até a hora que o sono acaba, ler poesia no quintal de casa ao sol da manhã, à tarde tomar o ônibus até o centro da cidade para encontrar os colegas de perambulação, e vagar até o por do sol, seduzido pela graça juvenil das mulheres que passam entre as ruas

Major Facundo e Floriano Peixoto. Nos seus passeios e deambulações, inspira-se para escrever poemas, "com a naturalidade de quem abre uma torneira que jorra". Anota-os em folhas de jornais, guardanapos de bares, papéis de propaganda, seja onde for. O importante é registrar a inspiração que recebe naquele recanto de lirismo onde confabula o seu ideário, na forma de poemetos anedóticos e irreverentes, mas cheios de perplexidade e humanismo. Canta os amores, os companheiros, a vida e a morte, (essa misteriosa megera que os poetas aprendem a amar ou a esquecer à sombra de um trago de aguardente). E por falar neste tema, o poeta, que faz do tempo o que bem entende e não gosta de perder tempo, já escreveu o seu Epitáfio: "já que a natureza me trouxe chorando, deixai ó morte que eu morra rindo de ti."

O humorismo é característica especial de sua poesia. Menciono dois exemplos de seus poemetos anedóticos. O primeiro tem por título Metamorfose: "ontem, ao meio-dia, no almoço, comi um prato de lagarta e passei a tarde defecando borboletas". E outro, surrealista e sem título, diz o seguinte: "Subi num pé de cana pra colher uvas. Chegou o homem das laranjas e disse, solta as goiabas, rapaz!" Vale a pena referir também um texto em que Mário questiona o sentido de toda a lógica, quando indaga, ao ver algumas moscas devorando um monte de fezes, se se trata de mau gosto das moscas ou se é ele quem não as entende.

A autenticidade é uma característica essencial de sua personalidade. Apesar de usar sempre de certa diplomacia no falar, sabe dizer o que quer com sinceridade e na hora certa. Recentemente, ao ser abordado por um policial, enquanto urinava em frente ao Bar Estoril, na Praia de Iracema, argumentou: "meu irmão, eu tenho 50 anos, sou dono de mim, não estou estuprando, nem matando, nem roubando. Não tenho satisfação a dar a ninguém sobre minha vida". O policial lhe deu razão e o chamou de senhor, por causa dos seus cabelos brancos. Ao contar-me esse fato, Mário sorriu e ergueu o copo em comemoração, por fazer 16 anos que não vai preso. Depois me disse que a bebida já não lhe inspira como antes. Já não tem vontade de partir de Fortaleza, cidade que tanto ama. Não se sente bem em outra cidade. Prefere ficar mais tempo em sua casa, na companhia de sua mãe, Dona Nenzinha, que o espera todas as noites, sempre acordada, preocupada com as danças de seu filho. Já não tem o preparo físico de outrora, quando podia beber copiosamente sem ter ressaca no dia seguinte. Podia beber qualquer coisa, como aconteceu na noite em que, por equívoco, tomou uma dose de querosene. Embora tenha ficado cego durante cinco minutos, recuperou depois a visão. Era capaz de beber tanto, que perdia temporariamente a memória, como numa

ocasião em que estava "estribado" e pagou três vezes a mesma despesa. Um chapa que estava de lado percebeu e falou: "bicho, tu pagou três vezes a conta, malandro". Atualmente, apesar de ter moderado o ritmo e o volume das infusões etílicas, Mário ainda gosta de "molhar o bico" de vez em quando.

A poesia da vida de Mário consiste na religiosidade com que, às tardes, impreterivelmente, toma o ônibus do Bom Sucesso à Praça do Ferreira e ali permanece até o começo da noite, conversando com os amigos e recolhendo a matéria-prima de sua arte. Fez dos bancos da Praça o seu escritório, seu laboratório de experiências existenciais. Daquele logradouro estratégico observa tranqüilamente os passantes, fumando o seu cigarrinho com ou sem filtro, (um dos seus vícios prediletos e inalienáveis) e vende ou distribui gratuitamente seus livros. Em seu Canto à Praça do Ferreira, declara-se encantado com a sua beleza, "linda como uma bailarina". Diz que a Praça do Ferreira é sua irmãzinha, sua (f)ilha, seu convívio e seu reduto". Há 33 anos a frequenta. Viu várias gerações passarem por lá. Pessoas de todos os recantos do mundo. Através dela experimenta a universalidade temporal e espacial, sem se deslocar do seu dileto torrão. Para provar que a Praça é dos poetas, Mário conta que, um dia, entre a fonte e a cacimba que tem no centro daquele logradouro, formou-se um arco-íris só pra ele, fato que interpretou como um fenômeno de bom augúrio.

Ali, em seu quintal de emoções, convive com os amigos boêmios e vê o movimento da cidade, o burburinho dos passantes, a vida que pulsa em pleno coração de Fortaleza. Um dos seus melhores amigos e o poeta José Mário Dias, que tem sua cabeleira escorreita e o sorriso sempre acolhedor. Zé Mario Dias, também assíduo frequentador da Praça, diz num poema que se sente melhor na Praça do ferreira que em sua própria casa. Mário concorda plenamente com essa constatação, pois gosta de permanecer ali, tecendo os labirintos da conversa com aqueles filósofos, íntimos do ócio, como outrora se fazia nas Ágoras gregas, felizes de desfrutar um recanto urbano tão humanamente acolhedor. Ali, em seu refúgio ao ar livre, Mário exercitou sempre sua malandragem honesta, vivendo de pedir algum trocado a conhecidos ou estranhos. Houve tempos em que o poeta estava tão viciado em pedir, que parava o primeiro que aparecesse para solicitar qualquer importância em dinheiro ou mesmo um cigarro inteiro ou pela metade. Certo dia, pediu a um cidadão um cigarro e este não tinha, pediu depois os fósforos e também não tinha. Então Mário notou que o indivíduo tinha um pacotinho no bolso e perguntou-lhe: que você tem aí? Ele respondeu: colírio. Então Mário puxou as

pálpebras com o indicador e o polegar e disse: bote uma gotinha aqui.

Outro grande freqüentador da Praça do Ferreira é o poeta e dramaturgo José Maria Mapurunga. Sempre vestido de branco e fumando o seu cigarro, Mapurunga filosofa com os vagabundos da Praça como se dialogasse com Sófocles ou Eurípedes. Das conversações retira a riqueza humana dos personagens de suas peças. Não menos digno de nota é o jornalista Gervásio de Paula, abnegado admirador de Mário Gomes, que depois do expediente no Jornal, desfruta e saborosas horas de contemplação e filosofia naquele recanto aconchegante da cidade de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. Gervásio tem sempre à mão algum recorte de notícia importante sobre algum poeta famoso, ou algum tema relevante no mundo da cultura. Cotidianamente acontece na Praça uma espécie de sarau informal, em que os poetas recitam, teorizam ou fazem de improviso algum poema ou crônica. Há muitos adeptos do rito conversatório nos bancos da Praça. Alguns passam rapidamente pelo local para dois dedos de prosa ou o café da esquina, outros permanecem algumas horas e, finalmente, os mais fiéis, ficam o dia todo contando anedotas, lendo jornais, mostrando uns aos outros seus mais recentes poemas, ou simplesmente olhando o movimento dos transeuntes na Praça mais humana do Brasil. Celso, o ator versátil, Arsênio, o poeta gigante, Adriano, o existencialista, Marcos, ex-Hare Krishna, e muitos outros compõem aquele universo de poesia e fraternidade no coração da capital cearense.

A respeito da vida, diz que a considera "altamente preciosa, mas faz pena, porque ao mesmo tempo não vale nada". No entanto, declara em outro poema: "como é gostoso viver! E louva alguns dos seus prazeres prediletos: ouvir música, beber qualquer tipo de bebida alcoólica, cigarro, reunião de verdadeiros amigos, o bate-papo, mulheres, a solidão, o mar, a cidade, o campo, o sertão. Mas se a morte é inevitável, que venha, aceita-a, mas não agora. E pede-lhe que o deixe morrer rindo dela, já que a natureza o trouxe chorando. Sobre temas existenciais, escreveu o poema Segunda Infância, dedicado à sua mãe: "segundo os mais doutos, a vida do homem começa aos quarenta anos. Tenho, portanto, um ano de vida. Nestes quarenta anos de vida embrionária no ventre da existência,/passei por obstáculos que só quem me conhece acredita./ Com o tempo, descobri-me poeta,/deslumbrado com o por do sol, com o encanto das estrelas,/tornei-me um namorado da lua./Hoje, com apenas um ano de nova idade,/continuo apaixonado pela natureza./Estou chorando, quero mamar./Ponham-me no colo, mulheres,/ajudai-me, amores meus".

15. Sobre sua poesia, o cronista Paulo de Tarso Pardal louva-lhe, no artigo Um Bárbaro Pós-Moderno, a tendência ao surrealismo, a linguagem coloquial e a expressão do cotidiano, citando como exemplo o poema «Antropofagismo», de caráter masoquista e caracterizando a banalização do desejo, mas dotado da marca singular de Mário, o seu lirismo ímpar e o extremo senso de humor e ironia. Este poema o tornou célebre nas mesas de bares da Praia de Iracema à Praça José de Alencar. Por ele conquistou a admiração de muitas musas. Dificilmente um freqüentador do antigo Estoril ou dos botecos do centro de Fortaleza não sabia de cor os primeiros versos que dizem assim: "Eu, sem ser antropófago, já saboreei muita gente por aí. Minha preferência são os violônicos corpos femininos: a mulher". «Antropofagismo» foi sucesso nas paradas poéticas de Fortaleza durante mais de oito anos. Aonde o poeta aparecia, festas literárias, aniversários, reuniões de amigos, mesas de bares, pediam: Mário, declama o «Antropofagismo!». E é por isso que muita gente sabe o poema de cor. Nele o poeta narra o seu sonho de ser devorado num banquete, por mulheres «sexuais» e históricas, que ao final declaram: como é gostoso esse Mário Gomes!" Em 1981 Mário fez um recital na Casa de Raimundo Cela, declamando 25 de seus poemas, inclusive o «Antropofagismo», que foi o mais aplaudido pelo público que compareceu. Ao final do evento, o poeta foi abraçado e beijado por várias musas, que o felicitaram pelo êxito. Na ocasião, inclusive, alguns poetas menos inspirados encheram-se de inveja pelas cobiçadas manifestações de apreço que recebera. Desde então, Mário Gomes vem realizando freqüentes recitais em diversos bares e ambientes culturais de Fortaleza, tendo-se apresentado, algumas vezes, com inigualável êxito, no Centro Cultural Dragão do Mar, conquistando aplausos de numeroso público.

Exemplifica o seu estilo surrealista o poema «Ação Gigantesca», que tirou o primeiro lugar no Festival de Poesia Cearense, em 1991. Revela a inspiração que sentiu certa hora da madrugada, quando acordou, e aproveitando a solidão, abriu a janela e achou-se gigantesco, muito forte, e imaginou que se fosse um gigante descomunal, poderia pegar a terra com as mãos, e quando abrisse a boca, engolir as estrelas. E inspirado nesta visão do infinito, escreveu: "Beije a boca da noite e engoli milhões de estrelas. Fiquei iluminado. Bebi toda a água do oceano. Devorei as florestas. A humanidade ajoelhou-se aos meus pés, pensando que era a hora do juízo final. Apertei a Terra com as mãos, derretendo-a. As aves em sua totalidade voaram para o além. Os animais caíram no abismo espacial. Dei uma gargalhada cínica e fui

descansar na primeira nuvem que passava, naquele dia em que o sol, apavorado, me olhava assustadoramente. Fui dormir o sono da eternidade e me acordei mil anos depois, por detrás do Universo."

«Uma Violenta Orgia Universal» é outro poema insólito, também baseado na idéia do infinito. Nele o poeta se irrita, briga e pisoteia o cadáver de Satanás e sai abraçado com Deus, rindo e cantando. Na «Balada do Amor Eterno» propõe à musa, com muito humor e irreverência, um ato de luxúria sado-masoquista. E depois de ambos mortos, ela no céu, ele no inferno, dali fugiria e a seqüestraria para começar tudo de novo.

Segundo a poética de Mário Gomes, um poeta precisa de dom, talento, dedicação e sofrimento. Deve ser irônico e às vezes blasfemo. Deve ler todos os poetas possíveis, sem se deixar influenciar. O poeta deve amar a noite, que é luz nas trevas. Já a amou ainda mais outrora. Hoje, prefere o dia, pois a noite é para os sorumbáticos, insones e sentimentais. A poesia é algo que compõe a natureza e o universo. Até mesmo numa formiga há poesia, em sua insegurança como em sua inutilidade. Lembro-me de que, no preenchimento da ficha de inscrição do Clube dos Poetas, era preciso citar alguma referência, e Mário mencionou as formigas como sua principal fonte de referência. Mas entre os poetas de que gosta e que leu, além de Vinícius de Moraes, Castro Alves, Olavo Bilac e Fernando Pessoa, cita também Teixeira de Pascoais, Chico Buarque e Raul Seixas. Admira este último pela coragem de ter preferido optar por outro mundo. "Ele vivia sonhando com discos voadores e nada nesse mundo o interessava".

Revelou-me certa ocasião, em conversa que tivemos na Praça de Lagoinha, em Fortaleza, que hoje estão superados os versos "minha única virtude são os meus vícios", pois atualmente bebe apenas socialmente e eliminou o consumo de outros excitantes cerebrais, exceto o cigarro, que constitui ainda o seu único vício grave. E revelou-me que, se acaso um dia morrer por causa do cigarro, «aos amigos pede calma, pois se teve muito cigarro, fumou com todo o prazer da alma». Apesar de ainda beber sempre que tem um motivo relevante, diz que já não lhe importa a embriaguês, pois não vê mais prazer nisto, já não tem o êxtase de outrora. Agora, quando se excede na bebida, sente-se mal-humorado, cheio de rancores, com amnésia, ao ponto de esquecer os próprios poemas, que sempre recitou de memória. Mário é um dos poucos poetas que conheço que sabe praticamente todos os seus poemas de memória. Lembro-me do velho Patativa do Assaré, que também memorizava todos os seus versos e os declama a qualquer momento.

Apesar de reconhecer que o cigarro o prejudica, diz que o prazer de fumar é superior à consciência do mal que o cigarro faz.

Fuma mesmo estando doente da garganta. Segundo diz, "fumar é uma imbecilidade, uma idiotice, mas eu gosto. Tanto é que eu adoro meus vícios, eles continuam sendo uma virtude pra mim". No poema «Momento Trágico», expressa seu apego pelo hábito: "caminhar por uma longa estrada deserta, sozinho, doido pra fumar. Enfiar a mão no bolso e encontrar um cigarro todo amassadinho. Que alegria! Não tem fósforo. O isqueiro não funciona, começa a chover e a chuva destrói o cigarro inteirinho". É com esse espírito independente e irreverente que identifica vício e virtude e diz, nos momentos de angústia: "a vida é uma passagem. Vá à puta-que-pariu todo mundo." E filosofa ainda mais, dizendo "a verdade é a existência de tudo o que existe. Se algo não existe, eis a mentira." Este seu pensamento, embora tenha a exatidão das sentenças dos pré-socráticos, tenho certeza de que Mário jamais o leu em nenhum filósofo grego. Nesse mesmo tom, questiona ainda: "Se eu lesse todos os livros, ia salvar o mundo ou ia aguçar mais a minha mente?".

A respeito de suas namoradas, Mário confessou que seus principais amores foram a Regina e a Valdora. Conheceu Regina em 1978, na Praça do Ferreira, quando ela tinha 19 anos. Apaixonou-se subitamente. Ela estava olhando os cartazes do Cine São Luiz. Mário aproximou-se e puxou conversa. Ficaram amigos. Ele começou a freqüentar a sua casa. Ela morava só. Na outra esquina morava a mãe de criação dela. Viveram uma espécie de amor platônico, não por timidez dele, mas por desinteresse dela. Para Regina fez os poemas "A ti", "Por ti", "Poema Para Quem Eu Gosto" e "Os Difíceis Lábios de Regina". Lábios estes que, aliás, depois de seis meses de observação, descobriu serem exclusivos das várias amigas que via Regina convidar freqüentemente para a sua casa e que costumavam ficar por lá a noite toda. Foi a partir destas repetidas visitas de moças à casa da musa que começou a desconfiar de sua feminilidade, já que fisicamente, ela não demonstrava características que justificassem tal desconfiança. A única coisa que lhe parecia estranha era que Regina não deixava que lhe tocasse o corpo, nem sequer as mãos, mesmo recebendo-o amigavelmente. No dia em que resolveu dar a ela 14 presentes, notou-lhe a frieza ao receber aquela expressão de carinho. E no mesmo instante em que os recebera, convidou uma garota que, também a visitava, para dormir aquela noite em sua casa. Então, disse Mário, cheio de ciúme e razão: "teu negócio é mulher, né Regina?" Ela virou uma cobra, xingou-o, disse que não fosse mais lá, que tinha nojo dele e jogou os presentes no chão. Mário os juntou, levou-os consigo pra casa e os deu à sua irmã. Chorou e bebeu naquela noite. Depois de um tempo, viu-a passar sorrindo sarcasticamente com uma amiga,

certamente sua amante, que estava grávida. "Ela se sentia e agia como se fosse o pai da criança, diz Mário, ironicamente. No poema «Por ti», inspirado no relacionamento com Regina, diz: "Por ti moça, andaria mil quilômetros,/ colheria rosas para ofertar-te todo momento./ Plantaria centenas de árvores./ Mergulharia no oceano para cumprimentar os peixes./ Levaria a Deus os pecados do mundo/ e traria de lá o amor infinito./ Enfrentaria toda a humanidade pra te defender,/ nestes recantos verdes onde o segredo é o próprio segredo/ que leva a vida em legiões de vidas/ e eu e tu seríamos um só sem perplexidade". Outro que fez pra Regina se chama «Desprezo»: "Menina, tu me mergulhaste no rio da melancolia./ Te dei uma ponta de cigarro/ que possui o néctar dos meus lábios/ que irão se encontrar com os teus,/ num beijo de nicotina./ Todos te têm como louca./ E isso eu sei que não és./ És sim, desprezada pelo teu próprio mundo./ E este mundo de agora eu conheço profundamente./ Mas felizmente nasci homem e venci a loucura/ numa luta titânica e heróica. /És boazinha, educada e sorridente. /E o nome da tua desgraça chama-se produto do regime capitalista./ Rogarei aos poderes divinos por tua volta à realidade./ A única coisa que posso fazer por ti é essa poesia,/ que acaso eu te mostrasse, não entenderias./ Oh menina, eu choro... eu choro..."/

Valdora era uma poetisa que conheceu no Clube dos Poetas e que participou com ele na primeira Antologia dos Poetas Cearenses. Foi-lhe apresentada por Arlindo Araújo e houve atração mútua e imediata. No mesmo dia ela o convidou pra ir a sua casa no seu dolfine. De lá, Mário sem dinheiro, pediu-lhe o do ônibus pra voltar pra casa. Num sábado, ela o convidou para uma festa. Foi ela quem o chamou de cachorro vira-lata e o inspirou a escrever um poema sobre o assunto, conforme já mencionei. Ela tinha 30 anos e Mário 23. Ao cabo de 3 meses de namoro ela lhe pergunta: se você fosse uma moça pobre e namorasse com um rapaz pobre e conhecesse um velho rico, você casaria com ele? E ele, disse: ah, é contigo, Valdora? E por isso não a quis mais. Ela ficou 6 anos com o velho e não conseguiu tomar a grana dele. Depois, quis voltar com Mário mas ele a recusou. O apodo de cachorro vira-lata foi realmente apropriado, segundo ele mesmo declara. O poema "E Ela não Veio", foi feito para Valdora: "E ela não veio/ e o violão com saudade chora a ausência da amada de um poeta./ Tudo é poesia e ela não veio. /No céu as nuvens diluem-se lentamente,/ limpando a amplidão divina/ e depois surge a lua majestosa e branca e fria./ Tudo é poesia e o poeta lamenta e chora assim:/ solidão, chora por mim, que tu és minha triste companheira./ E ele canta e chora com a doce madrugada /e adormece com as janelas abertas para o além,/ o cigarro acordado entre os dedos./ E tudo dorme na

alcova:/ a dose de uísque, o telefone e talvez ela, que não veio"./
Outro escrito para a mesma musa: "No rio voluptuoso dos teus
beijos me afoguei./ Fui boiando até o mar do teu sexo./ Ressuscitei
cansado e desfigurado. /Foi aí que compreendi que a morte em tua
vida /é muito mais bela ainda".

Houve também um lance platônico com uma jovem
poetisa chamada Ana Maria Dantas, que se propôs a viajar com ele
a Salvador e passou em sua companhia 4 dias e 4 noites, na estrada,
mais 20 dias em Recife e 28 em Salvador. Ela dizia ser virgem e
Mário respeitava sua vontade. Ela o chamava de tio. Tempos depois
a viu em Fortaleza na companhia de uns hippies e nunca mais a
reencontrou.

Atualmente parece desiludido com o amor. Jurou jamais
casar-se nem ter filhos. Acha a mulher uma aberração da natureza:
«uns peitões, a bundona e o medalhão entre as pernas". Mas lhe dá
valor "pelo aspecto da existência material, animal". Diz que "o
mundo é delas, pois saímos de uma delas e às vezes entramos em
outras". Portanto, o seu lema é o seguinte: "mulheres, mulheres,
vinde a mim, dá-dá!, fazendo um trocadilho em alusão ao ex-
ditador africano. Mas acredita no amor como um sentimento
positivo em todo ser humano, desde a origem. Tanto é assim que,
mesmo aos mais mesquinhos a lei divina determina que tenham
momentos de bondade e afeição.

Quanto a continuar viajando, sente menos ímpeto para
sair por aí sem rumo e sem paradeiro. Regressou a Salvador
recentemente e agüentou ficar 24 horas na cidade. Ficou com medo
que aqueles negrões se lembrassem do que já fez lá e lhe dessem
uma tremenda sova. Na viagem, comprou, na altura de Salgueiro,
no fim da tarde, uma garrafa de cana. Meia noite adormeceu, e ao
acordar, viu que lhe haviam roubado a garrafa. Bêbado, começou a
culpar a lua pelo extravio do resto do líquido que aprecia. Chegou a
crer seriamente que a lua poderia ter-lhe roubado a cachaça,
perguntando-lhe se não se envergonhava de furtar um pobre poeta.
Depois, passado o estado de embriaguês, arrependido do que havia
falado, ficou com muita vergonha da lua e não agüentava fitá-la.

As viagens a Salvador inspiraram-lhe alguns de seus
mais interessantes poemas, tal como este, intitulado "Confesso":
"confesso que passava em frente ao Palácio do Governo baiano,/
quando avistei uma base de 60 a 70 pombinhos .../ E disse
mentalmente:/ "se tiver pombinhas nesse meio, que me
acompanhem"./ De repente vários pombos vieram sobrevoar a mim
e gritei:/ parem, parem... estava brincando!/ Aí todos perguntaram
em voz jogral/ -- moço, deixa a gente levar uma cartinha para a Sra.
sua mãe?/ Eu respondi: me respeitem, não quero ajuda de

ninguém. /Os pombinhos -- Ih, ele é pirado! /E voaram... voaram... voaram... /e muito acima dos céus, além dos aléns,/ disseram a Jesus: Mestre, tem um cara na Bahia que tá pirado./ E Jesus -- Ah, já sei. É o Mário Gomes, /deixa pra lá, ele é legal, ele é poeta".

Um dia perguntei-lhe se não se entediava com a rotina (naquele tempo a Praça do Ferreira estava sendo reformada e não tinha os confortáveis bancos que hoje tem, e estávamos mais expostos à poluição atmosférica, no meio daquele burburinho, sem ter onde sentar). E ele me respondeu simplesmente: "não é por isso que eu bebo?" Em outra ocasião, comentei que me parecia estar aumentando exageradamente a população de Fortaleza, pois havia muito mais gente andando pela Praça do que há alguns anos. Ele retrucou apenas: "é muita trepada..." Mas hoje em dia a Praça do Ferreira é uma jóia de urbanidade. Embora permaneça com as mesmas dimensões, parece até que teve o seu espaço ampliado. Tem bancos confortáveis, onde se pode conversar a tarde toda sem sentir dor nas «partes sentativas». Tudo isto graças ao projeto arquitetônico do poeta e compositor Fausto Nilo, que sem saber, prestou um bem a todos os artistas, mendigos, malandros ou aposentados, como o Mário, que tão eficientemente sabem aproveitar aquele agradável ambiente de lazer, desfrutando ali momentos de relax e de prazer.

Em 1990 escrevi o poema Visita ao Poeta Mário Gomes, que relata algo dos nossos encontros na Praça do Ferreira, cada vez que vou ao Ceará: Em Fortaleza visito Mário Gomes na Praça do Ferreira./ Caminhamos pela rua Major Facundo/ entre desocupados e alcoólatras,/ entre tendas de camelôs e o lodaçal de folhas secas, /papéis, lixo de toda espécie /ao largo da Casa de Raimundo Cela/ e pelos becos da Liberato Barroso./ Mário, bigodão de cobre, barrigona, sorriso boêmio e bonachão, /passos largos, braços abertos, /convida-me a filosofar com os presidiários e os loucos:/ "é horrível saber que se vai morrer um dia..."/ "o motivo das guerras é aglomeração de idéias, profissões, inteligência e aparência"./ Autodefine-se: pilantra e sem-vergonha./ "A única virtude que tenho são os meus vícios". /Formado na escola dos marginais, na adolescência freqüentou o "curral" /e foi professor de filosofia do primário./ No escritório da Praça, dá expediente até anoitecer./ À noite, quando a praça é invadida por baitôlas de camisola,/ o poeta já bêbado, recolhe-se ao Bom Sucesso, e na sua casa, rua Souza Carvalho,/ depois de meditar sobre o destino da humanidade,/ a utilidade das moscas e a inutilidade do trabalho,/ toma um neozine pra dormir sem pesadelos /e fuma um charuto nativo-artesanal, /mandando ao céu a baforada sórdida da inspiração.

Estive recentemente em Fortaleza com Mário Gomes, de quem ouvi um episódio pitoresco de sua vida. O poeta começou a perceber que não enxergava bem e foi ao oftalmologista. O médico deu-lhe uns óculos, com os quais continuou sem ver direito. Então, buscou outro oculista, que lhe diagnosticou catarata. Mário fez a cirurgia no primeiro olho. Quando foi retirar o tampão, percebeu que não estava vendo nada. Ficou assustado, pensando que estava cego, mas logo notou que as pálpebras estavam grudadas. Foi puxando-as e abrindo o olho aos poucos. E deu um grito de alegria, ao ver nitidamente, do quintal de sua casa, o esplendor das estrelas. O médico recomendou-lhe 30 dias sem beber, até o dia da operação no outro olho. Mário, a duras penas, fez o sacrifício até o vigésimo novo dia. Tomou um grande porre e no dia seguinte foi operar o outro olho. Quando terminou o tratamento fez um empréstimo e saiu comemorando com os amigos «o aniversário do seu novo olho». Distribuía notas de dez reais com todos os mendigos que encontrava. O dinheiro deu para comemorar duas vezes a revitalização dos «esverdeados olhos, outrora profanos».

Nessa mesma ocasião, contou-me outros casos, dos quais lembro apenas alguns. Um deles, ocorrido há muitos anos, na época em que vivia transtornado com os remédios psicotrópicos, foi o seguinte: ao passar em frente a uma igreja, avistou uma moça confessando-lhe ao padre. Aproximou-se do confessor e falou em voz alta: «olha a sacanagem aí, rapaz!».

Outra danação sua aconteceu, também no mesmo período crítico de sua vida, quando, ao entrar bêbado no ônibus, caíram-lhe as calças. Ao tentar levantá-las, a roupa frouxa não se sustentava na cintura e sempre se desprendia, ficando o poeta em cuecas. Os passageiros, a princípio um pouco desconfiados, passaram a rir copiosamente do poeta, que em sua inocência, em vão tentou vestir-se durante todo o trajeto.

No seu primeiro livro, *Lamentos do Ego*, de 1981, há alguns poemas, escritos em momentos de tristeza, em que se auto-define de maneira rigorosa e punitiva. Em "Auto-Retrato de um Espectro de Gente", começa afirmando ser o mais vil dos cearenses e haver chegado ao extremo da imbecilidade. Declara-se "o besta hipócrita da literatura, um animal em potencial. "Sou a vergonha da sociedade. O palhaço da burguesia. Não sou nada, apenas um monte de carne e osso. Ou, melhor dizendo, um monte de merda. Sempre fui mentiroso, ocioso, onanista e sacana. A única virtude que tenho são os meus vícios. Me odeio e não sei amar ninguém. A morte, minha única mulher, só me aceitará porque é impossível não aceitar. Sou um erro do Supremo Todo Poderoso. O contraste da natureza, a vergonha de todos e de mim". No poema «Bobagem

Literária, Mas Real», declara que se sabe "acomodado, alienado, um tanto imbecil e medíocre".

Nos livros seguintes, "Emoção Poética", "Resquícios de uma Paisagem Humana" e "Devaneios e Lamentações", não há tanto o tom de angústia do primeiro, mas prevalece, como marca registrada de sua poesia, o inconfundível estilo irônico e primitivo. No poema do Agradecimento, por exemplo, manifesta gratidão aos amigos pela estima que lhe têm, pelos cigarros e o dinheiro do ônibus: "Obrigado gente, por terem tolerado essa tão vil figura que sou. Não mereço tanta compaixão". Declara-se mau, sofrido e rebelde e a Deus pede perdão pelas blasfêmias. À mãe agradece pelo amor e proteção. Ao pai, pela herança de dizer só a verdade. Aos irmãos, a fraternidade e união. E pede, por fim, que quando o virem passar pelas ruas, digam apenas: "ali vai o poeta, santo e bandido".

2ª PARTE:

Percebi uma diferença no comportamento de Mário Gomes a partir do ano 2003, quando vim de férias a Fortaleza, procedente da República Dominicana, onde servia como diplomata na Embaixada do Brasil. Achei-o magro, agitado, ansioso. Vestia um paletó branco com uma rosa na lapela e fumava um charuto. Espantei-me um pouco com aquela mudança. Mário insistia para fazermos a terceira edição da biografia dele, como prefácio de uma antologia de seus poemas. Fomos conversar num bar próximo à Praça dos Leões. Prometi que financiaria o livro e fomos dali mesmo à RBS Editora, de propriedade do amigo Dorian Sampaio Filho e acertamos tudo. Viajei de volta à República Dominicana, de onde me correspondi eletronicamente com Dorian para corrigir as provas do livro e efetivar o pagamento da edição, que ficou pronta em menos de dois meses. Nesse período, Dorian confessou que o poeta estava muito inquieto. Comparecia todos os dias à gráfica para apressar o término do trabalho e receber os exemplares. O resultado foi uma edição primorosa de *Ação Gigantesca*, com a biografia que escrevi como prefácio. Na capa colorida, uma foto grande do poeta, fumando um charuto e o subtítulo: «desaconselhável a menores de 18 anos». Mário enviou-me um exemplar, com um autógrafo em que manifestava a sua «eterna gratidão». Junto com o livro, uma carta com os seguintes termos: «eis o mais lindo livro do mundo. Recebi do Dorian 100 exemplares. Reservei 200 pra você. Só posso lhe dizer o meu muito obrigado. Deus tá vendo tudo isso. Tchahu. Até breve, um abraço, Mário».

No ano seguinte, voltei a Fortaleza e o encontrei transformado. Andava pela Praça, gesticulando, agitadíssimo, com um andar meio trôpego, vestindo um casaco surrado, amassado, sobre uma camiseta vermelha e uma gravata rota. Notei que, quando me viu, ele ficou emocionado. Fez um gesto de quem vai chorar... A voz ficou embargada. Contou-me suas agruras recentes. Estava começando a ser discriminado em toda parte. Onde quer que chegasse, queria recitar seus poemas - na Academia Cearense de Letras, na Casa de Juvenal Galeno, num restaurante ou numa igreja, durante um casamento - e em toda parte lhe estavam negando a palavra. Sentia-se rejeitado e se revoltava. Saía xingando quem visse pela frente. Apanhou algumas vezes de seguranças e policiais. Só se sentia seguro nos lugares mais perigosos de Fortaleza, nas ruas escuras e desertas, por onde passa de madrugada e se depara com os piores bandidos e assaltantes.

Ao narrar suas aventuras, gesticula, dá saltos, inquieto, gira, rodopia como um redemoinho humano. As pessoas o observam com um ar de espanto e preconceito. Está esquelético, macilento e macerado. As faces escaveiradas, ele se escora na parede, se remexe e oscila, falando baixo, quase inaudível. Entra no bar e sai em seguida. Perambula em círculo, sem saber que direção tomar. Anda e retrocede. Acompanho-o com o gravador. Peço que repita algumas frases. Ele hesita, avança desnortado. Escora-se outra vez na parede. Tartamudeia. Todos fogem do marginal alucinado em que se converteu. O falastrão indesejável. Ébrio, delirante, desvairado. Diz que pesava 104 quilos e os reduziu a 75. Voltou a ser o que era quando viajava pra Bahia. «Mexeu comigo, leva pernada, pontapé». «Os imbecis estão cismados». Fala da re-inauguração do Clube dos Poetas, ocorrida no dia 6 de Dezembro de 2003. Depois de 20 anos de recessão. Como sempre, leva nos bolsos papéis - poemas, recortes de jornal, cartas de amigos. «Aderi ao Fome Zero», sabe por que? Tô comendo tantin assim ó». «Mande os pseudo-poetas dar os cus...». Fala outras coisas jocosas tais como «quando vejo mulher bonita choro: quem não chora não mama». «Mulher bonita é como melancia grande, não dá pra comer só». Depois, une o polegar ao indicador e diz: «colou o dedo, dá pra descolar?».

Disse ele que o poeta Juarez Leitão, ao vê-lo agitado e magro, ameaçou com um «vou dizer ao Márcio Catunda». E ele retrucou: «rapaz, o Márcio não é meu pai, não!». Advertiu-me para que tivesse cuidado com o que os amigos falassem a seu respeito: «tão inventando muita coisa de mim». E narrou o episódio da desavença com Fernando Girão, que segundo ele foi o fato que serviu para desencadear a sua nova fase existencial. Foi no 2003,

depois da edição de «Ação Gigantesca». Mário foi a um espetáculo no Cine São Luís, quando a famosa atriz Florinda Bulcão veio a Fortaleza. Ele, vestido em seu paletó branco, avistou o Fernandinho Girão, que ele chama de «Miss Cemitério», e lhe pediu um cigarro. (Trata-se de um rapaz conhecido pelo hábito de comparecer aos funerais de pessoas importantes de Fortaleza). Fernandinho, que estava fumando, disse: não tenho. Mário insistiu: «Rapaz, você tem coragem de me negar um cigarro? Fernandinho foi inflexível: não me perturbe. Eu não lhe conheço. Aí o poeta engrossou: Ah, não me conhece não? Pois vai conhecer agora. E deu-lhe uns safanões. «Todo mundo viu», afirma ele com convicção. Eribeldo Silva e Guaracy Rodrigues estavam presentes na ocasião. Feita a proeza, saiu com esses dois amigos pra tomar uns tragos e voltou depois ao local. Cinco policiais o esperavam na esquina. Os policiais o acusam de haver agredido um cidadão. Mário pergunta: quem? Aquele ali, respondem. Mário puxa do bolso uma página de jornal com sua foto estampada. Mostra aos policiais, dizendo: Eu sou esse aqui, um poeta consagrado. E aquele rapaz é... fez o desenho do dedo em círculo, o polegar junto com o indicador. Aquele...é o «Miss cemitério»... E indagou a um dos policiais: o Sr. é general ou coronel? Sou soldado, respondeu o militar. No final da confusão, Fernandinho mentiu, disse que era engenheiro. O policial disse: cadê o documento? Como ele não tinha, acabou apanhando pela segunda vez, sendo então esbofeteado também pelo policial. Em seguida, Mário pegou um táxi e se mandou. Mas espalhou para todos os amigos aquela grande desfeita do Fernandinho. Dizer que não o conhecia era demais. Segundo ele, esse episódio foi «o início da onda». Desde então, não parou mais de fazer danações e viver deambulando pelas ruas, sem sossego.

No ano de 2005, volto a Fortaleza. Vou à Praça do Ferreira. Tomo um cafezinho e espreito. Objetos, cores e fenótipos pululam no espaço arejado da rua do Ouvidor. Avisto o Temóteo Cavalcante e vou ao seu encontro. Diz que está compondo músicas para o saxofone, numa fase boa. Fala-me do disco que está preparando. Lamenta que Mário esteja em situação precária. Recorda que já esteve na sarjeta, que bebia pra cair e levantava pra beber, mas encontrou a espiritualidade. No entanto, «Mário, que é gênio, de boa índole e de grandes energias, não teve ainda a luz de mudar». Convidou-o para ir ao Centro Espírita Paulo Estevão. Ele vacilou. Não quis ir. Os amigos estão fugindo dele, «dando um gelo». Ele tem que se reencontrar. E filosofa: «o tamanho de um homem é da quantidade de médiocres que querem derrubá-lo». Segundo Temóteo, a ausência do remédio é um dos motivos da mudança. A mãe de Mário adoeceu e não põe mais o remédio na comida dele.

«Mário foi um menino precoce, teve uma infância extraordinária». «Será sempre uma criança». Temóteo lamenta a «dimensão degradada do alcoolismo que está prejudicando o seu melhor amigo. «Ele está precisando de ajuda espiritual». «Não gosto que os amigos da Praça curtam com essa nova fase do Mário».

Avisto então vários adeptos da Praça: o gigante Arsênio Flexa, José Leite, Zé Mario Dias, Oliveira Jr, Bruce Braga, Eribeldo Silva, «Deputado», Sérgio Zó e Duarte. Arsênio diz que Mário está perambulando. Tem feito algumas estripulias. Pegou uma garrafa pra bater num rapaz no bar do Inácio, na rua Pedro Pereira com a Assunção... José Leite, que se diz discípulo do Mário, atribui o problema do seu mestre à sociedade terrível, com pessoas sem amor, que não sabem o que é literatura. «O Mário tem razão de ser um revoltado». E conta algumas proezas dele: «Ele não em nada de louco. Um dia, num recital, ele quebrou uma escultura de uma pompa, parece que de autoria do Carlos Emilio. Chutou e quebrou. Outra vez, apareceu na FUNCET (Fundação Cultural de Fortaleza) com um pacote e quiseram chamar o «Esquadrão Auto-Bomba». No pacote tinha um sabonete, três bolachas e uma foto de quando ele era novo. Outro dia saiu correndo com uma faca de mesa atrás do cara que vende rosquinha». José Leite lhe dedicou um poema intitulado «Canto para Fortaleza». Disse que, por narcisismo, Mário não gostou do poema. Segundo José Leite, queria que dissesse que ele é bonito, gostoso etc.

Mário Gomes tá meio perturbado, diz o vendedor de rosca. É um homem da noite. Anda desvairado pelo meio do mundo, nos becos. Às vezes, quando passa alguém, ele xinga. Arsênio diz que Mário ficou furioso, porque ouviu falar que Airton Monte teria sugerido interná-lo numa clínica. Proferiu alguns impropérios contra o Airton. Zé Mário Dias conta que Mário conseguiu, não sabe como, um cartão eletrônico de um banco, que lhe dava direito a sacar determinada quantia. Pediu a sua ajuda, porque estava por fora «dessa zona da tecnologia de informática». Zé Mário entrou no programa e viu que tinha um limite de crédito. Eram nove horas da noite, eles vinham de altas bebedeiras. «Coloca seis prestações de 50», pediu Mário. Zé Mário colocou. Vieram 300 reais de empréstimo, em notas de 50. Zé Mário foi se despedindo e disse: Mário, valeu, tudo bem, deu certo? E ele: não, peraí, cara, eu vou lhe dar uma ponta, você tá na farra, né? Onze horas da noite entraram banheiro do Bingo, em frente à Praça do Ferreira. Mário tomou um banho, deu-lhe 50 contos e se mandou. Zé Mário continuou na farra.

Quando falávamos nele, de repente o avistamos na esquina da Praça. Tinha na mão um saco plástico, cheio de objetos insólitos.

Andando em ziguezague, se revira de um lado pro outro. Chega agitadíssimo. Diz que está indignado com a juventude que usa brinco no cu. «É o símbolo da baitolagem». Pergunta a um dos amigos da Praça: «Oliveira, tu ainda pensa em destruir a humanidade?».

Sáimos eu, ele, Temóteo e Zé Mario em direção a um bar nas imediações da praça. Sentamos a uma mesa. Mário diz: não posso parar não, se eu paro, eu penso, se eu pensar... Diz que comprou bolo e pão na padaria com a grana que lhe dei no dia anterior. Sentiu falta de umas coisas que a padaria não colocou na compra e foi reclamar. Um sujeito chegou perto dele e pediu o jornal. Perguntou, esse jornal é de hoje? «Não, é do ano passado», respondeu Mário. E perguntou ao sujeito: Você quer o quê? Eu sou da Polícia Militar, disse o cara. Mário perdeu as estribeiras: «E eu tenho nada a ver com isso?» «Vá tomar no cu». Quando a confusão ia aumentando, a mulher da padaria lhe deu o que estava faltando. Ele saiu reclamado: não façam mais isso não, respeitem a gente, suas bostas! E mandou todos pro inferno. «Que felas das putas, rapaz!». Fez um momento de silêncio, virou-se pro Temóteo e perguntou: Temóteo, eu já fui preso alguma vez? Nunca fui. A dona Beatriz Alcântara mandou me proteger.

Ze Mário Dias explica: a secretária da dona Beatriz chegou na Praça, com o ajudante de ordem do Governador e entregou um envelope ao Mário e foi embora. Mário pensava que ia ser preso, porque estava discutindo com o dono do café da esquina que lhe negou um copo de água da torneira. Com medo de abrir o envelope, colocou-o no bolso e só depois de cerca de meia hora é que o abriu e viu que havia 50 reais dentro.

Mário se queixa de que está muito cansado. Foi, a pé, no sol quente, até ao Náutico e ao Dragão do Mar e voltou. Os calos estão ardendo. Em cada dedo tem um calo. E faz um trocadilho: «É melhor calar».

Temóteo recorda o dia em que Mário estava todo de branco, paletó branco com uma pasta. Chegaram duas garotas. Mário, tirando uma onda de médico, olha pra garotas e fala pro Temóteo: pois então, garoto, você aparece no meu consultório às 5 horas, que eu tenho uma cirurgia agora pra fazer.

Sáimos depois pela Praça e Mário fez questão de dispensar a companhia dos dois amigos, alegando que queria conversar comigo e eles estavam atrapalhando. Chamou-me pra conversar na Farmácia Osvaldo Cruz. As moças e rapazes, funcionários da farmácia, já o conhecem, mas olham desconfiados pra indumentária exótica dele. O paletó surrado sob a camiseta desbotada, a calça vermelha e o rosto esquelético são de causar

espanto. Tem trejeitos e cacoetes engraçados. Está magro, esquelético, mas se vangloria de ter ferro nos punhos. Fala baixo e rápido. Não entendo 60% do que ele diz. Fala e gesticula: «38 mil pessoas morrem no mundo todos os dias como se fossem insetos». «Airton Senna, quando morreu, a humanidade chorou três dias e três noites». Fala com esgares e tiques: «eu como o cu do cão, que poeta diz isso?». «O Sol é o olho de Deus na Terra. Ilumina o Ceará. É energia pura. A cachaça também». Fala sem parar: «O Ceará vai dominar o mundo. Eu tenho medo de cearense. Fui assaltado oito vezes». Diz que lhe quebraram a dentadura e o nariz. Saímos em direção ao estacionamento, próximo à Praça dos Leões. Ele se despede das garotas da farmácia e diz sarcasticamente: «eu deixei de assaltar. Tô no batente, estuprando...».

Na semana do mencionado encontro, visitei alguns amigos e todos comentaram a sua fase crítica. Soares Feitosa disse que Mário está com uma «desfocagem interior, está disforme». José Alcides disse que Mário aparece quase toda noite em sua casa e pede vale transporte à sua filha, Jamaica. Às vezes, na saída, urina na calçada, em frente à casa. Zé Mário Dias reiterou a sua preocupação com a fase dissoluta do amigo. Afirma que Mário se transformou. Antes bebia até o início da noite e queria chegar cedo em casa. Hoje não tem hora nem lugar. Dorme nas praças e é visto em muitos lugares, nos subúrbios, na Praça, no Centro Dragão do Mar... Passou por uma fase agressiva que se reduziu recentemente. Os amigos do «deixa-disso» o ajudam. Às vezes o pessoal dos bares não o aceita. Uma vez ele jogou garrafas pra cima. É preocupante o poeta andar pelas noites, sem paradeiro, numa Fortaleza com a criminalidade sem controle. Luiz Edgard Cartaxo de Arruda Jr, poeta e militante da esquerda criativa, disse que ficou impressionado, quando perguntou ao Mário se estava escrevendo alguma coisa e ele respondeu: agora eu sou a poesia. Ele também, diga-se de passagem, é um poeta que vive a poesia e não a escreve. Mas a vida do Arruda, que não é menos interessante que a do Mário, será objeto de outro livro, que merece, de tão rica de episódios e peripécias. Prometo escrevê-lo o mais rapidamente possível.

Voltando ao tema, em agosto de 2005, quando fui a Fortaleza, a caminho de Lisboa, onde iria trabalhar na Embaixada, encontrei Mário Gomes no lugar de sempre: a Praça do Ferreira. Emocionou-se, franziu a testa e passou a mãos nos olhos, como se fosse chorar. Naquele dia seria o lançamento do livro do Ary Albuquerque, no Ideal Clube. Combinamos de nos encontrar. No lugar e hora marcados, liguei o gravador e gravei o seguinte monólogo:

«Um bocado de vagabundo eu botei pra correr. Eu te juro por Deus. Eu tô tão famoso, por tua causa, do Juarez Leitão e de mim mesmo, todo mundo me conhece. Estou muito famoso. O mulhero me adora. Se eu andar da Praia de Iracema até o Mucuripe, pela beira da praia, eu encontro quatro ou cinco mil mulheres de todo canto do mundo e todas me dão bola. Olham pra mim, pelo meu modo de andar. Rapaz, eu me tornei... Se lá o que é...! Deus me protege, juro por Deus! Eu levei três pauladas sábado à noite. Um garçom... Não posso nem me mexer. Eu tava gordo e me sentia fraco. O cara queria brigar comigo e eu evitava. Hoje em dia, ó isso aqui. É ferro (mostra o punho direito). O Airton Monte ficou apavorado porque eu tô todo musculoso. Eu ando o dia todinho e a noite todinha e só sinto que tô cansado quando eu me sento ou me deito. Eu me sinto uma pena, Márcio Catunda. Você sabia que o ser humano tem que saber de filosofia, sociologia e psicologia e se conhecer? Essas quatro coisas, se o homem não souber, ele tá fudido. Ele te que se aprofundar nisso. Se até aos 40 anos de idade ele não conhecer isso, ele tá voando no espaço. E você, queira ou não queira, é génio. Você é de uma serenidade, de uma pureza e de uma calma tão grande que pra mim esse campo de diplomacia pegou bem em ti, porque... Eu passei 34 anos sem brigar, mas dos 16 anos até os vinte, se eu fui pro asilo, algum motivo houve, porque eu passei 4 anos dando porrada em gente. Eu briguei tanto que em São Paulo com 15 anos... Foi bom me internarem, porque eu fiquei como um urso hibernando por 34 anos. A repressão militar ia me matar ou eu ia pra cadeia. Deus fez com que minha mãe, inconscientemente, fizesse essa bondade pra me reter, pra eu voltar hoje com 57 anos, pra fazer justiça à putaria que tá havendo. Há de dois a três mil vagabundos assaltando em Fortaleza todas as noites. Eu enfrento todos. Eu ando com um charuto aceso de madrugada. Se chegar perto de mim, eu jogo nos olhos deles a fumaça. (Mostra uma caneta de ferro que usa pra se defender). Eu fui assaltado oito vezes. Quebraram meu nariz e roubaram até minha dentadura. É uma guerra civil. Eu sozinho enfrento os bandidos. Sozinho na noite. Se eu lhe disser que enfrento dez, quinze? Rapaz, eu domino os caras no papo e na sugesta. E essa canetona de ferro? É carimbador de cara de otário! Eu levei três pancadas nas costas e só não matei o cara porque não quis, pois se eu matasse iria pra cadeia. Tem gente que diz que eu tô louco. Você, como psicólogo, você acha que eu tô doido? Você é um cara conscientizado, rapaz. Você acha que um cara que lê minhas poesias ... Se eu disser pra você que ninguém tem coragem de andar comigo? Ninguém, atualmente. Sabe o que aconteceu no dia 23 de Julho? É o dia do meu aniversário. Convidei mais de duzentas

peças pra minha casa. Você pensa que foi alguém? Não foi nenhum. Sabe por quê que não foram? Porque pensam que eu tô doido. Minha sorte, já pensou 40 amigos meus? Não ia caber no quintal lá de casa. De quinta a domingo, na Praia de Iracema tem uns playboys com mulheres e eu sou tão querido ali. Eu sou um homem feliz, viu! Em Abril desse ano, na Fundação Cultural, o Povão, o Zé povinho e os artistas começaram a perambular. Eu tomei 4 uísques. Lá vem a doutora Cláudia Leitão. Eu resolvo dar a ela um presente. Eu pego um chinelo, que era de cerâmica, era uma escultura, que cai e quebra. O Barros Pinho reclamou, deu bronca. Mário Gomes, você quebrou a cerâmica! Eu quebrei o que, rapaz? Sérgio Braga me deu uma grana e eu fui embora. Dormi, e acordei às três da madrugada e voltei pra Fundação Cultural. O chinelo parecia de verdade...».

«No dia 23 de julho, no Shopping do Benfica, eu vou ao lançamento do livro do Manuel da Nóbrega, o apresentador do programa «A Praça da Alegria». Ninguém me dá bola, porque eu tô magro e pensam que eu tô doente. Mas a doença que eu tenho é incurável e se chama excesso de tesão. Eu sento em frente à livraria, num banco que servia de decoração do ambiente. Vem o Pró-Reitor BC Neto. Eu me levanto pra cumprimentar ele e pego num poste postiço e o poste cai. Estronda um papoco, pá! Eu me levanto, apavorado. Cai o poste e uns 15 seguranças, puxa-sacos, correm todos parecendo umas feras. Não o Mário não tem culpa, diz o BC Neto. Aí eu me sento de novo. E os seguranças armados com os oião. Aí eu digo: Esses grandes empresários do shopping... e eles ficaram encabulados e foram embora. E eu dou uma risada e digo: tem culpa eu? Saio embriagado, dou uma volta na cidade toda e quando olho tô em frente ao shopping de novo. E aí eu me apavoro. Mas de repente, lá vem o ônibus. Vou pra casa.

«Um moço chamado José de Deus, poeta de araque, lançou um livro no Náutico. Quando o Juarez Leitão me arranja uma graninha pra tomar um uísque. Eu quis declamar um poema e ele disse: não pode. Aí eu mando todo mundo tomar no cu, em voz alta, chuto cadeira, o caralho. Com raiva, temperamental, o pensamento rápido e embriagado. Aí saio...

«Recentemente muda a diretoria da UBT e eu já tava com a fama de doido, o pessoal pensava que eu tava com Aids. Quando eu chego lá, eu peço ao diretor, um major da Polícia Militar, pra eu declamar um poema e ele disse que não podia. E aí eu me levanto e digo que a Polícia Militar atualmente tá assaltando. Por coincidência, no jornal daquele dia, saiu a notícia dos 5 PM que me assaltaram de metralhadora avenida Dom Manuel, de madrugada, me pegaram e assaltaram a minha cueca. E outra coisa: dá licença

que eu agora vou fumar maconha e chupar boceta. Meu irmão, puta que pariu, chamou a segurança e eu me mandei, antes que me prendessem. Um detalhe: aquele bicho um coroa fortão da Academia Cearense de Letras, um tal de Nunes, diz que é valente. Eu disse a ele: você não é valente, porra nenhuma! Você é um bosta, rapaz, um trouxa, um otário.

«O Raimundo Alencar, pseudo-intelectual, falso poeta, trouxa, otário botou dois PM olhando pra mim. E não me convidava pra declamar. «Mário Gomes você tem que declamar poesia suave, romântica, pras velinha». Rapaz, quem sabe o que eu devo declamar sou eu, seu porra! Aí, sabe o que aconteceu? O seguinte: eu deixei de andar lá. Quando eu tô a fim de vender algum livro, alguma grana que eu quero pegar, aí eu vou pra porta, tanto da Academia, como da Casa de Juvenal Galeno. E quando não me deixam entrar, sabe o que acontece? Aqueles velinhos ficam com medo de mim. Em frente à Academia, tinha um carro na frente atrapalhando a Dra. Iná Soares. Ai eu empurrei o carro na marra. E os vigias, uns puxa-sacos, vieram tomar satisfação. Peraí, a mulher é minha tia, se manque!

«Eu tenho enfrentado uma guerra civil. Eu não dei tapa em ninguém ainda, eihn. Dra. Beatriz Alcântara mandou a Polícia Militar me proteger de longe. Numa solenidade, no Dragão do Mar, quando eu fui falar, eu disse: nós temos atualmente um dos melhores governadores de todos os tempos, o Dr. Lúcio Alcântara. Meu irmão, esse homem me abraçou, depois. Aí, num dia de quarta-feira pela manhã, eu morrendo de sede, pedi água da torneira na tabacaria da esquina da Praça. Quando eu tô bebendo a água, chega o dono do estabelecimento e diz que eu não podia beber aquela água, mas só a Indaiá, do Tasso, de 40 centavos. Aí chegou a policia. Os home chega e diz, vem cá, você quer prender o rapaz porque tomou água da Cagece? Aí, sabe o que aconteceu? Eu tomo umas 4 cachaças e volto, fazendo discursos, explicando a discriminação, o preconceito safado. Quando chegam três policiais, da parte da Dra. Beatriz Alcântara, com um envelope lacrado. Puta que pariu, tão me prendendo na certa! Fiquei com medo de abrir. 15 minutos depois eu abri, tinha 50 reais dentro. Podia comprar uns duzentos copinhos e jogar na cara do sem-vergonha. Mas deixei pra lá, fui beber cachaça com o Sérgio Zó e o Oliveira Júnior. No outro dia o cara tava cabisbaixo, filho da puta.

«Fortaleza tá uma cidade muito mais bonita do que qualquer cidade do Sul. Cheia de turistas japoneses, tem boates de holandeses na praia de Iracema explorando as nossas garotinhas, putinhas meninas. Eles enfiavam o dedo no cu da menina e filmavam, pra rir da nossa cara lá na porra da Holanda. Aí, sabe o

que foi que eu fiz? Eu comecei a quebrar de porrada as coisas lá. Por que, como é que se bota o dedo no cu da menina, filmando pra gozar da nossa cara? Depois duas semanas depois, a polícia soube disso e prendeu 28 safados de porrada.

«Num lançamento no Center Um, eu capotei bêbado. Acordei e caminhei pela Desembargador Moreira até o Náutico. Lá me sentei. Eram 2 e meia da madrugada. E dormi. Quando acordei, tinha um cara levando o meu relógio e meus óculos. Comecei a fazer discurso e disse que o roubo era combinado com a polícia e os garçons. Os PM desentocaram dos buracos uns 40 ladrões e encherem eles de porradas, pancadas. Que diabo é isso? Eu provoquei a revolta dos PM e dos ladrões! Porrada, pontapés, puta que pariu, é ladrão correndo. Eu acordei todo mundo. Aí eu fui embora. Tu me acredita, amigo meu, que, olha, Hitler desse tamainho, nunca deu tapa em ninguém e ia dominando o mundo na conversa? Ó, eu descobri um negócio interessantíssimo: isso aqui (aponta para o próprio corpo) é o casarão do espírito, isso aqui, a matéria humana, é o espermatozóide. E o espírito é o pensamento e a voz. Quando o pensamento e a voz saem, aí a matéria apodrece. Quando a pessoa sente dor, a dor não é da matéria, é do espírito. Quando você anda, é o espírito, porque a matéria é inerte. Tanto é que defunto não chora. Eu descobri isso aí, porque a lua me deu isso aí. Olha o detalhe: a lua cheia dá influência. O que você pedir ela lhe dá. Há vários tipos de espíritos, alguns elevadíssimos. Nós somos sete bilhões na face da terra. Morrem 38 pessoas por minuto, como se fosse inseto. Os eleitos de Deus não. O Airton Senna, quando morreu, a humanidade chorou três dias e três noites. Os poetas são homens eleitos por Deus. O poeta verdadeiro. O pseudo-poeta, não! Ó, um detalhe: Deus não gosta desse pessoal da Bíblia, de igreja. Eu digo isso porque eu sinto isso. Ó um detalhe: Deus, também, o seguinte: quando Deus... o ser humano tem 100 mil anos na face da terra. O último animal que Deus botou na face da terra foi o homem. E a sacanagem que fizeram nesses cem mil anos de guerra, estupro, roubo, o caralho. Sabe por quê? É coisa do diabo. Quando Deus colocou o raciocínio no homem superior aos outros animais, sabe o que o diabo fez? Botou sete pecados capitais no ser humano. O pobre tem a inveja, o rico tem a cobiça, o gordo tem a gula. Mas tem um pecado chamado vaidade, que o diabo vai se foder por causa disso. Que é um pecado suave que os artistas adquirem. A vaidade, o que é? É bater um papo legal, botar uma roupa bonita, mostrar uma arte. Atualmente nos temos alguns artistas que iluminam os trouxas, os imbecis. E outra coisa: o dinheiro é o que escraviza a humanidade. O dinheiro e o compromisso. O besta, o homem, por questão e taradismo, casa

com uma mulher, pensando que ama de araque, só pra comer o cego, o priquito, a boceta, aí ele se compromete. Ele tem que se sujeitar à mulher, aos filhos, à casa e então vai ter que trabalhar. O único animal que trabalha é o homem. Se é a formiga, é uma formiga de araque, porque a formiga... Me diga uma coisa. O homem é escravizado ao compromisso, à responsabilidade. Uma coisa que eu descobri, ó: se o pavão é bonitão, o urubu não é preto? O pavão não voa. O urubu é preto, come carniça, dorme nas montanhas e dura muitos anos. O pavão, não. Ele é bonitão, mas é preso na terra, não voa. Eu prefiro ser urubu. Me diga uma coisa: se o homem tem cem aviões, duzentos navios, muito dinheiro em banco, ele come essa porra? Não é melhor ter um prato de comida a toda hora, água e comida? Então, eu prefiro que eles comam seus aviões. Rapaz, uma vez eu tava preso em Belo Horizonte, numa cadeia, porque eu tava sem documento. Aí o delegado olhou pra mim: Mário, me diga uma coisa, você tá há um mês aqui, você é barra limpa. E botou uma barra de ouro e um prato de comida. Aí você quer o quê dos dois? Doutor, eu vou querer o prato de comida. O ouro, o Sr. manda alguém comer aí. Aí ele mandou me soltar. Antes disso, fazia 15 dias que eu tava preso naquela porra, com 11 assassinos dentro. Eu dominei eles no papo. E eu mandei o cara tomar no cu. Ah, isso você já botou no livro. Sim, vem cá, sabe o que aconteceu? Duzentas entradas na polícia e nenhum processo. E outra coisa: 17 viagens pelo país, pelas capitais invocadas, Rio e São Paulo, sem um tostão no bolso, sem mentir, sem roubar e sem enganar ninguém, viu? Mas me diga uma coisa, Márcio Catunda, eu com 32 anos de idade, conheci uma menina de 14, cearense, que um hippie enganou, e levou pra Recife - veja o meu caráter. Ela me disse: você me leva pra Salvador e eu te pisirico. Quando eu tô na estrada com ela de noite, ela não quer pissar. Já pensou, você passar, porra (fala chorando), 28 dias, porra, com uma mulher no mato? Se fosse um sacana, não estuprava e matava, não? Se fosse um sacana, de noite. Já pensou você passar 28 dias com uma menina, no matagal e você não comer? Nós entramos num caminhão um vez com 4 caras. E eu pensei, Mário vão te matar e.. Aí eu falei: pára o caminhão aí! Eles pararam e eu descii com ela de madrugada.

«Márcio Catunda, aqui em Fortaleza tá uma coisa horrível. A população cresceu, o número de imbecis aumentou, os camelôs, quando me vem... Eu sou uma pessoa cinematográfica, eu sou uma pessoa hollywoodiana. Cê sabe que, se o Gregory Peck olhasse pra mim, ele iria beijar meus pés? Porra, porque eu sou um cara - num tô me gabando não, não é megalomania não - eu me conheço, porque, pô, eu sou cara, eu tenho os olhos verdes, branco, com um

corpo atlético atualmente, e outra coisa: um andar diferente, rapaz, esses bichos, artistas de cinema, sabe por que eu não assisto mais filme? Primeiro, porque não tem nada de novidade, e outra coisa: esses artistas de cinema, eu perdi a admiração por eles. O Alain Delon, Charlton West, esses caras, sabe por quê? Eles são escravizados, eles são mandados pelo chefe. E aí sabe o que eles fazem? Eu não, a minha história é um filme fabuloso. Florinda Bolcan, tá aqui em Fortaleza, chegou hoje de manhã. Ela, o ano passado, viu a tua biografia sobre mim, e ficou encantada. Levou pra Hollywood. Aí rapaz, eu vou te contar, minha vida, queira ou não queira... Aquele Silvério da Costa, lá de Chapecó, mandou uma reportagem pra mim que eu perdi, mas um amigo meu deu uma cópia, porra minha vida, Márcio Catunda, é uma vida tão...Eu... Sabe por que eu me orgulho de mim? Sabe o que minha mãe disse pra mim, quando eu tinha 17 anos? Cê sabia que minha mãe era costureira? Ela pegava uma revista, aquela revista Clara e tal e ela fazia igualzinho ao que ela tava vendo na fotografia. Em vez de ela cobrar 500 reais, ela cobrava 5 contos. A minha mãe nunca foi à praia, nunca vestiu calça comprida, nunca botou batom, nunca foi a cinema. E outra coisa: tá com 35 anos que o meu pai deixou minha mãe. A minha mãe tá com 35 anos que não sabe o que é pica, que não sabe o que é homem. O único homem da minha mãe, porra, (chora um pouco), foda, rapaz. Meu pai também é um cara, hoje em dia, hoje em dia... Meu pai também é um cara fabuloso, um cara daquele, passa 34 anos sem ver a família, sem saber se morreu alguém. Ele não é covarde, ele é muito é macho. Ele voltou o ano passado, magrinho, velhinho, 83 anos. Chegou chorando. E minha mãe: não. Ninguém aceitou. Ninguém reconheceu o homem. Um estranho no ninho, rapaz. Aí, passou uns 15 dias e queira mudar tudo. Não dá... Eu cheguei - «papai não dá pro Sr. ficar aqui. O Sr. bateu muito em mim. O Sr. passou muito tempo sem andar aqui. Não dá. Aí ele ficou encabulado: é.. errei.. Aí eu soube, depois de dois meses, eu que me arrependi. Puta que pariu, vou procurar meu pai. Fui buscar ele na Santa Cecília. Sabe o que aconteceu? Ele tava numa casa com 4 mulheres, pô. É, com 4 meninas no quarto. Papai o Sr. mentiu pra mim, disse que tava desprezado, numa casa dessa? Aí ele, aquela risadinha. Meu pai é malandro vagabundo. Meu pai é de Caucaia. É da família Ferreira Gomes. Essa família Ferreira Gomes, rapaz, domina o Ceará todo. Lampião era Virgulino Ferreira Gomes. Era tão respeitado... Rapaz, não tem bronca».

Em novembro de 2006, encontro-o na Praça. Ele chora quando me vê. Diz que ladrões lhe roubaram tudo. Até as cartas que lhe escrevi, queimaram. Fomos tomar um café. Brincou com as meninas da lanchonete. Veio o Temóteo e recebeu uma bronca dele,

por querer roubar minha atenção. Acusou-o de só querer me pedir dinheiro, de não ter deixado ele me ver em ocasiões anteriores. Veio até o meu carro. Queria conversar. As pessoas olham, com um riso meio suspeito, quando vêm a figura. Paletó surrado, com camiseta por baixo, barba de mendigo. Anda trôpego. Comecei a anotar algumas frases irreverentes que ele dizia: «quando me perguntam, Mário você tá melhor?, eu respondo: vou começar a dar pontapé em prego. Eu nunca bebi, eu bebo pelo meu irmão que morreu. Ninguém faz uma árvore, nem uma banana. Não existe a palavra ex-viado. Mulher com mulher dá jacaré. O bi é sacana. É o gilete. É a mulher que come o homem. A boca tá onde? O amor é divino, o sexo é animal. A galinha representa os baitolas. Bebe água, olha pro céu e diz: Deus, dai-me uma boceta, que estou cansada de imitar os baitolas. As meninas de Fortaleza estão com os dedos calçados de tanto pensar em mim. O Dr. Alessandro Cresce é a 8ª maravilha do mundo. Eu voltei a chorar. Quem não chora não mama. Mulheres, se vocês querem gozar com a minha cara, se esfreguem em mim».

Resolvi comprar uma fita pra gravar todas aquelas maluquices. Fui parando em diversas lojas. Não havia fita cassete. Dado momento, ele desconfia. Onde é que cê tá me levando? Pensou talvez que eu fosse de levá-lo ao manicômio. Queixa-se dos irmãos, que falam nessa hipótese, porque acham que ele está doido. Rimos do assunto. Chegou ao meu apartamento com muita sede. Bebeu quase toda a garrafa de dois litros de água mineral e fez outro depoimento maluquíssimo, cheio de ironia crítica e mentiras geniais. Andava pelo apartamento, falando, enquanto eu o seguia com o gravador na mão e gravei o seguinte:

«Eu senti a senti a necessidade de mudar e acabar com a prepotência dos artistas e dos leões. Deus fez o homem pra acabar com a prepotência dos leões. Os artistas terráqueos, o homem por ficar em pé, domina o leão. Os artistas iluminam os leigos, os operários, filhos de Deus. Ele mandou multiplicar o casal Adão e Eva que vivia numa selva de mata e era pra eles viverem numa selva de pedra. Pediu ajuda ao diabo que fez o preto, pro branco se mancar. Os sete pecados capitais: o primeiro foi a inveja que fez Caim matar Abel e o último foi a vaidade, que os artistas adquirem para salvar o mundo. Quando ele fez a mulher, esqueceu de botar o juízo, o pensamento. Deus botou o pensamento dela na boceta. Te juro. E botou o juízo da galinha na cabeça. Você pensa que o homem come a mulher? É a mulher que come o homem. Onde está a boca? A mulher não precisa levantar nada, basta dar um sorriso e abraçar o mundo cm as pernas. Uma carioca, uma mulher só, foi com 400 homens uma vez, no Rio de Janeiro. Antigamente, ia com seis mulheres, hoje em dia tá em extinção, quase. É difícil encontrar

um homem de verdade. Os rabo-de-cavalo, os bissexuais, o homem dando o rabo e comendo, os giletes, os veíns vão morrendo.

«Veja só o detalhe que aconteceu. Não deu certo não, porque... Sabia que a salvação da humanidade, a Carla Perez aquela cientista baiana, que deu aquela cobertura da bunda, o bumbum, ela ficou bilionária pela bunda, cujos segredos, pra o pobre ficar logo rico: sabia que a mulher mais linda do país era um macho chamado Roberto Close, que era amante do Erasmo Carlos? E mulher descobriu. Sabia disso não? Venha cá. Sem vergonha. Aí abafaram e a mulher tornou-se agora a boceta maior do mundo, né? Fizeram o transplante, né? Transplante, não. Arrancaram e fizeram uma boceta. Sabe o que aconteceu? Surgiu o travesti como a Roberta Close e a Carla Perez com o bundão, que uma mulher sem uma bunda é como uma casa sem quintal. A bunda é superior até ao ... a bunda tem duas bandas, a bunda nas estrelas. O Erasmo quis abafar e fez aquela música: «diz que mulher é sexo frágil» - malandro, né? - «que mentira cabeluda...». Aí, a mulher: que nada, rapaz, eu não te quero mais não. Vai com o teu macho, com o teu Robertão!

«Meu compade, olha aquele cara de Santa Catarina, chamado Roberto Carlos, que tá bilionário, tá cheio de muié, sabe o que aconteceu? Pô, toda música dele é divina, sabe por que? Ele quando tinha 17 anos um trem passou pela perna dele. Ele deu um grito tão grande. Em Santa Catarina ele tem uma perna de aço, sabia disso não? Escorregou, a dor foi tão grande... Acontece que a mulher dele morreu de câncer e o filho nasce cego. Ele dá um bilhão pra ter uma perna igual a nossa assim. Me diga uma coisa: a música dele não é divinal? Ele não é o rei da juventude até hoje? E ele tem uma cara antipática, né? Me diga uma coisa: Deus é justo. Sabia o que Raul Seixas, genial, disse antes de morrer? «Dizem que o mundo tá se acabando, mentira, ainda nem começou... Sabe que ele disse, fiquem aí, eu vou embora. Sabe o que ele disse: a música dele gozou com a humanidade toda: perdi o medo da chuva... Eu cheguei a esse ponto. Rapaz, tanto vale a vida como a morte, o pior de tudo eu já passei. Pro cara chegar a dizer isso é porque ele tá bem. Ele tem tudo. Sabe como eu descobri? Olhe, o Rui Barbosa disse uma vez: o mundo é de todos e de ninguém. Foi ou não foi? Sabe como eu interpretei? Porque, enquanto eu for vivo, tudo é meu e quando eu morrer nada é meu. Sabe o que eu descobri também? Que o homem ou a mulher, ele é o experimento do pênis do pai chamado, espermatozóide de carne e osso. A mulher deu a luz? O quê? A mulher deu o divinal pensamento da vagina. A vagina dá o pensamento. A mulher tem a vagina que dá o espiritual. Aí tem que respeitar a poesia. Aquela porta de onde nos saímos é sagrada.

Aquela portinha é tão sagrada... Você não pode voltar atrás não, porque é muito pequeno, e você cresceu. Tem que levar chuva mesmo. Aquilo é tão sagrado, rapaz, quem vê, rejuvenece. Porque o cara casa por causa daquilo. É uma rã perigosa. Aquele lugar, eu fico grilado, é um negócio fora do comum. Cê vendo de uma vaca, cê num liga não. Cê vê o da mulher, cê fica abismado. Olha, aquele Itamar tava pra morrer. No Carnaval, viu aquele panorama assim e hoje tá uma criança. É o lugar mais escondido que Deus botou nas muié. Rapaz, eu tenho um poema que diz assim: porra, o homem é tão sujo que dá o maior valor aquilo de onde só sai mijo.

«Cê sabe que aquele nosso livro tá tendo sucesso. Rapaz, você com a tua literatura... Me chamam de grande poeta. Rapaz, não me chame de grande não, que tá dando problema. Mário Gomes, você não é erudito não, como o Márcio Catunda, mas você é de uma profundeza popular como eu nunca tinha visto. Por gentileza, Mário Gomes, a poesia... Hitler pousou na mão de Deus e disse: vós criastes o homem e eu o destruirei. Imediatamente, Deus fechou a mão, o destruindo. O cara chega: hora nova é seis horas, na velha é sete, viu? Por que você não tem hora? Meu relógio, roubaram. Você está sem hora, né? Tu está. Eu estou senhor. O cara ficou com uma raiva desgraçada».

Convidei-o a sentar no sofá. Ele me olhou de forma estranha. Dei uma risada. «Não é isso não, eu te conheço há muito tempo», ele disse. E continuou: «Você é uma pessoa que não sabe o que é. Uma vez eu mandei uma carta pra você. Um rapaz incapaz de arrancar uma flor. Rapaz, a natureza é uma coisa que a gente não explica não, viu bicho. Por que aquele rapazinho anda o mundo todinho e o homem ainda é uma criancinha e ninguém mexe com ele? Ele não se apavora. Tem coisas que nem Deus explica. O Flávio Carneiro, que o povo condenava, o cara que deu seis tiros numa mulher. Ela desonrou ele, botou chifre e ele, pra acabar com essa putaria, deu seis tiros na cara dela. Sabe quem defendeu o Flávio? Foi uma mulher. Te juro, quem defendeu foi uma mulher advogada. E é a filha do cara. O povo ficou tudo sem graça. Te juro por Deus. Você devia saber disso, você sabe de tudo.

«Eu tenho compromisso, passei 34 anos hibernando, sem fazer nada, por isso que eu não tenho nada na vida. Meus amigos são ricos. Eu perdi muito tempo. Agora me soltaram. Um dia eu disse: minha mãe, eu ainda vou ser presidente do Brasil, eu vou ser conhecido no mundo todo, e tá acontecendo, viu! Eu nunca fui gabola, eu nunca disse pra ninguém que era Mário Ferreira Gomes. Eu nunca digo pra ninguém que eu sou poeta. Eu sempre digo... Rapaz, quem é você? Eu sou um bando de bosta, eu sou uma merda. Eu quero que cê me ajude agora, que me de um pouco de água pra

eu molhar a cabeça (de cima). São vinte e duas cabeças e me levar até em casa pra ver a minha mãe, rapaz, enquanto tá cedo. Eu vou dirigir o carro, eu nunca dirigi não, mas vou dirigir hoje».

Ofereci-lhe a possibilidade de tomar um banho completo. E ele disse: «Na volta, na volta. Deixa comigo. Eu sei disso, rapaz, escute, ô Márcio, entenda, Márcio, entenda». Enquanto lava o rosto e a cabeça na pia, ele insiste pra que eu o leve em casa, pra ver a D. Nenzinha, pois queria «levar um pedacinho de pão pra ela».

E continuou em seu incrível monólogo: «Se Deus não fosse brasileiro, seria cearense, mas se ele não fosse cearense, seria brasileiro. Quem sabe ver, lê a vida. Vamos supor que você vê uma multidão, se você olhar assim você vê, se você ler, você sabe o quê que se passa, tudo ali, mas se você não sabe ver, não sabe de nada. Quer outra frase, minha? Não é poética não, mas o sr., por gentileza, aguarde um segundinho, enquanto eu molho a cabeça de cima».

Passou pasta nas mãos feridas e continuou: «Sabe o que é? É que eu sou odontólogo? Sabe o que é isso? Eu me machuquei com os alicates». (queria dizer que era dentista. Depois passou pasta de dente na boca e gargarejou. E prosseguiu: «Eu inventei o banho cowboy que em todo canto se usa».

Eu já lhe havia dado algum dinheiro. Ele disse: «eu já tenho a grana que você botou no meu bolso, vou comprar um bolo». Sugeri a padaria que há no mesmo quarteirão do meu prédio. Ele respondeu: «não, eu conheço Fortaleza, eu nasci aqui». Rimos.

Ele continuou: «Vou pra minha casa, tô cansado». Viu uns cds sobre a mesa e perguntou: «você tem Raul Seixas aí? Isso é relíquia, nem vou levar não. Eu sei o que é isso. Eu prefiro um livro. Se tiver algum sobrando, que você não queira mais...» Fomos ver os livros no quarto onde estão guardados. Ele diz: «Aqui pra nós: o Zé Almeida Pereira pode ser genial, mas que ele é atrapalhado, ele é. E é pecador demais, viu? Só pensa em sexologia. Rapaz, eu não sou mentiroso não. Um dia eu cheguei na casa dele, ele tava mostrando a bunda pra mim, nu numa rede Eu disse, rapaz eu não quero saber disso não!». Eu sou turista do Bom Sucesso. Ando de bermuda, todo sujo, imitando os turistas internacionais. Eu já lhe suportei muito. Por enquanto, já não lhe suportei mais. Tem gente que quer conversar com você só pra ferrar uma graninha. Eu digo: rapaz, seja mais direto, o homem não é trouxa! Quer ensinar reza a pade? Diga logo o que cê quer, não é grana? Você sabia que a fisionomia é o retrato da alma? Pela fisionomia, você manja o cara logo. É telepatia. Me diga uma coisa: a mulher nova, bonita e carinhosa não é pra o homem gemer sem sentir dor? Panela velha é que faz comida boa? Eu fui criado na bandidagem. Não é isso não. É pelo

aspecto físico e das minhas idéias. De susto eu tenho matado muita gente. Aquele rapaz, de chapeuzinho, lá da Praça do Ferreira, morreu de susto. Quando me viu, tomou um susto tão grande que morreu. Aquele Torquato Neto disse: eu vou morrer de bala ou de susto. O cara do chapeuzinho cuspiu no pão, cuspiu na comida dele, pra eu não pedir comida a ele. Lambuzou. Pergunte ao Temóteo... Ele ficou cismado comigo. Vagabundo, ponta pé, murro... Um dia eu encontrei ele na Praça dos Leões num sábado. Ele disse uma piada comigo, eu peguei uma garrafa de água mineral Indaiá, (do Tasso, porque o Tasso vende a garrafa, mas a água é do homem lá de cima, né?) e joguei. A água explodiu, como um vendaval. De susto, o cara caiu pra trás. Ele fez uuuhhh e caiu pra trás. Eu tanta risada que, em vez de pegar o ônibus, eu fui a pé pra casa, de tanto rir.

«O Milton Dantas me ofereceu, por intermédio da psicóloga, pela minha obra, que é o meu patrimônio nr 1, o que eu aceitasse de digno, sabendo que eu era carente: um carro, apartamento, tudo, pela minha obra literária e tal. O pessoal ficou com inveja de mim e saiu dizendo que eu recusei porque o homem era homossexual. O homem da alta sociedade, ajuda quem tem talento, ia fazer um negócio desse, rapaz? Falaram isso pra atrapalhar a minha vida. Mentiram, dizendo que o homem era e que eu tinha que usar o homem. Pessoal maldoso do caramba viu, bicho! Só porque o homem ia me dar uma oportunidade dessa, aí só porque o pobre do homem tem um problema lá das particularidades dele, que eu não posso aceitar não. Nada disso. Você acha que eu vou fazer uma coisa dessas, desrespeitando a sociedade brasileira mundial. Pessoal maldoso. Com inveja da minha pessoa. Filhos das putas, rapaz. Me atrapalharam, querendo me destruir, atrapalharam.

«Você me conhece. Eu expulsei 17 crentes que vieram com a Bíblia, com papo furado de igreja pra mim e pra minha mãe. Vamos parar, porra, vá pa puta que pa... foi... Não é loucura minha não, juro. O meu bairro é uma guerra. Eu sou discriminado na minha casa pelo meu, um tal de Zezinho. O Evaldo, meu irmão que morreu com 31 anos, morreu de desgosto. Uma filha morreu de um tiro. A Verusca fugiu com um tal de Sebastião pra São Paulo, três meses depois voltou grávida».

Mário, vamos falar umas coisas mais alegres, eu disse. «A alegria vem depois», ele contestou. E continuou: «Gilberto Gil não disse que só a guerra traz a paz? Quer ver coisa hilariante? Escreva isso pra servir de exemplo...».

Reclamou do calor. Eu disse: você tá com muita roupa pra andar no Ceará, tá parecendo um paulista. Ele respondeu: «É que

eu passo a noite por aí. Às vezes chove e tal. Eu não mudo de cara não, mas mudo de aparência, de indumentária».

Observei que ele tinha uma meia preta e outra vermelha. Tem no bolso uns e um boné vermelho. «Uma menina me deu», disse ele. Você tá parecido com o Zé Ramalho, eu disse. «Toda mulher fica doida por mim», ele comentou. E prosseguiu: «Um cara passou de madrugada e eu tava com 32 mulheres no quintal. Elas me adoram. Elas são perceptivas. Em São Paulo, eu era contratado pra ficar na porta das lojas de disco, pra atrair as meninas».

Você era um galã antigamente, né? Perguntei.

«Antigamente. Eu não sou o mesmo não. Eu sou coroa. Naquele tempo eu era adolescente, menino vei. De modo subconsciente, eu fiquei igual aos galãs de cinema de Hollywood. Eu sempre admirei os bandidos e os play boys. Eu sou um plebeu play boy, porque curto a vida e sou bonito. Tem muito cara rico, fazendas, filho de industrial, o caralho, que é fei pa porra, e é incapaz de arranjar as mulheres que eu arranjo. Caras de uma barriga enorme, covardes. São uns pobres coitados. Nem na Segunda Guerra Mundial se vê igual. Eu fico em frente à casa do Aluísio Gurgel, esperando até ele abrir a porta. Fico esperado, olhando a janela até abrir. Tenho um livro inédito, «Revelações Divinais», que ta com o com Aluísio. Vicente Freitas, de Bela Cruz, tem originais meus também. Se um dia eu me encontrar, numa estrada deserta, sozinho, e me encontrar com Deus, o diabo, Lampião e o Satanás, eu como o cu do Hitler, eu dou murros e pontapés no Satanás e em Deus dou beijos e abraços.

«No poema «Sonho Diabólico», uma luz imensa me aparece e eu fui dizer que fui por inferno e tinha comido o cu do Cão. Toda a humanidade tem medo do Satanás e eu o desmoralizei em literatura. Pra provar que focinho de porco não é tomada, ele passou nove anos dando murros em mim. Me libertou tá com um mês. Sabe o que ele fez comigo? Ele tocou fogo na minha casa, ele matou meu pai, matou meu irmão. Meu irmão começou a comer a filha dele. Ele quebrou o meu nariz duas vezes. Uma aranha caranguejeira me mordeu nos dois pés. Eu tô todo quebrado. Eu ando pela rua brigando. Inda hoje eu dei três pancada em poste. Ele me libertou quando eu disse que era brincadeira. Mas depois eu disse: pois vá tomar no cu de novo seu filha da puta. Ele deu uma risada e me libertou.

«O Juarez Leitão disse, naquele livro da Praça do Ferreira, que eu era gente boa, poeta, mas era cachaceiro, vagabundo, malandro, mulherengo, louco. Me causou danos morais. Até nisso eu tenho sorte pra ganhar dinheiro. Fui ao Fórum pra ser indenizado. Mas ele tá certo. Se ele dissesse: você é baitola, ladrão,

ocê ia ganhar. Mas como ele disse: você é vagabundo, pilantra, safado e cachaceiro... Eu fui espancado na nuca, eu sou espancado em todo canto que eu chego. Eu fui espancado no Náutico. Esse cara é louco. Os meus amigos com medo de mim. Passam por mim e não falam. Ele é doido. Tudo que eu faço é permitido».

Bebe água e continua falando: «Tô morrendo de sede. Eu só tenho inveja de mim mesmo. Mulherada, mulheres, vocês querem criar juízo é só me criar! Meu nome é Juízo Rodrigues da Silva. E outra coisa: se vocês quiserem gozar com minha cara, se esfreguem em mim. Tô com frio agora. Deus, sentindo a necessidade de mudanças, pra acabar com a prepotência dos leões, fez os artistas. Os artistas terráqueos. O leão anda de quatro pés e não sabe que vai morrer. O homem sabe. Os artistas iluminam os leigos. Que são operários. Adão e Eva numa selva de mato. Vamos multiplicar esse pessoal e fazer uma selva de pedra. Os sete pecados capitais. A inveja. Caim matou Abel. A vaidade do artista vai salvar o mundo. O resto não presta. Esqueceu de fazer a mulher. E se esqueceu de colocar nela o juízo e o pensamento. O diabo botou o pensamento dela sabe aonde? Na boceta. E botou o juízo da galinha na cabeça. Você pensa que o homem é que come a mulher? É a mulher que come o homem. A boca tá aonde? A mulher não precisa levantar nada. Só basta dar um sorriso e abraçar o mundo com as pernas. Uma mulher só, foi com 400 homens uma vez no Rio de Janeiro. Hoje em dia, o homem tá em extinção. É difícil encontrar um homem de verdade. Rabo de cavalo, os bissexuais e homem dando o rabo e comendo gilete».

Em agosto de 2007, vou à galeria de artes plásticas do Tota (Antônio Severino Batista), o amigo que lhe dá sempre uma sopa ou vitamina de frutas, quando ele aparece por lá. Tota me fala da incongruência no comportamento do Mário. Diz que tem pena dele, na situação em que ele se encontra agora. Comenta que Mário considera o remédio que tomava a causa do seu atraso de vida. Diz que os medicamentos estavam acabando com ele. Já não toma os comprimidos e por isso está melhor. Pediu ao Tota uma televisão usada. «Minha santa mãezinha precisa». Tota lhe deu de presente uma televisão velha. Falamos da vida dissoluta do poeta, que dorme na praça. Os bandidos não o atacam. A miséria do Mário não atrai os ladrões. Na falta do que fumar, faz cigarros só de papel. Enrola papéis do chão, acende e fuma. Dorme no chão dos restaurantes do Centro Dragão do Mar. Os gerentes o expulsam. Ele sai xingando.

Falando no homem, ele chega de repente, como se adivinhasse que eu ia visitar o Tota. É incrível. Parece que adivinha onde estou. Chega, joga o saco de plástico no sofá e começa a monologar, caminhando do sofá à porta, indo e voltando. Diz que

deu «41 mil pontapés na bunda do Fernandinho. Ele ficou desbundado». Trouxe uma bonequinha de palha pra filha do Tota. Tem tesouras, fotos, revistas fones de ouvido, flanelas, uma miríade de objetos dentro do saco que conduz.

Sáimos caminhado pelo centro Dragão do Mar. Observo que ele está mais mendigo, sujo, esquelético, desanda num monólogo junto à estatua do Patativa. Acha que a postura do poeta é de pedir esmola, com a mão estendida, declamando. Mistura assuntos sucessivamente. A gravata é só um pedaço de pano. Às vezes murmura, às vezes fala. Isqueiro na mão, casaco encardido, gravata rota, sob a camiseta. Calça empoeirada. Fala sobre o consciente, o subconsciente e o inconsciente. Fala de um tal Chico Picadinho que em São Paulo picotou de gilete uma morena. A música do bar, mais alta que sua voz, não escuto bem o que ele diz. Ele prossegue no monólogo. «Raul Seixas tinha uma lucidez de ácido inoxidável». O rosto magro, cheio de rugas. Fala, fala, fala. Levanta do banco, fica em pé, gesticulando, move as mãos e gira o corpo, numa postura encurvada, os passos meio trôpegos. Cheira a mendigo. É o mendigo a poesia cearense. Coincidentemente, o cantor do bar canta «Maluco Beleza». A música em sincronia com Mário, fã de Raul Seixas. Ele baixa tanto o tom de voz outra vez que quase não ouço nada. Entendo um pouco do que diz agora. Recorda momentos da vida. Diz que entende porque não como carne. Diz que um tio dele morreu porque comeu carne toda a vida – apodreceu de tanto comer carne. Por isso que na Índia a vaca é sagrada. Fala de uma descoberta divina: «tudo que se come é merda antecipada». Cita Bocage. «Só me casarei com uma mulher que coma biscoito e cague guaraná». Com uma memória impecável, lembra que da capa de um dos meus livros, o *Estância Cearense*, tem um desenho da casa do meu avô.

Um menino de rua aparece e pede esmola. Ele acusa o menino de tê-lo incomodado no dia anterior. O garoto sujinho olha e diz: Eu? Mário pede desculpas. Eu digo ao menino que Mário é poeta. O menino pergunta: o que é poeta? Explico: é um escritor, um homem que lê. Ele pergunta: e guarda na mente? Sim, é isso! digo. Mário manda que ele vá à livraria do Sérgio Braga, no segundo andar do Centro Dragão do Mar, e veja o livro do Juarez Leitão, que fala a respeito dele. O menino pergunta: é verdade, é?. É, respondo. Mário diz que dará o livro ao garoto. Sáimos em direção à livraria. O menino lembra – olha o saco. Mário ia esquecendo o fardo de molambos que carrega.

Como sempre, fala de suas aventuras pelo submundo da noite. «Não tenho medo de andar na selva de pedra. Eu dominei a cidade toda. De todo lugar eu fui expulso. Agora, não. Eles me

chamam e eu é que boto banca». De repente começa a difamar um conhecido: «andam dizendo por aí que fulano largou a mulher... Ele come o cu de um garçom em troca do almoço diário. É um cara genial, mas é vigarista, analfabeto e invejoso».

Mário leva um saco do qual tira panos velhos, um cigarro e dois pares de óculos de pernas quebradas. Veste o paletó com duas camisetas por baixo. Os molambos caem pelo chão, ele se agacha pra recolher. Pega alguns e outros ficam. O vento carrega alguns e ele os apanha. Tem até um saco de café. Perguntei-lhe pra quê. «Porque eu sei fazer café. Só não sei fazer açúcar», diz ele.

No dia seguinte, vou ao Centro Dragão do Mar e encontro o poeta Jorge Furtado, amigo e admirador do Mário. Jorge me conta outras peripécias do andarilho notívago. Diz que ele mendiga pedaços de pizza nos restaurantes do Dragão do Mar. Dorme na chuva, com o pescoço encostado à parede. «Estavam rindo dele ontem, porque ele lavou a cabeça no tanque. Ele sofre por não ter mais o reconhecimento que teve. Acha que todos os amigos deveriam ter com ele a mesma consideração de antes. Ele, que deu muitas entrevistas a jornalistas, ultimamente apareceu no jornal só uma vez, numa foto de mendigos da Praça do Ferreira. Um dia apareceu uma repórter de televisão no Dragão e ele ficou rodeando ela, achando que ia ser entrevistado. Ela foi embora e ele jogou as coisas no chão e saiu desolado».

Comento com Jorge Furtado que conheci Mário há muito tempo, no Clube dos Poetas. Falo de sua mãe, prostrada numa rede. Digo que dei a ela, pelo ano 1999, uma cadeira de rodas.

Jorge lamenta que nem todos os gerentes de restaurantes tenham a dignidade de dar algum resto de alimento ao poeta. Ele soube, através de outro amigo, que em alguns estabelecimentos ele é ameaçado com pedaços de pau. Mesmo assim ele invade os restaurantes e pede pizza aos garçons. Se disserem que não tem, ele pede uma perna de barata ou de calango. Mesmo ameaçado, Mário discute com os garçons e proprietários quase todas as noites. Às vezes, quando lhe dão algum presente, ele devolve, dizendo que não pede esmolas. Se alguém lhe der dinheiro dizendo que é pra comida ele diz: «se o dinheiro é meu, eu faço o que quiser». Certa ocasião uma moça comprou-lhe uma empada. Ele colocou no bolso. Alguns amigos acham que ele deveria ser internado numa clínica de repouso, onde poderia ser assistido. Mas, para um poeta que ama tanto a liberdade, é preferível mendigar pelas ruas que ficar enclausurado entre quatro paredes.

Em fevereiro de 2008, o reencontro em Fortaleza. Ele apareceu no lançamento do livro *Dormir, talvez sonhar*, de Oswald Barroso, no Teatro José de Alencar. O vigia sorriu com certa

cumplicidade ao ver o poeta. Disse que ele toma banho todos os dias na torneira do banheiro do Teatro, onde os porteiros e funcionários o toleram, por saber de quem se trata. Disse que Mário lava a roupa na torneira, fica só de cueca e bate a calça e a camisa nos bancos de madeira do pátio do Teatro, até as secar. Dali fomos em direção meu carro e seguimos para o Centro Dragão do Mar, que ele diz ser o palácio dele. No carro, confidencia-me algo sobre uma mulher da Praça, mas fala tão baixo que não escuto. Depois diz que amanheceu sentado no chão. Diz que leva cantada de mulheres, mas recentemente levou uma surra, de paus e pedras, de umas garotas, que iam passando e que lhe disseram: nós vamos ali ganhar um dinheirinho ali... E ele respondeu: quando vocês lavarem bem essa coisa...

Diz que foi expulso de muitos restaurantes. Mandou à puta-que-pariu o pessoal da Academia de Letras que não aceitou que ele participasse das reuniões nem recitasse seus poemas no recinto. Eu disse: espiritualmente você não tem semelhança com ninguém. Mas fisicamente está parecendo o Zé Ramalho. Ele disse: ele é que parece comigo. Recordou dos 20 anos, quando arranjou uma namorada e o pai dela disse: não namore com esse cara que ele é louco. Saiu do manicômio há um mês. Foi em plena ditadura militar, quando os presepeiros eram recolhidos ao hospício. Fala outras coisas ininteligíveis, das quais só entendo a frase «o Salazar era solteirão...». Observo-lhe a fisionomia deteriorada. Está com o rosto deformado, enrugado, desdentado. O nariz torto.

Escreve uma garatuja, diz que está em hebraico. Conta a história de Sansão e canta: «índia seus cabelos». Fala da lua. Está em quarto crescente. «Até os lobos do Himalaia sofrem a influência da lua». Cita Olavo Bilac: «o verdadeiro mérito não gosta de se mostrar». Guarda no saco de plástico que carrega uma garrafa e diz: «o homem só sente duas coisas um pelo outro: admiração ou inveja». E acusa determinado amigo de ser maníaco sexual. «Fui visitá-lo um dia e ele estava deitado na cama, nu, esticando a bunda pra mim»

- Vou caminhar, Mário.
- Você trouxe a bengala?
- Poeta, a gente vai se despedir.
- Já tá despedido. A indenização vem depois.

Em março de 2008, cerca da meia-noite, encontrei-o no Centro Dragão do Mar. Maltrapilho, sujo, a barba por fazer, o cabelo ralo. Falando muito, mas com absoluta lógica. Convidei-o a jantar e coloquei-lhe no bolso 50 reais. Pediu-me para levá-lo em casa. Decidi levá-lo. Seria uma oportunidade de esclarecer o motivo da situação em que ele se encontra. A casa fica longe, no bairro do

Bom sucesso, a cerca de 2º quilômetros da Beira Mar. Era mais de meia noite. Chegando, vi dona Nenzinha na calçada, sentada numa cadeira. Parece não ter lembrado de mim, mas pediu ao Mário que trouxesse uma cadeira. Só havia uma cadeira suja, no quintal da casa, além daquela em que estava dona Nenzinha. Preferi não sentar, pois estava apressado. A casa era um caos. Parecia que um furacão havia passado por dentro. Sem móveis, só havia uma cama sem colchão e uma rede. Entendi porque o poeta não dorme em casa – não tem cama. Havia um cheiro de mijó em toda parte. Tudo encardido, empoeirado, sujo. Apareceu o Zezinho, irmão dele. Bêbado, sem camisa, um barrigão enorme. Disse ao Mário: por que você trouxe o Márcio, não tem lugar pra ele dormir aqui. De fato, sobre o estrado da única cama da casa, sem colchão, havia algumas roupas do Mário. Nada mais. Zezinho disse: «minha mulher é médica. Faz transplantes de coração e rins... Repetiu umas três vezes essas frases e acrescentou: não se preocupe, vou vigiar o seu carro. Aqui só tem gente civilizada...». Mário me disse: toda a minha família pirou. Só eu estou lúcido.

Despedi-me dele, de dona Nenzinha e de um rapaz negro da vizinhança, que lhe fazia companhia a ela na porta de casa, quando cheguei. Eu disse ao jovem – dê uma ajuda a eles, que todos estão precisando. Ele aquiesceu, com um gesto. Liguei o carro e segui pela Avenida José Bastos até a Beira-Mar.

Encontrei, naquela mesma noite, o poeta Jorge Furtado, que comentou o drama que o poeta vive cada dia e cada noite, largado pelo mundo, errante, sem paradeiro. «Vi crianças e adolescentes jogando pedras nele. Ele se baixou para se proteger. É a lei da selva. Ele espanta os meninos agressores com cacos de vidro».

Conheci, através do Luiz Edgar Arruda, um cineasta interessado em filmá-lo. Quer fazer um curta-metragem. É o Zébatista, um carioca que vive em Brasília e veio a Fortaleza porque ouviu falar do poeta e do ensaio biográfico que escrevi a seu respeito. Encontrou o livro na Biblioteca Pública, junto ao Centro Dragão do Mar, depois de procurar em vários sebos. Fez-me diversas perguntas. Falou-me do roteiro que já escreveu. Disse que o filme será em preto e branco, pois assim tem mais carga poética do que o colorido. Terá o apoio do Hélio Rolla, do Sérgio Pinheiro, do Kazane, do Alano Freitas e outros artistas plásticos, para discutir a poesia do preto, do branco e do cinza. Pretende que o filme seja narrado por Marília Pêra, que tem uma entonação poética. Diogo Vilela poderia interpretar os poemas, pois tem um fundo de personalidade semelhante ao do Mário. O fundo musical seria do Temóteo Cavalcante, com o Sirino no violão. Perguntou-me se eu sabia em que ano Mário foi preso na Bahia, quando o confundiram

com o bandido que furava as bundas das moças com um canivete. Verifiquei que não tinha o ano, na biografia que escrevi. Porque escrevi tudo de forma negligente, sem atentar para a ordem cronológica. Escrevi tudo do jeito que estava na fita gravada com o depoimento dele, sem perguntar coisas essenciais como as datas e encadear tudo cronologicamente. Vi que no livro há uma referência a uma viagem a Salvador, no ano de 1977, logo antes de ele contar o episódio do maníaco. Acho que foi por aí, mais ou menos, digo ao Zébatista. Certeza, mesmo, só se falássemos com ele, mas, do jeito que ele anda, duvido que tenha a recordação clara das datas. Não custa tentar... Lembro que ele me mostrou certa vez a reportagem do jornal da Bahia. Ele andava com os jornais dobrados e enfiados nos bolsos. A essa altura, é bem provável que tudo isso tenha se perdido. A casa dele é um pardieiro, uma gruta vazia. Diz ele que as sobrinhas e os irmãos dele subtraíram-lhe todos os bens...

Em abril de 2008, encontrei-o de noite, no Dragão do Mar. Estava sentado numa cadeira de um dos restaurantes, sob a chuva. Já encharcado, o paletó surrado de sempre, as costas curvadas, magro, subnutrido. Mas a conversa lúcida, fazendo trocadilhos e dizendo frases irônicas. Aproximou-se um sujeito jovem, forte, bem vestido e disse ao Mário: você está muito elegante... O poeta imediatamente respondeu: «eu não lhe conheço, você é um baitola, um viado!». Você é que é!, respondeu o cara, fazendo um gesto de querer agredi-lo. Ele também fechou os punhos, mas deu dois passos pra trás. Vi a coisa feia e pensei que ia terminar em porrada. Convenci o poeta a retirar-se dali. Fomos para outra área do Centro Dragão do Mar. Conversamos sob uma árvore, debaixo da chuva. Pedi-lhe que entrássemos no carro e tentei deixá-lo na esquina mais próxima, mas ele ficava contando casos e falando coisas incríveis sobre a própria família e se gabando como sempre: «há muitas mulheres gamadas em mim». «O Argemiro assalta banco. A mulher dele vive me procurando com segundas intenções... Desde ontem eu procuro uma coisa que não existe. Há trinta anos roubaram uns cocos do meu quintal. O Messias Holanda fez uma música sobre isso».

Dei-lhe dinheiro para tomar um táxi e ir pra casa. Confessou-me que não dorme em casa porque os seus irmãos e as sobrinhas lhe tomaram tudo quanto tinha. «Quê que eu vou fazer em casa, se não tenho mais nada lá?». Diz que o bairro do Bom Sucesso está cheio de ladrões e assaltantes. Que um dos vizinhos foi em cana porque roubou e feriu um taxista. Ficou muito chateado porque roubaram até as roupas da dona Nenzinha. Mas diz que está

contente «porque finalmente, estudantes deputados, a sociedade em geral reconheceu o meu valor».

Quando voltei a Lisboa, Zébatista mandou-me o roteiro do filme por e-mail, pedindo-me comentários. Explicou assim o projeto: «Não sei se já estou entrando no meu limiar de loucura, mas creio que é possível fazê-lo e que só um filme poético ombreará a vida do Mário. No fundo, o filme será acompanhar o Mário por um dia, com imagens do momento, «inserts» de locais de Fortaleza e depoimentos de pessoas que com ele têm um relacionamento muito forte, com narração de alguns episódios e declamação de alguns poemas. As pessoas que escolhi foram você, o Temóteo e a Nancy, irmã dele.

Zébatista rastreou e encontrou as reportagens que saíram no jornal *Diário de Notícias*, de Salvador, a respeito do episódio da confusão do Mário com o tarado do canivete, ocorrido em 1977.

Ouvi certa vez pessoas comentando que o problema do Mário Gomes seria uma psicose depressiva. Mas como explicar o todo esse delírio de auto-suficiência? Como entender o paradoxo entre a sua racionalidade total nos assuntos e a incapacidade de cuidar melhor do próprio corpo? Do ponto de vista humano, eu diria que ele se apaixonou pela vida de tal maneira que se desesperou. Deambulando trôpego pela, hoje, cruel cidade de Fortaleza, o poeta que transpira sentimento transformou-se numa explosão de sensibilidade. Se os amigos já não o suportam, ele se revolta e arruma confusão. Reincidiu na vida caótica, na inquietude, inconformado com o imediatismo interesseiro da maioria, com a manipulação das opiniões pela minoria, sempre desajustado diante de uma organização social perversa, em que prevalecem o egoísmo, a maledicência e a inveja.

Mário Gomes é um caso de hipersensibilidade, cem por cento emocional. Um tipo que a psiquiatria certamente não explica. Penso que Freud, Jung, Lacan e Erich Fromm ficariam perplexos diante das travessuras dele. Porque se trata de uma criança que brinca de sonhar até mergulhar fundo no pesadelo. Brinca com fogo e já não se importa de sair chamuscado. É um poeta que abriu toas as portas da sensação para viver a poesia com o corpo e com a alma, nunca com o intelecto.

Os bons amigos da Praça do Ferreira, o Temóteo Cavalcante, o José Mário Dias, por exemplo, são os seus únicos terapeutas, porque o conhecem na intimidade. Eles sabem que Mário Gomes, um ser fora do comum, nasceu predestinado ao egocentrismo irreverente. Não veio ao mundo pra adaptar-se aos preconceitos e hipocrisias da feroz sociedade humana.

Mário Gomes teve sempre uma filosofia própria, embora reconheça a autoridade de alguns ídolos (Raul Seixas, Vinícius de Moraes, Zé Ramalho, Fernando Pessoa, e alguns poucos porta-vozes visionários do verbo iluminado. Só reverencia espíritos de alta estirpe. De resto, sabe que a maioria das pessoas tem malévolas intenções e só pensa em dominar, explorar e monopolizar o poder. Mário é uma afronta a todo poder abusivo. Nasceu para hostilizar a hostilidade. E vive, até hoje, exercendo a mais absoluta liberdade. Não dar satisfação a ninguém exceto à própria consciência, não escravizar-se às convenções maliciosas, rejeitar tudo quanto limite a criatividade, eis a sabedoria que todos gostaríamos de praticar e não termos a coragem. Ele teve. Mas pagou um preço exorbitante. Hoje vive maltrapilho, esquálido, andarilho das noites sem destino. Dorme onde o sono determine, alimenta-se quando aparece alguém que o convide. Na verdade, viveu sempre à margem do sistema. Não se adaptou a nenhum trabalho, porque rejeita o autoritarismo. Cultivou vícios perigosos, por não aceitar restrições à sua liberdade.

Tinha um anjo da guarda: Dona Nenzinha, sua mãe que o esperava sempre na casinha do Bom Sucesso. Quando ele sumia de casa e percorria o submundo de outras cidades, a velhinha o esperava ansiosa, rezando pra vê-lo um dia pacato e disciplinado. E um dia a sua esperança surtiu efeito. O poeta ficou manso, sereno, chegando em casa às 10 da noite e tomando regularmente os remédios. Ocorre que Dona Nenzinha adoeceu, e com ela também o Mário, em conseqüência. Os amigos disseram que a falta do remédio foi o que causou a recaída na piração. Mas acho que foi, sobretudo, a enfermidade da mãe que o abalou e o fez voltar à boemia desregrada. E ele, que já não é o garoto dos tempos das extravagâncias em Salvador, no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte, agora sofre mais os estigmas da vida dissoluta, da noite de vigília alcoólica e do caos mental. Perde-se pelos caminhos, tenta recitar os seus poemas em todos os eventos culturais da cidade e sai xingando se não permitem, tornou-se excessivamente crítico, monopolizando a conversa e pronunciando, em voz baixa, não sem razão, os maiores impropérios contra a espécie humana. Mas apesar de todo o delírio existencial Mário nunca perdeu por completo a percepção racional, em sua consciente postura face às vicissitudes da vida. Seu discurso é irreverentemente lúcido, crítico e fundamentadamente indignado. Nunca foi um deprimido. Conservou sempre a estima própria, gabando-se como um galã ou um gênio incompreendido. Se ele abusa da saúde física e mental, é certamente por causa da angústia crônica de conviver entre a condição humana e a paixão de viver. Desse conflito entre a situação precária da vida material e a ânsia de voar no pensamento

é que surge o drama do desajuste. Aliás, esse foi sempre o problema humano, um problema que se acentuou no tempo do romantismo e que hoje em dia adquire proporções endêmicas.

Em síntese, somos todos Mários Gomes reprimidos, porque sufocamos em nós o paroxismo da sensibilidade e a expressão da liberdade total. Só ele, entre todos os que o estimamos, é verdadeiramente autêntico, pois sabe mostrar o seu protesto com toda a intensidade dos gestos, atitudes e palavras e algo mais.

APÊNDICE:

«O Pau cantou no Cine Ceará» (crônica de Eribeldo Silva, escrita no livro *Bastidores da Praça do Ferreira (e outras coisas mais)*, publicado em 2005:

Noite de estréia do V Cine Ceará, festival de lançamento de filmes brasileiros, que se realiza em Fortaleza, nas dependências do Cine São Luis na Praça do Ferreira. Surge nosso poeta maior, Mario Gomes, metido em um terno branco impecável, camisa vermelha, lenço vermelho no bolso do paletó. Vem fumando seu último charuto, cumprimenta a amiga e atriz internacional Florinda Bulkan (Nossa musa do cinema internacional Florinda Bulcão, cearense lá da Serra de Uruburetama) uma sumidade. Mário Gomes passa por Florinda e suas amigas e vai em busca de sua turma, os poetas da praça. Não encontra a turma, o charuto se acaba, está sem dinheiro, precisa fumar, é compulsivo. Fica irritado e vai tentar filar um cigarro de algum conhecido, que porventura esteja no evento.

Mário Gomes percebe que em frente à entrada do Cine São Luis está o Fernandinho (dos velórios) e ele está fumando, - que sorte - pensou Mário e foi em sua direção. O Fernandinho, que é pernóstico, estava conversando com dois garotões, atores globais, quando sente a presença do poeta trata de se esquivar fingindo não percebê-lo. Mário, sem nenhuma maldade, interrompe a conversa e fala para o Fernandinho: «Fernandinho, por gentileza me arranja um cigarro, cara!». Com muita educação argumentou o poeta.

Fernandinho, que não pode ver «gente importante» que esquece os amigos menos privilegiados, desconversou.

- Por favor, não nos perturbe. Eu não conheço o senhor. Falou e deu as costas para nosso poeta.

- Não me conhece? Não me conhece não, seu «viado», pois vai conhecer agora. Falou isso e meteu a mão nas «fuças» do Fernandinho, que saiu correndo.

Nós estávamos no restaurante dos advogados, não sabíamos de nada do que houve lá embaixo na praça. Mário adentrou no recinto muito nervoso, pediu um cigarro ao Duartinho, uma dose de uísque ao Guará e uma cerveja ao Sérgio Zó, bebeu tudo como se fosse água e foi embora. Não demorou cinco minutos, ele voltou repetiu os mesmo pedidos e permaneceu agitado sem falar nada.

Decidimos por descer e ir prestigiar o evento Cine Ceará. Quando chegamos ao térreo, fomos em direção à praça, na esquina da Tok Discos, deparemos com cinco policiais da PM e um pequeno aglomerado de curiosos. Ficamos surpresos quando um dos policiais abordou o poeta Mário Gomes e olhando para o Fernandinho (que estava metido no costumeiro terno preto) indagou: «é esse o cidadão que lhe agrediu, doutor?». Fernandinho pôs-se atrás da turba e vociferou: «foi ele sim, foi ele que meteu a porrada em mim!» - Mário parou sem demonstrar nenhum medo. Sua agitação sumiu e deu lugar a uma calma em seu semblante. Mário sem olhar para seu acusador, fitou o policial que o havia abordado e falou: «o senhor é o quê? Coronel, Capitão, Tenente ou Sargento?» - O policial olhou para os companheiros de farda e falou: «sou Soldado...» Aí, o Mário sentiu-se mais à vontade e disse: «Seu Soldado, o negócio é o seguinte. Você sabe quem eu sou? Sabe quem é Mário Gomes?» - O soldado espantado e tendo à frente a figura de um guerreiro «Viking», um guerreiro normando ou coisa parecida, respondeu um tanto desconcertado: «não! – Eu não sei quem é Mário Gomes não!»

Bem, o poeta meteu a mão por dentro do paletó, como se fosse sacar uma arma, daquela que fica por baixo da axila. Os policiais tentaram acompanhar o movimento do poeta, e para surpresa geral de todos Mário Gomes saca uma página do Jornal Diário do Nordeste, plastificada, onde no caderno três, DN Cultura, estava a foto do poeta Mário Gomes, de corpo inteiro, vestido igualzinho àquela noite, terno branco, camisa vermelha, com um lenço vermelho no bolso do paletó, numa pose quase de perfil, com um charuto entre os dedos. A fotografia preenchia a página toda, deixando estreitos espaços para matéria, que tinha como título: «Mário Gomes, poeta santo e bandido». «Taqui!» Exclamou Mário Gomes, abrindo a página de jornal plastificada que ele conduzia em forma de canudo. Os policiais ficaram atrapalhados, o que parecia comandar o grupo pegou a página do Jornal das mãos do poeta e deu uma olhada na foto e depois no próprio Mário que por coincidência estava idêntico em todo na foto, até mesmo o charuto.

O policial desculpou-se pelo transtorno caudado e solicitou que Mário fosse para outro lugar para evitar qualquer tipo de confusão, ainda pediu que nós o acompanhássemos, por precaução.

Tudo resolvido. Ah! Não! O acusador, que fora vítima das porradas do Mário Gomes, tentou argumentar contra os policiais para que os esmos prendessem o poeta. O Fernandinho, metido a doutor, apresentou-se como sendo engenheiro aos policiais, não queria ficar desmoralizado e «apanhado», ficou insistindo muito, os policiais notaram que o «Fernandinho» era inconveniente e muito «fresco» e que já estava enchendo o saco. Um dos policiais perguntou ao funcionário da Prefeitura Municipal que administrava a Praça do Ferreira, quem era mesmo aquele tal Fernandinho, que se dizia «doutor engenheiro», o senhor Cícero disse que o Fernandinho não era «porra nenhuma» e que ele era um cara chato.

O policial ficou indignado e veio tomar satisfação com o suposto «doutor engenheiro». «Ei rapaz! (já não era mais cidadão). Você é mesmo engenheiro? Fernandinho ficou atônito e respondeu «cla-cla-ro!» Gaguejou e aparentemente estava nervoso. Os policiais se aproximaram e fecharam o círculo em volta do impostor de títulos e o intimaram a mostrar-lhes a carteira do CREA. Ele, Fernandinho, enrolou como pôde e não tendo mesmo nada que o identificasse como sendo o que dizia que era, simplesmente levou mais umas mãozadas para deixar de ser imbecil e «caboêta», como nos contou Mário Gomes. Ah! Engenheirozinho de Araque!

Palavras de agradecimento ao Embaixador Lauro Moreira, ao pessoal da Missão do Brasil e à artista Cláudia Lima, que participa deste evento, expondo o seu trabalho artístico. À violoncelista Juliana Radke, que ornamentará de música os poemas de Vinicius de Moraes.

«Palavras Singulares» é uma homenagem a três poetas: Vinicius de Moraes, o poeta da paixão e os cearenses Cid Carvalho e Mário Gomes. Cid, grande intelectual, jurista, jornalista, radialista, ex-Senador pelo PMDB, filósofo espiritualista. Grande orador. Filho do grande poeta Jáder de Carvalho, um dos maiores da língua portuguesa. Mário, poeta dissoluto, génio desvairado, um drama humano, uma vida de irresponsabilidade que o levou à indignação. Irreverente, pornográfico. Marginal.

Vinicius de Moraes nasceu no Rio de Janeiro, no dia 19 de Outubro de 1913, numa família de pessoas ilustres. O pai, poeta, a mãe, pianista, os tios intelectuais. Nasceu predestinado a ser um ídolo.

Os estudos no Colégio Santo Inácio e a Faculdade de Direito o conduziram ao misticismo, por influência do pensamento cristão de Octávio de Faria e Alceu Amoroso Lima. Tornou-se um espiritualista.

Formou-se em 1933 e no mesmo ano publicou o primeiro livro, aos 20 anos de idade, seu primeiro livro, *O Caminho para a Distância*, com influência de Augusto Frederico Smith, o editor. Já nesse período o seu pensamento estava dividido entre o transcendentalismo que o induz à busca do absoluto e o sensualismo que o tornaria o poeta da paixão.

Publica *Forma e Exegese*, em 1935, *Ariana, a Mulher* em 1936 e *Novos Poemas*, em 1938. Trabalha como censor cinematográfico no MEC, emprego arranjado por CDA.

Em 1938 obtém bolsa para estudar literatura inglesa em Oxford. Só depois de viajar é que se casa, por procuração, com Beatriz de Azevedo Moraes, a Tati. Viaja só. A esposa irá depois encontrar-se com ele em Londres. A bordo do navio que o levará ao Reino Unido, escreve o «Soneto de Separação»:

De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.
De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez o drama.
De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente
Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.

Em Londres, antes da chegada de Tati, queixando-se da solidão e do Inverno londrino, escreve o «Soneto de Londres»:

Que angústia estar sozinho na tristeza
E na prece! que angústia estar sozinho
Imensamente, na inocência! acesa
A noite, em brancas trevas o caminho
Da vida, e a solidão do burburinho
Unindo as almas frias à beleza

Da neve vã; oh, tristemente assim
O sonho, neve pela natureza!
Irremediável, muito irremediável
Tanto como essa torre medieval
Cruel, pura, insensível, inefável
Torre; que angústia estar sozinho! ó alma
Que ideal perfume, que fatal
Torpor te despetala a flor do céu?

Às vésperas da chegada de sua musa e esposa, num clima de expectativa, escreve o «Soneto de Véspera»:

Quando chegares e eu te vir chorando

De tanto te esperar, que te direi?
E da angústia de amar-te, te esperando
Reencontrada, como te amarei?

Que beijo teu de lágrimas terei
Para esquecer o que vivi lembrando
E que farei da antiga mágoa quando
Não puder te dizer por que chorei?

Como ocultar a sombra em mim suspensa

Pelo martírio da memória imensa
Que a distância criou - fria de vida

Imagem tua que eu compus serena
Atenta ao meu apelo e à minha pena
E que quisera nunca mais perdida...

Ao iniciar a Segunda Guerra Mundial, em 1939, VM foge da Inglaterra e passa uns dias em Portugal. Escreve, no Estoril, o mais famoso dos seus poemas, o «Soneto de Fidelidade»:

Recita o Embaixador Lauro Moreira)

De tudo ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.
Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento
E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama
Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

A partir de 1940 até 45 escreve artigos de crítica de cinema no jornal «A manhã».

Em 1943 publica as «Cinco Elegias» e ingressa, por concurso, no Itamaraty. Em 1945 sofre um desastre numa viagem de hidroavião, no Uruguai, na companhia de Aníbal Machado e Moacyr Werneck de Castro. Escapou ileso com os amigos, mas faleceu o jornalista Luís Teixeira, que os acompanhava.

Em 1946, publica *Poemas, Sonetos e Baladas*, considerado pelos críticos o seu melhor livro. Para muitos, representa a mudança da poética do «inquilino do sublime», no dizer de Otto Lara Resende, «à ternura canibal», na expressão de Affonso Romano de Sant' Anna. Acontece o que o próprio Vinicius define como «o encontro do cotidiano», que marca o seu compromisso com as causas sociais. Entre os mais belos textos, encontram-se o «Poema de Natal», «O Dia da Criação» e «O Poeta e a Lua».

POEMA DE NATAL (recita o Embaixador Lauro Moreira):

Para isso fomos feitos:
Para lembrar e ser lembrados
Para chorar e fazer chorar
Para enterrar os nossos mortos —
Por isso temos braços longos para os adeuses
Mãos para colher o que foi dado
Dedos para cavar a terra.
Assim será nossa vida:
Uma tarde sempre a esquecer
Uma estrela a se apagar na treva
Um caminho entre dois túmulos —
Por isso precisamos velar
Falar baixo, pisar leve, ver
A noite dormir em silêncio.
Não há muito o que dizer:
Uma canção sobre um berço
Um verso, talvez de amor
Uma prece por quem se vai —
Mas que essa hora não esqueça
E por ela os nossos corações
Se deixem, graves e simples.
Pois para isso fomos feitos:
Para a esperança no milagre
Para a participação da poesia
Para ver a face da morte —
De repente nunca mais esperaremos...
Hoje a noite é jovem; da morte, apenas
Nascemos, imensamente.

Contribuem para esta mudança, de caráter ideológico, uma viagem que fez, na década dos anos 40, pelo Norte e Nordeste do Brasil, com o escritor norte-americano Waldo Frank, um socialista-místico, bem como a leitura da obra poética de Manuel Bandeira, de quem se fez amigo e discípulo. Para ele, escreveu o poema «Saudade de Manuel Bandeira»:

Não foste apenas um segredo
De poesia e de emoção
Foste uma estrela em meu degredo

Poeta, pai! áspero irmão.
Não me abraçaste só no peito
Puseste a mão na minha mão
Eu, pequenino – tu, eleito
Poeta, pai! áspero irmão.
Lúcido, alto e ascético amigo
De triste e claro coração
Que sonhas tanto a sós contigo
Poeta, pai, áspero irmão?

Ainda em 1946, aconteceu a sua primeira remoção. Foi para o Consulado Geral em Los Angeles. Ali fez amizade com Orson Welles, Walt Disney, Louis Armstrong e outros astros da música e do cinema internacionais.

Uma das características da personalidade de VM foi a generosidade. Também a delicadeza e a capacidade de fazer amigos. Tratava as pessoas com afeto; aos amigos chamava pelo diminutivo, pagava as despesas nos encontros que mantinham no Amarelinho, no Bar do Veloso ou nas tabernas das capitais européias. Dava-lhes dinheiro, quando percebia que algum deles necessitava de ajuda financeira. Esse ideal de fraternidade se manifesta em sua poesia, com poemas dedicados aos principais amigos.

A mesma generosidade terá com as mulheres, o que fará com que elas se interessem pelo homem gentil, inteligente, galanteador, que lhes dedica poemas apaixonados.

No ano de 1950, separa-se de Beatriz de Azevedo, com quem teve os filhos Susana e Pedro. E passa a viver com Regina Pederneiras, funcionária do Itamaraty (sobrinha do poeta Mário Pederneiras).

Em 1951, conhece Lila Bôscoli, (a terceira mulher) irmã de Ronaldo Boscóli, e parte com ela com destino a Paris, seu novo posto. Para Lila, que é a mãe de suas filhas Georgiana e Luciana, escreveu, entre outros, o «Poema dos Olhos da Amada» e o «Soneto do Amor Total».

Poema dos Olhos da Amada

Oh minha amada
Que olhos os teus
São cais noturnos
Cheios de adeus
São docas mansas
Trilhando luzes
Que brilham longe
Longe dos breus...
Ó minha amada
Que olhos os teus
Quanto mistério
Nos olhos teus
Quantos saveiros
Quantos navios
Quantos naufrágios
Nos olhos teus...
Ó minha amada
Que olhos os teus
Se Deus houvera
Fizera-os Deus
Pois não os fizera

Quem não soubera
Que há muitas era
Nos olhos teus.
Ah, minha amada
De olhos ateus
Cria a esperança
Nos olhos meus
De verem um dia
O olhar mendigo
Da poesia
Nos olhos teus.

Soneto de amor total
Amo-te tanto, meu amor... não cante
O humano coração com mais verdade...
Amo-te como amigo e como amante
Numa sempre diversa realidade.
Amo-te afim, de um calmo amor prestante
E te amo além, presente na saudade
Amo-te, enfim, com grande liberdade
Dentro da eternidade e a cada instante.
Amo-te como um bicho, simplesmente
De um amor sem mistério e sem virtude
Com um desejo maciço e permanente.
E de te amar assim, muito e amiúde
É que um dia em teu corpo de repente
Hei de morrer de amar mais do que pude.



Em 1955, compõe, com Cláudio Santoro, as canções de câmara. Permanece em Paris até 1957. Mas passou períodos no Rio de Janeiro, onde conheceu Tom Jobim, em 1953, ano em que estreou a peça Orfeu da Conceição, com músicas deste seu grande parceiro. Se todos fossem iguais a você, A Felicidade, Lamento no Morro. A peça é transposta para o cinema pelo cineasta francês Marcel Camus. O filme é premiado com o Oscar de melhor filme estrangeiro. Mas o poeta não gosta do resultado. O seu roteiro foi demasiado alterado.

Em compensação, fica satisfeito com a produção musical. As canções com Tom Jobim farão sucesso internacional.

Em 1957 sofre um acidente de automóvel em Petrópolis. Hospitalizado, é visitado diariamente por Maria Lúcia Proença, sobrinha de Octavio de Faria. Maria Lucia se divorcia para ir viver com o poeta em Montevidéu, seu novo posto. Nas ausências de sua musa, que precisa visitar o filho, periodicamente, no Rio de Janeiro, com saudade, o poeta escreve, entre outros poemas, o «Soneto de Montevidéu».

Não te rias de mim, que as minhas lágrimas
São água para as flores que plantaste
No meu ser infeliz, e isso lhe baste
Para querer-te sempre mais e mais.

Não te esqueças de mim, que desvendaste
A calma ao meu olhar ermo de paz
Nem te ausentes de mim quando se gaste
Em ti esse carinho em que te esvais.

Não me ocultes jamais teu rosto; dize-me
Sempre esse manso adeus de quem aguarda
Um novo manso adeus que nunca tarda

Ao amante dulcíssimo que fiz-me
À tua pura imagem, ó anjo da guarda
Que não dás tempo a que a distância cisme.

Para Lúcia Proença (a quarta mulher) também dedicou, entre outras, as letras de «Eu sei que vou te amar» e «Eu não existo sem você».

Em 1958, vem ao lume o disco «Canção do amor demais», na voz de Elizete Cardoso, considerado o precursor da Bossa Nova.

Em 1960, VM volta a Rio e compõe, a pedido de JK, a «Sinfonia da Alvorada», em parceira com Tom Jobim.

Em 1962, compõe, com Antonio Carlos Jobim, a «Garota de Ipanema». A sua plêiade de parceiros se diversifica: Baden Powell, com os afro-sambas, Carlos Lyra, Francis Hime, Edu Lobo.

Em 1963, casa-se com Nelita de Abreu Rocha, que rompe o noivado, seduzida pelo encanto pessoal e pela poesia de Vinicius. Num lance cheio de aventuras, foge com o poeta para viver em Paris, onde VM servirá na Missão do Brasil junto à Unesco. É para ela que compõe «Minha namorada», Ela é carioca», «A brusca poesia da mulher amada», «Receita de Mulher», e o livro *Para uma menina com uma flor*.

Receita de Mulher (Recita o Embaixador Lauro Moreira):

As muito feias que me perdoem

Mas beleza é fundamental.

É preciso que haja qualquer coisa de flor em tudo isso

Qualquer coisa de dança, qualquer coisa de haute couture

Em tudo isso (ou então Que a mulher se socialize elegantemente em azul,
como na República Popular Chinesa).

Não há meio-termo possível. É preciso

Que tudo isso seja belo. É preciso que súbito

Tenha-se a impressão de ver uma garça apenas pousada e que um rosto

Adquira de vez em quando essa cor só encontrável no terceiro minuto da aurora.

É preciso que tudo isso seja sem ser, mas que se reflita e desabroche

No olhar dos homens. É preciso, é absolutamente preciso

Que seja tudo belo e inesperado. É preciso que umas pálpebras cerradas

Lembrem um verso de Éluard e que se acaricie nuns braços

Alguma coisa além da carne: que se os toque
Como no âmbar de uma tarde. Ah, deixai-me dizer-vos
Que é preciso que a mulher que ali está como a corola ante o pássaro
Seja bela ou tenha pelo menos um rosto que lembre um templo e
Seja leve como um resto de nuvem: mas que seja uma nuvem
Com olhos e nádegas. Nádegas é importantíssimo. Olhos então
Nem se fala, que olhe com certa maldade inocente. Uma boca
Fresca (nunca húmida!) é também de extrema pertinência.
É preciso que as extremidades sejam magras; que uns ossos
Despontem, sobretudo a rótula no cruzar das pernas, e as pontas pélvicas
No enlaçar de uma cintura semovente.
Gravíssimo é porém o problema das saboneteiras: uma mulher sem saboneteiras
É como um rio sem pontes. Indispensável.
Que haja uma hipótese de barriguinha, e em seguida
A mulher se alteie em cálice, e que seus seios
Sejam uma expressão greco-romana, mas que gótica ou barroca
E possam iluminar o escuro com uma capacidade mínima de cinco velas.
Sobremodo pertinaz é estarem a caveira e a coluna vertebral
Levemente à mostra; e que exista um grande latifúndio dorsal!
Os membros que terminem como hastes, mas que haja um certo volume de coxas
E que elas sejam lisas, lisas como a pétala e cobertas de suavíssima penugem
No entanto, sensível à carícia em sentido contrário.
É aconselhável na axila uma doce relva com aroma próprio
Apenas sensível (um mínimo de produtos farmacêuticos!).
Preferíveis sem dúvida os pescoços longos
De forma que a cabeça dê por vezes a impressão
De nada ter a ver com o corpo, e a mulher não lembre
Flores sem mistério. Pés e mãos devem conter elementos góticos
Discretos. A pele deve ser frescas nas mãos, nos braços, no dorso, e na face
Mas que as concavidades e reentrâncias tenham uma temperatura nunca inferior
A 37 graus centígrados, podendo eventualmente provocar queimaduras
Do primeiro grau. Os olhos, que sejam de preferencia grandes
E de rotação pelo menos tão lenta quanto a da Terra; e
Que se coloquem sempre para lá de um invisível muro de paixão
Que é preciso ultrapassar. Que a mulher seja em princípio alta
Ou, caso baixa, que tenha a atitude mental dos altos píncaros.
Ah, que a mulher de sempre a impressão de que se fechar os olhos
Ao abri-los ela não estará mais presente
Com seu sorriso e suas tramas. Que ela surja, não venha; parta, não vá
E que possua uma certa capacidade de emudecer subitamente e nos fazer beber
O fel da dúvida. Oh, sobretudo
Que ela não perca nunca, não importa em que mundo
Não importa em que circunstâncias, a sua infinita volubilidade
De pássaro; e que acariciada no fundo de si mesma
Transforme-se em fera sem perder sua graça de ave; e que exale sempre
O impossível perfume; e destile sempre
O embriagante mel; e cante sempre o inaudível canto
Da sua combustão; e não deixe de ser nunca a eterna dançarina

Do efêmero; e em sua incalculável imperfeição
Constitua a coisa mais bela e mais perfeita de toda a criação inumerável.

▲ Em 1964, instaurado o regime militar, o poeta inicia, na boate Zum-zum, a sua peregrinação musical, cantando com Dorival Caymmi e o Quarteto em Cy.

Em 1968, viaja a Portugal e grava um disco na casa de Amália Rodrigues. Recita, perante os estudantes da Universidade do Porto, o «Poética I» e ao dizer os versos finais do poema, «meu tempo é quando», os estudantes estendem as suas capas no chão para que o poeta caminhe sobre elas.

De manhã escureço.
De dia tardo
De tarde anoiteço
De noite ardo.
A oeste a morte
Contra quem vivo
Do sul cativo
O este é meu norte.
Outros que contem
Passo por passo:
Eu morro ontem
Nasço amanhã
Ando onde há espaço:
- Meu tempo é quando

Ainda em 1968, publicado o famigerado AI 5, VM é aposentado compulsoriamente da carreira diplomática. Nesse mesmo ano, casa-se com a jornalista Christina Gurjão (a sexta mulher).

Tarda pouco o relacionamento com sua sexta mulher. Conhece a baiana Gesse Gessy e vai viver com ela em Itapoan. Sente-se à vontade na Bahia, em companhia de Jorge Amado, Carybé, Caymmi e Calazans.

Os anos 70 são prolíficos para a expansão da sua obra de compositor. A parceria com Toquinho ampliará a produção musical. Viajará aos quatro cantos do mundo, apresentando concertos e recitais. Desfrutará da companhia de Neruda, Ungaretti e outros mestres da arte da palavra.

Em 1975 conhece a jovem estudante argentina Marta Rodrigues. Aos 62 anos de idade passa a viver com aquela moça de 25. Produz na Itália o disco «O poeta e o Violão»

A saúde se debilita. As sucessivas internações na Clínica de São Vicente já não o desintoxicam. Acometido de sérias complicações hepáticas, continua a viajar. Buenos Aires, Roma, Paris, Londres são seus itinerários de menestrel.

Em 1978 conhece a jornalista Gilda Matoso, que será a nona e última musa. Vencido pela enfermidade, morre VM no dia 9 de julho de 1980, dentro de sua banheira, depois de uma noite de trabalho intenso.

Qual dos Vinicius o mais legítimo? O da poesia social de «Rosa de Hiroxima» e «O Operário em Construção», o da vertente metafísica dos «Quatro Sonetos de Meditação»? O do lirismo desbragado dos sonetos românticos ou o da poesia simples das letras de música popular?

A sua poesia evolui do culto de um Deus à idolatria de algumas deusas. Celebrada em inúmeros poemas, a adoração da mulher é uma questão de sobrevivência. O mar é uma metáfora permanente na evocação da mulher amada. Vejamos o poema intitulado «Mar».

Na melancolia de teus olhos
Eu sinto a noite se inclinar
E ouço as cantigas antigas
Do mar.
Nos frios espaços de teus braços
Eu me perco em carícias de água
E durmo escutando em vão
O silêncio.
E anseio em teu misterioso seio
Na atonia das ondas redondas
Náufrago entregue ao fluxo forte
Da morte

O tema mais recorrente em sua obra poética é a celebração do amor e da paixão, termos que, em sua poesia, são sinônimos. Outros exemplos: o Soneto de Quarta-Feira de Cinzas, o Soneto de Contrição, o Soneto de Inspiração, Soneto do Maior Amor.

Soneto de quarta-feira de cinzas
Por seres quem me foste, grave e pura
Em tão doce surpresa conquistada
Por seres uma branca criatura
De uma brancura de manhã raiada
Por seres de uma rara formosura
Malgrado a vida dura e atormentada
Por seres mais que a simples aventura
E menos que a constante namorada
Porque te vi nascer de mim sozinha
Como a noturna flor desabrochada
A uma fala de amor, talvez perjura
Por não te possuir, tendo-te minha
Por só quereses tudo, e eu dar-te nada
Hei de lembrar-te sempre com ternura

Soneto de contrição
Eu te amo, Maria, eu te amo tanto
Que o meu peito me dói como em doença
E quanto mais me seja a dor intensa
Mais cresce na minha alma teu encanto.
Como a criança que vagueia o canto
Ante o mistério da amplidão suspensa
Meu coração é um vago de acalanto
Berçando versos de saudade imensa.
Não é maior o coração que a alma
Nem melhor a presença que a saudade

Só te amar é divino, e sentir calma...
E é uma calma tão feita de humildade
Que tão mais te soubesse pertencida
Menos seria eterno em tua vida.

Soneto de inspiração

Não te amo como uma criança, nem
Como um homem e nem como um mendigo
Amo-te como se ama todo o bem
Que o grande mal da vida traz consigo.
Não é nem pela calma que me vem
De amar, nem pela glória do perigo
Que me vem de te amar, que te amo; digo
Antes que por te amar não sou ninguém.
Amo-te pelo que és, pequena e doce
Pela infinita inércia que me trouxe
A culpa é de te amar - soubesse eu ver
Através da tua carne defendida
Que sou triste demais para esta vida
E que és pura demais para sofrer.

Soneto do Maior Amor

Maior amor nem mais estranho existe
Que o meu, que não sossega a coisa amada
E quando a sente alegre, fica triste
E se a vê descontente, dá risada.
E que só fica em paz se lhe resiste
O amado coração, e que se agrada
Mais da eterna aventura em que persiste
Que de uma vida mal-aventurada.
Louco amor meu, que quando toca, fere
E quando fere vibra, mas prefere
Ferir a fenecer - e vive a esmo
Fiel à sua lei de cada instante
Desassombrado, doido, delirante
Numa paixão de tudo e de si mesmo.